



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO**

KLEISSON LAINNON NASCIMENTO DA SILVA

REDES SOCIAIS DIALÓGICAS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO ABERTA

JOÃO PESSOA

2023

KLEISSON LAINNON NASCIMENTO DA SILVA

REDES SOCIAIS DIALÓGICAS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO ABERTA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Orientadora: Professora Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia.

Coorientadora: Professora Dra. Maria das Graças Targino.

JOÃO PESSOA

2023

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

S586r Silva, Kleisson Lainnon Nascimento da.
Redes sociais dialógicas no contexto da avaliação
aberta / Kleisson Lainnon Nascimento da Silva. - João
Pessoa, 2023.
201 f. : il.

Orientação: Joana Coeli Ribeiro Garcia.
Coorientação: Maria das Graças Targino.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Avaliação da ciência. 2. Avaliação aberta por
pares. 3. Redes sociais dialógicas. 4. Comunicação
científica. 5. Ciência aberta. I. Garcia, Joana Coeli
Ribeiro. II. Targino, Maria das Graças. III. Título.

UFPB/BC

CDU 001.3(043)

KLEISSON LAINNON NASCIMENTO DA SILVA

REDES SOCIAIS DIALÓGICAS NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO ABERTA

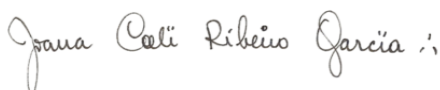
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Área de concentração: Informação, Conhecimento e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Ética, Gestão e Políticas de Informação.

Aprovado em: 28 de março de 2023.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia
PPGCI/ UFPB
(Orientadora)



Prof. Dr. Natanael Vitor Sobral
PPGCI/ UFPE
(Membro Externo - Titular)



Prof.ª. Dr.ª. Cláudia Maria Pinho de Abreu Pecegueiro

Profa. Dra. Cláudia M. P. de Abreu Pecegueiro
DEPB/ UFMA
(Membro Externo - Suplente)

Profa. Dra. Maria das Graças Targino
PPGCI/ UFPB
(Coorientadora)

DocuSigned by:

26E8116F1651425...

Profa. Dra. Marynice de Medeiros M. Autran
PPGCI/ UFPB
(Membro Interno - Titular)

Profa. Dra. Alzira Karla Araújo da Silva
PPGCI/ UFPB
(Membro Interno - Suplente)

À minha mãe, Maria das Graças da Silva Nascimento, meu referencial, minha fortaleza.
À vovó Severina (in memorian) e à Madrinha Jovina (in memorian), minhas maiores saudades.
Aos meus avós Maria e Aristides, expressão do amor de Deus por mim
Aos referees, que cotidianamente contribuem para qualificação da Ciência.

Dedico.

AGRADECIMENTOS

A **Deus**, nosso Pai, fonte de amor, poder, misericórdia, bondade e sabedoria que me acompanha todos os dias.

À minha mãe e melhor amiga, **Maria das Graças da Silva**, mulher íntegra, sábia, compassiva e meu porto seguro que nos bons e maus momentos me acolhe em seus braços, dizendo: “vai passar, vai dá tudo certo, acalme-se e tenha fé”.

Ao meu querido Pai, **Francisco De Assis** (*in memoriam*), que apesar de não ter seguido a carreira acadêmica que tanto sonhou em razão de sua precoce partida, ensinou-me a reconhecer a relevância e a transformação que os estudos proporcionam em nossa sociedade, sobretudo, em nós enquanto sujeitos sociais.

À minha orientadora (mãe acadêmica), **Dra. Joana Coeli Ribeiro Garcia**, Professora Titular do Departamento (DCI) e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba (PPGCI/UFPB), que carinhosamente me recebeu como orientando de iniciação científica, conclusão de curso e agora no mestrado. Apresentou-me a Comunicação Científica, a Ciência aberta e a *Open review* (tema de nossas produções acadêmicas). Agradeço pelo pelos ensinamentos, pelas palavras de sabedoria, por me olhar com empatia diante das minhas limitações emocionais, entraves e por não ter desistido de mim. Quando crescer quero ser como a Senhora.

À Professora Dra. **Maria das Graças Targino**, querida coorientadora, por ter contribuído significativamente para minha formação como pesquisador desde a iniciação científica, suscitando a curiosidade e o interesse pelo fazer científico. Amiga e companheira de pesquisa em quem eu me inspiro todos os dias. Estimo sua competência, simplicidade, lealdade, comprometimento ético e laboram em tudo que faz. Agradeço pela receptividade, pelo incentivo e ricas sugestões para a realização deste sonho. Muito obrigado, obrigado, obrigado, obrigado, obrigado, obrigado.

Aos meus avós paternos, **Maria Felisberto** e **Aristides Bernardino**, mesmo com pouco estudo e sem entender do que este trabalho representa para mim e para minha formação acadêmico-científica, estiveram do meu lado, vibrando por cada conquista.

Aos membros da banca examinadora, **Professor Dr. Natanael Vitor Sobral (PPGCI/UFPE)**, **Professora Dra. Marynice de Medeiros Matos Autran (PPGCI/UFPB)**, **Professora Dra. Cláudia Maria Pinho de Abreu Pecegueiro (DEPB/UFMA)** e a **Professora Dra. Alzira Karla Araújo da Silva (PPGCI/UFPB)** que acompanharam a formação desta pesquisa desde a qualificação, não se importando com o pouco tempo que tiveram para lê-la e avaliá-la. A vocês minha eterna admiração.

À **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, pela concessão da bolsa durante minha trajetória no Mestrado.

Gratidão ao **PPGCI/UFPB**, representado pelas Professoras **Dra. Izabel França de Lima** e **Dra. Gisele Rocha Cortês** e das secretárias: **Alinny** e **Geisa Fabiane**.

Ao corpo docente do PPGCI/UFPB em especial: à **Dra. Marynice Autran**, **Dra. Alzira Karla**, **Dr. Henry Poncio**, **Dr. Marckson Roberto**, **Dr. Edvaldo Carvalho Alves**, **Dr. Guilherme Ataíde Dias** e **Dra. Gracy Kelly Martins** com quem tive a honra de aprender ao longo das disciplinas, cujas discussões foram fundamentais para o delineamento deste trabalho.

À Professora **Dra. Marynice Autran**, minha primeira supervisora de estágio docência na disciplina Produção dos Registros do Conhecimento. Agradeço por acreditar no meu potencial e confiar sua turma aos meus cuidados, voluntariando-se para nos ouvir e atender sempre que possível.

À Professora **Dra. Geysa Flávia Câmara de Lima Nascimento** que carinhosamente me recebeu como estagiário docente nas disciplinas Representação e Análise da Informação e Metodologia do Trabalho Científico. Agradeço por me conscientizar de que sou capaz, plantar em meu coração o amor pela docência universitária e me conduzir à reflexão de que minha metodologia de ensino é fruto dos acertos e erros dos nossos mestres. Amo-te, Barbie.

Agradeço à **Stephanny da Silva**, **Andreia Melo**, **Francinilda Brito** e ao **Ednaldo de Brito**, meus melhores amigos e cúmplices para toda vida. Pessoas do bem que me fazem acreditar todos os dias na existência de amigos mais chegados que irmãos.

Aos grandes amigos que conquistei no âmbito da pós-graduação – **Rosimere Alves**, **Kamila Rebeca**, **Daniel Henriques**, **Kleane Pâmela**, **Candice**, **Thiago Daniel**, **Damaris Queila**, **Vanessa Alves**, **Juhh Catielle**, **Bruno Luce**, **Morgana Linhares**, **Rayana Roberta**, **Angerlânia Rezende**, **Gustavo Diniz**, **Danielle Harlene**, **Niedja Barros** – durante este período de constante aprendizado, com os quais dividi alegrias, indignações, decepções, ansiedades, sonhos e, acima de tudo, muitas conquistas.

À **Karcia Lúcia**, presente de Deus na minha vida, amiga para todas as horas e momentos.

À **Fernanda Mirelle** (Nanda) que mesmo residindo a cerca de 126,5km de distância (João Pessoa – Campina Grande) me acompanhou desde a seleção do mestrado, estendendo-me a mão e exortando-me quando necessário. Amiga mais chegada que irmã? Não tenho dúvidas.

À Professora **Dra. Eliane Bezerra Paiva** pelo esmero e constante incentivo para que eu ingressasse no mestrado.

Às Professoras **Dra. Rosa Zuleide** e **Dra. Genoveva Batista do Nascimento** pelo carinho e pelas incansáveis palavras de ânimo.

À **Mana (Graça)**, minha madrinha e tia, pelo cuidado comigo e minha família.

À tia **Dulce**, mulher de fé que constantemente intercede por mim e minha família junto a Deus e Nossa Senhora das Dores.

À tia **Mocinha** e Tio **Nenê**, não é novidade que eu e minha cada estamos debaixo dos joelhos de vocês. Que Deus vos abençoe.

À tia **Mariquinha**, mulher de um coração inestimável que não mede esforços para que seus sobrinhos felizes e realizados.

À **Mayara Virginia**, amiga que alegria meu coração com seu jeito meigo, irreverente e simples de ser. Adoro-te!

A todos que contribuíram indireta e diretamente para que este estudo se concretizasse.

Gratidão.

Não pare

Deus conhece tua estrutura

Sabe o que está fazendo

Mesmo que seja difícil

Não pares, ele está vendo.

Colheu todas tuas lágrimas

E mandou a ti falar

Pegue o que ele te entregou

E volte para o mar que é o teu lugar.

Quem mandou largar a rede?

Quem mandou você parar?

Volte para o mar alto

No lugar da tua vergonha, eu vou te honrar

Filho, eu vou te honrar.

Midian Lima

RESUMO

As relações que envolvem autores e árbitros no âmbito da avaliação às cegas atribuem ao editor a responsabilidade de intermediar a permuta de mensagens, impossibilitando a consolidação do fazer científico numa perspectiva bidirecional. A revisão paritária que se alicerça sobre a filosofia da *Open Science* evoca a configuração de redes, tendo o diálogo como mola propulsora para o estabelecimento de conexões entre os indivíduos que a performam e, em determinadas circunstâncias, prescindindo a mediação editorial. A noção de redes dialógicas no contexto da revisão por pares aberta oportuniza o delineamento de arranjos bimodais, composto por atores que assumem, simultaneamente, posições múltiplas – autores, avaliadores e editores – na seara da Comunicação Científica. O estudo analisa a rede social dialógica do processo de avaliação aberta dos artigos situados na área Comunicação e Mídia, publicados pela *F1000Research* de 2012 a 2021. Metodologicamente, a pesquisa se configura como descritiva, documental, assentando-se sob o viés quanti e qualitativo. A ponderação dos dados foi regida pela análise de redes sociais e a análise dos diálogos se deu por intermédio da análise de conteúdo. A macro estrutura se constitui de 200 atores, 136 (70%) são avaliadores e 61 (28%) são autores correspondentes e apenas três (2%) exercem simultaneamente tais funções. Estão distribuídos em 56 subredes, perfazendo 22 tríades, 19 tétrades, 10 pêntades, quatro héxades e uma díade. Os pesquisadores ILLINGWORTH, S., SILALAH, W. P., TENNANT, J., PROKOP, A., MARINKOVIC, M., EVANS, T. M., GRAY, J. e BLOCK, T. J., FORD, E., ROSS-HELLAUER, T. sobressaem-se com grau de centralidade. No que respeita à natureza dos vínculos, caracterizam-se por relações interinstitucionais (84%) e híbridas (16%) entre instituições de ensino e pesquisa de cariz internacional, situadas predominantemente nos países da América do Norte e Europa. Os diálogos provenientes dos pareceres foram agrupados em seis categorias – ajuste dos itens pré-textuais, delineamentos dos elementos introdutórios, referencial teórico, metodologia, considerações finais e dados de pesquisa – referentes ao tema das mensagens que compartilharam ao longo da avaliação. Os resultados da pesquisa possibilitam concluir que a dialogia e seus desdobramentos aliados à avaliação paritária no contexto editorial tornam o processo dinâmico, porquanto árbitros e correspondentes assumem posição de colaboradores, favorecendo a discussão de aspectos que podem ser incorporados ou excluídos do manuscrito. Reforça-se que por intermédio da rede de diálogos, na maioria dos casos, os atores refletem e se posicionam construtivamente sobre as sugestões e com vistas a reparar fragilidades existentes no arcabouço temático e físico da publicação, adequando-as ao escopo da revista.

Palavras-Chave: avaliação da ciência; avaliação aberta por pares; redes sociais dialógicas; comunicação científica; ciência aberta.

ABSTRACT

The relationships that involve authors and referees in the scope of blind evaluation attribute to the editor the responsibility of intermediating the exchange of messages, making it impossible to consolidate the scientific practice in a bidirectional perspective. The parity review that is based on the philosophy of Open Science evokes the configuration of networks, with dialogue as a driving force for the establishment of connections between the individuals who perform it and, in certain circumstances, dispensing with editorial mediation. The notion of dialogical networks in the context of open peer review provides the opportunity to design bimodal arrangements, composed of actors who simultaneously assume multiple positions – authors, evaluators and editors – in the field of Scientific Communication. The study analyzes the dialogical social network of the open evaluation process of articles located in the Communication and Media area, published by *F1000Research* from 2012 to 2021. Methodologically, the research is configured as descriptive, documental, based on the quantitative and qualitative bias. The weighting of the data was governed by the analysis of social networks and the analysis of the dialogues took place through content analysis. The macro structure consists of 200 actors, 136 (70%) are evaluators and 61 (28%) are corresponding authors and only three (2%) simultaneously perform such functions. They are distributed in 56 subnets, making up 22 triads, 19 tetrads, 10 pentades, four hexades and a dyad. The researchers ILLINGWORTH, S., SILALAH, W. P., TENNANT, J., PROKOP, A., MARINKOVIC, M., EVANS, T. M., GRAY, J. and BLOCK, T. J., FORD, E., ROSS-HELLAUER, T. stand out with a degree of centrality. Regarding the nature of the links, they are characterized by interinstitutional (84%) and hybrid (16%) relations between teaching and research institutions of an international nature, located predominantly in the countries of North America and Europe. The dialogues from the opinions were grouped into six categories – adjustment of the pre-textual items, outlines of the introductory elements, theoretical framework, methodology, final considerations and research data – referring to the theme of the messages they shared throughout the evaluation. The results of the research allow us to conclude that the dialogue and its consequences allied to the parity evaluation in the editorial context make the process dynamic, since referees and correspondents assume the position of collaborators, favoring the discussion of aspects that can be incorporated or excluded from the manuscript. It is reinforced that through the network of dialogues, in most cases, the actors reflect and position themselves constructively on the suggestions and with a view to repairing existing weaknesses in the thematic and physical framework of the publication, adapting them to the scope of the journal.

Keywords: science assessment; open peer review; dialogical social networks; scientific communication; open science.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	<i>Modelo label table</i>	49
Figura 2 –	<i>Modelo edge table</i>	49
Figura 3 –	Taxonomia da Ciência aberta.....	56
Figura 4 –	Taxonomia revisada da Ciência aberta.....	57
Figura 5 –	Simulação do modelo simples-cego.....	67
Figura 6 –	Simulação do modelo duplo-cego.....	67
Figura 7 –	Solução do enigma das pontes de <i>Königsberg</i>	91
Figura 8 –	Simbologia à lei de nós.....	92
Figura 9 –	Árvore de Cayley.....	92
Figura 10 –	Grafo Hamiltoniano.....	92
Figura 11 –	Representação matricial.....	96
Figura 12 –	Tendências temáticas de maior destaque no âmbito da Comunicação e Mídias.....	113

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Distribuição dos artigos por ano de avaliação/ publicação.....	107
Gráfico 2 –	Tipologia dos artigos da Comunicação e Mídias (2012-2021)	109
Gráfico 3 –	Classificação da produção acadêmica pertencente à Comunicação e Mídias	112
Gráfico 4 –	Formação acadêmica dos atores sociais em nível de graduação.....	117
Gráfico 5 –	Formação acadêmica dos atores sociais em nível de mestrado.....	119
Gráfico 6 –	Formação dos atores sociais em nível de doutorado.....	120
Gráfico 7 –	Gênero e performance dos atores sociais na rede.....	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Áreas de cobertura do <i>F1000Research</i>	33
Quadro 2 –	Tipos de artigos aceitos para publicação na <i>F1000Research</i>	36
Quadro 3 –	Diretrizes para a indicação de avaliadores.....	38
Quadro 4 –	Listagem de trabalhos elegíveis para análise dos dados.....	42
Quadro 5 –	Iniciativas da Ciência aberta.....	54
Quadro 6 –	Dinâmica das escolas do pensamento da Ciência aberta.....	57
Quadro 7 –	Princípios para disponibilização de dados delineados pela OECD.....	60
Quadro 8 –	Correlação e definição das características e categorias da OPR.....	72
Quadro 9 –	Repositórios de <i>preprints</i>	78
Quadro 10 –	Tipos de redes sociais.....	88
Quadro 11 –	Medidas de análise das redes sociais.....	101

LISTA DE GRAFOS

Grafo 1 –	Relacionamentos ente autores correspondentes e avaliadores sob o ponto de vista do gênero.....	126
Grafo 2 –	Rede de avaliação da Comunicação e Mídias.....	131
Grafo 3 –	Rede de vínculos institucionais.....	136
Grafo 4 –	Rede interinstitucional internacional.....	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
ACIE	<i>Angewandte Chemie International Editor</i>
ANU	<i>Australian National University</i>
APA	<i>American Psychological Association</i>
ARS	Análise de Redes Sociais
ASPB	<i>American Society of Plant Biologists</i>
AWE	<i>University of the West of England</i>
BHDRIAH	<i>Baker Heart and Diabetes Research Institute and Alfred Hospital</i>
BINUS	<i>Bina Nusantara University</i>
BMC	<i>Biomed Central</i>
BMJ	<i>British Medical Journal</i>
CA	Ciência Aberta
Capes	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBM	<i>Centre de Biophysique Moléculaire</i>
CC	Comunicação Científica
CDU	Classificação Decimal Universal
C&T	Ciência & Tecnologia
CI	Ciência da Informação
CIBD	Conferência Nacional de Bibliografia e de Documentação
CNV	Comissão Nacional da Verdade
Cochrane IRMG	<i>Cochrane Information Retrieval Methods Group</i>
CoP	Comunidades de Práticas
Cope	<i>Committee on Publication Ethics</i>
CPA	<i>Canadian Psychological Association</i>
CSCA	Ambiente Colaborativo Computadorizado
CSV	<i>Comma Separated Values</i>

CUB	<i>Charité Universitätsmedizin Berlin</i>
DAL	<i>Dalhousie University</i>
Doaj	<i>Directory of Open Access Journal</i>
DPU	<i>DePaul University</i>
EDUR	<i>Educação em Revista</i>
Embrapa	<i>Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária</i>
ENU	<i>Edinburgh Napier University</i>
EPFL	<i>Swiss Federal Institute of Technology in Lausanne</i>
ETAI	<i>The Electronic Transactions on Artificial Intelligence</i>
EUA	<i>Estados Unidos da América</i>
Fair	<i>Findable, Accesible, Interoperable, Reusable</i>
Fapesp	<i>Fundação Amparo de Pesquisa de São Paulo</i>
FECIT	<i>Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología</i>
FFJU	<i>Fu Jen Catholic University</i>
Fiocruz	<i>Fundação Oswaldo Cruz</i>
FNAE	<i>Física Nuclear de Altas Energias</i>
FOS	<i>Fields of Science and Technology</i>
Foster	<i>Facilite Open Science Training of European Research</i>
GC	<i>Gestão do Conhecimento</i>
GCHERSS	<i>German Centre for Higher Education Research and Science Studies</i>
GMU	<i>George Mason University</i>
HHUD	<i>Heinrich Heine University Düsseldorf</i>
HIV	<i>Vírus da Imunodeficiência Humana</i>
HIT	<i>Holon Institute of Technology</i>
HTWK Leipzig	<i>Leipzig University of Applied Sciences</i>
HU	<i>Hofstra University</i>
IAKN	<i>Institut Agama Kristen Negeri</i>
IAU	<i>Imam Abdulrahman Bin Faisal University</i>

IBB-Sant Paul	<i>Sant Pau Biomedical Research Institute</i>
Ibict	<i>Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia</i>
ISSM	<i>Icahn School of Medicine at Mount Sinai</i>
JHUSOM	<i>Johns Hopkins University School of Medicine</i>
JIME	<i>Journal Interactive Media in Education</i>
KI	<i>Karolinska Institute</i>
KIST	<i>Korea Institute of Science and Technology Information</i>
KU Leuven	<i>Katholieke Universiteit Leuven</i>
KUMC	<i>University of Kansas Medical Center</i>
LASU	<i>University of Lagos</i>
LSTM	<i>Liverpool School of Tropical Medicine</i>
LSU	<i>Louisiana State University</i>
MAC	<i>McMaster University</i>
MMU	<i>Manchester Metropolitan University</i>
MSU	<i>Morgan State University</i>
MUG	<i>Medical University of Graz</i>
UM	<i>University of Missouri</i>
NCSU	<i>University of North Carolina</i>
NDHU	<i>National Dong Hwa University</i>
OA	<i>Open Access</i>
OECD	<i>Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico</i>
OHSU	<i>Oregon Health & Science University</i>
ONG	<i>Organização Não Governamental</i>
OPR	<i>Open peer review</i>
Orcid	<i>Open Researcher and Contributor ID</i>
OS	<i>Open Science</i>
Pibic	<i>Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica</i>
PPGCI	<i>Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação</i>

PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
PRP	Pró-Reitoria de Pesquisa
PSG CAS	<i>PSG College for Arts and Science</i>
PSU	<i>Portland State University</i>
QU	<i>Quinnipiac University</i>
QUT	<i>Queensland University of Technology</i>
RI	Repositórios Institucionais
RTs	Repositórios Temáticos
SHU	<i>Seton Hall University</i>
SPPU	<i>Savitribai Phule Pune University</i>
STI	Superintendência de Tecnologia da Informação
TCSI	<i>The Center for Scientific Integrity</i>
The U.	<i>University of Miami</i>
TDICs	Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação
TICs	Tecnologias de Informação e Comunicação
UA	Universidade de Aveiro
UBristol	<i>University of Bristol</i>
UC	Universidade de Coimbra
UCL	<i>University College London</i>
UCM	<i>Complutense University of Madrid</i>
UEA	<i>University of East Anglia</i>
UEL	<i>University of East London</i>
UFAL	Universidade Federal de Alagoas
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UG	<i>University of Göttingen</i>
UIUC	<i>University of Illinois at Urbana – Champaign</i>
UK	<i>University of Kentucky</i>
ULEI	<i>Leiden University</i>
UM	<i>University of Michigan</i>
UMinho	Universidade do Minho
Unicamp	Universidade de Campinas
UNIGE	<i>University of Geneva</i>
Unimed	<i>Universitas Negeri Medan</i>
UniPd	<i>Padova University</i>
UNL	<i>University of Nebraska – Lincoln</i>
UNSW	<i>University of New South Wales</i>
UoD	<i>University of Derby</i>
UOttawa	<i>University of Ottawa</i>
UOX	<i>University of Oxford</i>
UP	<i>University of Palermo</i>
UPCH	<i>Universidad Peruana Cayetano Heredia</i>
UPF	<i>Pompeu Fabra University</i>
UPitt	<i>University of Pittsburg</i>
UPorto	Universidade do Porto
Uppen	<i>University of Pennsylvania</i>
UR	<i>Universität Regensburg</i>
USF	Unidade de Saúde da Família
USP	Universidade de São Paulo
UTA	<i>University of Texas at Austin</i>
UTEC	<i>University of Engineering and Technology</i>

UTHSC	<i>University of Tennessee Health</i>
UTP	<i>Universidad Tecnológica de Pereira</i>
UTSA	<i>University of Texas at San Antonio</i>
UW	<i>University Of Washington</i>
UW- Madison	<i>University of Wisconsin-Madison</i>
UWMRF	<i>UWM Research Foundation</i>
UWG	<i>University of West Georgia</i>
VU	<i>Vanderbilt University</i>
VUH	<i>Victoria University of Wellington</i>
WCMC	<i>Weill Cornell Medical College</i>
WoS	<i>Web of Science</i>
WUSL	<i>Washington University in St. Louis</i>
WUT	<i>Wuhan University of Science and Technology</i>
WWU	<i>University of Münster</i>

SUMÁRIO

1	INICIANDO O DIÁLOGO.....	23
2	ENTRELAÇANDO FIOS EM BUSCA DE RESULTADOS.....	29
2.1	Delineamento investigativo.....	30
2.2	<i>F1000Research</i>: o campo empírico.....	32
2.3	Procedimentos e instrumentos de coleta dos dados.....	41
2.4	Procedimentos para análise dos dados.....	47
3	CIÊNCIA ABERTA.....	52
3.1	Revisão Aberta Por Pares.....	65
3.1.1	Conceitos, características e categorias da avaliação por pares aberta.....	71
3.1.2	Avaliação aberta: implementações, benesses e desafios deste novo fazer científico	74
4	REDES SOCIAIS E ANÁLISE DE REDES SOCIAIS.....	85
5	DESVELANDO E DISCUTINDO RESULTADOS.....	106
5.1	Caracterização dos artigos por ano e período d avaliação/publicação.....	106
5.2	Tipologias documentais, classes e tendências temáticas da produção científica...	108
5.3	Formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa.....	115
5.4	Gênero e atribuições exercidas pelos atores sociais.....	122
5.5	Redes sociais dialógicas no contexto da Comunicação e Mídias.....	129
5.6	Análise dos diálogos no âmbito da Comunicação e Mídias.....	143
5.6.1	Ajuste dos itens pré-textuais.....	144
5.6.2	Delineamento dos elementos introdutórios.....	148
5.6.3	Revisão de literatura.....	152
5.6.4	Metodologia.....	158
5.6.5	Considerações Finais.....	165
5.6.6	Dados abertos de pesquisa.....	171
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
	REFERÊNCIAS.....	179

APÊNDICE A –	Formulário para coleta de indicadores dos manuscritos.....	200
APÊNDICE B –	Formulário de coleta dos indicadores referentes ao perfil dos sujeitos.....	201
APÊNDICE C –	Listagem de diálogos.....	202

1 INICIANDO O DIÁLOGO

“Com o avanço do conhecimento científico, dentro de uma ótica globalizada, as trocas de informações entre os pares para partilhar paradigmas, interesses comuns e buscar o novo, são cada vez mais frequentes” (GRABINSKI, 2019, p. 104).

A Comunicação Científica (CC), enquanto sistema multidisciplinar visa expandir representações materializadas do conhecimento, sustentando-se sobre os eixos: produção, acesso e uso, regidos por mecanismos de confiabilidade nomeados *peer review*. A produção científica e revisão por pares são elementos indissociáveis, segundo Meadows (1999). No prefácio de “a comunicação científica”, *bestseller* de sua autoria, o autor comenta incisivamente que o *status* de cientificidade é concedido por intermédio de criteriosa análise.

Este método adveio das primeiras sociedades científicas do século XVII, quando da aprovação de uma das resoluções da *Royal Society of London* no ano de 1763, que submetia publicação de livro à apreciação de pelo menos dois de seus filiados (RANALLI, 2011). Com a criação do *Philosophical Transactions*, o secretário Henry Oldenburg deu início a este processo, convocando três especialistas de um tema em questão para que fosse escrutinado antes de deliberar sua divulgação (THE ROYAL SOCIETY, 2012). Tal performance pereniza-se até os dias atuais, posto que os avaliadores são expoentes na área de cobertura da obra e gozam de autonomia que os permite nortear os editores sobre o destino dos produtos científicos.

Assim, a reputação do *peer review* é tão elevada que a comunidade acadêmica, de modo geral, demonstra-se cética em relação a qualquer pesquisa que seja disponibilizada em domínio público sem que antes tenha sido publicada em periódico científico (MULLIGAN; HALL; RAPHAEL, 2013). É ela predominantemente manuseada pelo viés clássico ou às cegas sob justificativa de manter a idoneidade e imparcialidade do fluxo avaliativo. Contudo, tem sido alvo de duras críticas quando comprovado que seu *modus operandi* é suscetível a tipos de deslizos, dentre eles a sistematização unilateral do procedimento que impossibilita o autor de se posicionar frente às críticas e contra argumentá-las quando pertinente. Como consequência, sugere-se a reformulação dessas práticas, ensejando que os indivíduos usufruam de prerrogativas e responsabilidades equânimes.

Em tempos de Ciência Aberta (CA) ou *Open Science* (OS), procedimentos de criação, avaliação e disseminação de resultados científicos são realizados de modo transparente, acessível e colaborativo, reafirmando que a CC se alinha cada vez mais a esta filosofia que ora se estabelece. Elementos essenciais para consecução deste novo *ethos* são detalhados por Targino,

Garcia e Silva (2020), para os quais ele necessita de: a) ciberinfraestrutura que pressupõe arquitetura tecnológica para disponibilização, consolidação e análise dos dados provenientes de atividades acadêmicas; b) estabelecimento de diretrizes que repercuta acesso à ciência e seus desdobramentos e, sobretudo, c) instituição de elo entre pesquisadores e sociedade civil visando produzir e avaliar abertamente os aspectos de pesquisas acadêmicas.

Alicerçada sobre estes princípios, a avaliação aberta, proveniente da expressão inglesa *open peer review* (OPR), preza pela garantia do caráter coletivo da ciência, desobstruindo obstáculos que impossibilitem a modelagem do conhecimento pelos pares. Torna-se realidade a partir da anuência de nove segmentos teóricos e metodológicos que oportunizam divulgação dos dados pessoais - profissionais submetentes e avaliadores - em benefício da aprovação dos achados científicos. Por esta razão, este modelo analítico caracteriza-se como prática social, porquanto o aperfeiçoamento do produto final resulta da construção colaborativa dos atores sociais em ambientes de interação (SOUZA; LUCAS; TORRES, 2011). Visão análoga é compartilhada por Caribé (2015), quando afirma que a comunicação corresponde às práxis que favorecem a confecção e permuta de conteúdos entre pessoas, cujo arcabouço é representado pelo conglomerado de interações interpessoais, desenvolvidas com base nas semelhanças entre seus compositores e pelos significados que compartilham.

Por se tratar de um processo transparente, há vertentes da avaliação aberta que fomentam o diálogo entre os interagentes, permitindo a composição de capitais relacionais interligados por laços simétricos, seja entre os avaliadores enquanto conselheiros uns dos outros (*peer to peer*), seja incluindo avaliadores e autores visando oferecer à comunidade de usuários reais e potenciais a oportunidade de manifestar sua visão por meio de comentários quando da publicação oficial ou antecedente do artigo.

Com efeito, a revisão clássica é um processo argumentativo unilateral em que os árbitros se engajam em um debate indireto com autores que não os reconhecem para que possam expor os aspectos relacionados à análise do documento, admitindo-se deficiências no sentido de que potenciais questionamentos a respeito do trabalho, na maioria das vezes, ficam sem respostas (SUMMER; SHUM, 1996). Na contramão da OPR, ressalta-se a formação de barreiras dialógicas estabelecidas pela dinâmica avaliativa convencional ocasionadas pelo anonimato, em que o editor assume posição central por executar a mediação entre as partes, impossibilitando a constituição de vínculos para além de si.

Sobre estes aspectos, Ford (2013) menciona a necessidade de se estabelecer parâmetros para que os resultados da avaliação sejam formulados de modo cooperante. Soluções tecnológicas

adaptadas às dinâmicas do fluxo de comunicação do conhecimento sugerem benefícios múltiplos e despertam cada vez mais o interesse dos editores e da comunidade científica em torná-los realidade em seus *métiers*. À vista dessas considerações, repositórios temáticos (RTs) e plataformas abertas de publicação são tendências gradualmente inseridas às práticas de CC, configurando-se como seu forte instrumento acelerador, valoriza a disseminação antecedente e gratuita da informação e promove a participação ativa de membros acadêmicos, formando colégios invisíveis em grande escala (HURD, 2000) interligando-os a partir dos *feedbacks* sugeridos pelos leitores.

Iniciativas de publicação aberta como, *Frontiers*, *BMJ Open*, *Peer J* e *F1000Research* instigam o desenvolvimento de redes sociais por intermédio da avaliação aberta, difundindo posteriormente o relatório/histórico de conversas ocorridas no decurso do procedimento, divulgando-as como parte ou em anexo à publicação caso seja aprovada. Esses documentos são fontes informacionais desenvolvidas coletivamente que apoiam a formação de pesquisadores e árbitros recém habilitados, visto que abordam diretrizes de como conduzir a pesquisa científica e avaliá-las de acordo com as perspectivas de seus proponentes.

Deste modo, a interatividade por meio de *feedbacks* entre entidades comunicantes se revela como imperativo do desenho sociotécnico de uma rede comunicativa/dialógica em processos de produção científica (LEE, 2012). As redes sociais formuladas à baila *open review* recebem adjetivação de colaborativa, referindo à integração dos atores elaborar ou aperfeiçoar o desempenho de um artefato ou cumprir objetivos pré-estabelecidos (WITTER, 2009).

Verifica-se que na Ciência da Informação (CI), a abordagem prática dos estudos de redes sociais mantém correlação a temas como: coautorias na produção científica, colaboração institucional, comunidades de práticas (CoP), fluxos informacionais e socialização de competências, porquanto a obtenção e aprimoramento de aptidões são intermediadas por conexões humanas que se estabelecem entre indivíduos que comungam de propósitos similares (MARTELETO, 2001; TOMAÉL, 2007), reforçando a viabilidade de realização da pesquisa sob a ótica da colaboração científica por meio das assinaturas dos pareceres, exposição de atributos, focalizando os relatórios abertos, objeto de construção colaborativa entre os partícipes.

Por esta razão, elegeu-se como objeto de estudo o processo de avaliação da plataforma de publicação inglesa, *F1000Research*, por meio da qual fomenta-se o desenvolvimento de redes colaborativas entre os *referees* e os autores de correspondência, cuja abordagem redundante no delineamento de produtos científicos de qualidade e diálogos que, quando vindos a público, permitem diagramar, identificar e compreender tais relacionamentos, e o conteúdo destas intercomunicações.

A avaliação por pares torna-se tônica constante em pesquisas da CI – seja a título de pós-graduação, publicações de natureza corrente ou sazonal – isto porque alicerça práticas de CC, que segundo Freire e Freire (2015) e Araújo (2018) configura-se como uma das agendas de pesquisa que instituem o arcabouço teórico e pragmático da área, perfazendo item temático da Linha Ética, Gestão e Políticas de Informação do Programa de Pós-graduação em CI (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Inicialmente, o desenho investigativo da dissertação objetivava analisar as redes de coautoria da produção acadêmica sobre avaliação aberta divulgada entre 1980 e 2020 pelos periódicos hospedados na base Scopus e os relacionamentos que as repercutiram com base nos pressupostos da Análise de Redes Sociais (ARS) e da Bibliometria. No entanto, as discussões empreendidas no curso das disciplinas permitiram observar possibilidades múltiplas de abordagem da OPR para além das métricas alternativas.

Assim, é que a realização desta pesquisa se explica pela afinidade com a temática, desenvolvida a partir de experiências enquanto bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), quando da realização de pesquisas que averiguaram a aquiescência da OPR junto a editores (2016-2017) e avaliadores (2017-2018) dos periódicos brasileiros da CI, estratificados de A1 a B5 pelo Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). Cumprindo as exigências do bacharelado em Biblioteconomia da UFPB, em 2018, empregaram-se métodos semelhantes para avaliar a anuência da avaliação aberta pelos gestores do portal de periódicos da referida instituição. Nesta esteira discursiva, visa-se apresentar aos pesquisadores da CI, sobretudo, aos partidários da OPR, um novo olhar a respeito da análise de redes acadêmicas oriundas da revisão aberta interposta pelo cerne das mensagens registradas ao final dos artigos.

No que tange ao enfoque científico/teórico justifica-se pela ARS, sob o viés bimodal envolvendo *referees* e autores, configurar-se como temática pouco abordada internacionalmente e pouco explorada, sobretudo, na CI brasileira. Por via de consequência, durante a fase exploratória, período em que se mapeia as fontes de informação para constituição da revisão de literatura, localizou-se sete artigos de periódicos externos à área de cobertura desta pesquisa. Em ordem cronológica, ei-los: 2003: Hang, Sia e Chan – agrupamento de *peer* avançado e modelo de consulta *firework* na rede *peer-to-peer*; 2011: Leek, Taub e Pineda – cooperação entre árbitros e autores aumenta a precisão da revisão por pares; 2012: Lee – revisão por pares abertas por uma rede de artigos selecionados; 2013: Boyack, Chen e Chacko – caracterização da rede de revisão por pares no centro de revisão científica, institutos nacionais de saúde; 2018: Bravo *et al.* –

conexões ocultas efeitos de redes nas decisões editoriais em quatro revistas de ciências da computação; 2019: Dondio *et al.* – a “mão invisível da revisão por pares”: as implicações das redes autor-árbitro na revisão por pares de um periódico acadêmico.

Ao analisar tais manuscritos, verifica-se que os autores empreenderam esforços para analisar a composição dos arranjos relacionais entre autor-examinador à luz da ARS, com base no processo de interação ou nas recomendações endereçadas aos editores ao final do trâmite. Inclusive, percebeu-se que o texto dos relatórios avaliativos, cujo cerne detalha o histórico de conversas entre os referidos atores sociais fora desconsiderado da análise. Compreendendo sua relevância como fonte de informação pluralmente construída, optou-se por priorizar este conteúdo, a fim de verificar o respaldo sobre as produções acadêmicas a que se referem.

Diante destas colocações, a linha condutora deste projeto sistematiza-se com base na seguinte indagação: Como as relações dialógicas entre autores e avaliadores contribuem para o aprimoramento das produções acadêmicas da área Comunicação e Mídias, publicadas pelo *F1000Research* entre 2012 e 2021?

Objetiva-se, pois, em termos amplos, analisar a rede social dialógica do processo de avaliação aberta dos artigos situados na área Comunicação e Mídia, publicados pela *F1000Research* de 2012 a 2021, a partir dos seguintes objetivos operacionais:

- Caracterizar os artigos pré-selecionados;
- Delinear o perfil dos atores sociais (árbitros e autores) que constituem o processo de revisão aberta pelos pares da plataforma;
- Representar a rede social dialógica por meio de grafos;
- Tipificar os vínculos desenvolvidos pelos partícipes;
- Categorizar o conteúdo dos diálogos empreendidos pelos indivíduos a partir dos relatórios de interação aberta.

Em referência ao apresentado, este texto incorpora quatro partes, além deste item inicial. No seguinte, detalham-se os itinerários e procedimentos metodológicos eleitos para consecução da pesquisa, campo empírico, parâmetros de seleção da baliza cronológica e de coleta dos artigos que compõem o corpus documental, atores sociais e estratégias de análise dos dados.

No próximo capítulo, reflete-se sobre os avanços ocorridos em anuência à OS, o entendimento deste movimento frente as discussões em torno da coletividade conceitual a partir de seus pilares, da construção de instrumento representativos e de sua ideologia promulgada pelas

correntes teóricas. Mais adiante, argumenta-se a respeito das aplicabilidades das políticas internacionais e brasileiras que regem o novo *ethos* CC sob o viés deste novo fazer científico. Na sequência, enfatiza-se o sistema de revisão por pares aberta, discorre-se sobre os aspectos do sistema convencional de controle de qualificação científica, levando em consideração a constância de infortúnios que encadeou o movimento em favor da exclusão do anonimato como solução, dando início a propositura de um complexo avaliativo fundamentado na filosofia da Ciência aberta. Lança-se um olhar sobre as variações concepcionais do novo mecanismo avaliativo e de seus desdobramentos, bem como sobre os benefícios, óbices e desafios de implementação ainda que em pequenos passos.

Segue-se a contextualização do histórico e evolução do termo redes. Perpassa para a definição de redes sociais em meados do século XX, dialoga-se sobre as funcionalidades enquanto canais de comunicação da informação e de socialização de conhecimento entre pares. Apresentam-se os elementos, as técnicas e as unidades de análise para realização dos estudos de redes. O conceito de redes sociais reflete sua formação entre pares, formuladas na esteira da avaliação aberta a partir do diálogo entre os avaliadores que emitem suas considerações e as endereçam aos criadores do conteúdo posto à prova.

A seção intitulada “Desvelando e discutindo resultados” versa sobre a análise dos dados concernentes ao perfil das publicações que constituem o repertório documental da pesquisa e dos atores sociais que desenvolveram e avaliaram seu conteúdo. Ainda nesta parte são avaliadas: as relações interpessoais oriundas das interações dialógicas ocorridas entre autores e avaliadores, as redes institucionais, geográficas, bem como o conteúdo dos diálogos que delas resultam.

Na última parte – Considerações Finais – apresentam-se as propostas investigativas futuras e as reflexões concernentes aos resultados e alcance dos objetivos constantes nesta pesquisa.

2 ENTRELAÇANDO FIOS EM BUSCA DE RESULTADOS

Concebendo a pesquisa como atividade artesanal, como um trabalho em que está presente a marca do autor, deve-se voltar a atenção, inicialmente, para o pesquisador. Em outras palavras, antes de tratar dos métodos e das técnicas, cabe uma reflexão sobre as motivações e sobre o perfil ideal daquele que será o principal responsável pela aplicação desses instrumentos, ou seja, daquele que definirá o que "pode servir" para sua bricolagem (GONDIM; LIMA, 2010, p. 14-15).

A epígrafe em tela contextualiza o desenvolvimento da pesquisa enquanto artesanato intelectual, cujo significado, partindo do viés etimológico, refere-se ao artefato desenvolvido e/ou modificado manualmente segundo anseios e pressupostos de seu(s) produtor(es). Ademais, os autores elucidam que a baliza de seu arranjo resulta da confluência de esforços cognitivos e pragmáticos, quando da expertise do artífice [pesquisador] sobre as nuances de determinado fenômeno, possibilitando delinear as etapas do planejamento investigativo, assim como a eleição de métodos, técnicas e instrumentos pertinentes a sua execução.

Autores filiados aos diferentes domínios do conhecimento enunciam visões intersubjetivas, sobretudo complementares, a respeito do sentido e das finalidades intrínsecas às atividades de pesquisa. No âmbito das Ciências Sociais, Gil (2002, 2008) refere-se ao procedimento intelectual e sistêmico que objetiva angariar respostas para eventuais questionamentos. O sociólogo Roberto Jerry Richardson (2017) em complemento à fala de seu confrade, descreve-a como ato de pensar, refletir e posicionar-se frente às demandas do fazer científico, formulando princípios que norteiem o uso adequado de procedimentos capazes de testar teorias que contribuam para o avanço de seu ofício diante da sociedade.

Apolinário (2011) e Prodanov e Freitas (2013), metodólogos nas Ciências Cognitivas e Linguísticas, respectivamente, focalizam a questão norteadora da pesquisa como ponto de partida para compreendê-la e efetuar-la. Em sua opinião, trata-se de esquema investigativo que visa obter novas informações e reorganizar as existentes sobre um problema específico, enquanto para Sampieri, Collado e Lucio (2013), do campo da Comunicação Social, o conceito de pesquisa resume-se no complexo de vieses sistemáticos, interpretativos e empíricos utilizados no estudo de determinado objeto.

Etapas interdependentes compõem a estrutura, por meio da qual o cientista e/ou recém pesquisador seguirão como protocolo que redundará na concretização da pesquisa. Sobre isto Prodanov e Freitas (2013) citam que o esboço metodológico contempla: delimitação do objeto de estudo, formulação da questão norteadora, determinação das finalidades macro e operacionais,

seleção do campo empírico, população, *corpus*, definição da natureza, dos procedimentos, dispositivos, estratégias de coleta e metodologias de análise dos dados, delimitadas abaixo.

2.1 Delineamento investigativo

A realização de uma pesquisa demanda seleção de estratégias, procedimentos e instrumentos heurísticos que conduzirão o investigador ao alcance de seus desígnios e, por via de consequência, à resolução de suas questões internas.

Em referência aos objetivos, este estudo se assenta sob o viés descritivo. A pesquisa descritiva visa elucidar propriedades e características relevantes do fenômeno analisado (SAMPLIERE; COLLADO; LÚCIO, 2013). De modo análogo, Richardson (2012) esclarece que se recorre a este modelo especulativo quando se pretende vislumbrar as razões que fomentam a ocorrência de fenômenos, visto que possibilita reconhecer os atributos do grupo/população investigada, organizando-os com o intuito de ilustrar suas características ou explanar sua performance. Assim sendo, busca-se, inicialmente, delinear o perfil dos atores sociais – árbitros e arbitrados – integrantes do processo avaliativo da *F1000Research*.

Visão semelhante é compartilhada por Zanella (2013), que em comum acordo com Triviños (1987), assevera que esta tipologia objetiva compreender a realidade estudada como também detalhar os fatos por ela repercutido. Nesta acepção, ressalta-se o objetivo desta pesquisa consiste em analisar as redes provenientes da avaliação dos artigos da área Comunicação e Mídias.

Gil (2021), na sétima edição de sua obra: “como elaborar projetos de pesquisa”, pontua que os estudos de cunho descritivo vão além do habitual perfilamento do objeto de estudo e de seus interlocutores. Conforme o autor, inserem-se nessa esteira metodológica as pesquisas que se propõem a descobrir a existência e as associações entre variáveis. Destarte, estuda-se a ARS de colaboração acadêmica entre autores e avaliadores intermediada pela *open review*, temáticas que no âmbito da CC se articulam espontaneamente.

À luz dos procedimentos, caracteriza-se como documental. Investigações desta natureza, utilizam-se de documentos primários enquanto fontes de informação para coleta e análise de dados (MARCONI; LAKATOS, 2015; MARTINS; THEÓPHILO, 2016). Os documentos de ordem primária, de acordo com Severino (2007), são titulados de fontes de primeira mão, materiais que não receberam tratamento analítico, a partir dos quais pesquisadores desenvolverão seus protocolos investigativos. Tais teóricos certificam que estes aportes documentais são dos mais

variados tipos, sejam eles escritos, imagéticos ou digitais, a saber: diários, correspondências pessoais/institucionais, relatórios, dossiês, fotografias, filmes, filmagens, mapas etc.

A partir da pesquisa documental, foram mapeadas informações referentes à constituição dos elos pessoais, institucionais, territoriais e o conteúdo veiculado entre eles. Para sua consecução utilizou-se os indicadores: formação, país de atuação, filiação institucional e área de concentração identificados mediante análise particular dos currículos dos autores e avaliadores, bem assim da estrutura dos artigos. Os termos de indexação extraídos dos artigos permitiram identificar as temáticas, à medida que nos relatórios de avaliação se localizam o histórico de mensagens intervaladas entre os participantes.

A abordagem está na perspectiva híbrida, retratando aspectos quantitativos e qualitativos das redes colaborativas delineadas pelas relações dialógicas entre os indivíduos que assumem a condição de avaliadores e a de avaliados no contexto temático da Comunicação e Mídias nesta Plataforma. Oliveira (2003) afirma que, na concepção retórica da metodologia científica, perspectivas quantitativas e qualitativas devem ser estritamente consideradas em qualquer planejamento heurístico. Apoiada no pensamento gramsciano, a autora defende que quantidade e qualidade são enfoques complementares de um mesmo problema, não existindo dicotomia entre eles. Em vista disso, Gramsci (1966, p. 50) reitera:

Portanto, que se quer trabalhar sobre a quantidade, que se quer desenvolver o aspecto corpóreo do real, não significa que se pretenda esquecer a 'qualidade', mas, ao contrário, que se deseja colocar o problema qualitativo de maneira mais concreta e realista, isto é, desejasse desenvolver a qualidade pelo único modo no qual tal desenvolvimento é controlável e mensurável.

A convocação das abordagens se justifica pelo desígnio de se obter dados quantitativos direcionados à elaboração de gráficos para reproduzir o perfil da produção científica, de seus autores e avaliadores e a configuração das relações sociais no âmbito *open review*, visualizadas pela arquitetura sociométrica. Na seara qualitativa, busca-se categorizar o conteúdo dos discursos repertoriados pelos relatórios de avaliação. Em se tratando do método quantitativo, Prodanov e Freitas (2013) assinalam que se trata da tradução de opiniões e informações em indicadores para classificá-los e analisá-los numericamente com auxílio de recursos e técnicas aritméticas e estatísticas, a exemplo da: porcentagem, média, moda, mediana, desvio padrão, coeficiente de correlação/regressão. Focalizam, ainda, sua aplicabilidade frente a:

[...] vários tipos de pesquisas, inclusive nas descritivas, principalmente quando buscam a relação causa-efeito entre os fenômenos e também pela facilidade de

poder descrever a complexidade de determinada hipótese ou de um problema, analisar a interação de certas variáveis, **compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por grupos sociais**, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou das atitudes dos indivíduos (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70, grifo nosso).

Neste caso, a interpelação por meio da ARS admite explorar diferentes manifestações do fenômeno sob o enfoque quantitativo pois seu arcabouço congrega métricas estatísticas relacionadas ao estudo do comportamento dos nós, de seus posicionamentos na arquitetura sociométrica e da configuração relacional de modo geral (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2020; SOUZA, 2019). Respalhada pela combinação da ARS e análise de conteúdo (AC) fundamentada em Bardin (2011), esta pesquisa se configura como qualitativa. Segundo Creswell, Lopes e Silva (2010), trata-se de um método de pesquisa que “envolve questões e procedimentos emergentes; coletar dados no ambiente dos participantes, analisar os dados indutivamente, indo dos temas particulares para os gerais; e fazer interpretações do significado dos dados”. Em concordância com Minayo (2007), Silveira e Córdova (2009) asseveram que este modelo evidencia aspectos da realidade que não podem ser calculados, centrando-se na compreensão e explanação de atividades vindos das relações sociais.

Marteletto e Tomáel (2005), definem que no viés qualitativo das ARS, os indivíduos são considerados como sujeitos/atores sociais, capazes de ponderar a influência do processo de interação que propiciam a socialização do conhecimento em rede. Por assim dizer, debruçar-se sobre as perspectivas quanti e qualitativas, porquanto permite indicar os elementos que caracterizam a construção de alinhamentos interativos, obtendo respostas que explanem os efeitos que estimulam seu encadeamento.

2.2 *F1000Research*: o campo empírico

Desenvolvida em 2012, a *F1000Research* é uma plataforma de disseminação de abundantes textos acadêmicos, fundamentados sobre a observância da OS. É gerenciada pela *F1000Research Limited*, produto da *Francis e Taylor Group*, editora britânica, moderadora de plataformas abertas, periódicos científicos e artefatos literários, tendo como visão macro: interligar a comunidade mundial ao conhecimento científico por intermédio da leitura de seus recursos de pesquisa e aprendizagem (*F1000RESEARCH*, 2022).

Com sede na Inglaterra, em Londres, o corpo institucional é compreendido pelas diretorias: administrativa; de iniciativas estratégicas; de tecnologia; de aquisição de conteúdo; de publicação; de operações e de *marketing*; além das ilhas de aquisição de conteúdo, de comunicação e editoração. São elas gerenciadas por renomados pesquisadores, residentes nas adjacências do Reino Unido e demais países do continente europeu, americano e asiático (F1000RESEARCH, 2022).

No tocante à audiência, a diversidade é um de seus diferenciais em comparação às demais iniciativas, abrangendo cientistas, professores, profissionais, acadêmicos e aspirantes das Ciências Médicas e da Saúde, Sociais, Naturais, Agrárias e Veterinárias, Humanidades, Artes, Tecnologias, Engenharias e desdobramentos temáticos, como consta do Quadro 1.

Quadro 1 – Áreas de cobertura do F1000Research

Área	Subáreas	Refinamento do assunto por microáreas
Ciências Naturais	Biologia	Bioquímica, Bioinformática, Sistema Biológico Biofísica, Botânica, Pesquisa sobre Câncer, Biologia Celular, Biologia Computacional, Biologia do Desenvolvimento, Ecologia, Entomologia, Biologia Evolucionária, Genética, Biologia Molecular, Microbiologia, Neurociência, Parasitologia, Toxicologia, Virologia, Zoologia.
	Química	Química Geral.
	Ciência da Computação	Algoritmo, Inteligência Artificial, Ciência da Computação, Engenharia da Computação, Computação Gráfica, Redes de Computadores, Segurança do Computador, Ciência de Dados, Interação Humano-Computador, Recuperação da Informação, Aprendizado de Máquina, Multimídia, Sistema Operacional, Linguagem de Programação, Engenharia de Software, Reconhecimento de Fala, Internet, Teoria da Informática.
	Ciência da Terra	Ciência Ambiental, Geologia.
	Matemática	Álgebra, Matemática Aplicada, Aritmética, Combinatória, Matemática Discreta, Análise Matemática, Otimização Matemática, Pesquisa Operacional, Estatística, Topologia.
	Física	Plasma, Quântica.
	Outras Ciências Naturais	Consumo de Energia, Gastronomia, Ciência de Materiais, Metrologia Energias Renováveis, Sustentabilidade.
Ciências Médicas e da Saúde	Medicina Básica	Anatomia, Imunologia, Medicina, Patologia, Farmacologia, Fisiologia.
	Medicina Clínica	Andrologia, Anestesia, Cardiologia, Psicologia Clínica, Odontologia, Dermatologia, Medicamento de Emergência, Endocrinologia, Gastroenterologia, Cirurgia Geral, Ginecologia, Hepatologia, Medicina Intensiva, Medicina Interna, Emergência Médica, Medicina Nuclear, Obstetrícia, Oncologia, Oftalmologia, Optometria, Ortodontia, Pediatria, Psiquiatria, Radiologia, Sistema Respiratório, Cirurgia, Medicina

		Tradicional, Urologia.
	Ciências da Saúde	Saúde Ambiental, Medicina Familiar, Educação Médica, Enfermagem, Medicina Física e Reabilitação, Fisioterapia, Medicina Tropical.
	Biotecnologia Médica	Biotecnologia Médica Geral.
	Outras Ciências Técnicas	Física Médica.
Ciências Agrárias e Veterinárias	Biotecnologia Agrícola	-
	Agricultura, Silvicultura e Pesca	Ciências Agrícolas, Agrofloresta, Agronomia, Pesca, Horticultura, Ciência do Solo.
	Ciência Animal e Leiteira	Ciência Animal.
	Ciência Veterinária	Medicina Veterinária.
Engenharia e Tecnologia	Engenharia Química	-
	Engenharia Civil	-
	Engenharia Civil, Elétrica e da Informação	Sistema Incorporado, Simulação, Telecomunicação.
	Biotecnologia Ambiental	-
	Engenharia Ambiental	-
	Biotecnologia Industrial	Biotecnologia.
	Engenharia de Materiais	-
	Engenharia Mecânica	-
	Engenharia Médica	Engenharia Biomédica.
	Nanotecnologia	-
	Outras Engenharias e Tecnologias	Engenharia de Energia, Energia.
Humanidades e Artes	Artes, História das Artes, Artes Cênicas e Música	Artes, Musicologia.
	História	Arqueologia.
	Idiomas e Literatura	Literatura Comparada, Linguística Evolucionária, Crítica Literária.
	Filosofia, Ética e Religião	Bioética, Fenomenologia.

Ciências Sociais	Mídia e Comunicação	Relações Internacionais, Jornalismo, Biblioteconomia, Ecologia da Mídia, Comunicação Política, Cultura Popular, Comunicação Científica, Telecomunicações.
	Economia e Negócios	Econometria, Negócios, Economia, Gerenciamento de Informação, Estudos Organizacionais, Gerenciamento de Riscos.
	Lei	Direitos autorais, Criminologia, Propriedade Intelectual, Privacidade na Internet.
	Educação	Currículo, Educação Infantil, Psicologia da Educação, Tecnologia Educacional, Ensino Superior, Ensino de Idiomas, Desenvolvimento e Liderança, Pedagogia, Filosofia da Educação e Formação de Professores.
	Ciência e Política	Políticas Comparativas, Relações Internacionais, Estudos de Migração, Estudos de Paz e Conflitos, Metodologia Política, Administração e Opinião Pública.
	Ciências Cognitivas	Psicologia Aplicada, Psicologia Clínica, Ciência Cognitiva, Psicologia Cultural, Psicologia do Desenvolvimento, Psicologia Educacional, Gerontologia, Cultura Organizacional, Percepção, Psicanálise, Psicologia e Psicologia Social.
	Geografia Socioeconômica	Planejamento Ambiental, Proteção Ambiental, Gestão de Recursos Ambientais, Geografia, Estudos de Migração, Geografia Política, Geografia Urbana.
	Sociologia	Criminologia, Sociologia Ambiental, Etnologia, Sexualidade Humana, Sociologia Matemática, Estudos de Migração, Mudança Organizacional, Sociologia Política e Sociologia da Educação.

Fonte: F1000Research (2022)

Seu acervo reúne diferentes gêneros documentais, nomeadamente: pôsteres, *slides*, pareceres do corpo discente, manuscritos científicos e outros documentos (políticas, anais de conferências, atas de reuniões, relatórios técnicos, documentações de estratégias, guias de instruções, auditorias clínicas e *briefings*). Ao contrário dos periódicos tradicionais, a plataforma amplia seu repertório aceitando submissões de: artigo de pesquisa, relatórios breves, revisões sistemáticas, notas de dados e do genoma, revisões sistemáticas vivas, artigos de opinião, de correspondência, resumos de política, estudos e relatos de caso, artigos de prática clínica, artigos de ferramenta de *software*, artigos de método, protocolos de estudo, relatórios registrados, avaliações e editoriais, expostos no Quadro 2.

Quadro 2 – Tipos de artigos aceitos para publicação na *F1000Research*

Id.	Tipologia da publicação	Descrição
1	Artigo de pesquisa	Os artigos de pesquisa devem apresentar originalidade nos achados e <i>insights</i> e oferecer avanços teóricos, empíricos, experimentais e/ou metodológicos para seus respectivos campos de pesquisa.
2	Relatórios Breves	Estudos pequenos, muitas vezes preliminares, que contêm apenas referências essenciais e tabelas e figuras mínimas, dando total atenção aos métodos empíricos, resultados e análise de dados e as implicações desses resultados. Os Relatórios Breves concentram-se em questões de metodologia e observação.
3	Notas de Dados	São breves descrições de conjuntos de dados que promovem a potencial reutilização de dados de pesquisa e incluem detalhes de por que e como os dados foram criados; não incluem quaisquer análises ou conclusões.
4	Notas do Genoma	São breves descrições de sequências genômicas que promovem a potencial reutilização de sequências e incluem detalhes de por que e como os genomas foram sequenciados; não incluem quaisquer análises ou conclusões.
5	Resumos de Políticas	Fornecem uma visão geral sucinta e uma análise de uma política ou questão relacionada à política. O artigo deve incluir uma seção sobre implicações, enquanto recomendações acionáveis e opções de políticas são encorajadas.
6	Estudos de Caso	São um processo ou registro de pesquisa sobre o desenvolvimento de uma pessoa, grupo ou situação durante um período de tempo. Eles são uma investigação empírica que investiga a aplicação da pesquisa através de contextos da vida real ou cenários imaginados. Uma descrição de um caso legal ou um estudo de caso hipotético usado como exercício de ensino também se encaixaria nessa categoria.
7	Relatos de Caso	Deve ser original e fornecer detalhes adequados de um único caso de paciente. Ele não precisa descrever um caso especialmente novo ou incomum, pois há benefícios em coletar detalhes de muitos casos padrão.
8	Artigos de Prática Clínica	Descrevem séries de casos (ou seja, grupos ou séries de relatos de casos envolvendo pacientes que receberam tratamento semelhante), mas não devem ser baseados em um único caso (casos únicos são publicados como Relatos de Caso).
9	Artigos de Ferramenta de Software	Deve incluir a justificativa para o desenvolvimento da ferramenta e detalhes do código usado para sua construção. O artigo deve fornecer exemplos de conjuntos de dados de entrada adequados e incluir um exemplo da saída que pode ser esperada da ferramenta e como essa saída deve ser interpretada.
10	Artigos de Método	Descrevem métodos ou procedimentos experimentais, observacionais, teóricos ou computacionais novos e bem testados, quantitativos ou qualitativos. Isso inclui novos métodos de estudo, modificações substanciais

		em métodos existentes ou aplicações inovadoras de métodos existentes em novos modelos.
11	Protocolos de Estudo	Descrevem em detalhes qualquer projeto de estudo, incluindo (mas não limitado a) projeto experimental de pesquisa básica e aplicada, revisões sistemáticas ou protocolos que definem questões de pesquisa e métodos empíricos. Pré-protocolos de estudo (ou seja, discutir projetos de estudo provisórios) também podem ser enviados e serão claramente rotulados como tal quando publicados. Protocolos de estudo para estudos piloto e de viabilidade também são considerados.
12	Relatórios Registrados	São uma forma de artigo empírico em que os métodos e as análises propostas são publicados e revisados antes da realização da pesquisa. Este formato de artigo procura neutralizar uma variedade de práticas de pesquisa inadequadas, incluindo poder estatístico inadequado e relatórios seletivos de resultados.
13	Avaliações	Devem fornecer uma visão geral equilibrada e abrangente das últimas descobertas num campo específico. Observe que as Revisões do Corpo Docente são feitas apenas por convite.
14	Revisões Sistemáticas	As revisões sistemáticas devem lidar com uma questão claramente formulada e usar métodos sistemáticos e explícitos para identificar, selecionar e avaliar criticamente a pesquisa relevante.
15	Revisões Sistemáticas Vivas (LSRs)	Revisão sistemática que é continuamente atualizada, incorporando novas evidências relevantes à medida que se tornam disponíveis. Os LSRs empregam uma metodologia de vigilância constante da literatura para identificar novas evidências que se tornam disponíveis após a publicação da revisão sistemática de linha de base.
16	Artigos de Opinião	Dão a perspectiva dos autores sobre uma questão atual. Quando apropriado, os autores devem fornecer uma visão equilibrada das diferentes opiniões no campo e deixar claro onde estão expressando suas próprias opiniões pessoais e por quê.
17	Correspondência	Os artigos de correspondência devem fornecer discussão acadêmica, apoiada por evidências da literatura publicada.

Fonte: F1000Research (2022)

O conselho consultivo inclui especialistas em cada área de cobertura, responsáveis por conduzir os autores no decorrer do processo de CC da plataforma, fornecendo informações sobre política e medidas cautelosas que envolvem o procedimento, considerando que o fluxo editorial ocorre de modo descentralizado, isto é, sem mediação do editor. Os consultores exercem influência no percurso de editoração de artigos, atuando, quando necessário, como avaliadores, visto que se

configuram como referenciais nas disciplinas que perscrutam e que com seus pares partilham de profusos saberes.

A revisão paritária se inicia após a divulgação do manuscrito na plataforma. Neste ínterim, a equipe de consultores verifica se: a) se os atributos dos autores atendem ao escopo do periódico; b) se os aspectos relacionados à escrita do artigo fazem referência ao padrão linguístico exigido no trâmite editorial; c) se apresentam evidências de plágio ou autoplágio; d) se os artigos que envolvem pesquisas com seres humanos e animais atendem às recomendações do conselho de ética; e) se os dados da pesquisa são autoarquivados em repositórios ou incorporados à publicação, no que respeita aos artigos de pesquisa (F1000RESEARCH, 2022).

No que se refere à *peer review*, os artigos encaminhados à F1000Research são revisados em formato aberto. As assinaturas dos pareceristas e seus destinatários institucionais são revelados e disponibilizados ao lado da síntese dos relatórios, posicionados à borda direita da página principal, ofertando-lhes mérito e/ou responsabilizando-os pela redação de seus comentários e pelo colóquio junto aos pares colocado ao final do documento.

O processo seletivo dos *referees* se dá por indicação dos autores e pela deliberação do conselho consultivo que avaliará a possibilidade de aprovação. Aos autores são facultadas diretrizes que permitem captar recursos humanos que contribuam cientificamente para o aperfeiçoamento e difusão do conteúdo de suas pesquisas, tornando o processo íntegro e livre de vieses, como observado no Quadro 3:

Quadro 3 – Diretrizes para a indicação de avaliadores

O que fazer	O que não fazer
Proatividade para sugerir pareceristas mesmo depois da publicação;	Sugerir revisores que tenham contribuído recentemente com você e/ou com seus coautores;
Discutir com os coautores a respeito da prescrição;	Sugerir pessoas que não tenham aptidões suficientes para avaliar;
Certificar que os candidatos sejam especialistas no tema ao qual o artigo se refere;	Entrar em contato diretamente com os analistas pretendentes;
Verificar se os <i>referees</i> possuem o título de doutor antes de indicá-los;	Desistir da revisão por pares.
Entrar em contato com o conselho consultivo em caso de dúvidas.	-

Fonte: F1000Research (2022)

Ademais, as exigências expressas na política de avaliação influenciam o resultado final. Para que se possa exercer este ofício, é imprescindível: a) lograr o título de doutor, exceção feita

às áreas de Educação e Biblioteconomia, porquanto supõe-se que no contexto internacional são áreas em que a dinâmicas das escolas de pós-graduação visam formar profissionais para atuarem como técnicos ao invés de pesquisadores. No entanto, a *F1000Research*, permite que participantes destas áreas de conhecimento participem como avaliadores desde que comprovem que possuem conhecimento para avaliar a publicação que lhes foi designada; b) possuir, no mínimo, três publicações sobre temas relevantes e dentre o rol de coautores, figurar como principal; c) eximir-se de interesses conflitantes; d) escusar-se de relacionamentos diretos e indiretos junto aos autores; e) se porventura estiverem associados à mesma instituição e/ou residirem no mesmo país, exige-se que outros nomes sejam alvitados (*F1000RESEARCH*, 2022). As diretrizes para indicação dos referees são disponibilizadas com o propósito de direcionar a escolha dos submetentes. Estas recomendações reforçam o propósito da revisão por pares que oferece possibilidades que redundam em êxito à publicação, aos colaboradores e ao prestígio dos veículos que as difunde.

É válido comentar que o conselho editorial convida os pesquisadores da comunidade acadêmica internacional para participar do elenco de examinadores do *Journal*. O trâmite se inicia pelo preenchimento e expedição do *volunteer form* e de uma cópia do currículo *via e-mail* para avaliação dos membros da seção editorial. Em caso afirmativo, serão designados para arbitrar documentos associados às suas preferências temáticas ou poderão mencionar manuscritos que desejam esquadrihar, no entanto, concernirá ao(s) autor(es) deferirem ou indeferirem sua participação (*F1000RESEARCH*, 2022).

O itinerário do modelo *open review* (com exceção dos pôsteres, *slides* e documentos de outra natureza), adotado pela plataforma, constitui-se no envio, na divulgação, na revisão/participação da comunidade e no escrutínio de diferentes versões do manuscrito (*F1000RESEARCH*, 2022). No primeiro estágio, destina-se o material através do sistema de submissão para que o conselho editorial verifique se os aspectos físicos e de conteúdo atendem às observâncias e ao padrão de qualidade do canal. Logo após, o *paper* pode chegar até os usuários em oito dias, permitindo-lhes ler e compartilhar o conteúdo. A política revela que na avaliação por pares os especialistas são convocados e, suas credenciais são anunciadas ao lado do documento, bem como os relatórios de seus pareceres e os comentários dos leitores no tocante às características do original. Enfim, os submetentes têm a possibilidade de divulgar as versões avaliadas dos trabalhos e, em caso de aprovação, os arquivos são hospedados em bases de dados que comunguem do mesmo foco temático, como é o caso da *Web of Science* (WoS), *Scopus*, *Pubmed* e *Google Scholar* (*F1000RESEARCH*, 2022).

Segundo Walker e Silva (2015), a proposta da revisão por pares corresponde à adequação de um manuscrito para publicação, lançando mão de *feedback* aos autores para ajudá-los a melhorar a qualidade dos manuscritos. Compactuando da mesma concepção, o setor de editoração oferece aos árbitros uma lista de parâmetros delimitadas pelo *Committee on Publication Ethics* (COPE) que os conduzirão ao longo da análise. Portanto, na condição de avaliadores devem aderir aos seguintes princípios:

- Revisar manuscritos para os quais têm a perícia necessária para realizar uma avaliação adequada e que podem avaliar em tempo hábil;
- Respeitar a confidencialidade da revisão por pares e não revelar quaisquer detalhes de um manuscrito ou de sua revisão, durante ou após o processo de revisão por pares, além daqueles divulgados pela revista;
- Não usar informações obtidas durante o processo de revisão por pares para sua própria ou qualquer outra vantagem de pessoa ou organização, ou para desvantagem ou desacreditar os outros;
- Declarar todos os potenciais interesses conflitantes, buscando conselhos da revista se eles não têm certeza se algo constitui interesse relevante;
- Não permitir que suas revisões sejam influenciadas pelas origens de um manuscrito, pela nacionalidade, crenças religiosas ou políticas, gênero ou outras características dos autores, ou por considerações comerciais;
- Ser objetivo e construtivo em suas críticas, abstendo-se de ser hostil ou inflamatório e de fazer comentários pessoais caluniosos ou depreciativos;
- Reconhecer que a revisão por pares é em grande parte um esforço recíproco e comprometer-se a realizar sua parte justa de revisão e em tempo hábil;
- Fornecer aos periódicos informações pessoais e profissionais que são precisas e verdadeira representação de sua expertise;
- Reconhecer que a representação de outro indivíduo durante o processo de revisão é considerada má conduta grave (COMMITTEE ON PUBLICATION ETHICS, 2013, não paginado, tradução nossa).

Diante disso, os interlocutores recebem um *checklist* que arrola interrogações referentes à consistência e fundamentação dos enfoques metodológicos, linguísticos e temáticos que o artigo deve apresentar, a saber: a) atualidade e autorialidade das referências citadas na revisão de literatura; b) suficiência e correlação dos argumentos com a revisão de literatura; c) coerência textual da justificativa e do cumprimento dos objetivos; d) coerência textual. Adicionalmente, exige-se que os revisores resenhem suas considerações sobre o artigo, contendo recomendações que possam ser incorporadas em seu arranjo literal.

Ao final, deve-se atribuir o *status* aprovado, aprovado com ressalvas ou não aprovado. Segundo a *F1000Research* (2022), esta decisão impulsiona não apenas a publicação dos artigos em bases de dados internacionais e de acesso aberto, do mesmo modo que os relatórios de

avaliação são disponibilizados sob licença *Creative Commons* (CC BY), permitindo que se reproduza, adapte e/ou compartilhe seu conteúdo desde que lhe confirmem o respectivo crédito.

Diante das medidas indicadas pela *F1000Research* acredita-se não haver no Brasil plataforma ou periódico que se aproxime de condições exigidas e/ou se iguale. Razões porque, reafirmamos ser ele o selecionado e mais indicado.

2.3 Procedimentos e instrumentos de coleta dos dados

Para realização da pesquisa, elegeu-se a opção de busca por área de conhecimento, selecionando o filtro “Ciências Sociais” e, como estratégia de refinamento, a subárea “Comunicação e Mídias”. O mecanismo de pesquisa retornou 155 documentos publicados nos últimos dez anos. Contudo, tendo em vista que o ano de 2022 se encontra inconcluso, afunilou-se o mapeamento pela seleção do hiato 2012 e 2021, redundando em 131 publicações.

A escolha desta subclasse deveu-se pela proximidade semiológica das categorias temáticas de seu aporte documental – Comunicação, CC, Comunicação em Saúde, Jornalismo, Biblioteconomia, Política, Telecomunicações, Ecologia da Mídia, Cultura Popular, Relações Internacionais – ao conteúdo das produções acadêmicas respeitantes às subáreas da CI brasileira, delineadas por Araújo (2018).

Optou-se, também, por direcionar este estudo sob a baliza periódica de 10 anos, porquanto em meados de 2012 ocorreu o lançamento de diversas plataformas de publicação aberta, dentre elas a *F1000Research*, cujo fluxo editorial fundamenta-se sob diferentes nuances da OPR. Verifica-se que desde então o desdobramento de interações arbitrárias em benefício da produção acadêmica consolidam-se veementemente, introduzindo novas alternativas de análise do impacto das produções e de redes sociais de colaboração acadêmicas sob a égide da avaliação aberta. Guirado, Oliveira e Tavares (2020) justificam que a partir deste decurso é possível avaliar o comportamento do aporte científico e, portanto, da composição de redes de colaboração.

Ensejando obter, apenas, as publicações oficialmente avaliadas realizou-se a leitura documentária do material recuperado no sistema. Pontua-se que somente os artigos com o *status* “revisado” incluem a sinopse discursiva como elemento pós-textual de sua estrutura, constituindo-se como fonte de dados qualitativos oriundos da formação das redes interpares, objeto deste estudo, fundamentando a escolha destes gêneros documentais como aporte informacional para análise.

Desta forma, das 131 publicações recuperadas na base, 75 foram descartadas por não atenderem aos requisitos de seleção da pesquisa, em razão de terem sido: aprovados somente na

primeira rodada; aprovados com ressalva; outros são editoriais; artigos retratados; publicações suspensas; aguardando ser avaliados. Enquanto 56 estudos foram selecionados, contendo relatório de avaliação concluído, portanto compondo o corpus desta pesquisa, constituindo o Quadro 4.

Quadro 4 – Listagem dos trabalhos constitutivos da análise dos dados

Id.	Referência	Referees
1	CONIX, S.; DE BLOCK, A.; VAESSEN, K. Grant writing and grant peer review as questionable research practices. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-28, June, 2021.	ROUMBANIS, L.
		HAVEN, T.
2	YILMAZ, Y. et al. Reframing organizations in the digital age: a qualitative study exploring institutional social media adoption involving emergency physicians and other researchers, <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-30, June. 2021.	FORNARI, A.
		GIROUX, C. M.
3	SILALAHI, W. P.; SITORUS, F. R. From frustration to enlightenment: experiences of student exchange program awardees in Taiwan. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-20, Apr. 2021.	GAO, X.
		TAMBUNAN, A. R.
		CHING, G. S.
4	DUNCAN, L. J.; CHENG, K. F. D. Public perception of NHS general practice during the first six months of the COVID-19 pandemic in England. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-23, May. 2021.	PARSONS, J.
		MC BRIDE-HENRY, K.
5	HIRT, J. et al. Using citation tracking for systematic literature searching - study protocol for a scoping review of methodological studies and a Delphi study. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-25, June. 2021.	GLANVILLE, J.
		MOHER, D.
6	KARNAZE, A. et al. Contextualizing adolescents' self-awareness of problematic mobile phone use: a preliminary study. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-20, May. 2021.	ALLOH, F. T.
		LEWIS, M. G.
7	NÜST, D.; EGLIN, S. J. CODECHECK: an open science initiative for the independent execution of computations underlying research articles during peer review to improve reproducibility. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-28, June. 2021.	ROUGIER, N. P.
		GIBSON, S.
8	GROSSMANN, A.; BREMBS, B. Current market rates for scholarly publishing services. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-25, June. 2021.	PERAKAKIS, P.
		ROSE-WILES, L.
9	AL-ZAMAN, S. An exploratory study of social media users' engagement with COVID-19 vaccine-related content. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-16, June. 2021.	RATHINASWAMY, J.
		BENIS, A.
10	TRESSOLDI, P. E. et al. Registered Report: Testing mediumship accuracy with a triple-blind protocol. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-9, Apr. 2021.	MOREIRA-ALMEIDA, A.
11	BEZUIDENHOUT, L.; HAVEMANN, J. The varying openness of digital open science tools. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-34, June. 2021.	BREMBS, B.
		HARTGERINK, C. H. J.
12	SHAMSEER, L. et al. Top health research funders' guidance on selecting journals for funded research. <i>F1000Research</i> , London, v. 10, p. 1-31, June. 2021.	NAGARKAR, S.
		DEVITO, N.
13	BUTTERS, O. W. et al. Publications metadata augmentation (PUMA) pipeline. <i>F1000 Research</i> , London, v. 9, p. 1-22, June. 2021.	MCINTOSH, L.
		KHATWA, M.
14	LEE, J. C. L. et al. Journal editors: how do their editing incomes compare. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-6, June. 2021.	COBEY, K.
		SINGLETON, C.
15	WALTMAN, L.; TRAAG, V. A. Use of the journal impact factor for assessing	THELWALL, M.

	individual articles: statistically flawed or not. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-29, June. 2021.	CURRY, S.
16	KATZ, D. S. <i>et al.</i> Recognizing the value of software: a software citation guide. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-13, jun. 2021.	WALTMAN, L. SILVELLO, G.
17	BUTT, F. M. <i>et al.</i> Bibliometric analysis of road traffic injuries research in the gulf cooperation council region. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-25, Mar. 2020.	ALI, E. M. GAZDER, U. AHMED, A. ADNAN, M.
18	CORTEGIANI, A. <i>et al.</i> Citations and metrics of journals discontinued from Scopus for publication concerns: the ghos(t)copus Project. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-3, June. 2020.	MOUTON, J. IRIARTE, P. MULLER, F. ELIA, N. AFSHARI, A.
19	ARRIZABALAGA, O. <i>et al.</i> Open access of COVID-19-related publications in the first quarter of 2020: a preliminary study based in PubMed. <i>F1000Research</i> , London, v. 9, p. 1-34, June. 2020.	NEYLON, C. COATES, A. J. RICO-CASTRO, P.
20	WAHBEH, H. <i>et al.</i> Measuring extraordinary experiences and beliefs: A validation and reliability study. <i>F1000Research</i> , London, v. 8, p. 1-30, Mar. 2020.	SCHOFIELD, M. SEITZ, R. SIMMONDS-MOORE, C.
21	ABRAHAM, J. National culture as a correlate of research output and impact. <i>F1000Research</i> , London, v. 8, p. 1-23, June. 2020.	TENNANT, J. P. WALTMAN, L.
22	BLANCO, D. <i>et al.</i> A survey exploring biomedical editors' perceptions of editorial interventions to improve adherence to reporting guidelines. <i>F1000Research</i> , London, v. 8, p. 1-30, June. 2019.	LENDREM, D. W. URRUTIA, G. LOGULLO, P.
23	CRANE, D. <i>et al.</i> Relative effectiveness of a full versus reduced version of the 'Smoke Free' mobile application for smoking cessation: an exploratory randomised controlled trial. <i>F1000Research</i> , London, v. 7, p. 1-18, Mar. 2019.	CRUVINEL, E. BRICKER, J.
24	ANDERSON, P. <i>et al.</i> City-based action to reduce harmful alcohol use: review of reviews. <i>F1000Research</i> , London, v. 7, p. 1-15, May. 2018.	VILLALBÍ, J. R. BOVENS, R.H.L.M.
25	MATARESE, V.; SHASHOK, K. Improving the biomedical research literature: <i>insights</i> from authors' editors can help journal editors define and refine their core competencies. <i>F1000Research</i> , London, v. 7, p. 1-10, June. 2018.	BURROUGH-BOENISCH, J. LUO, N.
26	MORIN-CHASSÉ, A. How messages about behavioral genetics research can impact on genetic attribution beliefs. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-36, May. 2018.	DONOVAN, B. M. KAMPOURAKIS, K. FARINELLA, M. MEDVECKY, F.
27	GREGORIUS, S. <i>et al.</i> The peer review process for awarding funds to international science research consortia: a qualitative developmental evaluation. <i>F1000Research</i> , London, v. 6, p. 1-23, June. 2018.	KUNARATNAM, Y. BARNETT, A. G.
28	TENNANT, J. P. <i>et al.</i> A multi-disciplinary perspective on emergent and future innovations in peer review. <i>F1000Research</i> , London, v. 6, p. 1-66, June. 2018.	MOHER, D. BARBOUR, V.
29	MCDONALD, L. <i>et al.</i> A review of data sharing statements in observational studies published in the BMJ: A cross-sectional study. <i>F1000Research</i> , London, v. 6, p. 1-7, June. 2017.	TOMLINSON, L. A. CHAMPIEUX, R. E.
30	ROSS-HELLAUER, T. What is open peer review? A systematic review. <i>F1000Research</i> , London, v. 6, p. 1-39, June. 2017.	WALKER, R. BLOOM, T. MEHMANI, B.

		FORD, E.
31	KINDLER, L. <i>et al.</i> Method-centered digital communities on protocols.io for fast-paced scientific innovation. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-13, June. 2017.	DUNIGAN, D. D.
		AGARKOVA, I.
		KANE, L. P.
32	LOGAN, C. We can shift academic culture through publishing choices. <i>F1000Research</i> , London, v. 6, p. 1-30, June. 2017.	BREMBS, B.
		DART, A.
		HARTGERINK, C. H. J.
33	LIN, J. <i>et al.</i> Building the infrastructure to make science metrics more scientific. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-10, June. 2017.	CURRIE, D. J.
		NEDEVA, M.
		ORANSKY, I.
		ABRITIS, A.
34	CRUSIO, W. E.; RUBINO, C.; DELPRATO, A. Engaging high school students in neuroscience research -through an e-internship program. <i>F1000Research</i> , London, v. 6, p. 1-14, Mar. 2017.	HOHMANN, C. F.
		JONES, B. C.
		UFNAR, J. A.
35	MATTHEWS, P. C. Fairness in scientific publishing. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-16, June. 2017.	NILSONNE, G.
		PAVLOVIĆ, D.
		TOMORI, O.
36	PROKOP, A.; ILLINGWORTH, S. Aiming for long-term, objective-driven science communication in the UK. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-15, May. 2016.	CALLIER, V.
		CAINE, M.
		CLANCY, K. B. H.
37	BLOCK, T. <i>et al.</i> "Science Fiesta!" combining student-led community outreach with local culture. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-13, May. 2016.	CLARK, G. B.
		MILLER, J. D.
38	GIORDAN, M. <i>et al.</i> The effects of an editor serving as one of the reviewers during the peer-review process. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-21, June. 2016.	ZUCCALA, A.
		PULVERER, B.
		ORANSKY, I.
		ABRITIS, A.
39	TENNANT, J. P. <i>et al.</i> The academic, economic and societal impacts of Open access: an evidence-based review. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-57, Mar. 2016.	LOCKWOOD, G.
		SUBER, P.
		JARREAU, P. B.
		TIERNEY, A.
		CHAMBERS, C. D.
40	MADSEN, H. H.; MADSEN, D.; GAUFFRIAUX, M. Evaluation of unique identifiers used as keys to match identical publications in Pure and scival – a case study from health science. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-33, June. 2016.	SCHMIDT, M.
		JEFFERY, K. G.
		SHREEVES, S. L.
41	ILLINGWORTH, S. Are scientific abstracts written in poetic verse an effective representation of the underlying research. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-30, May. 2016.	JOHNSON, M.
		ROWAN, K.
		BOWATER, L.
42	IWEMA, C. L. <i>et al.</i> Search.bioPreprint: a discovery tool for cutting edge, preprint biomedical research articles. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-20, Mar. 2016.	AVASTHI, P.
		WOLBERGER, C.
43	BERGMEISTER, K.; PODESSER, B. Acceptance of animal research in our science community. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-6, Mar. 2016.	BUTTS, T.
		LUMENTA, D. B.
		BERNHARD, D.
44	RANDVIIR, E. P. <i>et al.</i> Twittering About Research: A Case Study of the World's First Twitter Poster Competition. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-15, Mar. 2016.	SCOTT, G.
		WONG-RIEGER, D.
		BALES, M.
45	PROAÑO, A. <i>et al.</i> The dream of health information for all. <i>F1000Research</i> , London, v. 5, p. 1-11, Mar. 2016.	WILDGAARD, L.
		RODRIGUEZ-MORALES, A. J.
		WILLIAMS, G.
46	DINIS-OLIVEIRA, R. J.; MAGALHÃES, T. The Inherent Drawbacks of the Pressure to Publish in Health Sciences: Good or Bad Science. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-9, Mar. 2016.	PEREIRA, F.
		FERREIRA, R.
		VITORINO, R.

47	GLEADOW, R.; MACFARLAN, B.; HONEYDEW, M. Design for learning – a case study of blended learning in a science unit. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-18, May. 2015.	WILLIAMS, M.
		FREUND, K.
48	ILLINGWORTH, S. <i>et al.</i> What's in a name? exploring the nomenclature of scieOnce communication in the UK. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-24, May. 2015.	ROGERS, L. F.
		JARREAU, P. B.
		DAVIES, S. R.
		LAWSON, C.
49	YAN, C. G.; LI, Q.; GAO, L. PRN: a preprint service for catalyzing R-fMRI and neuroscience related studies. <i>F1000Research</i> , London, v. 3, p. 1-10, Mar. 2015.	WANG, Z.
		GAO, W.
		GORGOLEWSKI, K.
50	XU, Q.; BOGGIO, A.; BALLABENI, B. Countries' biomedical publications and attraction scores. a Pubmed-based assessment. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-24, May. 2015.	MOVAGHAR, V. R.
		JUNG, Y.
51	VANDERFORD, N. L.; MARCINKOWSKI, E. A Case study of the impediments to the commercialization of research at the University of Kentucky. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-19, Mar. 2015.	SILVAGGI, J.
		CRICK, S.
		FACHER, E.
52	FORD, E. Open peer review at four STEM journals: an observational overview. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-18, Mar. 2015.	BINFIELD, P.
		WALTER, S.
		PÖSCHL, U.
		PERAKAKIS, P.
53	HINSEN, K. Active Papers: a platform for publishing and archiving computer-aided research. <i>F1000Research</i> , London, v. 3, p. 1-28, Mar. 2015.	HONG, N. C.
		CROSAS, M.
		D'ORAZIO, V.
		BOETTIGER, C.
54	RICHARDS, C. A. Tourette syndrome research highlights 2014. <i>F1000Research</i> , London, v. 4, p. 1-19, Mar. 2015.	MARTINO, D.
		COFFEY, B.
		BRANDT, V. C.
55	MCCLAIN, C.; NEELEY, L. A critical evaluation of science outreach via social media: its role and impact on scientists. <i>F1000Research</i> , London, v. 3, p. 1-14, May. 2015.	JARREAU, P. B.
		CLANCY, K. B. H.
		DUNWOODY, S. L.
56	WU, H. H.; LEMAIRE, E.; BADDOUR, N. Combining low sampling frequency smartphone sensors and video for a Wearable Mobility Monitoring System. <i>F1000Research</i> , London, v. 3, p. 1-18, May. 2015.	MCCULLAGH, P.
		MCCULLAGH, A.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Segundo Fragoso, Recuero e Amaral (2007), o mecanismo de coleta submete-se à janela de análise que se pretende seguir e cabe ao investigador selecionar as variáveis, que deverão estar ajustadas à problemática e aos objetivos da pesquisa. Por assim dizer, o mecanismo para obtenção dos dados ocorreu com base na abordagem apresentada por Sousa (2007), para quem a coleta dos dados no tocante à ARS está fragmentada em duas etapas: a) perfilamento dos atores por meio de seus atributos; b) relação/relações que representam as associações entre esses indivíduos.

Silva e Menezes (2005) esclarecem que a coleta pode ocorrer de modos distintos mediante auxílio de ferramentas específicas, intermediadas pela observação, entrevista, questionários ou

formulários, eleitos a partir do propósito que se pretende alcançar. Neste caso, lançou-se mão de formulários em razão de se amoldarem ao perfil da pesquisa e ao método de investigação adotado, considerando que por se tratar de uma pesquisa cujos dados estão constantes em fontes de caráter documental, permite-se sumarizar os indicadores necessários para análise.

Para apuração dos dados concernentes à caracterização dos artigos e das redes temáticas, preencheu-se o formulário para coleta de indicadores dos manuscritos (APÊNDICE A). Este modelo registra elementos constantes na folha de rosto das publicações, tais como: autoria, título, tipologia documental, área de concentração, ano de publicação e sequência de descritores atribuídos no ato da indexação.

A avaliação do perfil dos sujeitos, das redes pessoais, institucionais, territoriais e ao perfil de seus interagentes foram coletados por meio da análise curricular e catalogados sob os elementos constituintes no segundo formulário (APÊNDICE B), a saber: identificação nominal, vínculos institucional, filiação nacional, formação acadêmica, profissão e gênero dos atores.

Acentua-se que em razão dos sujeitos desta pesquisa encontrarem-se fixados em diferentes países, e assumirem posição de referência em suas áreas de atuação, verificou-se flagrante quantitativo de pesquisadores, cujos registros curriculares encontram-se sumarizados em sítio virtual de diferentes instituições. Neste sentido, a seleção dos dados obedeceu aos seguintes parâmetros: a) no que tange aos pesquisadores estrangeiros, considerou-se os dados pertinentes aos currículos hospedados nos portais das instituições em que desempenham suas atividades laborais; b) listados na Plataforma Lattes, em se tratando dos brasileiros e c) quando necessário obteve-se elementos adicionais através dos perfis castrados no *Publons* ou no *Open Researcher and Contributor ID (ORCID)*.

A assinatura dos árbitros e a disponibilização de seus atributos, localizados à margem direita da folha de rosto da publicação, na condição de fonte de busca, oportunizou o angariamento de dados para composição das redes interpessoais, institucionais e distritais, visto que a performance dos moldes convencionais – *double* e *single blind peer review* primam pelo anonimato, inviabilizando o estudo da configuração e comportamento de tais relações.

Os relatórios de avaliação são documentos que sinalizam sugestões relacionadas aos aspectos dos trabalhos acadêmicos submetidos ao processo editorial ou à apreciação de terceiros com vistas à sua qualificação. Os veículos formais de CC lançam mão deste recurso sob o formato de formulário e/ou *checklist* como estratégia de orientação para os avaliadores no processo de tomada de decisão.

Nas arbitragens convencionais, as considerações são remetidas apenas aos autores no final do processo, privando a comunidade do acesso ao conteúdo deste material. Em se tratando da validade dos relatórios, Ross-Hellauer, Deppe e Schmidt (2017) mencionam que, na revisão cega, após a publicação da obra, os relatos de revisão perdem o valor em razão do não compartilhamento, somando espaço nos servidores da revista.

Quanto à OPR, em anexo à publicação são disponibilizados os históricos dos comentários redigidos pelos avaliadores sobre os aspectos de forma e conteúdo dos artigos. No mesmo documento, questionamentos e/ou sugestões são refutadas, pois ao autor é dado o direito de interagir com seus pares através do direito de réplica. E assim ocorre o processo de avaliação por interação aberta, disponibilizado à comunidade para consulta, oferecendo benefícios para quem deles, em termos de informação necessitar. Peters e Ceci (1982) reiteram que os relatórios de avaliação contêm informações que permanecem potencialmente relevantes e úteis com o passar do tempo, pois permitem que os leitores considerem as críticas de modo individual, embasando suas próprias opiniões.

Retomando ao *corpus* da pesquisa, a partir do processo de análise documentária, verificou-se que a plataforma disponibiliza um espaço para que os leitores delineiem suas críticas aos manuscritos, incluídas junto a dos *referees* enquanto elemento pós-textual. No entanto, atendendo aos fins antes anunciados, considerou-se apenas as comunicações intercaladas pelos atores oficiais do procedimento avaliativo.

Assim sendo, para o recolhimento dos discursos dos interlocutores, desenvolveu-se o terceiro formulário (APÊNDICE C), Listagem de diálogos, identificando-os a partir da versão do relatório, código de identificação dos interlocutores, conteúdo do diálogo, datas de emissão e assunto a que se referem. Esta estratégia facilitou a execução da coleta e possibilitou avaliar, de um modo geral e sob diferentes perspectivas, o posicionamento dos examinadores a respeito dos componentes de uma mesma publicação; delimitar as categorias temáticas a partir das semelhanças compenetradas nas réplicas e tréplicas.

2.4 Procedimentos para análise dos dados

Após a listagem dos artigos incluídos na pesquisa efetuou-se a uniformização dos nomes dos atores pelo uso do sobrenome em letra maiúscula, seguido das iniciais de seus prenomes, a fim de distingui-los em caso de denominações reincidentes. Optou-se por não anonimizar os atributos da população estudada, considerando que a pesquisa se assenta sob as determinações da OPR, para quem a publicização das evidências cognominais e institucionais fomentam o encadeamento

de vínculos por intermédio dos diálogos entre pares em âmbito científico, social e organizacional, permitindo identificar posicionamentos e desdobramentos de conexões a partir dessas estruturas relacionais.

O esquadramento dos dados se deu por meio da ARS, que de acordo com Chen (2009) este método analítico visa detectar e interpretar padrões de laços sociais entre indivíduos. Visão complementar é compartilhada por Meira *et al.* (2011), para quem enseja avaliar padrões, geralmente implícitos, nos relacionamentos e fluxos informacionais efetivados entre os vértices de uma rede. A avaliação aberta constitui rede colaborativa que além de proporcionar a convalidação de um produto científico, é fonte de aprendizagem coletiva, tendo o conhecimento científico como base de seu fluxo dialógico.

Para o constructo das redes, lançou-se mão do Gephi 0.10.1, *software* de código aberto utilizado para ordenação, visualização e análise comportamental de interações complexas entre entidades humanas e não humanas, a exemplo de pessoas, comunidades, documentos, organizações, departamentos institucionais, objetos, patologias etc. Seu diferencial em termos de acesso, usabilidade, compartilhamento e disponibilização integral de filtros e *plugins* capazes de personalizar e dinamizar diversas gradações da análise justificam sua escolha.

A reprodução gráfica dos correlacionamentos pessoais e institucionais deu-se mediante construção de esquemas de dados pelo *Microsoft Excel*, versão 2016, enquanto para a modelagem das redes sociais, fez-se necessário a confecção das matrizes *label table* (tabela de rótulos/nós) e *edge table* (tabela de arestas).

A configuração da tabela de nós resulta de preenchimento manual das colunas “*label*” e “*Id*” (Figura 1), visto a plataforma não dispor de mecanismos de importação dos conjuntos de dados para *softwares* de análise de redes. Nos campos referentes à primeira indicou-se as propriedades nominais dos atores ou qualquer outra expressão que os caracterize, à medida que nos espaços da segunda apontou-se os códigos numéricos que os representam.

Em contrapartida, a tabela de arestas (Figura 2) sinaliza o estado de harmonização dos nós, distribuído em três pilares: “*Source*” (origem), “*Target*” (destino) e “*Type*” (tipo). Nos intervalos da coluna “origem”, mencionou-se os dígitos que remetem aos títulos dos atores sumarizadas na tabela de rótulos. Em se tratando da categoria “destino”, foi preenchida pelos códigos numéricos pertinentes aos sujeitos com quem os da primeira coluna se relacionam. Por seu turno, os alinhamentos da classe “tipo”, ocuparam-se pela forma de conexão que ocorre entre os nós, seja ela direta ou indireta.

Figura 1 – Modelo label table

	A	B	C	D	E
1	Label	Id			
2	Titular 1	1			
3	P 1	2			
4	P 2	3			
5	P 3	4			
6	P 4	5			
7	P 5	6			
8	P 6	7			
9	P 7	8			
10	P 8	9			
11	P 9	10			
12	P 10	11			
13	P 11	12			
14	Titular 2	13			
15	P 12	14			
16	P 13	15			
17	P 14	16			
18	P 15	17			
19	P 16	18			
20	P 17	19			
21	P 18	20			
22	P 19	21			
23	P 20	22			
24	P 21	23			

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Figura 2 – Modelo edge table

	A	B	C	D	E
1	Source	Target	Type		
2	1	2	Direct		
3	1	3	Direct		
4	1	4	Direct		
5	1	5	Direct		
6	1	6	Direct		
7	1	7	Direct		
8	1	8	Direct		
9	1	9	Direct		
10	1	10	Direct		
11	1	11	Direct		
12	1	12	Direct		
13	13	14	Direct		
14	13	15	Direct		
15	13	16	Direct		
16	13	17	Direct		
17	13	18	Direct		
18	13	19	Direct		
19	13	20	Direct		
20	13	21	Direct		
21	13	22	Direct		
22	13	23	Direct		
23	13	24	Direct		
24	13	25	Direct		

Fonte: Elaborado pelo autor (2022)

Logo após, efetuou-se a conversão das matrizes, formatadas em .xlsx para o formato *Comma Separated Values* (CSV), sendo importadas posteriormente para ferramenta de análise resultando na configuração dos arranjos relacionais. Para modelagem visual dos grafos, selecionou-se o algoritmo “*fruchterman reingold*”. Este arquétipo é adaptado para análises quanti e qualitativas, utilizado para manipular e reproduzir redes de pequeno, médio e grande porte, especializando-os a partir da simulação de uma interface realista (JACOMY *et al.*, 2014). Ainda sobre o modelo, os autores abalizam que os nós se repelem como partículas carregadas, enquanto as arestas atraem as representações de seus vértices, criando movimentos que concorrem para um estado de equilíbrio a fim de contribuir para interpretação dos dados.

ARS mantém um conjunto de métricas que possibilitam compreender a dinâmica dos relacionamentos estruturados em rede (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2020; SOUZA *et al.*, 2019). A literatura focaliza copiosas estratégias canalizadas para a análise de redes, seja ela decorrente do regime colaborativo ou pela conduta dos sujeitos sociais na *web*, intermediada pelas mídias sociais. Isto posto, Fragoso, Recuero e Amaral (2007) testificam que a avaliação dos dados pode ocorrer no tocante à sua estrutura, composição ou dinâmica. Neste estudo, são analisados os dados referentes à infraestrutura colaborativa partilhada, simultaneamente, entre autores e árbitros no domínio da Comunicação e Mídias.

No que tange à estrutura, as redes podem ser ponderadas pelas métricas ou unidades avaliativas que se referem aos aspectos de sua configuração. Utilizou-se como estratégias de análise das representações sociométricas as medidas: densidade, centralidade e coesão social.

A densidade se refere ao quantitativo de conexões em relação ao total de possibilidades de relacionamentos (RECUERO, 2017). A centralidade mensura o número de conexões existentes entre um ator e seus pares. Marteleto (2001) explica que um indivíduo logra grande centralidade quando está em contato direto e imediato com os demais, reconhecido como prestigiado canal de informação. Entretanto, os agentes que apresentam baixa centralidade são nominados de periféricos, isto é, autores que firmaram poucos vínculos.

A coesão social é representada por uma rede densa, ostentando ligações frequentes entre agremiações de nós (MARTELETO; TOMAÉL, 2005). Esta última unidade de medida é comensurada pela recorrência de elos entre um ator e seus análogos. Para Granovetter (1973), a constância de relações manifesta a densidade de uma rede, assim como a predominância de laços fracos indica baixa solidez do arranjo social. Neste sentido, Recuero (2017), em comum acordo com o teórico supramencionado, focaliza flagrante correlação entre a consistência dos laços na estrutura de uma rede junto à sua densidade.

Associada à ARS recorre-se à AC fundamentada na teoria de Laurence Bardin (2011), segundo a qual corresponde à mescla de técnicas de verificação das comunicações ensejando obter, por intermédios sistemáticos de descrição do cerne temático das mensagens, parâmetros quantitativos ou qualitativos que viabilizem a dedução de conhecimentos alusivos às circunstâncias de produção/recepção destes comunicados.

Aplicada ao contexto discursivo, na concepção de Silva e Fossá (2013), trata-se de uma técnica de análise das manifestações discursivas, capturadas por instrumentos de coleta, tais como roteiros de entrevista, formulário, questionários, diários de campo, registros sonoros/audiovisuais, pela observação do pesquisador ou por qualquer tipo de informação estabelecida em suportes de natureza convencional ou multifacetada.

Sua operacionalização encontra-se alicerçada em mecanismos ordenados, intersubjetivamente legitimados para criar interpretações sobre o conteúdo de recursos verbais e não verbais (KRIPPENDORFF, 2004; SAMPAIO; LYCARIÃO, 2021). Em linha congênere de raciocínio, Silva e Valentim (2019, p. 327) compreendem que:

A 'Análise de Conteúdo' se constitui num método de pesquisa qualitativo versátil, aplicável em diferentes domínios e em diferentes suportes informacionais, tais como: escrito, oral, icônico (sinais, grafismos, fotografias, filmes etc.) e outros códigos semióticos (tais como músicas, objetos e comportamentos). Pode ser aplicado em comunicações de uma única pessoa, de diálogos entre duas pessoas ou de um grupo restrito ou, ainda, de comunicação de massa.

Neste sentido, abordou-se o viés qualitativo da AC com vistas a interpretar e categorizar o conteúdo dos relatórios, disponibilizados em anexo ao artigo, provenientes da interação aberta entre autores e avaliadores, nos quais encontram-se compiladas no histórico das discussões por eles protagonizadas no decorrer do processo de avaliação por pares da *F1000Research*. Em comum acordo à Gomes (2007) e Valentim (2005), as autoras planificam a AC em três etapas: pré-análise; exploração do material; tratamento de resultados, inferência e interpretação.

A pré-análise dos registros documentais, conforme Bardin (2011), é a fase responsável pela sistematização dos dados para constituição do *corpus* da análise. A concretização desta etapa advém da interdependência e do manuseio de tais procedimentos: escolha e coleta do material a ser analisado; leitura flutuante, formulação de hipóteses, e delineamento dos indicadores que embasarão as deduções (CÂMARA, 2013; MENDES; MISKULIN, 2017; RICHARDSON, 2012).

De posse dos dados coletados, realizou-se, inicialmente, as leituras dos relatórios de interação aberta, nos quais se encontram registrados os diálogos empreendidos pelos submetentes e seus analistas, seguindo a ordem cronológica de publicação com intuito de sistematizar concepções preliminares acerca dos temas expressos nas mensagens por eles enunciadas, localizando expressões com maiores probabilidades de repercussão. Na exploração do material ocorreu a construção das estratégias de codificação, atentando-se para os excertos dos textos em unidades de registros, estabelecimento dos requisitos de classificação para distribuição das informações em categorias temáticas (SILVA; FOSSÁ, 2013).

Na perspectiva de Prodanov e Freitas (2013), a codificação concerne à forma de como as unidades de registro da análise são caracterizadas por meio de algarismos, ícones, textos, letras, pseudônimos ou por suas respectivas combinações, de modo que a cada uma delas seja atribuído um significado. Neste estágio, as unidades de registro consistiram nos trechos das falas dos sujeitos, representadas pelos sobrenomes grafados em caixa alta seguida da abreviação dos prenomes.

As informações oriundas do processo avaliativo foram tipificadas sob os moldes da técnica de categorização. Para Bardin (2011) as categorias são rubricas/classes que reúnem unidades de registro sob um determinado título. Nesta sequência, a autora pontua que o ato de as reunir se dá pela reflexão e compreensão de suas afinidades temáticas, cuja discussão mediou-se pela intersecção das interpretações dos fragmentos textuais junto à literatura.

3 CIÊNCIA ABERTA

Participantes do movimento de ciência aberta argumentam que, para que a ciência funcione adequadamente e resulte nos devidos benefícios para toda a população humana, é essencial o livre acesso aos detalhes operacionais da prática científica (PEZZI, 2015, p. 169).

Contemporaneamente, testemunham-se avanços contínuos ocorridos em razão da anuência da OS, consolidando-a como campo de estudos da CI, no específico da CC por apresentar pautas relevantes, que objetivam expandir e atualizar constantemente a agenda. Estabelece-se recorrente objeto investigativo na CI, pois evidencia novo *modus operandi*, propondo a remodelação dos estágios – avaliação e divulgação – de produção científica.

Seu advento ganhou impulso a partir da popularização da internet (LIEVROUW, 2010). Embora esteja em constante ascensão, Hey *et al.* (2009) ressaltam que a OS não é um fenômeno recente, pois as discussões a respeito de sua abordagem ocorreram a partir da mudança paradigmática e adoção do modelo científico computacional focado na simulação de modelos complexos para a chamada e-Science, baseada no uso intensivo de tecnologias informacionais digitais e da internet.

Ainda que a CA não se configure como novidade, recentes desenvolvimentos tecnológicos adicionaram a ela nova dimensão. As tecnologias digitais constituem a base técnica para a forma contemporânea da ciência, permitindo aos cientistas socializar conhecimento e colaborar de maneiras antes impossíveis (SCHROEDER, 2008).

Albagli (2017, 2019) em diálogo com Laakso *et al.* (2011) explicam que a propositura da OS foi motivada, inicialmente, pelo benefício do acesso aberto, ocorrido a partir da última década do século XX em resposta à monopolização do conhecimento científico – exercido pelas editoras comerciais – período coincidente com o amadurecimento do regime de propriedade intelectual e privatização da produção científica que ocasionou a chamada crise dos periódicos. Os óbices por ela ocasionados são sumarizados por Allen e Mehler (2019), Heise e Pearce (2020), para quem, o interesse dos setores privados no uso e na retenção de descobertas acadêmicas impulsionou desequilíbrios ao sistema de CC, *deficits* nos sistemas de incentivos, aumento da pressão por publicações, precariedade financeira e ideológica das Bibliotecas, Centros de Ensino e Pesquisa, desafios na salvaguarda da autonomia acadêmica, falta de transparência e excesso de escândalos científicos, restrições de acesso, barreiras de reprodutibilidade, conclamando por mudanças substanciais na forma de condução do fazer científico.

Autores como Rios, Lucas e Amorim (2017) reforçam a ideia de que o surgimento de uma Ciência democrática, transparente, justa e direcionada à sociedade, ocorre após o fortalecimento do movimento de acesso aberto (*open access* ou OA) e, que a partir daí a comunidade científica passou a adotar uma filosofia aberta diante do alto volume de produção científica e a efervescente necessidade de consumi-la.

Silva e Tomáel (2009) referem que a confluência destes esforços determinou o protagonismo da filosofia aberta, oriunda dos conceitos de OA, arquivos abertos (*open archives*) e *softwares* livres (*open source*). As autoras reiteram que o uso dessas terminologias não é recente e representa movimentos implementados de modo significativo a partir do estabelecimento de tecnologias capazes de otimizar espaços de armazenagem e livre compartilhamento. A abertura dos processos de CC resulta na criação da CA, mediada pela evolução de suas *práxis* face à incorporação de intensiva infraestrutura tecnológica (SHINTAKU; SEABRA JUNIOR, 2019).

No entanto, a CA não possui conceito unívoco. A literatura do campo da CI e adjacências apresentam diversidade de acepções que fazem referência aos seus aspectos, contextualizações e funcionalidades. Sintetizar a OS constitui um dos copiosos dilemas da hodierna CC, cujas tentativas resultam em sua estrutura semiológica, tendo em vista que seu arcabouço ostenta abundantes iniciativas que estimam promover uma ciência acessível, colaborativa e célere.

Numa perspectiva semântica, para Fecher e Friesike (2014) a OS convoca entendimentos bastante contrários, abrindo infinidade de campos de atuação que vão desde a democracia da ciência, que eles defendem sobremaneira, até o estabelecimento de relações entre o campo acadêmico e o empírico.

Conforme as considerações emitidas pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a OS sugere alternâncias na forma de produção, sistematização, disseminação, reprodução e reutilização do conhecimento científico (FIOCRUZ, 2018). Segundo Nosek *et al.* (2015), trata-se de uma reforma para tornar as práticas científicas mais transparentes a fim de expandir a disponibilidade de dados, permitindo que sejam avaliados, utilizados e reutilizados.

Em artigo intitulado: *Open Science now: a systematic literature review for an integrated definition*, Vicente-Sáez e Martínez-Fuentes (2017) propõem rigoroso conceito para OS, mediante análise dos 75 artigos sobre a temática, extraídos da WoS e Scopus. Ao final, concluíram que se trata de conhecimento transparente e acessível, adquirido e socializado através de redes sociométricas formadas por pesquisadores, não pesquisadores e instituições. Apesar de atingirem o objetivo proposto, salienta-se que não há registros que oficializem esta predefinição no domínio científico, inclusive na CI.

A transparência é um dos atributos inerentes às ações desenvolvidas no seio da OS e, seu significado admite relações diversas. De acordo com Fecher e Friesike (2014), pode-se referir à publicização do processo de criação do conhecimento, identificação dos *referees*, bem como ao diálogo entre avaliador e avaliado durante ou após o procedimento de análise paritária, a relação da comunidade científica e seus desdobramentos junto à sociedade.

Por sua vez, a abertura constitui outro fator determinante para a consolidação da CA. Erroneamente empregada como sinônimo de transparência por refletir sua essência, detendo finalidades opostas, isto é, diz respeito ao acesso e suas consequências. À vista disso, Gallagher et al. (2020) partem do pressuposto de que o conhecimento é considerado aberto quando pode ser acessado, utilizado, modificado e compartilhado livremente, sujeito a medidas que preservem e referenciem sua procedência.

Para Albagli, Clinio e Raychtock (2014) a *open Science* pode então ser compreendida como um movimento de movimentos, abrigando várias frentes de atuação e pesquisa. Acerca disso, Spinak (2018) em nota ao *Blog Scielo em Perspectiva*, cita que seu complexo estrutural se fundamenta sob três eixos estratégicos: o acesso aberto, os dados abertos e a avaliação aberta.

Autores da CC internacional, a exemplo de Friesike et al. (2015), Hahnel (2015), Levin, Leonelli e Weckowska (2016) complementam a afirmativa do autor supramencionado, acrescentando três possibilidades ao seu escopo pragmático, a saber: *open educational resources* (recursos educacionais abertos), *open methodology* (metodologia aberta) e o *open source* (códigos de *softwares* abertos), totalizando seis vertentes.

Em linha similar de pensamento, Albagli (2019), Fecher e Friesike (2013, 2014), Ross-Hellauer (2017), utilizam-se da metáfora do guarda-chuva para se referir às modalidades (Quadro 5) deste novo fazer científico, que juntas formam a OS, tais como: *Open Access* (Acesso Aberto); *Open Data* (Dados Abertos); *Citizen Science* (Ciência Cidadã); OPR; *Open Source* (Código Aberto); *Open Notebooks* (Cadernos Abertos De Laboratório); *Open Educational Resources* (Recursos Educacionais Abertos) e a *Open Research* (Pesquisa Aberta).

Quadro 5 - Iniciativas da Ciência aberta

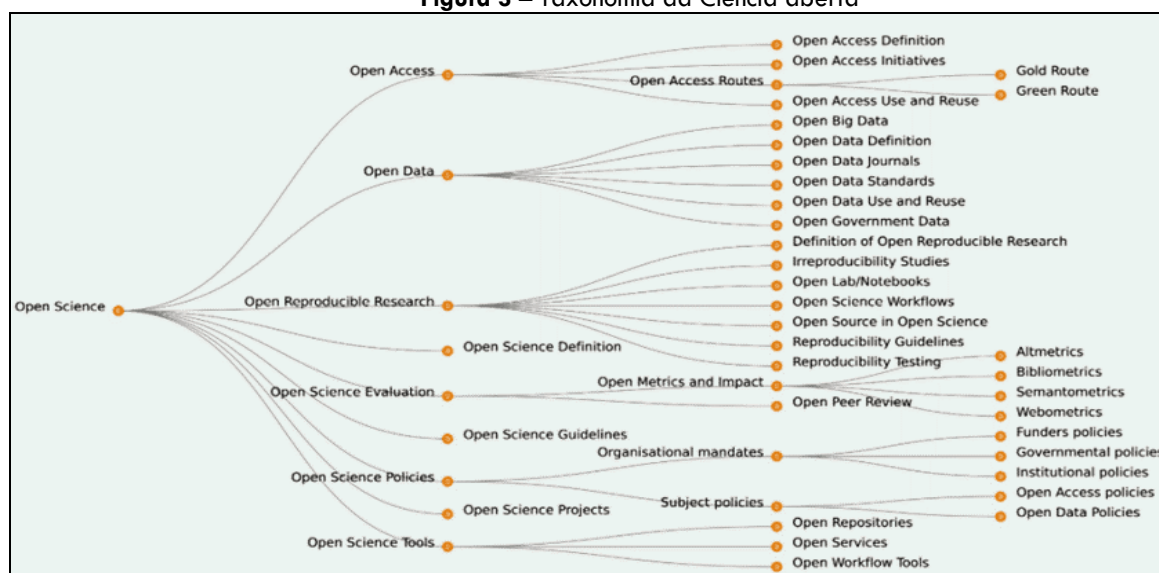
Iniciativa	Descrição
Acesso Aberto (<i>Open Access</i>)	Consiste na acessibilidade gratuita de informações científicas (publicações e dados). Envolve a Comunicação científica, Via verde com repositórios institucionais, Via dourada com repositórios científicos e Licenças Creative Commons
Dados Abertos (<i>Open Data</i>)	Consiste na disponibilidade de certos dados para uso e publicação de todos, sem restrições de direitos autorais e patentes ou outros mecanismos de controle. Envolve disponibilidade e acesso, reutilização e redistribuição, bem como a interoperabilidade.

Avaliação Aberta (Open Review)	Consiste no processo de abertura e divulgação dos nomes dos revisores de trabalhos submetidos a periódicos acadêmicos aos autores dos artigos em questão. Envolve avaliação da ciência, comunicação da ciência e revisão por pares.
Ciência Cidadã (Citizen Science)	Consiste numa cultura científica que integra o cidadão na coleta e análise de dados na pesquisa. Envolve tecnologias e instrumentos de uso pessoal para coleta de dados pela população.
Código Aberto (Open Source)	Consiste na promoção do licenciamento livre para modificação do produto, sem a necessidade de pagar uma licença comercial, promovendo um modelo colaborativo de produção intelectual. Envolve código-fonte de software, software livre, design e esquematização de produto e produção intelectual.
Caderno Abertos De Laboratório (Open Notebook Science)	Consiste na prática de tornar todo o registro primário de um projeto de pesquisa disponível publicamente on-line à medida que é registrado. Envolve a disponibilização de dados de laboratório, planos de projeto, protocolos e configurações experimentais, dados brutos e interpretações não filtradas.
Pesquisa Aberta (Open Research)	Consiste em divulgar, online e livremente, relatos da metodologia, bem como quaisquer dados ou resultados extraídos ou derivados deles. Envolve uma ampla e aberta colaboração entre grupos de pesquisa e população em geral.
Recursos Educacionais Abertos (Open Educational Resources)	Consiste em liberar para acesso e uso textos, mídias e outros ativos digitais úteis para o ensino, aprendizagem e avaliação, bem como para fins de pesquisa. Envolve recursos, simulações, demonstrações e objetos de aprendizagem.

Fonte: Silva, Ramalho, Garcia (2018)

Diante de um panorama de indefinições, a *Facilite Open Science Training of European Research* (Foster) propôs a construção de uma taxonomia composta pelas práticas que constituem o movimento de abertura da ciência, na tentativa de representar conceitualmente a OS, a partir de suas especificações. O desenvolvimento da ferramenta perpassou os seguintes objetivos: 1) mapear o campo sob a perspectiva de abertura das etapas de CC, oferecendo uma representação fidedigna em torno do open Science; 2) apresentar a performance da OS a partir da sistematização das terminologias e fragmentações de suas práticas, estabelecendo relacionamentos semiológicos entre seus descritores (FOSTER, 2015; PONTIKA *et al.*, 2015). Ao final, a disposição do modelo compreende nove facetas principais – *open acess, open data, open reproducible research, open Science definition, open Science evaluation, open Science Guidelines, open Science policies, open Science projects* e *open Science tools* – acompanhada de 35 subdivisões.

Figura 3 – Taxonomia da Ciência aberta



Fonte: Foster (2015)

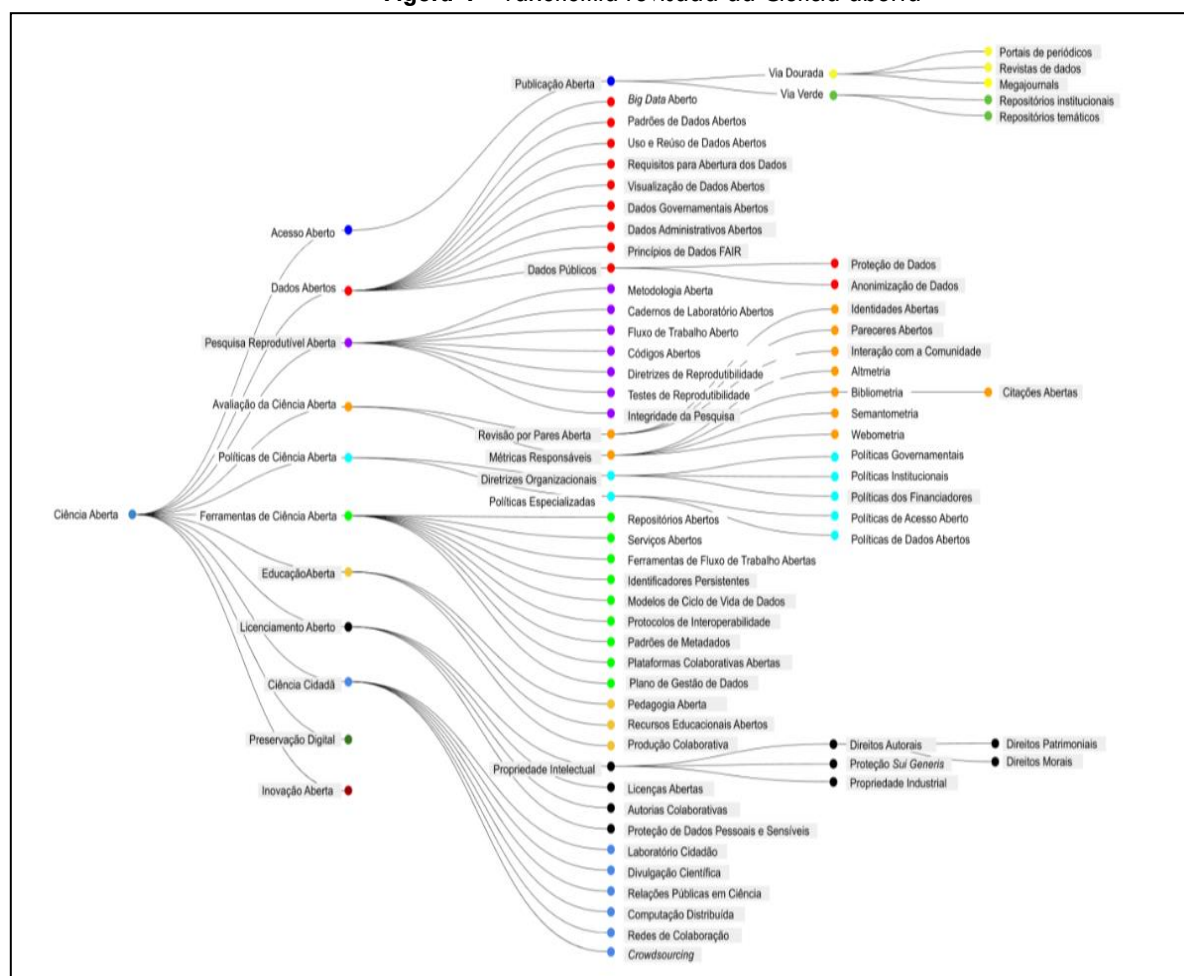
Em 2020, pesquisadores brasileiros propuseram a construção de nova versão para a taxonomia desenvolvida pela Foster. O projeto envolveu pesquisadores do ramo da CC, sendo três doutorandos e um aluno do curso de mestrado, pertencentes à CI, Comunicação, Gestão e Organização do Conhecimento junto a seis professores, filiados às escolas de pós-graduação da UFPB, Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Para o desenvolvimento da nova versão, o procedimento ocorreu a partir da sistematização das seguintes etapas: 1) revisão da literatura, composta por 158 artigos sobre OS, cuja baliza temporal de publicação correspondeu ao período de 2015 a 2019, visando angariar terminologias e conceitos sobre OS; 2) estabelecimento de cores para cada faceta da taxonomia e suas ramificações hierárquicas e 3) tradução dos termos para o idioma vernáculo (SILVEIRA *et al.*, 2021).

A partir da identificação dos conceitos, os autores perceberam que a CA envolve concepções específicas e interdependentes, a saber: 1) filosófica: ética, integridade e transparência; 2) social: ciência cidadã, redes colaborativas e democratização da informação; 3) científica: uso, reuso, reprodutibilidade e replicabilidade; 4) tecnológica: rastreabilidade e interoperabilidade; 5) política: desenvolvimento de legislações e políticas públicas em prol da Ciência aberta; 6) econômica: relativas ao investimento econômico, infraestruturas de comunicação,

negociações de acesso à informação entre países (SILVEIRA *et al.*, 2021). Posteriormente, foram inseridas seis novas facetas e 47 rótulos (Figura 4).

Figura 4 – Taxonomia revisada da Ciência aberta



Fonte: Silveira *et al.* (2021)

A partir de outra revisão teórica, Fecher e Friesike (2013, 2014) visualizaram múltiplos padrões de argumentação, através dos quais formam diferentes correntes teóricas, tituladas de escolas do pensamento da OS. Compreendem que a partir desta compilação é possível contemplar e depreender os princípios e ideologias predominantes no discurso deste *modus operandi*, pelos quais sinalizam novos rumos para a pesquisa e seus compositores.

Quadro 6 - Dinâmica das escolas do pensamento da Ciência Aberta

Escola	Premissa	Público-alvo	Iniciativa
Democrática	Disponibilizar o conhecimento científico para todos	Cientistas, políticos e cidadãos	Acesso Aberto, Código Aberto, Direitos Autorais e Propriedade Intelectual

Pública	Tornar a ciência disponível para os não cientistas	Cientistas e cidadãos	Ciência Cidadã
Infraestrutura	Criação e disponibilização de plataformas abertas, ferramentas para cientistas	Cientistas e provedores	Plataformas e ferramentas de compartilhamento
Pragmática	Transparecer o processo de criação e socialização do conhecimento	Cientistas e cidadãos	Ciência Cidadã, Dados Abertos e Código Aberto
Métricas	Desenvolver e utilizar mecanismos para verificação do impacto científico	Cientistas e políticos	Métricas de Produção Científica, Avaliação Aberta pelos Pares e Fatores de Impacto

Fonte: Adaptado de Fecher e Friesike (2013, 2014)

A partir das ações e aspectos da CA é possível visualizar seus benefícios à sociedade, à comunidade científica, às agências de fomento e aos pesquisadores. Para Padilha e Barbosa (2019), sua missão é a de conter os óbices que permeiam as práticas editoriais, acelerando a divulgação dos resultados de pesquisa através do auto arquivamento do manuscrito em repositórios temáticos, alinhados à dinâmica formal de comunicação da Ciência. Analogamente, Silva, Ramalho e Garcia (2019) julgam a OS como fator que desobstrui barreiras informacionais ao conhecimento científico e suas nuances.

No que condiz ao conceito de transparência e abertura, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2019) cita os benefícios deste movimento para a comunidade acadêmica: 1) preserva e valoriza a pesquisa; 2) promove acesso aberto à ciência; 3) possibilita a encontrabilidade, acessibilidade, interoperabilidade e reuso de dados; 4) protege a propriedade intelectual; 5) proporciona reconhecimento ao investigador; 6) estimula a criatividade e inovação; 7) dilata o impacto das publicações; 8) promove a responsabilidade social científica; 9) promove a transparência das etapas do processo científicos; 10) envolve sociedade e nações no processo de criação do conhecimento em prol de causas sociais.

Em se tratando de benefícios para os setores científicos, econômicos e sociais, Inomata (2019) pontua que: permite aos acadêmicos basearem-se em dados anteriormente divulgados, evitando duplicação de esforços; acelera inovações oriundas de achados científicos, contribuindo para o avanço mercadológico; torna a investigação acessível e participativa aos cidadãos e às organizações sem fins lucrativos, aumentando a transparência de seus dados. Em complemento ao autor, Martins (2019, p. 4) direciona as benesses da OS para os seguintes partícipes do processo:

1. **Pesquisadores:** aumenta a visibilidade das suas pesquisas, o seu reconhecimento pessoal, sua reputação e sua credibilidade; aumenta a possibilidade de encontrar novas parcerias de pesquisa, a probabilidade de obter financiamentos, a probabilidade de que o público em geral acessará

- sua pesquisa e, potencialmente, aumenta o número de citações e atenção por parte da mídia;
2. **Comunidade científica:** diminui os custos operacionais de coleta, tabulação e manipulação de dados de pesquisas, aumenta a colaboração entre agentes que coletam dados e agentes que utilizam dados, aumenta a possibilidade de se replicar pesquisas publicadas e auxilia a elaboração de materiais didáticos de pesquisa;
 3. **Financiadores:** ajuda a entender e a controlar a alocação dos recursos, públicos e privados, destinados à pesquisa e avaliar o seu retorno econômico; também diminui a probabilidade de gastos em pesquisas ou experimentos duplicados ou muito semelhantes;
 4. **Público em geral:** ajuda os agentes decisores a formular melhores e mais eficientes políticas públicas e a melhorar o debate político; além disso, aumenta o direito democrático de acesso a dados e conhecimento por parte de todos os participantes da sociedade, o que permite maior engajamento do público na atividade científica.

Sobre fatores contrários, Koerber (2021), bibliotecária da Universidade do Texas, em seu artigo nominado “*fake news* ou Ciência aberta: comunicação científica em tempos de COVID-19”, emite forte crítica ao movimento que ora decorre, baseada na falta de rigor com que os *preprints* estão submetidos ao *bioRxiv*. A autora menciona o caso de um estudo publicado no referido RT em janeiro de 2020, a partir do qual originou a teoria da conspiração de que o *Sars-Cov-2* se originou em laboratório através de engenharia genética e que possui semelhanças quando comparado ao vírus da imunodeficiência humana (HIV).

No que se refere aos posicionamentos antagônicos, destacam-se: comportamentos antiéticos e aumento de discussões alicerçadas em ideologias frente à disponibilização de dados e materiais de pesquisa; interpretações e críticas errôneas emitidas por não pesquisadores acerca de pesquisas científicas, quando disponibilizadas antes do procedimento formal de publicação; acesso a dados de pesquisas por não especialistas e não cientistas resultam em análise, conclusões precipitadas e indevidas; conflitos e perseguições em caso de resoluções editoriais contrárias às expectativa dos autores; comprometimento da qualidade dos artigos mediante realização de avaliações baseadas em relações de interesse ou atitudes afáveis por parte dos *referees* (CAMARATA, 2019; MARTINS, 2019).

Embora esteja intimamente relacionada às atividades que regem os feitos científicos promulgados pelo meio acadêmico e o comportamento de sua população, pontua-se que a OS e seus desdobramentos repercutem em constantes discussões no cenário político e econômico. Deste modo, Gallagher *et al.* (2020) asseveram que organizações educacionais e intergovernamentais mundialmente reconhecidas, *exempli gratia*: Comissão Europeia, Parlamento Europeu, Conselho Europeu, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), reconhecem a

pertinência da OS enquanto estratégia para o enfrentamento dos óbices sociais – mudanças climáticas, emergências de saúde, alimentação sustentável, combate à desigualdade, direitos humanos, etc. – ocorridos em pleno século XXI.

Através do editorial “ciência aberta como instrumento de democratização do saber”, Albagli (2017) assevera que a difusão da OS envolve os seguintes atores e graus de intermediação; 1) pesquisador individual, suas práticas investigativas e o compartilhamento de seus resultados; 2) ambientes mesoinstitucionais (instituições de ensino, pesquisa, editoras públicas e privadas, agências de financiamento e periódicos científicos), suas políticas e normas; 3) macro ambientes institucionais (entidades políticas) nacionais e internacionais, recursos legislativos por eles elaborados, pelos quais regulamentam ações que promulguem acesso à informação, abertura de dados e demais aspectos.

Por esta razão, atuam alvissareiramente no desenvolvimento de programas e diretrizes que visam efetivar mecanismos em benefício do interesse científico e tecnológico que atenda as demandas e necessidades da coletividade. Assim sendo, as políticas de Ciência aberta visam firmar estratégias e ações que promovam princípios e o reconhecimento de suas práticas (SILVEIRA *et al.*, 2021). Em complemento aos autores, Foster (2015) atesta que:

As políticas iniciais tinham como objetivo impor uma divulgação aberta dos resultados da investigação com base na ideia de que os resultados obtidos a partir de investigação financiada com fundos públicos deveriam estar disponíveis ao público sem qualquer restrição. O escopo das políticas se amplia, podendo identificar políticas nacionais que promovam práticas de Ciência aberta em qualquer etapa da pesquisa. Além disso, é possível encontrar disposições específicas em leis, regulamentos ou diretrizes.

Em janeiro de 2004, os ministros da Ciência e Tecnologia (C&T) dos países filiados à OECD reuniram-se em Paris para discutir a necessidade de estipular diretrizes globais acerca do acesso aos dados de pesquisa e, a partir deste colóquio, reconheceu-se a urgência de sua disponibilização (OECD, 2007).

Posteriormente, em 2007, lançou-se o relatório “*principles and Guidelines for access to research data from public funding*”, cujos princípios (Quadro 7) visam nortear organizações, representantes políticos, instituições de pesquisa e financiamento a superar empecilhos de compartilhamento e uso de dados de pesquisa (OECD, 2007).

Quadro 7 – Princípios para disponibilização de dados delineados pela OECD

Princípios	Descrição
Abertura	Acesso em igualdade de condições para a comunidade internacional de pesquisa com o menor

	custo possível, de preferência não superior ao custo marginal de disseminação. O acesso aberto aos dados de pesquisa de financiamento público deve ser fácil, oportuno, amigável e, de preferência, baseado na Internet.
Flexibilidade	Exige que se leve em consideração as mudanças rápidas e muitas vezes imprevisíveis nas tecnologias da informação, as características de cada campo de pesquisa e a diversidade dos sistemas de pesquisa, sistemas jurídicos e culturas de cada país membro. Implicações nacionais, sociais, econômicas e regulatórias específicas devem ser consideradas quando as organizações desenvolvem acordos de acesso a dados de pesquisa e quando os governos desenvolvem políticas para promover o acesso aos dados e revisar a implementação desses Princípios e Diretrizes.
Transparência	As informações sobre os dados de pesquisa e as organizações produtoras de dados, a documentação sobre os dados e as especificações das condições associadas à utilização desses dados devem estar disponíveis internacionalmente de forma transparente, de preferência por meio da Internet.
Conformidade Legal	Os arranjos de acesso a dados devem respeitar os direitos legais e os interesses legítimos de todas as partes interessadas no empreendimento público de pesquisa.
Proteção à Propriedade Intelectual	Os arranjos de acesso a dados devem considerar a aplicabilidade dos direitos autorais ou de outras leis de propriedade intelectual que podem ser relevantes para bancos de dados de pesquisa com financiamento público.
Responsabilidade Formal	Os arranjos de acesso devem promover práticas institucionais formais e explícitas, como o desenvolvimento de regras e regulamentos, com relação às responsabilidades das várias partes envolvidas nas atividades relacionadas a dados. Essas práticas devem referir-se à autoria, créditos do produtor, propriedade, disseminação, restrições de uso, arranjos financeiros, regras éticas, termos de licenciamento, responsabilidade e arquivamento sustentável.
Profissionalismo	Os arranjos institucionais para a gestão de dados de pesquisa devem ser baseados nos padrões e valores profissionais relevantes incorporados nos códigos de conduta das comunidades científicas envolvidas.
Interoperabilidade	Consideração chave para permitir e promover o acesso internacional e interdisciplinar e o uso de dados de pesquisa. Os arranjos de acesso devem dar a devida atenção aos padrões internacionais de documentação de dados relevantes. Os países membros e as instituições de pesquisa devem cooperar com as organizações internacionais encarregadas de desenvolver novos padrões.
Qualidade	Os gerentes de dados e as organizações de coleta de dados devem prestar atenção especial em garantir a conformidade com os padrões explícitos.

Segurança	Os dados, juntamente com metadados e descrições relevantes, devem ser protegidos contra perda intencional ou não intencional, destruição, modificação e acesso não autorizado em conformidade com protocolos de segurança explícitos.
Eficiência	Um dos objetivos centrais da promoção do acesso e compartilhamento de dados é melhorar a eficiência geral da pesquisa científica com financiamento público para evitar a duplicação dispendiosa e desnecessária dos esforços de coleta de dados.
Sustentabilidade	As agências de fomento à pesquisa e as instituições de pesquisa, portanto, devem considerar a preservação de longo prazo dos dados no início de cada novo projeto e, em particular, determinar as instalações de arquivamento mais adequadas para os dados.
Mensurabilidade	O desempenho dos arranjos de acesso aos dados deve estar sujeito à avaliação periódica por grupos de usuários, instituições responsáveis e agências de fomento à pesquisa.

Fonte: OECD (2007)

Na mesma esteira ideológica, a *Royal Society*, Londres, publicou em 2012 um relatório titulado: “*science as an open enterprise*” objetivando analisar o impacto das tecnologias emergentes que intermediam o surgimento de novos moldes de produção e CC. Neste documento foram estabelecidas dez recomendações para os cientistas, centros de pesquisas e universidades, instituições de caridade, revistas científicas, governos e representantes do povo.

1. Os cientistas devem comunicar os dados que coletam e os modelos que criam, para permitir o acesso livre e aberto, e de maneiras que sejam inteligíveis, avaliáveis e utilizáveis por outros especialistas nas mesmas áreas ou em campos relacionados, onde quer que estejam no mundo;
2. Universidades e institutos de pesquisa devem desempenhar um papel importante no apoio a uma cultura de dados abertos;
3. A avaliação da pesquisa universitária deve recompensar o desenvolvimento de dados abertos na mesma escala que artigos de periódicos e outras publicações, e deve incluir medidas que recompensem as formas colaborativas de trabalho;
4. Sociedades eruditas, academias e órgãos profissionais devem promover as prioridades da ciência aberta entre seus membros e buscar garantir o acesso aberto financeiramente sustentável para artigos de periódico;
5. Os Conselhos e Instituições de Caridade de Pesquisa devem melhorar a comunicação de dados de pesquisa dos projetos que financiam, reconhecendo aqueles que podem maximizar a usabilidade e uma boa comunicação de seus dados;

6. Como condição de publicação, as revistas científicas devem exigir que os dados do qual o argumento do artigo depende deve ser acessível, avaliável, utilizável e rastreável por meio de informações no artigo;
7. Os setores da indústria e os reguladores relevantes devem trabalhar juntos para determinar as abordagens de compartilhamento de dados, informações e conhecimento de interesse público;
8. Os governos devem desenvolver políticas para a divulgação de dados científicos que complementem as políticas de dados governamentais abertos;
9. Os conjuntos de dados devem ser gerenciados de acordo com um sistema de governança proporcional
10. Em relação à proteção e segurança, os protocolos de boas práticas e de compartilhamento de informações baseadas em padrões comerciais existentes devem ser adotados de forma mais ampla.

Em “*políticas de Ciência abierta en Europa*”, Ernest Abadal em companhia de Lluís Anglada realizam a análise e a categorização das políticas de Ciência aberta vigentes naquele território. Segundo os autores, os referidos documentos representam o interesse do governo por este novo modelo de pesquisa, haja vista que a regência europeia atende à seguinte classificação: recomendações, planos estaduais e textos legais (ABADAL; ANGLADA, 2021). A este respeito, Costa (2019, p. 17) reafirma que “as políticas para serem um forte instrumento de promoção da OS devem ter caráter mandatório, estabelecer responsabilidades e prever formas de monitoramento”. Deste modo, apresenta-se a seguir, as políticas vigentes no âmbito europeu.

A *Comisión Europea* (2017), submeteu à aprovação de seus representantes duas recomendações para consolidação do movimento de abertura da Ciência. A primeira que tem por título: “*recomendación (UE) 2018/790 de la Comisión de 25 de abril de 2018 relativa al acceso a la información científica y a su preservación*”, propunha traçar sugestões acerca do acesso aberto e da curadoria de dados científicos, adaptando-as à atual conjuntura científica, permeada pelo recorrente processamento de dados, com vistas à consolidação da transparência das práticas de CC no domínio europeu.

A segunda, denominada de “*Open Science Policy Platform Recommendations*”, estruturada sobre oito eixos temáticos – reconhecimento e recompensas, indicadores de avaliação científica, acesso aberto, princípios *findable, accesible, interoperable, reusable* (Fair), integridade, formação, educação e ciência cidadã – na perspectiva de encaminhar a Comissão Europeia no decorrer do processo de implantação de ações pertinentes à OS (COMISIÓN EUROPEA, 2018).

Dentre os países da Europa, apenas a França, Holanda e Eslovênia apresentaram planos estratégicos visando a implantação da Ciência aberta aos seus respectivos cotidianos político e econômico. Em se tratando da França, seu projeto estatal foi desenvolvido em 2016 pelo Ministério da Educação, Pesquisa e Inovação, perpassando três vertentes estratégicas: acesso às publicações

científicas, abertura de dados de pesquisa e inserção da sociedade francesa ao contexto infocomunicacional global (FRANÇA, 2016).

O governo esloveno, por sua vez, determinou em 2015 uma estratégia de acesso aberto e dados de natureza científicas, estabelecendo que em caso de publicações financiadas com dinheiro público sejam disseminadas em repositório institucional (RI) no prazo de seis meses e, em caráter imediato em caso de publicação via periódico (ESLOVÊNIA, 2015).

Desenvolvido em 2017, o plano finlandês baseia-se na cooperação institucional entre os atores envolvidos na pesquisa e na promoção da OS, a exemplo de bibliotecas, centros de documentação, universidades e frentes governamentais a fim de que o acesso aberto à produção científica e aos conjuntos de dados sejam adequados para uso e reuso e o fazer científico seja reconhecido e recompensado através do sistema de avaliação científica (FINLÂNDIA, 2017).

Ressalta-se, ainda, o protagonismo da Universidade do Minho (UMinho), enquanto pioneira no cenário internacional a emitir diretrizes para pesquisadores e acadêmicos quando da proposta de auto arquivamento da produção científica local em RI digital, veículo que demarca a ascensão do acesso aberto.

No que tange ao cenário brasileiro, Clinio (2019) afirma que não há uma política macro de CA, mas registram-se iniciativas alvitadas por instituições de ensino e pesquisa, motivadas pela tentativa de se adequarem às exigências dos órgãos de incentivo à pesquisa. Deste modo, destacam-se: as diretrizes de acesso aberto, promulgadas pela Fiocruz, em 2014, determinando acesso público e gratuito ao conteúdo intelectual produzido em suas dependências através do RI e periódicos científicos. Publica em 2020 a política de gestão, compartilhamento e abertura de dados de pesquisa, cujas orientações são categorizadas a partir dos respectivos pressupostos: 1) interesse público; 2) gestão, compartilhamento e abertura dos dados; 3) marcos regulatórios; 4) desenvolvimento de capacidade e sustentabilidade.

Ações em torno da CA são produzidas pelas instituições educativas no Brasil, a exemplo disso menciona-se a criação do repositório de dados científicos da Universidade de São Paulo (USP), desenvolvido a partir da parceria entre a Pró-Reitoria de Pesquisa (PRP) e a Superintendência de Tecnologia da Informação (STI), através do qual pesquisadores submetem os conjuntos de dados oriundos de suas coletas e análises, garantindo que outros pesquisadores tenham acesso e possam reutilizá-los em pesquisas futuras, atendendo exigências da Fundação Amparo de Pesquisa de São Paulo (Fapesp) (USP, 2021).

Por seu turno, a Fundação Serrapilheira em São Paulo – organização sem fins lucrativos cuja missão se pauta em instigar a pesquisa e suas segmentações – desenvolveu, em 2019, o guia

de boas práticas investigativas direcionadas à conjuntura da CA. Objetiva conduzir os cientistas brasileiros no decorrer da elaboração de projetos, realização de experimentos, análise do conjunto de dados científicos e publicação de seus resultados. Verifica-se que a implementação da OS ocorre em pequenos passos, em determinadas instituições e países, havendo ainda muito a ser feito, desenvolvido e conquistado.

3.1 Revisão Aberta por Pares

A avaliação por pares constitui parcela indispensável à práxis científica, portanto participa do protocolo científico em todas as instâncias, quer seja na seleção de projetos submetidos a órgãos de fomento à pesquisa, subvenção de verbas institucionais para programas de pós-graduação, institutos de pesquisa, obtenção de bolsas de estudo na modalidade discente e pesquisadores por produtividade, bancas examinadoras de trabalhos de conclusão de curso e/ou na triagem de trabalhos remetidos para eventos e revistas acadêmicas (MUELLER, 1994; NICHOLSON; ALPERIN, 2016; WERLANG, 2013). Diante do rol de atribuições cabe um adendo em alusão ao objeto de estudo desta pesquisa, as discussões empreendidas no decorrer do texto limitar-se-ão às avaliações realizadas na esteira de periódicos científicos.

O sistema arbitrário mostra-se fortemente consolidado em razão de sua eficácia, contributos multidisciplinares às Ciências e seus atores, popularizando-se na literatura científica pelos termos: avaliação pelos pares, oriunda do inglês *peer review* (ZUCKERMAN; MERTON, 1971), análise ou revisão paritária (LEITE, 2018; MUELLER, 2006), *referee system* (WERLANG, 2013), escrutínio (KELLY; SADEGHIEH; ADELI, 2014), *feedback* (WALKER; SILVA, 2015), exame editorial por pares ou exame por pares (PATRUS; DANTAS; SHIGAKI, 2016), padrão ouro e de qualidade (DENSON, 2017), coração das revistas científicas (DONATO, 2017), controle de qualidade (JANA, 2019) e marcador de qualidade (TENNANT; ROSS-HELLAUER, 2020).

A revisão trata da análise crítica formulada por especialistas a respeito dos aspectos de conteúdo e forma dos manuscritos remetidos para publicação em periódicos científicos (JOB, MATTOS, TRINDADE, 2009). Estes indivíduos são denominados pares, cuja conotação remete a ideia de semelhança e/ou equivalência. Parte-se do princípio de que pertencem ao mesmo domínio de conhecimento e pesquisam sobre temáticas análogas ou satélites às abordadas no artigo enviado pelo submetente. Por esta razão, Cleusa Pavan em companhia de Ida Stumpf (2009), comentam que os pares estão respaldados a emitir opiniões confiáveis por efeito de sua experiência como pesquisador, bem assim de referência na temática.

Ao estudar a institucionalização da *peer review* entre os anos 1975 e 2016, Leite (2018) cita que os avaliadores recebem o nome de consultores, analistas, examinadores, pareceristas, e juízes, termos que provêm do inglês *referees*. Segundo a autora, são vinculados ou não ao conselho consultivo da revista, filiados à mesma instituição e/ou ao departamento cujo periódico que prestam serviço encontra-se situado, efetuando ofício de modo fixo ou circunstancial quando convocados pelo editor-chefe. Essa tônica é também abordada por Lee *et al.* (2013), para quem, os avaliadores selecionados não podem estar intimamente associados às pessoas cujos manuscritos estão sendo revistos na tentativa de evitar possíveis aprovações baseadas em conchavos.

Quanto às atribuições dos avaliadores, Zuckerman e Merton (1971), autores clássicos da temática, os enxergam como guardiões responsáveis por garantirem que as tradições e bons costumes da prática investigativa sejam perpetuados. Nassi-Calò (2015b) as relaciona com o ato de expor a diferença entre o joio do trigo. Detalha que a incumbência dos especialistas se pauta na recomendação de melhorias e formulação de sugestões que enriqueçam o texto, garantindo qualidade do que posteriormente será publicado. Smith (2006), ao comungar de tais predicativos, direciona sua atenção para os aspectos éticos da CC. Para ele, deve-se eliminar fragilidades e/ou conduta incorreta concernente ao trabalho.

Tendo em vista que os fins apregoados pelos autores remetem à natureza colaborativa do processo, Stumpf (2008), Ware (2008) e Werlang (2013) seguem a mesma linha, admoestando que a finalidade do sistema não se limita aos resultados que perfazem as decisões editoriais, pois recai sobre os avaliadores a incumbência de educar/formar pesquisadores que, posteriormente, produzirão de maneira assertiva com base nos *feedbacks* contidos no corpo dos pareceres.

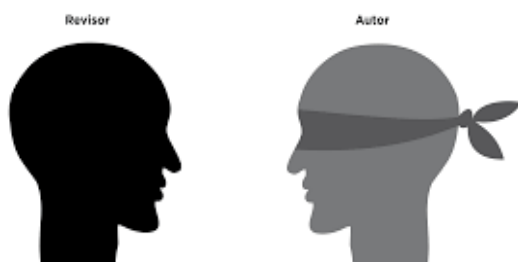
O modelo contemporâneo de CC lista dois padrões de revisão, nomeados de tradicionais, clássicos e convencionais, são eles: semi-cego (*single-blind review*) e duplo cego (*double-blind review*), rotulados por Ross-Hellauer e Görogh (2019, p. 5) como seletivos (seleção de examinadores a partir do campo temático), sigilosos (identidades parcialmente ou literalmente ocultas) e confidenciais (censura dos relatórios avaliativos) limitando-os ao conhecimento dos escritores. Conforme Walker e Silva (2015) a revisão anônima é definida por sete características:

- Avalia a adequação de um manuscrito para publicação e fornece *feedback* aos autores, ajudando-os a melhorar a qualidade de seus manuscritos;
- Segue procedimentos formais e critérios de avaliação;
- Ocorre antes da publicação;
- É altamente seletivo;
- Avalia manuscritos em termos de novidade, “importância para o campo” e “interesse para um público amplo”;

- É conduzido por um pequeno número de revisores especialistas selecionados pelo editor, cujos nomes não são revelados aos autores ou leitores, e que fazem suas avaliações sem qualquer interação direta entre si ou com os autores;
- Conclui com uma decisão de publicação tomada pelo(s) editor(es).

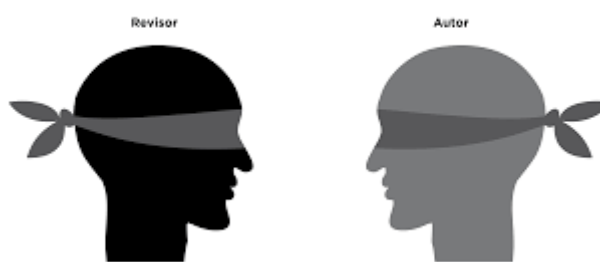
Realizada predominantemente nos periódicos de Ciências Médicas, da Saúde, Biológicas e Exatas, a arbitragem semi-cega ou simples-cega (Figura 5) caracteriza-se pelo obscurecimento dos dados pessoais e institucionais do avaliador ou de qualquer informação que ocasione seu reconhecimento, à medida que os avaliadores tomam conhecimento das identidades do(s) autor(es) ainda que parcialmente. Em compensação, a revisão por dupla obscuridade, titulada de duplo-cega (Figura 6) ganha espaço nas Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais Aplicadas, ancorando-se na recíproca anonimização dos predicados que os caracterizem. Todavia, é preciso compreender que o cariz sigiloso da avaliação por pares vai além das qualidades do indivíduo, estendendo-se a qualquer elemento situado no corpo do artigo que faça referência à(s) pessoa(s) que o desenvolveu(ram) (VARELLA, 2020).

Figura 5 – Simulação do modelo simples-cego
Simples-cego



Fonte: ANGRAD (2020)

Figura 6- Simulação do modelo duplo-cego
Duplo-cego



Fonte: ANGRAD (2020)

O anonimato na CC, segundo Rennie (1999) é parte constituinte dos antecedentes da avaliação paritária no século XVII, consolidando-se previamente ao desfecho da Segunda Guerra Mundial como forma de gerenciar a crescente demanda de trabalhos recebidos. Lilian Nassi-Calò (2019) confirma o discurso do Rennie, detalhando que a *blind review* efetivou-se por volta de 1940 por iniciativa dos periódicos *Science*, *Nature Communications* e o *Journal of the American Medical Association*, focalizando a unilateralidade do anonimato em benefício do avaliador. No entanto, a autora explica que posteriormente resolveu-se suprimir os dados pessoais e de afiliação dos pesquisadores, visando práticas mais justas.

Prerrogativas secundárias são atribuídas à confiança da etapa de verificação e acerca disso os expoentes mostram-se favoráveis e dissonantes à sua performance. A literatura demonstra que o sistema arbitrário convencional, desde quando instaurado, oferece contributos à ciência e a seus atores, apresentando justificativas que legitimem e perpetuem a execução. Com relação à parcialidade da confiança, argumenta-se que os nomes e os endereços institucionais dos *referees* não são relevados a fim de permitir que as críticas sejam elaboradas livremente e sem temor, ameaças ou retaliações providas dos pesquisadores (CASSELA, 2010; NASSI-CALÒ, 2015b; WALKER; SILVA, 2015; WARE, 2008).

Para os casos em que a dupla obscuridade se faz presente, justifica-se que assegura a credibilidade dos originais, porquanto a identidade do autor e sua posição no campo científico não influenciará na tomada de decisão (JENAL *et al.*, 2012; PAPANAS; MIKHAILIDIS, 2022; WARE, 2008). Relata-se que quando os dados dos autores estão incógnitos, os revisores direcionam tempo e energia para analisar o conteúdo do *paper*, descartando a possibilidade de serem afetados por observações tendenciosas. Com base nos estudos de revisão por pares, são pontos favoráveis a este modelo arbitrário, a) prestígio para autores, cujos artigos foram publicados em revistas que aderem o *peer review*; b) veto para que avaliadores/autores de prestígio dominem o processo; c) reconhecimento da produção acadêmica por órgãos e instituições de fomento à pesquisa (ARMSTRONG, 1998; DE COUSEY, 1999; SMIT, 2006).

Ainda que as alegações em favor da *blind review* estejam teoricamente fundamentadas, demonstrando que a ocorrência do processo prima pela comodidade e segurança pessoal dos partícipes, partidários da OS há tempos refutam tais alegações, contra argumentando a partir de evidências que o sistema de revisão da ciência é passível de fraudes e necessita reformulações imediatas. Ao analisar a ocorrência destes eventos no âmbito da CC, Tennant e Ross-Hellauer (2020) concluem que a ocorrência de vieses na revisão pelos pares provavelmente não será erradicada, tendo em vista que o procedimento é conduzido por humanos. Por esta razão, autores listam uma série de reveses que resvalam e podem comprometer o progresso dos autores, avaliadores, dos periódicos e da própria ciência.

Nesta acepção, Walker e Silva (2015) mencionam o não cumprimento de prazos de revisão como fator primordial que resulta no desaceleramento do progresso científico do pesquisador e do veículo de comunicação. A partir desta fala, faz-se oportuno observar possíveis aspectos que motivam a procrastinação dos pareceres. A produção acadêmica constitui capital intelectual e científico que desempenha papel fundamental na carreira de um pesquisador, conferindo-lhe prestígio, legitimidade, autorialidade acadêmica, como a possibilidade de angariar patrocínio

junto aos órgãos de fomento para que pesquisas futuras possam ser realizadas (NEYLON, 2018) e neste caso o aval dos especialistas aferiria a viabilidade do conteúdo, redundando na expansão dos resultados.

Botomé (2010), em concordância com Rennie (1999), utiliza a expressão “faca de dois gumes” para elucidar a dualidade do anonimato frente às atitudes de quem dele se beneficia. Para estes, evita-se acúmulo de inimigos, especialmente em se tratando da probabilidade de pesquisadores expoentes perseguirem sutilmente avaliadores neófitos quando discordâncias múltiplas aparecem na decisão editorial.

Em se tratando do comportamento dos árbitros em relação aos autores, Ross-Hellauer, Deppe e Schmidt (2017) e Walker e Silva (2015) citam os tipos de vieses que se caracterizam em sociais e cognitivos. Os vieses sociais repercutem quando os marcadores sociais da diferença – gênero, localização institucional e posição política – influenciam no julgamento e na tomada de decisão. Uma estimativa realizada por Margaret Lloyd, no início da década de 90 verificou que revisores do sexo feminino aceitaram significativamente (62%) mais artigos produzidos por mulheres do que 21% assinados por pesquisadores homens.

Meadows (1999) questões acerca de vieses podem ser dirigidas aos indivíduos em razão de suas afiliações. Neste caso, Lutz Bormann e Hans Daniel, em 2009, estudaram o processo de avaliação da *Angewandte Chemie International Editor* (ACIE) a partir das recomendações dos *referees* e da decisão dos gestores editoriais a fim de localizar *bias* possíveis. Ao final, os resultados mostraram que o número e a menção das afiliações nos agradecimentos e o quantitativo de admissões institucionais situadas na região germânica constituíram fonte de vieses para que apenas artigos de autores situados em entidades dessas redondezas fossem aprovados.

O *status* ou influência de um autor reflete nas recomendações dos revisores, porque podem considerar o histórico em vez de julgar isoladamente o mérito acadêmico do indivíduo pela qualidade da produção dos manuscritos (JELINEK *et al.*, 2000). Nesta sequência, os autores em companhia de Obokata *et al.* (2014) afirmam que a revisão clássica falha na detecção de erros de metodologia. Ainda sobre a insuficiência do *blind review*, para Travis e Collins (1991), trata-se de método não transparente, colocando editores em posição de tomar decisões injustas sobre o processo, com base nas recomendações de avaliadores favoráveis ou não a determinada tese, assunto ou menção autoral, fatores que podem resultar em índices elevados de rejeição.

As falibilidades deferidas pelo anonimato – características mor do sistema convencional de avaliação – motivaram a propositura do movimento pró transparência, iniciado no final da década de 60, demarcada pela simultaneidade de pesquisas teóricas que abordaram a ineficiência de

ordem ética e prática do obscurecimento do processo, inclui relatos de experiências insatisfatórias sejam relacionadas à postura dos *referees* ou a omissão dos editores em referência ao conteúdo dos pareceres e, não menos relevante, ao empreendimento de *surveys* que compilaram opiniões opostas e partidários à abertura da caixa preta da revisão.

Associado a estes fatores, Ford (2013, p. 2, tradução nossa) diz que cenário da publicação acadêmica e de seu controle de qualidade acompanham os efeitos da inovação tecnológica. À luz destes eventos, “ampliam-se as discussões sobre a abertura da avaliação, fundamentadas por indagações do tipo: Onde a revisão se encaixaria num novo *ethos* de abertura? Seria o duplo cego tradicional o melhor sistema? Como poderíamos abrir o processo de revisão por pares?”.

Em 1967, Diana Crane asseverava que a avaliação clássica possibilitaria o descobrimento ou dedução das características dos sujeitos, inclusive a seleção/rejeição dos artigos com base nesse artifício. A partir desses ocorridos, a autora apoia a abolição do anonimato do revisor, considerando que a personalidade do autor reflete no processo de submissão.

Críticas endereçadas aos avaliadores de um dos periódicos filiados à *American Psychological Association* (APA) são narradas por Einhorn (1971). O autor defende o fim de anonimato, ao relatar que os comentários endereçados ao seu artigo eram desprovidos de rigor linguístico e acadêmico, porquanto se apresentaram escritos à mão, sinalizando aspectos não aprofundados do texto.

O estudo de Newman e Luft (1974) sugeriram renovação dos padrões avaliativos adotados pelos periódicos da APA, cujos índices de rejeição alcançaram 88%, à época. Para eles fazia-se necessário: a) desenvolver e divulgar diretrizes que sumarizassem atribuições e requisitos a serem seguidos pelos analistas, autores e editores; b) convocar no mínimo três examinadores, cuidadosamente escolhidos não por títulos, mas por afinidade e domínio do tema; c) divulgar as assinaturas dos árbitros quando da publicação de pareceres completo; d) aumentar a possibilidade de publicação dos artigos de Psicologia nos periódicos da Associação, ofertando aos autores o direito entrar com recurso em caso de decisões não favoráveis.

Buscando entender as razões que motivam os índices de rejeição nos periódicos de Ciências Cognitivas, Roney e Zenica (1980) interpelam 192 avaliadores filiados à *Canadian Psychological Association* (CPA) ensejando verificar os critérios de aceite por eles empregados. Os autores constataram que a incidência de admissões ocorria com base na popularidade dos autores. Seis anos depois, Surwillo (1986) recorre a métodos similares ao interrogar os avaliadores da APA. Ao final da abordagem, constatou-se que 35,6% dos artigos cotejados à luz da *single blind review*

foram publicados sem reservas, enquanto outros 64,4% não justificaram o motivo pelo qual os rejeitaram.

Publicado em 1988, pela *Scholarly Publishing*, o estudo *“is Justice Blind? An Inquiry into Peer Review*, escrito por Mike McGiffert pauta-se na entrevista realizada com 100 árbitros associados ao periódico *The William e Mary Quarterly*, na expectativa de saber se admitiam a transição do modelo duplo-cego para o transparente. Os resultados demonstraram que embora houvesse interesse por parte de alguns, prevaleceram os votos afirmativos em favor do mútuo anonimato.

3.1.1 Conceitos, características e categorias da avaliação por pares aberta

A literatura científica revela forte contingência conceitual para o termo avaliação aberta, porquanto a carga semântica de cunho polissêmico sinaliza a subsistência de um arcabouço instituído por padrões que preconizam a nitidez do fluxo avaliativo, proporcionando práticas satisfatórias, resultados reciprocamente construídos e divulgados em tempo eficiente. Para Silva (2016), as definições sobre OPR apresentadas pelos autores da Saúde, Comunicação, CI e demais áreas correlatas de conhecimento são divergentes e não

Para Ware (2008), a avaliação aberta posiciona-se como sistema antagônico à *single* e *double blind review*. Segundo Shotton (2012), trata-se de um processo transparente. Visão similar é apresentada por Clobridge (2016), para o qual, concerne à abertura, contudo em diferentes níveis. Em termos conceituais, revisita-se Emily Ford (2015), pesquisadora e bibliotecária da *Portland State University* (PSU), que em seu texto menciona a OPR como um método interdisciplinar de revisão pelos pares que incorpora a divulgação das identidades do autor entre si. Partindo desta afirmativa, observa-se que a definição proposta faz menção às palavras de Clobridge, porquanto o descortçamento dos atributos se limitou aos atores principais, excetuando-se à comunidade.

Concepção ampla é relatada por Grgic (2018) e Nassi-Calò (2015a, 2015b), os quais fazem coro anunciando que o sistema aberto se manifesta a partir da publicização dos nomes e diálogo dos autores e árbitros como parte do artigo. Com base neste discurso, chama-se atenção para amplitude do conceito, que ao contrário do proferido por Emily Ford, torna público a identidade do avaliador, permitindo estratificar suas contribuições a partir de seus comentários e oferecer o mérito pelo trabalho desenvolvido. Neste sentido, Summer e Shum (1996) entendem o ofício avaliativo sob o viés colaborativo, perfazendo um procedimento em que autores, avaliadores e leitores podem se envolver a partir do diálogo.

No artigo, “*what is open peer review: a systematic review*”, Ross-Hellauer (2017) descobre não haver uma definição estabelecida e oficialmente admitida pela academia. Por esta razão, Ford (2013) por meio de análise sistemática explora o conteúdo de 35 artigos hospedados em bases de dados da Biblioteconomia, CI e Jornalismo, além das de natureza multidisciplinar, a exemplo da WoS, *Google Scholar* e *Academic Search Complete*. Por fim, percebeu-se que a OPR se reparte em oito eixos característicos, dos quais cinco: avaliação assinada, tornada pública, mediada pelo editor, transparente e ampliada por grupos de juízes indicam a abertura da avaliação, enquanto as demais: avaliação pré-publicação, síncrona ou divulgada e pós-publicação sinalizam o momento da avaliação, como observado.

Procedimento similar foi desempenhado por Ross-Hellauer (2017). Contudo, o autor ampliou seu escopo documental para além dos artigos de periódicos, introduzindo cartas para jornais, notícias, postagens em *blogs*, relatórios de comunidades, glossários, livros entre outros tipos de fontes de informação ao seu *corpus* de análise. Tal iniciativa fez com que Ross-Hellauer identificasse o teor de ambiguidade da expressão em razão de a teoria oferecer 22 definições distintas, aglutinadas nas categorias: identidades abertas, relatórios abertos, interação aberta, participação aberta, manuscritos pré-revisados comentários abertos pós-publicados e plataformas abertas (ROSS-HELLAUER, 2017), das quais seis se assemelham às características anunciadas por Ford (Quadro 8). Com base nos referidos resultados, Spinak (2018) conclui que a concepção de abertura se assemelha a um guarda-chuva, cujas hastes sinalizam as variantes que constituem o presente modelo e que as políticas editoriais podem ostentar mais de um gênero, expandindo horizontes e perspectiva à prática de avaliação da ciência.

Quadro 8 – Correlação e definição das características e categorias da OPR

	Características	Descrição
Abertura da avaliação	Avaliação assinada Identidades abertas	Refere-se às revisões submetidas assinadas pelo árbitro que são publicadas ao lado de artigos no momento da publicação, ou são assinados quando um autor os recebe.
	Avaliação tornada pública Relatórios abertos	Revisão divulgada refere-se a um processo em que árbitros e autores conhecem as identidades uns dos outros durante o processo de revisão por pares, permitindo-lhes se envolver em discussão ou discurso.
	Avaliação mediada pelo editor	Característica encontrada na maioria dos processos de revisão por pares. Mediação editorial é qualquer trabalho feito por um editor de jornal para facilitar a revisão aberta por pares. Isso pode incluir pré-seleção de artigos, e/ou tomada de decisão final para aceitação ou rejeição.

	Avaliação transparente Interação aberta	Refere-se à total abertura a uma comunidade distinta ou ao público. Ela permite que uma comunidade pública assista ao desenrolar da revisão por pares.
	Ampliada por grupo de juízes Participação aberta	Processo de revisão pública no qual qualquer membro da comunidade pode contribuir para a revisão do artigo. Na revisão por meio de <i>crowdsourced</i> não há limite para o número de comentários ou comentários que um artigo pode receber, podendo ser considerada como um processo satélite ao de avaliação formal.
Tempo da Avaliação	Avaliação pré-publicação Manuscritos pré-revisados	Os manuscritos são disponibilizados imediatamente (por exemplo, através de servidores de pré-impressão como <i>arXiv</i>) antes de qualquer procedimento formal de revisão por pares.
	Avaliação síncrona/divulgada	Ocorre ao mesmo tempo como publicação do artigo. Na literatura, é abordada apenas teoricamente, como parte de um modelo de publicação romane e completamente iterativa.
	Avaliação pós-publicação Comentários abertos pós-publicados	Ocorre após a publicação de um artigo, assim como comentários num post no <i>blog</i> .
	Plataformas abertas	Revisão facilitada por uma entidade organizacional diferente do local de publicação.

Fonte: Adaptado de Ford (2013, 2015), Ross-Hellauer (2017), Spinak (2018)

Estas características objetivam aumentar a transparência, o rigor científico, a inclusão social nos processos editoriais e de pesquisa, creditar os revisores pelos feitos à publicação da literatura acadêmica que se encontra em constante uso e demanda (SCHMIDT *et al.*, 2018). Em conformidade a Ford (2013), os autores pontuam que cada veículo pode utilizar ou confluir cada aspecto conforme o perfil da revista e adaptação de seu público alvo. Por este motivo, porque são priorizadas mediante o reconhecimento da relevância que o processo representa para verificação do controle de qualidade da publicação acadêmica pelos seguimentos que se amoldam ao perfil da área professada e de seus constituintes.

Retomando a Ross-Hellauer (2017), o autor expõe a existência de um fio condutor entre as categorias por ele delineadas, considerando que cada uma delas objetiva implementar a OPR em conformidade com a agenda da OS. Por esta razão, o autor defende que os traços da avaliação aberta, ainda que dissemelhantes, priorizam promover a transparência, responsabilidade, inclusão

social e eficiência às arbitragens tradicionais, razão pela qual relativizou-se tais aspectos às correntes teóricas formuladas por Fecher e Friesike em 2014 da seguinte forma:

- **Escola democrática:** Relatórios abertos tornam os produtos acadêmicos disponíveis para todos;
- **Escola pragmática:** identidades abertas promovem maior responsabilidade ao vincular os nomes dos acadêmicos aos seus julgamentos; relatórios abertos aumentam a transparência abrindo relatórios de revisão aos leitores; a interação aberta promove maior colaboração entre autores, revisores e editores no processo de avaliação e revisão de estudos; manuscritos de pré-revisão abertos permitem a divulgação mais precoce dos resultados;
- **Escola de infraestrutura:** As plataformas abertas podem tornar a revisão por pares mais eficiente, dissociando-a dos periódicos;
- **Escola pública:** A participação aberta e os comentários da versão final trazem maior inclusão à revisão por pares, expandindo o potencial conjunto de revisores, inclusive para aqueles que estão fora dos atores tradicionais de pesquisa;
- **Escola de medição:** Identidades abertas, relatórios abertos e plataformas abertas (por ex. *Publons*) permitem que atividades de revisão por pares sejam monitoradas com mais clareza e levadas em consideração nas atividades de medição de impacto (ROSS-HELLAUER, 2017, p. 29, tradução nossa).

Constata-se que a avaliação mediada pelo editor e síncrona, mencionadas no artigo de Emily Ford, não foram associadas aos preceitos da OS, ao contrário das demais. Por este motivo, deduz-se que a motivação se alicerça no fato de a mediação editorial se originar no seio da *blind review* e ter sido inserida à realidade da OPR, cuja dinâmica evolui a cada dia mais prescindido a interposição de terceiros às etapas e nuances deste processo que aos poucos se consolida. Enquanto a síncrona é abordada teoricamente como parte de um esquema de publicação inovador e interativo e ocorre simultaneamente à publicação do artigo (FORD, 2013), equiparando-se à dinâmica dos demais eixos característicos.

3.1.2 Avaliação aberta: implementações, benesses e desafios deste novo fazer científico

A década de 90 demarca as implementações da avaliação sob diferentes enfoques somada à popularização da internet, surgimento de tecnologias colaborativas e, acima de tudo, o desejo de romper o paradigma do anonimato e práticas aéticas por ele sucedidas. Associados a estes eventos, expoentes da CC deram continuidade à prospecção de opiniões, reafirmando o partidarismo do novo modelo.

No segundo semestre de 1991, sob os feitos de Paul Ginsparg, surge o *Los Alamos National Laboratory Preprint Archive*, posteriormente cognominado de *Arxiv*, primeiro RT da área de Física

Nuclear de Altas Energias (FNAE) e demais ramificações (TAUBES, 1993). Para este, consiste num sistema de distribuição de *preprints* - pesquisas não avaliadas pelos pares – e trocas de informação entre físicos com o propósito de comunicar descobertas e receber eventuais contribuições informais de seus pares, tornando-os conhecidos por seu desempenho.

Os servidores de pré-impressão são ambientes digitais cujo acervo congrega documentos submetidos por pesquisadores de áreas específicas. Dados e resultados são disseminados abertamente entre pesquisadores e leitores da área que, em conformidade com o nível de especialidade e entendimento, consideram-se aptos para enviar comentários que visem melhorar aspectos relacionados ao seu arcabouço textual para que a posteriori sejam sujeitados ao procedimento formal de verificação científica.

Baseado neste modelo, Shum e Summer (1996) propuseram um ambiente colaborativo computadorizado (CSCA) para revisão de textos do *Journal Interactive Media in Education* (JIME) baseado no princípio da argumentação como parte do controle de qualidade científica. O modelo reuniu etapas preliminares consoantes à *blind review*, perpassando a disseminação das considerações dos árbitros mediante inclusão de *links* de navegação na *internet* e a partir daí se inicia a abertura da avaliação através do debate entre autores, avaliadores e leitores, consumando-se no veredito do editor (SHUM; SUMMER, 1996). Atualmente, a revista opera sob os moldes da revisão duplo cega, aceitando *papers* autoarquivados em repositórios temáticos.

Semelhante à proposta dos *preprints* e fruto de constantes preocupações acerca do futuro da revisão por pares no campo da Inteligência Artificial, Erick Sandewall (1997) pôs em prática um modelo avaliativo aberto realizado em duas etapas para o *The Electronic Transactions on Artificial Intelligence* (ETAI). Inicialmente, realiza-se a triagem dos manuscritos e caso sejam aprovados são disponibilizados na página da revista constando o nome de seus produtores durante três meses para que recebam críticas da comunidade. Posteriormente, revisa-se o texto com base nas críticas e reenvia-se para que os membros do conselho consultivo emitam apenas o aval (SANDEWALL, 1997). Informações sumarizadas na página da revista revelam que o dispositivo foi bem aceito pela comunidade, mas por razões desconhecidas as atividades da revista foram encerradas em 2002.

Eva Amsen (2014) em postagem ao *F1000Research Blog*, narra o percurso evolutivo da avaliação aberta que se inicia em 1999 até 2012. Neste primeiro período, segundo ela, o *British Medical Journal* (BMJ), após vários tipos de revisão, optou por revelar os nomes dos árbitros aos autores. Em 2012, passaram a disponibilizar as versões do *paper* simultâneos à publicação para que os leitores possam observar as sugestões e se foram introduzidas à estrutura do documento. Ao

observar que OPR rendia excelentes resultados, a editora *Biomed Central* (BMC) empregou mecanismos análogos às diretrizes de seus veículos de comunicação em 2000.

Entre 2006 e 2007 sucede a inauguração de veículos de comunicação periódica que iniciam suas atividades esteadas sobre o reflexo da CA. No campo das Ciências da Vida, o *Biology Direct*, congruente à BMC, em 2006 passou a incluir os comentários e nomes dos revisores em anexo aos artigos publicados, conforme o mapeamento realizado por Amsen (2014). Contudo, detecta-se flagrante retrocesso no que condiz ao amadurecimento das práticas de OPR, sendo que as informações não condizem, porquanto as diretrizes da revista revelam a anuência da mediação semi-cega em consequência da estabilidade dos árbitros quando da elaboração de críticas a respeito de um manuscrito.

Em contrapartida, segundo Eva Amsen, a *Frontiers* desde 2007 divulga nomes em anexo à publicação. Na atualidade a revista aposta na transparência e colaboratividade que o processo tende a proporcionar em favor da CC, guiando-se sob duas frentes de análise: revisão independente e participativa. A primeira reside no diagnóstico prévio do trabalho por parte dos árbitros, enquanto a segunda se dá pela interação recíproca e em tempo real entre autores, árbitros e, se necessário, os editores gozam de autonomia para intervir e/ou tecer comentários e responder indagações sobre a natureza metodológica e conteudista do *paper* (FRONTIERS, 2022).

The Embo Journal, em meados de 2009, começa a divulgar as fases do mecanismo avaliativo mesmo executando o modelo semi-cego. No ano seguinte motiva a divulgação de textos em servidores de *preprints* e, em consequência, oferta a possibilidade de os árbitros revelarem seus predicativos. Enquanto estratégia de manter a qualidade dos pareceres convida o corpo de avaliadores a comentar os relatórios de seus confrades.

O ano de 2012 circunscreveu nova remessa de periódicos que descenderam mediante alinhamento à ideologia da OS. Amsen (2014) e Walker e Silva (2015) relatam que o lançamento de periódicos cujo escopo demarca a presença de um eixo ou a combinação deles como estratégia de oferecer aos novos usuários internos e externos a confluência de diretrizes que relacionam categorias que atendam à finalidade e perfil do campo científico.

Situado na esteira da Biologia, Ciências das Vida e adjacências, a revista *GigaScience* considera a avaliação por pares via de mão dupla e, sob o enfoque aberto convoca favorecimentos e realizações acadêmicas para todos os envolvidos. Incentiva os usuários a divulgarem os resultados em plataformas de *preprints* cujas áreas de cobertura façam referência ao escopo da revista. Conduz o processo formal na perspectiva das identidades abertas em que os autores tomam conhecimento de quem arbitra, vice-versa e, se porventura o documento atenda às

exigências do periódico e dos juízes, os relatórios serão assinados e comunicados adjunto à publicação.

Fundada neste período, a estratégia de revisão adotada pela *Encrucijadas: Revista Crítica de Ciencias Sociales* ocorre em dois momentos. Inicialmente, o corpo editorial junto a dois avaliadores externos, verifica se o arquivo detém qualificações suficientes para prosseguir. Neste intervalo os autores recebem a decisão e, se favorável, inicia-se a etapa na qual as identidades de ambos são reveladas e com base nas análises os editores emitirão a decisão final do processo.

De acordo com Amsen (2014), o *Peer J.* utilizava a democracia como estratégia de viabilização da OPR em suas práticas editoriais, realizando a publicação das identidades e pareceres conforme as permissões dos autores e juízes. No momento presente, a plataforma utiliza de modo alternativo as referidas nuances de abertura, ensejando incentivar práxis transparentes ao fluxo editorial dos periódicos por ela gerenciados, que oficialmente encontram na modalidade semi-cega requisitos necessários que se assemelhem ao perfil do público alvo.

Por seu turno, avaliadores da *eLife* gozam do véu do anonimato, porém a política da revista respalda o contato com avaliadores de outros veículos para que analisem os pareceres uns dos outros, conferindo-lhes o direto de divulgar dados se desejarem. *Preprints* são aceitos desde que enviados para repositórios que comunguem de temas professados pela revista.

Observa-se que estas iniciativas fomentam o uso de servidores de *preprints* como estratégia de propagação pregressa de resultados, associando-os a dinâmica tradicional de publicação científica. A este respeito, Pölsch (2012) e Spinak (2016) afirmam que elas agilizam o fluxo de comunicação da ciência, oferecendo acesso instantâneo à pesquisa científica; angaria elevados índices de escrutínios, ao contrário dos moldes de análise convencional; ressalta pesquisas concluídas e em andamento, oriundas de tese e dissertações. Ainda sobre, Fu e Hughey (2019) constataram que de um universo instituído por 74.239 artigos de periódicos publicados entre 2015 e 2018 no *Pubmed*, apenas 5.405 possuíam versões em formato *preprint* submetidas a um servidor temático da Biologia, dentre os quais apresentaram 39% mais citações do que os avaliados tradicionalmente. Destarte, a urgente disseminação dos resultados de pesquisa constitui um dos destaques delineados na agenda da OS, ultrapassando as interdependências da FNAE, tornando-se premissa instituída nos demais domínios científicos e sistemas de disseminação, conforme ostentado no Quadro 9.

Quadro 9 – Repositórios de preprints

Repositório	Domínio temático	URI (Link de acesso)
ArXiv	Física e áreas congêneres	https://arxiv.org/
ArgriRxiv	Ciências Agrícolas	https://agrirxiv.org/
ASAPhio	Biologia	http://asapbio.org/
BioRxiv	Biologia, Bioquímica, Bioinformática, Biofísica, Biologia do Câncer, Biologia Celular, Ecologia, Epidemiologia, Genética, Genômica, Imunologia, Microbiologia, Biologia Celular, Neurociência, Paleontologia e Zoologia.	http://biorxiv.org/
ChemRxiv	Química em geral	http://pubs.acs.org/meetingpreprints
EngrXiv	Engenharias: Aeroespacial, Química, Elétrica, Computacional, Mecânica, Civil e Ambiental, de Materiais, Nuclear, de Produção e Renováveis.	http://blog.engrxiv.org/
Europe PMC	Biomedicina	https://europepmc.org/
Figshare	Ciências Agrárias e Veterinária, Ciências Espaciais, Ciências Biológicas, Química, Física, Turismo, Ciências Ambientais, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciência da Computação, Ciência da Informação, Linguagem e Comunicação e Psicologia.	http://figshare.com/
F1000Research preprints	Ciências da Vida e Medicina	http://F1000Research.com/
MedRxiv	Ciências Médicas	https://www.medrxiv.org/
Osfp reprint	Arquitetura, Engenharias, Ciências da Vida, Ciências Sociais e Comportamental, Matemática, Física, Artes, Humanidades, Direito, Medicina, Ciências da Saúde.	http://osf.io/preprints/
Peer J. Preprints	Ciências da Vida e Meio ambiente.	http://peerj.com/archives-preprints/
PsyarXiv	Metaciência, Metacognição, Psiquiatria, Neurociência, Ciências Sociais e Comportamentais, Ciências da Vida.	http://osf.io/view/psyarxiv/
Scielo Preprints	Ciências da Agricultura, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Biológicas, Engenharia, Ciências Exatas, Ciência da Terra, Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Linguística, Literatura e Artes.	https://preprints.scielo.org/index.php/scielo
SSRN	Ciências Aplicadas, Ciências da Vida, Ciências da Saúde, Ciências Físicas, Humanas e Ciências Sociais.	http://www.ssrn.com/en/
SocArXiv	Ciências Sociais, Educacionais, Artísticas Humanas, Jurídicas e Comportamentais.	http://osf.io/view/socarxiv/

Fonte: Adaptado de Packer e Mendonça (2021); Spinak (2016)

Os pilares da OS são tendências cada vez mais presentes nas revistas internacionais e, neste sentido, os periódicos brasileiros passaram a incorporar, intercaladamente, elementos de abertura condizentes à avaliação e ao acesso aos seus regimentos, permitindo acompanhar gradativamente os avanços que regem as práticas científicas na hodiernidade.

A este respeito, enfatiza-se a determinação do Periódico Educação em Revista, doravante (EDUR) associado ao Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da UFMG, que emprega o recurso simples-cego, mas exige que os artigos submetidos a partir de fevereiro de 2021 sejam enviados, inicialmente, para o *Scielo Preprints*, que adota o modelo *publish, the review* (publicar, para depois revisar), conforme atestam Packer e Mendonça (2021).

No contexto da CI, sobressaem-se Transinformação, gerenciada pela Escola de Biblioteconomia da Universidade de Campinas (Unicamp) e da Liinc em Revista, publicada pelo Instituto Brasileiro de Informação, Ciência e Tecnologia (Ibict) em parceria com o PPGCI da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que priorizam o *double-blind review* enquanto regente do fluxo de CC, sugerindo envio de produções acadêmicas a repositórios temáticos de confiança. Para esses casos, avalia-se sobre os moldes da semi obscuridade, garantindo, apenas, o anonimato dos revisores.

O Atoz: novas práticas em informação e conhecimento segue a performance da dupla obscuridade como processo formal de avaliação paritária. Porém alvitra a revisão aberta pelos pares em relação ao nível de abertura concordado entre autores e avaliadores, desde que haja comprovação de que o manuscrito tenha sido autoarquivado em repositório digital.

São iniciativas que reforçam o quão forte se mostra a influência da OS na Comunicação Científica, cujas sementes reverberam um novo *ethos* em referência à uma ciência dinâmica. No início da década de 2020, os periódicos de CI passaram a introduzir elementos da OPR em suas respectivas agendas, indicando que, mesmo de forma intercorrida, pesquisadores da área estão cientes e favoráveis ao assentamento de tais avanços.

Considerando a relevância da avaliação aberta em detrimentos dos óbices perscrutados pela dinâmica da *blind review*, associadas ao comportamento dos *referees*, constatou-se que nenhum dos registros que propuseram a avaliação aberta nas décadas anteriores cita a possibilidade de tutelar a avaliação transparente em paralelo às arbitragens antes utilizadas, suscitando a hipótese de que o caráter imperativo com que a abertura foi sugerida ocasionou resistência dos árbitros e editores, ou desconhecer novas formas ou novos formatos. Diante desta tônica, Garcia (2021) defende e acredita que a alternância das abordagens é o pavimento que conduzirá o estabelecimento da OPR, visto que oferece aos cientistas o direito de escolha do molde

a operar. Segundo a pesquisadora, assim como há veículos que no auge de sua criação facultam as modalidades tradicionais e transparentes, os demais passam por reformulações, incluindo a abertura adjacente aos procedimentos consolidados.

Assim sendo, a BMC, editora de periódicos científicos de acesso aberto mediante cumulação de capital financeiro, hospeda 50 títulos de periódicos de Medicina e esferas correlatas em sua base de dados, dos quais 41 mesclam os ditames da *blind* e *open review* em suas políticas editoriais. As diretrizes detalham que o processo é contraditoriamente transparente, a partir do qual apenas os árbitros permanecem no anonimato, ao menos que optem por assinar seus pareceres (BIOMED CENTRAL, 2022). Derivações da OPR, tais como abertura de identidades, pareceres, interação recíproca e plataformas abertas tornam-se cada vez mais presentes no cotidiano editorial. Tais mecanismos têm sido utilizadas como estratégia para que os artigos sejam examinados em tempo hábil visando suprimir o hiato entre submissão e publicação, visto que o elevado índice de submissões em comparação às atribuições desempenhadas pelos examinadores pode resultar em constantes contravenções de prazos que, por via de consequência comprometem o desfecho do fluxo editorial.

A OPR tem conquistado espaço e credibilidade em diversas esferas do conhecimento. Contudo, os resultados do *Directory of Open Access Journal* (Doaj) desvelam 18.084 títulos indexados, dos quais 214 são regidos pelos parâmetros da avaliação aberta e/ou confluência delas aos segmentos habituais ora solidificados. A título de Brasil, a base retornou seis revistas, destas quais três – Pesquisa em Fisioterapia, Enfermagem Contemporânea, Ensino em Perspectiva e Administração Contemporânea – utilizam majoritariamente o *double-blind review*, afirmando publicar os relatórios de avaliação sem mencionar a assinatura do árbitro. O Brazilian Journal of Transplantation utiliza-se de estratégia idêntica à Atoz, prioriza o anonimato na avaliação do manuscrito, mas quando autoarquivado em RT, permite-se que a avaliação ocorra abertamente. Enfim, o Práticas educativas, Memórias e Oralidades oficializa a OPR desde que os *referees* sejam externos à instituição de origem dos autores, tornando-os reciprocamente conhecidos.

Em 2021, os avaliadores da Ciência da Informação em Revista, periódico associado ao PPGCI da UFAL, Maceió, experimentaram avaliar o manuscrito “incursões sobre avaliação aberta”, desenvolvido pela pesquisadora Joana Coeli Ribeiro Garcia e, depositado no repositório *Scielo Preprint*. O artigo foi enviado a avaliadoras, que listam a OPR nos respectivos currículos Lattes como parte de seu escopo investigativo, das quais apenas duas retornaram os *feedbacks*, em concordância ao período estipulado em política. Convém mencionar que ao final, elas não permitiram que os comentários viessem a público, mas as assinaturas foram sinalizadas em nota de

rodapé, permitindo que autora e suas confrades fossem prestigiadas equanimente pelo desempenho de suas funções.

Os resultados apresentados mundialmente ainda que ínfimos representam o ponto de partida da OPR, considerando que o tempo de proposição, desconhecimentos sobre as nuances, benesses e desafios da avaliação por parte dos pesquisadores podem refletir no engajamento deste trâmite que cresce de forma resiliente e alternativa.

Como antes enunciado, o sistema avaliativo é passível de percalços e concernente à OPR não se trata de uma exceção à regra. A revisão sistemática executada por Ford, em 2013, identifica prós e desafios concernentes aos autores, avaliadores e periódicos. Autores do mesmo segmento, a exemplo de Amsen (2014), Boldt (2011), DeCoursey (2006), Pöschl (2012), Rowland e Moylan (2016) entre outros autores, reafirmam estas considerações, indicando que a performance dos modelos apresentados não sobrepuja a eficácia de cada processo, mas permite selecioná-los de acordo com as garantias que se adequem às expectativas dos partícipes e do público-alvo que consumirá o conteúdo oriundo deste processo.

Ford (2013) e Mark Ware (2008) citam as benesses direcionadas aos agentes de produção da ciência que desfrutam das orientações concedidas pelos árbitros, que em determinadas ocasiões cedem parte de seu tempo para transcrever suas críticas ou dialogar, em tempo real, sobre aspectos do artigo junto com os autores, redundando na validação de novos produtos do conhecimento. A dinâmica da avaliação por pares é detalhada por Ross-Hellauer (2017), para quem o qual, no que tange aos moldes convencionais e determinadas variantes da OPR, os editores convidam ou recebem dos autores indicações para participar do processo. Sobre a participação aberta, este pesquisador enfatiza o envolvimento da comunidade no processo de revisão por pares, cooperando com revisões completas ou sobre partes do trabalho.

O viés colaborativo da avaliação aberta é abordado por, Maharg e Duncan (2007), porquanto fortalece CoP e *crowdsourceds* de modo que as arbitragens tradicionais não possibilitam em razão do anonimato, potencializando o estabelecimento de laços dialógicos para além das indicações dos editores. Em função disso, a justificativa de abrir a revisão para grupos potenciais de revisores se explica pela maneira como os campos, muitas vezes, podem se tornar autorreplicantes, restringindo a participação de pesquisadores em âmbitos interdisciplinares ou de público de áreas amplas, os quais lograrão olhares externos sobre os aspectos do trabalho em comparação às perspectivas dos pesquisadores internos (FITZPATRICK; SANTO, 2012).

Importa salientar que os protocolos avaliativos determinantes ao grau de cientificidade são realizados por veículos de cariz formal tal como os periódicos e as plataformas abertas por eles

contatadas. Isto não significa que os discursos provenientes dos não avaliadores devam ser desconsiderados, havendo possibilidade de admitir sugestões pertinentes ao trabalho e inseri-las antecipadamente à submissão em revista.

De acordo com Boldt (2011), DeCoursey (2006) e Pöschl (2012) a revisão permite a identificação da má conduta científica por parte dos revisores. Este tipo comportamento se caracteriza por atitudes repressivas intencionalmente veladas traduzidas nos pareceres discordantes a um tema, método, autor ou teoria utilizada para fundamentação do trabalho. Acerca disso, Silva (2018) diz que o anonimato promove o avaliador à posição de supremacia e, quando facciosos, aceitam ou rejeitam resultados por razões não científicas.

Visando solucionar estes óbices, a literatura apresenta a assinatura e disponibilização póstuma ou simultânea dos pareceres à publicação – características mais incidentes da OPR – como sugestão de melhorias. Para Nobarany e Booth (2015) há a possibilidade de os árbitros comedirem suas falas, utilizando-se de falsa cortesia para evitar conflitos e futuros imbróglios. Em contrapartida Van Rooyen *et al.* (1999) e Van Rooyen (2010) indicam que a disseminação das identidades tornará o sistema equitativo e justo, concedendo-lhes crédito, reconhecimento entre os pares ou aumentando a responsabilidade dos árbitros quando da elaboração de suas considerações. Para Barbour *et al.* (2017) identificação dos árbitros minimiza conflitos de interesse pois são passíveis de reconhecimento e escrutínio pelos leitores.

O estudo realizado por Silva (2018) identificou a possibilidade de os avaliadores aceitarem ou rejeitarem excelentes propostas de pesquisas com intuito de suprimi-las em benefício próprio. Estes eventos justificam flagrante exigência de autoarquivamentos em repositórios digitais sob recomendação nominal da revista, visto que a ferramenta indica os registros nomeados e cronológicos de submissão do documento assegurando os autores de espólios acadêmicos.

A exposição dos relatórios e/ou do histórico de conversas entre os atores permite que os leitores avaliem o processo dialógico, formando suas próprias concepções sobre o conteúdo do documento e estratégias de como melhorá-lo (PETERS; CECI, 1982). Embora os relatórios assumam a condição de texto injuntivo, cuja aprovação do *paper* depende do cumprimento das determinações neles expressas, na visão de Ford (2015) ele ensinará os jovens pesquisadores a respeito do tom, extensão e formulação das críticas para ajudá-los quando em tal posição.

Considerando que os prazos de publicação tratam-se de flagrante embargo na CC, concorda-se que a avaliação aberta possibilita a publicação da informação científica intermediada por veículos de pré-impressão e otimiza o intervalo estabelecido entre o envio e a divulgação do conteúdo (BOLDT, 2011; FORD, 2013; PÖSCHL, 2012; ROWLAND E MOYLAN,

2016; WALKER; SILVA, 2015). Com base nestes autores, os servidores de *preprints*, enquanto instrumento de acesso aberto permitem: a) acesso gratuito ao paper; b) antecipa o fluxo de avaliação e comunicação da ciência e c) possibilita número superior de visualizações, comentários e engajamento ao manuscrito; e) desencadeia a participação coletiva de modo que os comentários facultados e disponibilizados aos seus usuários. Pöschl (2012) considera que a finalidade dos RTs excede o compartilhamento, acesso e uso de produtos informativos, porquanto ao disponibilizar o manuscrito antes da revisão formal possibilita que as críticas sejam externadas à medida em que são enviadas, seja por especialistas, aspirantes e legentes, assegurando que o público-alvo acompanhe o procedimento em tempo real.

Como compensação, a avaliação aberta e seus partidários concorrem a gama de desafios para torná-la oficialmente ou alternativamente sancionada. Dessarte, Para Pösch (2012) a viabilização da revisão aberta consiste na mudança de paradigmas, cujas características desafiam e desconstroem os papéis desempenhados pelos revisores e editores. Evidentemente que as práticas da OPR vão além da divulgação bilateral das identidades junto ao artigo, porquanto desconstrói modelos fortemente consolidados. A avaliação interativa, por exemplo, situa o revisor em posição equânime aos autores e leitores e coloca em xeque seu domínio de conhecimento e sua postura.

Este novo arquétipo desafia o que se chama de publicação tradicional resultando num ceticismo generalizado sobre a OPR, em que os revisores se recusarão em participar (AMSEN, 2014; FORD, 2013). Neste caso, pesquisas sobre aquiescência da abertura do processo, tal qual Walsh *et al.* (2000), cujos depoentes demonstraram-se favoráveis e dispostos a operar sobre este enfoque e se permitiram praticá-la, assentam-se como evidência, mas se tratam de resultados isolados, pois cada estudo foi realizado em áreas distintas cujos atores sociais dispõe de concepções e visões desniveladas em relação aos demais. Na CI, por exemplo, os estudos realizados por Garcia e Targino (2017, 2018), Silva (2018), Targino, Garcia e Silva (2020) alcançaram consideráveis índices de apoio por parte dos editores e avaliadores – que concomitantemente exercem papéis similares, mas retrocederam quando contatados a participar.

Ao analisar o conhecimento dos editores sobre a OPR, Garcia e Targino (2017) e Silva (2018), constataram que na visão destes interlocutores a falta de tecnologia consistia dilema secundário que impedia a anuência deste procedimento em terras brasileiras. Afirmativa semelhante é proferida por Bormann *et al.* em 2012, para quem, a tecnologia melhoraria a capacidade de implementá-la, mas atualmente [à época] não havia ferramentas e suporte de gerenciamento editorial para manuseio de processos de revisão aberta e dialogada.

No entanto, o quantitativo de estudos e título antes enunciados revelam que os impedimentos para adoção da OPR ultrapassam os ordenamentos tecnológicos, configurando-se como de caráter pessoal e apreciativo. De acordo com Ford (2013), embora a tecnologia intermedeie o funcionamento deste trâmite, faz-se oportuno que ele seja, sobretudo, aceito pela comunidade antes de qualquer planejamento para implementação tecnológica. Neste sentido, desde o início dos anos 1990, período de implantação do *open review*, as atividades editoriais são constantemente executadas à baila de recursos digitais consolidadores das práticas de produção e avaliação do conhecimento científico, estabelecendo estratégias para torná-la acessível e utilizável.

Frente aos benefícios da avaliação aberta e de sua proeminência no atual contexto que se delineia, reconhece-se que os frutos que a *blind review* proporciona às Ciência e aos seus atores. Em estudo realizado junto aos pesquisadores da área de saúde nos Estados Unidos da América (EUA), constatou-se que as obras avaliadas sob as diretivas da *blind review* receberam maior número de pareceres construtivos e elevadas taxas de aceitação nos últimos 20 anos. Pesquisas que se originam pelo crivo do anonimato, angariam elevados níveis de citação e impacto em comunidades científicas interdisciplinares (SHOTTON, 2012). Em complemento, Denson (2017), reforça que os benefícios da avaliação às cegas se voltam para a comunidade e para o pesquisador. Para os autores, evoca avaliações mais justas, redundando taxas de aceitação maiores nos últimos 10 anos. No contexto da Medicina, Gallagher (2020) investiga os níveis de rejeição dos artigos científicos, chegando à conclusão de que diminuíram 55% em média nos últimos 20 anos, além de minimize preconceitos de ordem pessoal, gênero e raça.

Por fim, corrobora-se com Dondio *et al.* (2019) quando afirma que os vieses e relacionados à revisão por pares não se originam da configuração ou características de um ou de outro, mas das ações provenientes de quem os integra, sejam partidários da OPR ou do tradicionalismo que tanto contribui até então.

4 REDES SOCIAIS E ANÁLISE DE REDES SOCIAIS

As redes estão em todos os lugares, e os modelos de rede são bastante úteis para compreendê-las. Assim, superar obstáculos para usar o método de análise de redes sociais é importante (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2020, p. 9-10).

Atualmente, indícios cotidianos - como o crescimento exponencial de coletivos digitais, uso excessivo de recursos tecnológicos para solução de impasses individuais ou de interesse público, formação expressiva de grupos de apoio a patologias diversas entre outros - convalidam o pressuposto de que se convive sobre os ordenamentos de uma sociedade hiper conectada, ou como assevera Manuel Castells (1999), uma sociedade em rede. Tal estruturada com base num complexo relacional intermediado e potencializado pelo consumo de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs), que por sua vez, regem a cultura dos relacionamentos sociais hodiernos.

Segundo Zacan (2008), a definição de rede é plurívoca, porquanto está sujeita a diferentes interpretações, considerando a forma de aplicação como ponto de partida. Em linha congênere de pensamento, Amaral e Bosi (2017), ao articular as semelhanças conceituais desta expressão ao arranjo dos serviços de Saúde Coletiva, refletem que o vocábulo é de cariz transconceitual, haja vista suas copiosas manifestações semânticas que apresentam, significativamente, percepções individuais à vários domínios do conhecimento. Acerca disso, Cândido e Abreu (2000), exemplificam que enquanto unidade de significação, admite depreensões como: cilada ou armadilha (empregue no âmbito policial e investigativo), amortecedor de queda (quando associada ao gênero artístico circense), divisor territorial entre concorrentes (no tocante ao universo esportivo), leito suspenso sob duas extremidades etc.

Numa época que se faz longínqua, a carga sematológica da terminologia "rede" consignava-se enquanto técnica de tecelagem na Grécia antiga e, posteriormente, estendeu-se à Medicina sendo utilizada por Hipócrates para representar o sistema vascular, exemplificando os canais de transposição sanguínea entre os órgãos do corpo humano (MUSSO, 2010). Ao contextualizar o sentido de rede de acordo com os indícios do império romano, Dias (2021), geógrafa e pesquisadora titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pontua que outras associações, a exemplo das redes de estradas e correspondências, foram utilizadas pelos governadores dos remotos impérios como modelo de linguagem e transporte de bens tangíveis entre a monarquia e as províncias.

Etimologicamente, o verbete de origem latina era utilizado pelos termos *rēte* ou *rētis* no século XII, correspondendo ao entrelaçado de fios (linho, algodão, fibras artificiais ou sintéticas),

cordões, arames etc., constituindo uma espécie de tecido de malha, de acordo com resultados do dicionário *Oxford Languages* (2020). Ainda neste período, a percepção das redes designa artefatos de caça, pesca e forros de malhagem têxtil, feitas para ocultar partes íntimas do corpo (MUSSO, 2010). Assim sendo, até o século XVI a noção de rede esteve submetida aos conceitos ora enunciados, sobretudo, à metáfora da tecedura (CARVALHO, 2009). Contudo, a autora em companhia de Benelli, Ferri e Ferreira Júnior (2015), asseveram que a partir da metade do século XVII, a concepção de rede, imposta pelo filósofo francês Claude-Henri de Rouvroy, ia além dos aspectos internos e externos da matéria humana estando atribuída, mas como objeto infocomunicacional.

Ainda neste período, a fundamentação lógica do termo redes passou a referir-se a ideia de interatividade humana ainda que sucedida à distância. Sobre isto, Meadows (1999) rememora a aparição das redes de correspondência, caracterizadas pela crescente permuta de cartas entre um círculo restrito de estudiosos a fim de que analisassem e emitissem comentários a respeito de seus respectivos conteúdos, redundando nas primeiras publicações periódicas.

Em 1908, considerando que a palavra rede (*network*) surge “na Conferência Internacional de Bibliografia e de Documentação (CIBD), em Bruxelas, primando pelos resultados da cooperação universal disponíveis para todos, num projeto coletivo” (SILVA, 2014, p. 28). Mais tarde, a noção antes enunciada se estende às organizações informacionais, pois em “*Traité de Documentation*”, Paul Otlet (1934), advogado bruxelense e ativista da paz mundial, idealiza o conceito de rede das redes ao propor a ordenação interativa da Rede Universal de Informação e de Documentação que interligava entidades físicas e institucionais pertencentes a domínios adjacentes do conhecimento e situadas em variados localidades do mundo (MARTELETO, 2007).

Vinte anos depois, em 1954, surge a definição oficial para a terminologia redes sociais, proposta pelo sociólogo John Arundel Barnes. Tal sugestão descende do conceito de redes (MITCHEL, 1974) com vistas a refletir e desenvolver questões metodológicas para os estudos realizados no campo da Antropologia Social (MARTELETO, 2007). A partir do estudo etnográfico intitula do “*class and committees in a Norwegian island parish*”, Barnes (1954) avaliou os requisitos de estratificação social dos habitantes de uma ilha norueguesa, convalidando a hipótese de que eles se interligavam uns aos outros por laços extensos de conhecimento não apenas aos seus conterrâneos, mas a outros sujeitos que residem além dos limites geográficos e culturais deste *habitat*.

A investigação feita por Elizabeth Bott em 1957, demarca, ainda mais, a popularidade do termo redes sociais na primeira metade do século XX, o qual visou identificar as correlações entre

as redes sociais e as relações de influências pessoais na divisão das atividades domésticas. Sob esta perspectiva, verificou-se que os cônjuges com maior índice de divisão de tarefas possuíam fortes ligações com familiares e vizinhos, ao passo que esta repartição é menos acentuada em casais que dispõem de ligações fracas, formada por colegas de trabalho (BOTT, 1957).

Pierre Musso (2010), em “a filosofia da rede”, endossa que ela corresponde ao arranjo de interconexões inconstantes composta por sujeitos em flagrante interação, cuja intercorrência obedece a algum critério de movimentação. Estes pré-requisitos encontram-se explícitos na definição de redes sociais, motivando, inclusive, seu ordenamento geral e parcial a partir da constituição de afinidades sejam elas permanentes ou efêmeras.

Consequentemente, as inclinações de reciprocidade e o processo comunicativo para resolução de finalidades específicas são a mola mestra que culminam e tonificam as ligações humanas. Neste aspecto, Capra e Luisi (2014), Higgins e Ribeiro (2018), Lazega e Higgins (2014), Marteleto (2001, 2007), Maturana e Varela (2001), ressaltam que o homem é um ser social submetido à vivência em comunidade, ou seja, recorrendo às formas de comunicação para que o convívio com os seus se estabeleça.

A pesquisadora Sônia Acioli (2007) compreende que a concepção de redes sociais, seja no âmbito metafórico e analítico, preconiza a configuração de vínculos interpessoais entrelaçados de modos específicos à luz das relações entre esses indivíduos e as corporações das sociedades. Ela reitera que no campo abstrato, a simbologia das redes indica a confraternização de pessoas, conectadas por laços que podem ser fortificados, simultaneamente conflitados e/ou desfeitos.

De modo geral, uma rede social reflete “um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados” (MARTELETO, 2001, p. 72). São representadas pelos sujeitos, suas relações e são estimuladas, mobilizadas e potencializadas por um propósito específico (MARTELETO; TOMAÉL, 2006). Seu processo de constituição é citado no capítulo “Redes sociais e sistemas de informação na formação do pesquisador”, escrito por Witter (2009), que corrobora com as autoras, defendendo a tese de que são influenciados por organismos que forjam a comunicação para alcançar fins específicos tais como se manter informado sobre um tema, evento, acontecimento e/ou alcançar metas. Neste sentido, a autora classifica as redes sociais a partir das categorias naturais e artificiais. A primeira se estabelece como parte orgânica do processo de vida, citando o exemplo das conexões nucleares que se comunicam a estrutura macro da família ensejando manter todos informados em casos de doenças, mortes, acidentes e de demais eventualidades. As artificiais são formuladas para ao alcance de metas comum a todos que a integram, a exemplo das redes sociais de apoio a viciados (drogas, jogos,

álcool etc.), de áreas profissionais e redes sociais empresariais, dentre outras classes de arranjos (WITTER, 2009).

Assim como o diálogo interliga os pontos de uma rede, por via de consequência estes arranjos assumem a posição de veículos, conduzindo conteúdo, socializando conhecimento e inteligências múltiplas para os demais situados no interior e confinidades da arquitetura conectiva quer seja no processo de produção científica, quer seja na avaliação de seus elementos e indicadores. A intercomunicação entre os pares, na visão de Rodrigues e Brennand (2021), ocorre a partir do diálogo, do contato entre amigos, desconhecidos, enquanto se busca conhecimentos e dissemina-se informações de utilidade e magnitude coletiva. Retomando à Witter (2009), para quem, o homem estabeleceu as redes comunicativas desde o princípio ao compartilhar informações, conhecimentos, emoções e tudo que se afeiçoe de modo relevante para êxito da sobrevivência. Mais adiante em seu texto, a autora assinala que o diálogo “é um processo naturalmente estabelecido entre os homens e com ela se estabelecem também as redes sociais de informação/comunicação.

Corroborando com esta afirmativa, segundo Castells (1999) e Clementi *et al.* (2017), no cotidiano da vida social as redes são diagramações comunicativas que assumem a condição de fluxo para socialização de informação e saberes por intermédio do diálogo, e não menos importante, a partir de sua versatilidade permite-se sistematizar e executar atividades como transação de compras, rastreamento e entregas de mercadoria, mapeamento de epidemias etc.

Quanto aos elementos essenciais para formação das redes sociais, Funaro *et al.* (2009) descrevem que são formadas levando em consideração o estabelecimento de elos entre os atores que colaboram socialmente, constituindo relações a partir do conteúdo que produzem e compartilham.

Contudo, a presente teoria expõe tipologias de redes sociais, cuja confecção se respalda na finalidade da rede, no modelo de análise que avalia os atributos e as influências dos nós em comparação aos demais, nas relações e ligações por eles repercutidas, transcendendo as relações humanas, como apresentado no Quadro 10:

Quadro 10 – Tipos de redes sociais

Tipo	Definição
Redes colaborativas	Tipo de redes sociais na qual os atores, contribuem significativamente para o grupo, empenhando-se em disseminar e c compartilhar informações de interesse comum para melhorar o desempenho de cada um dos integrantes, aperfeiçoar o produto que estejam elaborando ou atingir objetivos gerais e específicos.

Rede colaborativa de produção científica	Rede Social construída por pessoas que se relacionam dentro de um contexto de pesquisa acadêmica, formando pontos de informação que geram a colaboração entre pesquisadores no que diz respeito a fazer ciência.
Rede de coautoria	Redes formadas por professores e/ou pesquisadores que partilham a autoria de um artigo ou qualquer tipo de trabalho.
Rede tecnológica	Tipo de rede social formada principalmente por artefatos produzidos pela cultura humana.
Redes conceituais	Redes de conceitos que mantêm relações lógicas, ontológicas ou associativas e de equivalência entre os conceitos.
Redes temáticas	Têm num determinado tema, questão, problema ou política, o elemento que justifica a sua organização e em torno do qual gravitam os atores participantes.
Redes territoriais	Têm num determinado território (local - País, Estado, um conjunto de municípios, uma cidade, um bairro, um bioma ou, por exemplo, um rio, uma floresta, uma área de proteção ambiental) o ponto comum de aglutinação dos parceiros.
Redes organizacionais	Expressão utilizada para designar redes sociais artificiais que são construídas por instituições ou organizações com metas em comum.
Redes de histórias em quadrinhos (HQs)	Redes que se caracterizam por construir um ambiente de encontro, sala de reunião, tribuna, convenção, serviço de alerta e principalmente, mídia de compartilhamento opinativo de autores e público leitor.
Redes sociais de vizinhança	Redes informais que reúnem pessoas com objetivo de suprir a ausência, principalmente, de sistemas e serviços. Utilizam, em sua organização, o contato pessoal, o telefone, e, eventualmente, recursos informatizados para atingir a meta.
Redes sociais de C&T	Redes que visam integrar competências e otimizar o uso de recursos de diversas naturezas, incluindo a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) para solução de problemas ou para avanço no estado da arte de determinadas áreas de C&T.
Redes terroristas	São formadas por terroristas que se interligam a partir de suas múltiplas estratégias de comunicação.
Redes de linhas aéreas	Configurações interativas formadas por aeronaves indicando os nós e suas escalas/ trajetos aéreos as ligações.
Redes de citação	

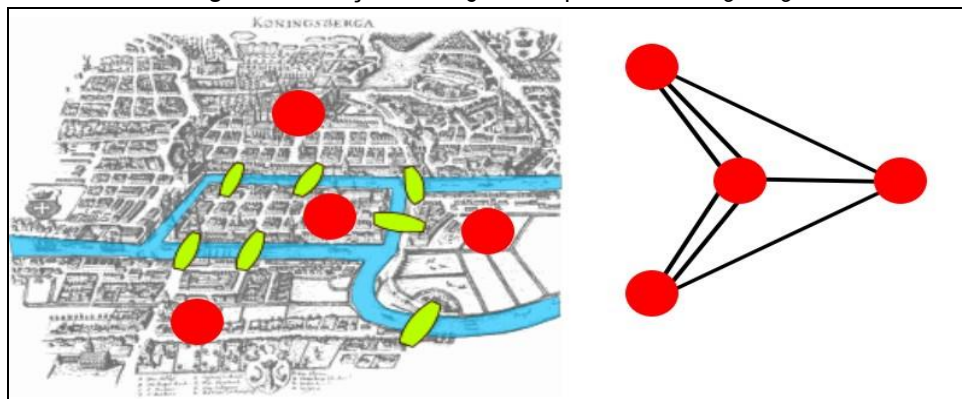
	Nas redes de citação os atores sociais são representados pelo tipo de material (artigos, livros, trabalhos acadêmicos, resumos expandidos, editoriais, etc.) e as ligações se são pelas citações que apresentam.
Redes interinstitucionais	Se caracteriza por novas conexões que são efetivadas entre atores do ambiente externo a rede.
Redes intrainstitucionais	São as relações dentro de uma mesma instituição; é uma rede interna.
Redes bimodais	Constituídas de dois grupos distintos de atores ou de conjunto de atores e um conjunto de eventos e as relações que possuem entre si.
Redes monomodais	Redes de um só modo ou de um só tipo de ator.

Fonte: Adaptado de Balancieri (2004); Lara e Lima (2009); Telmo (2019); Wasserman e Faust (1994); Wu, Zhou e Liu (2015)

De acordo com Martins (2012) o método de estudo das redes tem por objetivo identificar o conjunto de dados a ser analisado, tipificar as ligações e o modo como a informação é veiculada a partir das relações. A percepção do sentido e a avaliação desses ordenamentos sociais advém da consolidação de teorias e técnicas estruturalistas cujos proponentes se voluntariaram a compreender as motivações que ocasionaram a ocorrência dos fenômenos em seus *métiers*. Sendo assim, a literatura menciona os resultados provenientes da teoria dos grafos e da sociometria, recursos que influenciaram consideravelmente o arcabouço textual e heurístico, como método de interpretação dos relacionamentos e conteúdo intermediado pelos sujeitos e suas semelhanças.

A teoria dos grafos é um seguimento da Matemática, derivada dos resultados propostos em 1736 pelo físico e matemático suíço Leonhard Euler, para desvendar o enigma das pontes da Cidade de *Königsberg*, Prússia, hoje denominada Kaliningrado. Registros bibliográficos produzidos por pesquisadores situados nas Ciências Exatas e redondezas revelam que a metrópole (Figura 7) era segregada pelo rio *Pregel*, formando duas ilhas ou quatro distritos que se interligavam através de sete pontes (DONADELLI, 2010; MOTA, 2019; OSTROSKI; MENONCINI, 2009; PRESTES, 2020; SILVA *et al.*, 2012).

Figura 7 – Solução do enigma das pontes de Königsberg



Fonte: Malta (2008)

Campanharo e Ramos (2010) recordam que, por volta de 1736, os moradores conjecturavam sobre a viabilidade de atravessar as sete pontes sem aos menos repeti-las. Diante de tamanha confabulação, questionou-se sobre a possibilidade de caminhar pela cidade de modo a cruzar cada uma das pontes uma única vez, retornando ao ponto inicial (MALTA, 2008; SOUZA, 2014). A Figura 7 esquematiza a estratégia utilizada por Euler para responder a problemática. Para isto, a partir de um grafo, delinearam-se possíveis conexões em que os círculos vermelhos representavam a superfície da cidade e as linhas indicavam as pontes que conectavam suas imediações. Por fim, comprovou-se que não havia trajeto que cumprisse os requisitos, considerando que seria possível completar o percurso transpassando, apenas, uma vez em cada ponte caso o número de linhas fosse par (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2007; GUIMARÃES, 2011; MALTA, 2008; RECUERO, 2009; SILVA *et al.*, 2012).

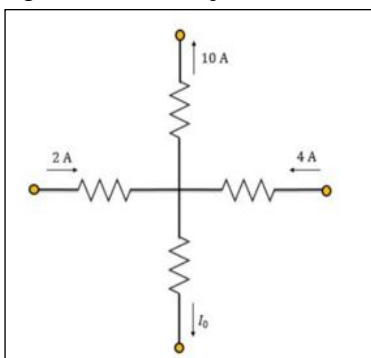
O fato de encontrar respostas para o questionamento da população consagrou Euler como atenção: da Teoria dos Grafos. Contudo, outros contemporâneos e confrades aplicaram os pressupostos de seu produto com vistas a reafirmar suas próprias convicções ou refutar hipóteses consoantes aos fenômenos ocorridos nos ecossistemas em que estavam imersos. A este respeito, cabe frisar que Ostroski e Menoncini (2009) e Ribeiro (2013) numa só voz comentam que as trilhas eulerianas foram consideradas uma charada aritmética ficando adormecida por 150 anos, até que em 1847 o físico alemão, Gustavo Kirchhof, recorreu à performance dos grafos para investigar os circuitos elétricos dando origem à lei de correntes ou dos nós (Figura 8), segundo a qual a soma das cargas que chegam a um determinado ponto deve ser igual as de origem.

Em 1857, o matemático britânico, Arthur Cayley estudou a aplicação de árvores (Figura 9) – espécie de grafo, cujos laços se distribuem abertamente – para retratar o encadeamento dos

compostos químicos, citando caso análogo a isomeria dos hidrocarbonetos alifáticos saturados (PRESTES, 2020).

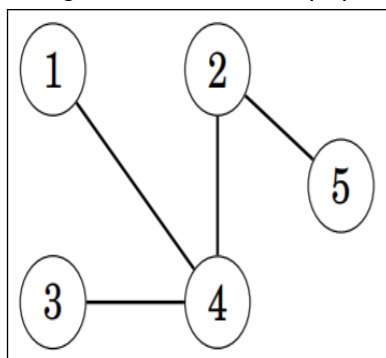
Ancorado sob a lógica dos caminhos eulerianos, Willian Rowan Hamilton, matemático irlandês, elaborou um modelo que visava localizar os percursos em que as localidades envolvessem os pontos de um dodecaedro – forma geométrica de doze lados – de modo que cada uma fosse percorrida somente uma vez, dando origem ao gráfico hamiltoniano (Figura 10), (OSTROSKI; MENONCINI, 2009).

Figura 8 – Simbologia à lei de nós



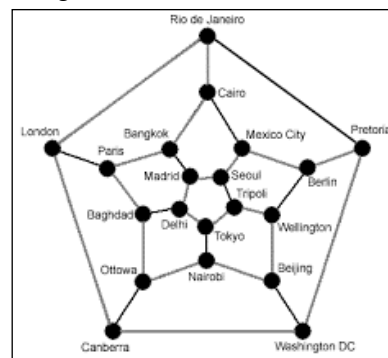
Fonte: Gouveia (2022)

Figura 9 – Árvore de Cayley



Fonte: Mota (2019)

Figura 10 – Grafo Hamiltoniano



Fonte: Prestes (2020)

A finalidade da teoria dos grafos, conforme Recuero, Bastos e Zago (2020), enfatiza a representação gráfica dos fenômenos e as propriedades que podem ser extraídas de seu arranjo. Deste modo, apesar de as teorias apresentarem semelhanças quanto ao emprego da metodologia, há possibilidade de seu emprego para resolução de problemáticas situadas em domínios múltiplos.

Freeman (2004) assevera que a sociometria consiste na metodologia que investiga as compatibilidades e os ordenamentos que resultam da organicidade das interações. A literatura expõe que os primeiros registros sobre a temática foram desenvolvidos por Jacob Levy Moreno, médico, filósofo, sociólogo e dramaturgo nascido em 1889 em Buscareste, Romênia, e naturalizado nos EUA em 1925. Suas influências literárias e filosóficas – Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Johan Heinrich Pestolazzi (1746-1827) e Friedrich Fröebell (1782-1852) – contribuíram para que se consagrasse como expoente neste ramo, visto que durante a juventude dedicou-se ao estudo da Psicanálise, Educação, Filosofia sob o viés Marxista e Dramaturgia (BONITO, 2018).

Em 1934, Levy publicou um de seus clássicos, intitulado “*who shall survive: a new approach to the problem of human interrelations*”, no qual estabelece as bases teóricas e concepcionais da sociometria para estudar a formação de pequenas comunidades adjacentes à terapia clínica e ao

sociodrama. Sobre este projeto, Recuero, Bastos e Zago (2020) esclarecem que a teoria da sociedade foi o fio condutor que possibilitou observar não somente; a formação de conectivos interpessoais, mas os efeitos para além dos aspectos individuais de seus componentes.

Em conformidade com o estudo desenvolvido por Schmidt (2007), o desafio de Moreno pautava-se no desenvolvimento de um recurso que atendesse, simultaneamente, o sujeito em si e os atributos de seus companheiros, incorporando o descobrimento dos fundamentos de coesão e complexidade. Em se tratando dos caminhos percorridos para consecução deste ensaio, Recuero, Bastos e Zago (2020) elucidam que o autor lançou mão de métodos quantitativos para realização da análise, extraíndo indicadores com intuito de mensurá-los. Em flagrante sintonia, Freeman (2004), Jamali e Abolhassani (2006) asseguram que o estudo congregava os seguintes enfoques indispensáveis ao estudo das redes sociais: a) dados relativos à formação dos laços sociais; b) diagnóstico dos padrões de conexão desempenhadas actantes; c) caracterização das conexões; d) identificação dos papéis/ posições sociais de cada indivíduo.

A ilustração dos resultados se deu pela esquematização de um sociograma. O recurso foi projetado por Moreno como instrumento de pesquisa, cuja finalidade se respalda na aferição e representação visual da formação das redes (FERREIRA; BRASIL; ACIOLY-REGNIER, 2018). De acordo com Vaz (2008), os sociogramas são relevantes instrumentos que permitem a compreensão das relações entre indivíduos de uma ou diversas comunidades. Logo, um bom sociograma permite a leitura das relações de um grupo e exhibe de modo claro os subgrupos existentes, apresentando o menor número de linhas que se cruzam com as outras (RECUERO, 2009; VAZ, 2008;).

Ainda na década de 1930, surge Grupo de Harvard, capitaneado por Lloyd Warner e Elton Mayo que desenvolveram pesquisas junto aos grupos de trabalho em fábricas norte-americanas (RECUERO, 2009). De acordo com a autora, dentre os estudos, destacam-se o realizado na fábrica *Hawthorne* que contribuiu para a expansão da teoria da ARS. Scott (2000) revela que a maior contribuição se deu pelo uso de sociogramas que representavam os relacionamentos em ambiente laboral os quais se assemelhavam aos organogramas gerenciais distribuídos pelo ambiente da pesquisa a fim de descrever o as funcionalidades do comportamento desempenhado em serviço.

A escola de Manchester exerce influência sobre pesquisas que utilizam a metodologia de ARS, a partir das ideias de Radcliffe-Brown e Max Gluckman que criaram uma abordagem para estudar conflitos de poder e relações de parentesco por meio de sociogramas, dando início à

sistematização de redes sociais a partir de métodos matemáticos e matriciais a fim de propor um conceito de arranjo social (MARTINS; MACAMBIRA, 2021)

A ARS corresponde à interpelação de arranjos coletivos, habilitada para responder questionamentos tocantes à motivação, composição e consequência dessas relações sociais, visando a consecução de práxis e resolução de problemáticas em diversos setores da sociedade. De natureza interdisciplinar, este modelo investigativo assume diferentes nuances conceituais, isto porque, congrega influências teóricas e pragmáticas consoantes à Educação, Epidemiologia, Psicologia, Estatística, CI, Estatística, Antropologia, Sociologia e Matemática (CROSS; PRUSSAK; PARKER, 2002; VERMUNT; DUIJN, 2006). Por esta razão, seu conceito é de natureza genérica, variando em termos de abordagem e aplicação.

Wasserman e Faust (1994) a definem como formação de elos entre atores sociais. Perspectiva similar é compartilhada por Storch (2007), para quem, a ARS consiste no mapeamento das relações entre indivíduos. No livro “introdução à análise de redes sociais”, Recuero (2017) reconhece que este método se trata da observação de grupos/comunidades, permitindo analisa-los a partir da tipologia de seus delineamentos relacionais, desenvolvidos pelos actantes [autores e avaliadores]. Tomáel e Marteleto (2013), teóricas da CI brasileira, em concordância com os autores suprarreferidos, acrescentam que a agenda deste segmento metodológico se compromete com a descrição e caracterização dos arranjos conectivos tendo o *locus* social como mola propulsora.

Determinados pesquisadores defendem que o escopo avaliativo da ARS ultrapassa os limites das relações humanas, ao advogarem que a sociedade – *locus* onde os elos se desdobram – constitui-se, equanimemente, por entidades não-humanas. O conceito de entidade equivale às unidades constituídas por agentes e artefatos (LARA; LIMA, 2009). As entidades não-humanas compreendem “tudo que não é humano: objeto (i)material, planta, animal, textos, arquitetura, laboratórios, máquinas, artefatos, organismos, coisas da natureza.” (SILVA, 2020, p. 13).

Alicerçados nesta assertiva, Balancieri (2004) em comum acordo a Alejandro e Norman (2005), consideram que se trata de uma ferramenta que possibilita depreender a interatividade entre qualquer classe de entidades. Por seu turno, Jamali e Abolhassani (2006) compreendem-na enquanto aferição de interações e fluxo entre pessoas, organizações, agremiações, computadores, eventos e demais itens de processamento ou veiculação da informação. Sobre a diversidade do *corpus* de elementos representativos, Butts (2006) pleiteia que a ARS não atenta para natureza

específica dos entes da rede, pois consideram que tanto as convencionais, quanto as excepcionais assumem a condição de objeto de estudo relacional.

Concepções respeitantes aos aspectos performáticos das redes sociais ao passo que assumem a condição de vias condutoras de informação, socialização de saberes e habilitação de inteligências múltiplas, deflagram novos sentidos à metodologia que ora desponta. Por conseguinte, Romero e Ventura (2013) a definem como tática de mineração de dados de um arranjo grupal, com o propósito de conhecer os itens e as circunstâncias que suscitaram o encadeamento. Asseveram também que pode ser utilizada para avaliar as práticas de colaboração entre pares, cujas conexões se revelam como forte instrumento de disseminação da informação e canais de aprendizagem (ROMERO; VENTURA, 2013).

Perante o exposto, associada ao método de ARS, salienta-se a noção de CoP. Este tipo de comunidades tratam-se de “grupos de pessoas que têm em comum uma preocupação, um conjunto de problemas ou uma paixão acerca de um tema e que desenvolvem o seu conhecimento e especialização nessa área, interagindo numa base regular” (ÁLVARES, 2010, p. 42). No que tange a sua dinâmica, Garcia (2005) afirma que as CoP se desenvolvem quando um grupo de pessoas se interligam em torno de interesses em comum, com a finalidade aprender e ensinar, criando fortes elos apoiados na credibilidade e solidariedade.

Em sua tese sobre as CoP relacionadas à Gestão do Conhecimento (GC) no âmbito contábil das Instituições Federais no Brasil, Lira (2019) cita que o desempenho dos grupos se deve à disposição de seus membros, cuja sistematização segue os protocolos para instituição de uma rede, a partir da qual os partícipes trabalham conjuntamente, socializando competências e partilhando problemáticas, histórias, interesses e frustrações em comum. Para Meira *et al.* (2011) nem todo agrupamento atende às especificidades e à missão das CoP, considerando que assumem as seguintes características: a) execução de atividades desempenhadas por seus membros; b) composição de laços informais com base nas aplicações que desempenham juntos, variando desde as discussões mais singelas até a deliberação de afazeres complexos. De acordo com o autor, possui características como:

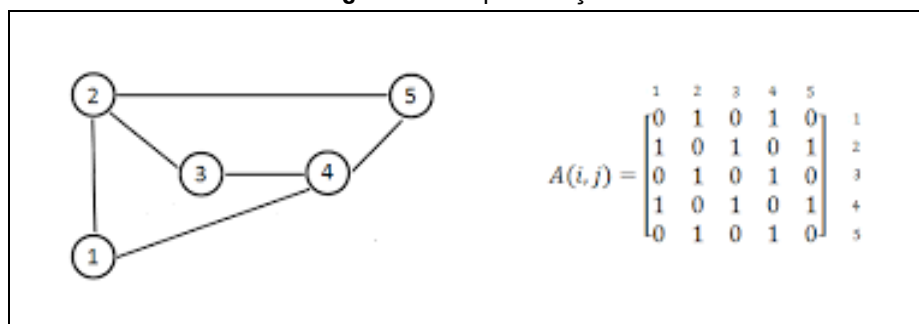
- **Objetivo:** Sobre o que é a comunidade, o objetivo final a ser atingido pelos membros da comunidade;
- **Funcionamento:** Mecanismo de relacionamento e engajamento a partir do qual os membros interagem para atingir o objetivo proposto;
- **Produção:** Repertório compartilhado criado durante a participação na comunidade, incluindo artefatos, vocabulário, estilos e até mesmo sensações e sentimentos (MEIRA *et al.*, 2011, p. 62).

Ao atribuir conceitos para as terminologias intrínsecas ao campo da ARS, Lara e Lima (2009) determinam a concepção de grafo sob o enfoque quantitativo, visto que a representação de seu conteúdo se apoia em modelos matemáticos. Para Wasserman e Faust (1994) e Vaz (2008) trata-se de um sociograma, em que os pontos (vértices) representam os atores e as linhas fazem referência às relações desempenhadas. Tal-qualmente, Recuero (2017) acresce que um grafo concerne à reprodução de uma matriz, na qual os nós compreendem as entidades e as arestas (arcos) indicam as conexões.

Uma matriz corresponde adequadamente à informação confinada num grafo (LAZEGGA, HIGGINS, 2014). Reiteram que a interpretação matricial é relevante, pois possibilita estabelecer tipologias distintas de relacionamentos entre os nodos e utilizar operações algébricas para analisar os relacionamentos. Alejandro e Norman (2005) acompanhados de Higgins e Ribeiro (2014) apresentam quatro tipos de matrizes – quadrada, retangular, simétrica idêntica – que alicerçam a construção e análise aritmética e computacional do comportamento social sob o enfoque das redes. Para eles, as matrizes: a) **quadradas**: contém o mesmo número de linhas e colunas; b) **retangulares**: apresenta quantitativo de linhas e colunas dispares; c) **simétricas**: as relações entre os nós são recíprocas; d) **idênticas**: dispõe do mesmo número e rótulos tanto nas colunas como nas linhas.

A Figura 11 expõe um modelo de rede, cuja exibição se dá a partir da sistematização do conjunto de dados na matriz $A(i, j)$, a partir da qual desenvolvem-se os relacionamentos entre as entidades um, dois, três, quatro, cinco. As colunas e linhas fazem referência a cada nodo da rede e os elementos que entre elas se fundem indicando a composição dos elos. A partir da estampa gráfica, constata-se que os vértices dois e quatro se destacam como os que despontam maior centralidade – medida avaliada posteriormente – porquanto os autores com quem se associam e o somatório de laços são equivalentes.

Figura 11 – Representação matricial



Fonte: Caiado (2021)

De acordo com Silva (2014), a ARS avalia práticas e posicionamentos dos atores na estrutura relacional a partir do desdobramento de suas conexões, sejam elas referentes aos seus semelhantes, grupos, subgrupos e demais tipos de entidades. Em “análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação”, Silva e Marteleto (2014) mencionam que aos indivíduos são atribuídas inúmeras formas de atuação, destacando-se em qualquer um deles conforme o reflexo de seu desempenho no processo de socialização, a saber: a) mentor (conselheiro); b) articulador (favorece a comunicação e o fluxo de informação na rede); c) instrumentalizador (oferece meios para as ações sejam realizadas); d) cosmopolita (exerce influência na rede, possuindo flagrante poder de intervenção e mediação); e) tradutor (que detém e a quem se solicita informações).

Com efeito das interações sociais, a literatura distingue a noção entre relações e ligações. Para Marteleto e Tomáel (2005), no contexto da ARS, as relações (*relation*) referem-se aos moldes como as informações são permutadas, coexistindo as comunicações pessoais, intra e interorganizacionais, intra e interdepartamentais, entre grupos, etc. De modo semelhante, Wasserman e Faust (1994) compreendem que uma relação consiste no “conjunto de laços que respeitam o mesmo critério de relacionamento, dado um conjunto de atores”. Ao investigar a potencialidade dos laços no processo comunicativo, Garton, Haythornthwaite e Wellman (1997) esclarecem que são caracterizadas por seu conteúdo, direção e veemência. A título de exemplo, Marteleto e Tomáel (2005) enfatizam:

[...] que uma pessoa pode dar apoio social a uma segunda pessoa. Há duas relações nessa ligação: uma dando apoio e a outra recebendo. Alternadamente, atores podem compartilhar indiretamente relacionamentos de amizade; nesse caso entra uma terceira pessoa na relação. As relações se diferem quanto à intensidade. Em se tratando da comunicação, as pessoas podem comunicar-se o tempo todo, uma vez ao dia, semanalmente ou anualmente. Podem trocar grandes ou pequenas quantidades de capital social: dinheiro, bens ou serviços. Podem fornecer informações importantes ou triviais. Diferentes tipos de relacionamento podem ser avaliados de acordo com sua intensidade.

As ligações (*tie*) reúnem par de atores por uma ou mais relações (MARTELETO; TOMÁEL, 2005). Linha ideológica é compartilhada por Matheus e Silva (2009), para quem, tais vínculos estabelecem conexão entre atores. Este tipo de união no âmbito das redes configura-se como canais para transferência ou fluxo de recursos materiais e não materiais (WASSERMAN; FAUST, 1994).

Considerando que as interações humanas são motivadas por fatores múltiplos, pesquisadores da CC apresentam sete aspectos que tipificam a formação de laços em ambientes

sociais, a saber: a) avaliação individual (relações afetuosas); b) transação de recursos materiais (compra e venda de produtos entre pessoas físicas e/ou multinacionais); c) transação de recursos imateriais (compartilhamento de mensagens via e-mail); d) associação ou afiliação (quando um grupo de atores de uma mesma área participam do mesmo evento); e) interação (sentar-se próximo a alguém e conversar); f) movimentação, conexões físicas e sociais (migrações e mudança de ocupação); g) laços entre posições convencionais (hierarquia familiar, laços de autoridade institucional e organizacional) (MATHEUS; SILVA, 2009; RECUERO, 2009; WASSERMAN; FAUST, 1994).

Estudiosos da ARS, a exemplo de Higgins e Ribeiro (2018), Lazega e Higgins (2014), Marteleto (2013), Meira *et al.* (2011), Recuero (2009, 2017) ao se debruçarem sobre o paradigma relacional, endossam que os vínculos se dicotomizam entre direcionais e não direcionais no que tange à orientação e, em fracos e fortes quando relacionados à intensidade.

As ligações ou grafos direcionados (dígrafos ou assimétricos) possuem conjunto de arestas que consistem em pares ordenados de vértices (BUTTS, 2008). Visualmente, são representadas por linhas ou curvas pontiagudas indicando a rota da conexão (RECUERO, 2017). Para fins de ilustração, a autora simula a formação de elos direcionais a partir da dinâmica do *Twitter* e *Instagram*, a partir dos quais, há possibilidade de um usuário X seguir o usuário Y, sem que este o retribua, formando um elo não recíproco.

Os grafos não direcionados (simétricos) conectam pares de vértices não ordenados, ou seja, cada aresta conecta concomitantemente dois vértices, prescindindo o uso de setas para indicar o curso das associações (OLIVEIRA; GAMA, 2012). Em “análise de redes sociais para mídia social”, Recuero, Bastos e Zago (2020) elucidam o modelo de relacionamento empreendido em ambientes digitais, tal como o *Facebook* que demonstra fidedignamente a concepção de simetria entre os seus consulentes de modo que a confirmação de uma solicitação de amizade conecta simultaneamente dois ou mais indivíduos sem qualquer evidência de direcionamento na relação.

As ligações assumem a condição de fortes, fracas e inexistentes em se tratando da expressividade com que se manifestam. De acordo com Lara e Lima (2009), os elos fortes (*strong ties*) ocorrem quando os nós de uma rede sociais assumem maior proximidade ou contato, enquanto as ligações fracas (*weak ties*) designam o oposto, isto é, caracterizam menor afinidade entre si. As inexistentes (*absent ties*) caracterizam-se pela não proximidade ou ausência de interações entre os nodos numa macroestrutura social. Em referência à expressividade dos laços, Mark Granovetter (1973), sociólogo e pesquisador da Universidade de Standford, argumenta que a intensidade das vinculações, sob a perspectiva da Sociologia, se originam da confluência de fatores empíricos e

sociais, tais como: quantidade de tempo, de proximidade, de intensidade emocional, nível de intimidade e serviços recíprocos. Em harmonia à fala deste teórico, Meira *et al.* (2011) indicam que:

Os laços podem representar uma variedade de tipos de relacionamento. Por exemplo, um *empathy* pode indicar se uma pessoa gosta, confia, respeita, se reporta, se comunica ou obtém informações de outra. Da mesma forma, os laços podem representar vendas, compras, entregas, contratos ou colaborações com relacionamentos. A presença de um vínculo de rede indica que existe um relacionamento. A ausência de um vínculo de rede indica que o relacionamento não existe (o que as interações podem representar).

À vista dessas considerações, Fragoso, Recuero e Amaral (2007, p. 123) esclarece empiricamente que os “[...] laços fortes conectam indivíduos que dividem intimidade, grupos sociais próximos e amigos. Já os laços fracos, por outro lado, conectam ‘conhecidos’, ou atores cujas relações sociais focam menos a intimidade e o aprofundamento”. No que concerne à caracterização social e temporal, Parente (2010) revela que as ligações podem ser efêmeras, por toda vida, eventuais, aleatórios, intensas, pessoais, profissionais, sigilosas ou notórias.

Ressalta-se que no processo de análise das redes cada propriedade detém finalidade ímpar, visto que abalizam copiosas propriedades e aspectos do fenômeno em rede com base nos eventos sociais desempenhados pelo convívio entre os atores. Por esta razão, Granovetter (1982) explica que as ligações fracas são responsáveis pela baixa densidade numa rede em que muitas possibilidades de relacionamento estão ausentes, enquanto que o agrupamento destes indivíduos e seus adjuntos estão densamente interligados muitas possibilidades de ligações haverão. O autor chama atenção para relevância da intensidade dos relacionamentos, em especial para as funcionalidades dos laços fracos, visto que sua função consiste em interligar as partes de uma rede social que não estão unidas diretamente por intermédio de laços fortes (GRANOVETTER, 1973, 1982).

O estudo de redes sociais prima pelo reconhecimento das razões que evocam a constituição de traços relacionais em *locus* social, recorrendo ao emprego de parâmetros descritivos e aritméticos para avaliar aspectos relacionados os componentes das arquiteturas relacionais que pluralmente se desenvolvem. Estas medidas são distribuídas segundo o foco de análise que se desdobra nas categorias redes e atores (nós).

Segundo Recuero (2017), as medidas de rede indicam características do arranjo relacional em sua completude, incluindo os elementos constituintes. Pontua-se, ainda, que as unidades de avaliação relacional são manipuladas simultaneamente às proporções de nós, em virtude de oferecer subsídios específicos para que o analista e leitor compreendam a arquitetura do grafo. As

medidas de avaliação gráfica são propostas e variam conforme a abordagem e o domínio teórico em que os autores estão inseridos.

A densidade da rede (*network density*) expressa a quantidade de ligações desenvolvidas num esquema social. A densidade resulta da divisão do número de ligações (m) de uma rede sobre o importe máximo de relações possíveis conforme ($m^{\max}$), conforme apontado por Guerreiro (2012). Deste modo, autores fazem coro ao afirmar que em redes consideravelmente densas há flagrante quantidade de conexões e redes dispersas apresentam ínfimo somatório de ligações (HATALA, 2006; RECUERO, 2009; BEZ; FARACO; ANGELONI, 2010).

Em referência à avaliação das redes sociais, frisa-se que em casos específicos há a chance de as métricas se complementarem ou sinalizarem a subsistência de outras unidades de estudo estrutural, listadas no Quadro 11. Por conseguinte, em termos gráficos, a densidade, seja ela baixo ou elevada, está intimamente relativizada à coesão e à contínua formação de *clusters* ou agrupamento de nós (BALANCIERI, 2004; RECUERO, 2017), além de auxiliar na compreensão do surgimento de buracos estruturais e modelos de interconexão entre redes (BALANCIERI, 2004; FARINA, 2014; RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2020).

Quando uma arquitetura relacional demonstra forte densidade, significa que seus atores dispõem de profunda relação de confiança uns com os outros, a exemplo do crescente índice de pesquisadores que remetem seus trabalhos a uma plataforma aberta de publicação para que o processo de revisão paritária seja iniciado tão breve o quanto possível. Evidentemente, que são remetidos à esta comunidade não apenas para dirimir dilemas cronológicos, como de costume, mas pela convicção de que os árbitros que ali avaliam, prestarão um serviço de qualidade e em tempo hábil. Assim, relações entremeadas pelo diálogo e pelo número de avaliações realizadas por um ou vários indivíduos a respeito de um mesmo paper asseveram a densidade ou decréscimo da rede.

Em termos aritméticos, as redes sem ligações assumem valor zero, à medida que as redes conectadas recebem custo um (BEZ; FARACO; ANGELONI, 2010), considerando que o valor da densidade pode oscilar entre zero e 100%, porquanto a rede terá densidade macro quando seu valor alcançar esta última margem (FARINA *et al.*, 2013). Assim sendo, uma rede fortemente densa é sinônimo de uma rede socialmente coesa (HATALA, 2006).

Com base na literatura, Farina (2014), Higgins e Ribeiro (2018), Marteleto e Tomáel (2005), Recuero (2009, 2017), e Recuero, Bastos e Zago (2020) apresentam unidade que aferem as propriedades de redes sociais (Quadro 11) que permitem compreendê-la e analisa-la completamente.

Quadro 11 – Medidas de análise das redes sociais

Medidas	Definição
Coesão social (<i>social cohesion</i>)	Denota a consistência de relações cada vez mais assíduas entre os sujeitos, diretamente relacionada a noção de ligações fortes e fracas.
Transitividade (<i>transitivity</i>)	Nível de coesão entre os vizinhos de um dado nó. Esta medida é bastante usada na ARS uma vez que estas são naturalmente transitivas, ou seja, a probabilidade dos amigos de um actor serem amigos entre si é elevada.
Distância Geodésica (<i>geodesic distance</i>)	Medida entre um par de nós é o número de laços que existe no caminho mais curto entre eles, ou caminho direcionado no caso de grafos direcionados, sendo que caso não exista tal caminho a distância pode ser 7 considerada indefinida ou infinita.
Fluxo máximo	Quanto dois atores estão totalmente conectados na rede e levanta os possíveis caminhos de distribuição da informação e o número de caminhos da informação que não alcança determinado autor.
Periferia	Atores que têm pouco contato entre si e estão mais conectados aos atores do centro.
Alcance (<i>reachability</i>)	Mede a extensão do contato que um ator tem com outros atores na rede.
Equivalência estrutural	Mede a posição relativa de um ator na rede.
Equivalência regular	Mede literalmente o papel social.
Buracos estruturais	Avalia o grau de coesão social e competição dentro de uma rede.
Clusters (<i>agrupamento</i>)	Conjunto de nós mais densamente conectados (ou mais interconectados) do que os demais na rede.
Cliques (<i>subgrupos</i>)	Determina o subconjunto de nós próximos a outros, sendo que não existem outros nós que sejam também próximos a todos os nós de clique. Para compor esta medida, deve existir no mínimo três nós.
Hubs	Atores altamente conectados a vários outros atores que contribuem significativamente para diminuir a distância entre os grupos e pessoas da rede.
Díades	Formada por apenas dois atores e as possíveis ligações entre si. Os atores podem estar ligados ou não, e a sua ligação é uma propriedade do par.

Triádes	Triádes, ou subgrafos de três nós, são frequentemente considerados a base estrutural das redes sociais.
Tétrades	Padrão de relacionamento formados por pequenos grupos de quatro nós.
Tétrade pipa	A tétrade “pipa” (ou seja, $a - b$, $b - c$, $b - d$, $c - d$), ou o “1-Edge-Triangle” por exemplo, indica que um ator num grupo de três atores conectados tem uma única conexão com um quarto. O <i>link</i> que se estende ao ator representa uma “ponte” local ou “laço fraco” entre dois locais na rede.
Tétrade caixa	A tétrade “caixa” (ou seja, $a - b$, $b - c$, $c - d$, $d - a$) é um exemplo de um subgrafo anti-clustering e é um dos poucos tipos de configurações de quatro atores que ganha consideração no contexto social.

Fonte: Wasserman e Faust (1994), Balancieri (2004), Marteleto e Tomáel (2005), Lara e Lima (2009), Recuero (2017), Recuero, Bastos e Zago (2020), Felmlee; Mcmillan; Whitaker (2021)

Medida de relevância focalizada nos atores é a centralidade. Em conformidade com Oliveira e Gama (2012), concerne à medida geral de como a posição um ator está dentro do encadeamento geral. No tocante às características, Lazega e Higgins (2014) descrevem que ela provém da sociometria, comprometendo-se a identificar os atores mais relevantes num dado sistema de interações. Dito de modo simplificado, a centralidade mapeia e investiga o comportamento de indivíduos que coordenam a aplicação de recursos comunicacionais, retendo incontestável autoridade em comparação aos demais. Regina Marteleto corrobora com os referidos teóricos evidenciando que:

A centralidade é, então, a posição de um indivíduo em relação aos outros, considerando-se como medida a quantidade de elos que se colocam entre eles. O fato de os indivíduos com mais contatos diretos numa rede não serem necessariamente aqueles que ocupam as posições mais centrais pode ser explicado através do conceito de abertura estrutural. Um indivíduo com poucas relações diretas pode estar muito bem posicionado numa rede por meio da utilização estratégica de suas aberturas estruturais. (MARTELETO, 2001, p. 76).

A partir desses pressupostos, a realização da análise associativa à luz deste indicador se desmembra nos seguintes aspectos centralidade de grau (*degree centrality*), centralidade de proximidade (*closenes centrality*) e a centralidade de intermediação (*betweenness centrality*).

A centralidade de grau é uma medida oriunda da identificação do número de contatos que um ator mantém numa rede (LARA; LIMA, 2009), em outros termos, avalia a incidência comunicativa que um ator desempenha junto aos seus interagentes. Em termo ilustrativos, pode ser medida pelo número de laços (tamanho da rede um ator) e interpretada partindo da concepção de que quanto mais um ator é prestigiado, mais ativo ele será no sistema (HIGGINS, RIBEIRO, 2018; LAZEGA; HIGGINS, 2014).

A centralidade por proximidade se estabelece no número de *links* que um indivíduo deve percorrer para alcançar todos os outros nós na rede (EHRlich; CARBONI, 2005; LEMIEUX; OUIMET, 2004; RECUERO, 2009). A relação de proximidade entre os nós, conforme as observações mencionadas no estudo proposto por Oliveira e Gama (2012), contestam que quanto mais central for um indivíduo, mais próximo será dos demais, recebendo e disseminando conteúdos informacionais continuamente.

Por fim, a centralidade de intermediação parte da ideia de que uma entidade é mais central à medida que mais relações por ela perpassam (BATISTA, 2015). Sua aferição ocorre conforme enunciado por Lara e Lima (2009), pois visa identificar os atores que funcionam como intermediadores ou pontos de contato numa rede, considerando os que estão no caminho geodésico entre os demais. As autoras relatam que os caminhos a serem avaliados são mais curtos, sendo que qualquer outro mais transitório tem a mesma possibilidade de ser selecionado em relação aos que possuem mesmo valor.

No que respeita à contribuição dos estudos correlacionais, a teoria flagra proveito “[...] em diversos cenários da sociedade, pode observar a ARS dando suporte a alianças, parcerias e atividades colaborativas em organizações, comunidades civis, escolas e outros.” (FRANÇA; PINHO NETO; DIAS, 2015, p. 139). Frequentemente, os estudos desenvolvidos sob a égide da ARS focalizam a formação de redes colaborativas instituídas por pessoas, instituições e organizações corporativas. A versatilidade do método possibilita sua aplicação para fins diversos, ensejando planificar e avaliar, empiricamente, a composição dos elos, bem como as categorias de contextos e atores sociais que os regem, a exemplo dos avaliadores e autores na OPR.

Ao reconhecer a relevância da ARS na pesquisa em Administração, Metzker Netto (2007) adotou a Feira de Artes, Artesanato e Produtores de Variedades da Avenida Augusto Pena, Belo Horizonte, Minas Gerais, como campo de estudo, objetivando minuciar o perfil do evento em referência à formação de redes ao analisar essência das relações entre os estandes e seus gestores. Ao final, constatou-se que apesar de os mercantes e seus estabelecimentos ocuparem o

mesmo espaço e comercializarem o mesmo produto, mantém apenas uma convivência pacífica e pouco colaborativa.

Lourenço (2012) desbravou o contexto da produção criativa musical sob a ótica do modelo colaborativo, construindo uma rede de compositores do gênero Bossa Nova que atuaram no período de 1958 a 1964. No estudo, comprovou-se a hipótese de que os indivíduos centralizados na macroestrutura desenvolvem maior potencial criativo em relação aos demais companheiros.

Triana (2014) recorre aos elementos deste método a fim de conhecer as características individuais e relacionais correferidas à adoção de materiais para realização de reformas nas casas de uma comunidade do estado de Intibucá, Honduras, enquanto método de prevenção e controle da doença de Chagas. A partir da análise, identificou-se que tais precauções foram admitidas, incidentemente, por atores do sexo masculino, reduzindo a proliferação do hospedeiro e melhorando a qualidade de vida da população hondureira.

É possível empregar a ARS para embasar o delineamento de estratégias, estratagema e planos de comando militar visando obter vantagem competitiva em relação aos infratores das leis do Estado. Para Wu, Zhou e Liu (2015), com o desenvolvimento das organizações e movimentos terroristas os métodos empíricos tradicionais utilizados pelas autoridades civis e militares não atendem ao perfil conjuntural que se pretende aplicá-los. Ao analisarem a centralidade e o valor central médio da rede, descreveram as características das facções segundo a aplicação dos elementos de ARS no combate ao terrorismo.

No contexto da saúde, Costa (2016) analisa os vínculos sociais de 11 enfermeiros que atuam no mapeamento e tratamento da tuberculose nas Unidades de Saúde da Família (USF) no município de Maracanaú, Ceará. A sistematização dos elos permitiu localizar a função que os atores desempenharam junto à iniciativa de saúde pública articulada ao *know-how* de seus gestores, testificando a significância da atuação conjunta da equipe no atendimento aos acometidos desta infecção pulmonar.

Profissionais da Biologia Molecular, tais como Üçer *et al.* (2017), descreveram as expressões gênicas humanas, seguindo os moldes das redes interativas, definidas com base na semelhança dos materiais genéticos de um corpo amostral composto por um quantitativo aleatório de pacientes, a partir das quais elaborou-se um modelo classificador para os conjuntos de dados genômicos.

A pesquisa de França (2019) fez uso dos pressupostos metodológicos da ARS para fundamentar o arranjo interativo dos sujeitos citados no relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV) como executores dos crimes políticos contra os cidadãos brasileiros no período de

1964 a 1985. Como consequência, atestou-se os níveis de conexões entre casos e agentes, assentiu-se a caracterização das redes e a motivação que constituiu as conexões na Ditadura Militar.

No período que as pessoas acreditam naquilo que leem, a dinâmica investigativa das redes sugere analisar o compartilhamento dos discursos emitidos por interlocutores políticos nas mídias sociais à luz da verossimilhança. Santos (2019) avalia a propagação de rumores disseminados pelos usuários do *Twitter* e *Reddit*, os pontos de similaridade e dissonâncias entre veracidade e inautenticidade de tais argumentações na *web*. Em resultância, certificou-se que a comunicação em rede ecoa o impacto que as *fakes news* ocasionam na sociedade, influenciando no modo como os rumores são difundidos, pois em determinadas situações há conteúdos que convocam diferentes interpretações.

Perante o exposto, constata-se que o campo das análises estruturais se revela como terreno fértil para estudo e busca de respostas para indagações relativas aos fenômenos associativos na CI e áreas satélites. Dia após dia, os resultados de pesquisas obtidos por intermédio da ARS e suas unidades de análise sinalizam que há muito a ser desbravado. À luz dessas considerações este estudo se utiliza dos artifícios da análise de redes para investigar os atributos dos examinadores e autores, protagonistas do enredo editorial da *F1000Research*, bem como o conteúdo dos diálogos que os interligam, conduzindo à qualificação dos artigos submetidos à Comunicação e Mídias.

5 DESVELANDO E DISCUTINDO RESULTADOS

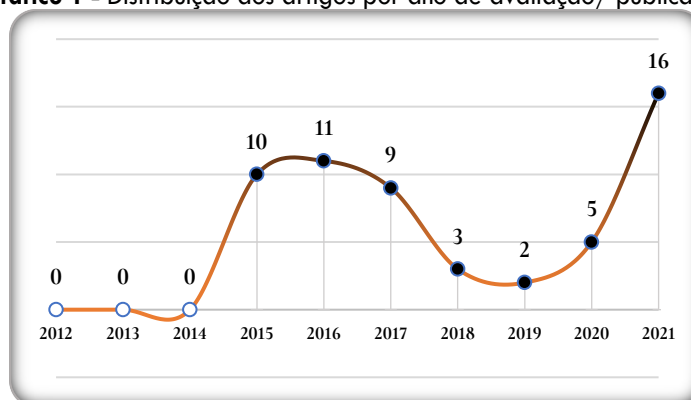
Para que a pesquisa cumpra com uma das premissas fundamentais de uma ciência sã e robusta é necessário que os resultados de uma comunicação científica sejam reprodutíveis, o que torna necessário e conveniente que os dados da pesquisa sejam objetos citáveis e acessíveis. (SPINAK, 2015).

Contextualizam-se os resultados da pesquisa, tomando os indicadores de caracterização da produção acadêmica, autorais, institucionais, temáticos e dialógicos como ponto de partida para realização da análise dos dados, intermediada pelos princípios da ARS e AC. As subseções delineadas abaixo fazem referência aos objetivos antes enunciados, cujos dados foram difundidos por meio de artifícios visuais, permitindo que os usuários desta investigação contemplem o panorama ora analisado.

5.1 Caracterização dos artigos por ano e período de avaliação/publicação

No período de 2012 a 2021 o total de produções acadêmicas oficialmente publicadas pela *F1000Research*, referentes ao eixo Comunicação e Mídias foi de 56 artigos. O Gráfico 1 revela que o panorama de comunicação dos trabalhos demonstra-se oscilante, introduzindo-se em 2015 com 10 artigos; em 2016 denota 11 artigos. No entanto, entre 2017 e 2020 os resultados recaem de nove para dois manuscritos, e desponta a cinco em 2020, com pico de 16 publicações em 2021.

Dia após dia a CC acompanha os avanços tecnológicos da OS, conduzindo práticas e processos antes consolidados à conjuntura que ora se delineia. A *F1000Research* se destaca como uma das iniciativas internacionais de editoração científica que professa e reforça a significância das práxis de abertura da Ciência, aderindo e motivando a aquiescência do acesso aberto, autoarquivamento e reprodutibilidade dos dados, bem como as dimensões analíticas da OPR, por meio das quais constroem-se o panorama que ora se delineia.

Gráfico 1 - Distribuição dos artigos por ano de avaliação/ publicação

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Nos protocolos convencionados pelos veículos de comunicação acadêmico-científica, cujos resultados de pesquisa são apresentados definitivamente à comunidade após o veredicto dos pares, deduz-se que os gestores da *F1000Research* compreendem que a ciência se encontra em constante (re)evolução. Ancorados neste pressuposto, a submissão da versão do artigo é divulgada na plataforma como *preprint*, e a depender do quantitativo de etapas em que o processo avaliativo se desdobrar, novas versões são publicadas para o mesmo documento. A distinção dos artigos é feita por meio dos rótulos “aguardando revisão”, “revisado” que indica a incorporação de mudanças em referência aos comentários dos *referees* e a “atualização”, sinalizando que em momento posterior à revisão por pares, realizou-se acréscimos relevantes ao arcabouço do estudo.

A literatura preconiza a versatilidade e transparência da avaliação aberta, porquanto seu ecossistema reúne categorias de cariz analítico, probatório e dialógico, apontam prerrogativas às partes envolvidas no processo. É comum que os periódicos instituem diferentes características da OPR em suas políticas, motivadas pelo perfil dos usuários constituintes da área de abrangência ou por atender satisfatoriamente à performance do fluxo editorial.

Entre as dinâmicas aquiescidas pela *F1000Research*, aponta-se a revisão por pares intermediada por relatórios abertos, desvelados de modo completo ou sintetizado em adendo à publicação (ROSS-HELLAUER, 2017), testificando que a mediação editorial instaurada no periódico se baseia em princípios como integralidade e reconhecimento aos pares. Este modelo de revisão aberta, permitiu averiguar as razões que determinaram a distribuição de produções acadêmicas para cada fase, em virtude de se afeiçoar como fonte de pesquisa passível de citação e assumir caráter probante, listando os seguintes elementos de comprovação: nomes dos árbitros, autores, datas de envio dos pareceres.

Razão que justifica a escassez de registros de ínfimo rol de submissões nos três primeiros anos do decênio. Isto porque a Comunicação e Mídias, subordinada às Ciências Sociais, configura-se como a quinta subárea que agrega o menor importe de manuscritos submetidos, obtendo acréscimo da remessa de artigos em fins de 2014. Outro fator que influencia fortemente a distribuição de pesquisas para cada ano é o tempo de ponderação. Tratando-se do *modus operandi* instituído segundo missão, visão e valores professados pela *F1000Research*, a avaliação por pares inicia no momento quando o autor remete o produto para escrutínio, findando-se quando os *referees* validam a inserção das observações, seguida para publicação da versão final.

A sinopse do relatório anuncia o itinerário avaliativo ao público leitor, demonstra sucintamente os elementos característicos da análise paritária, a fase introdutória e as subsequentes por dia, mês e ano do trâmite em formato intervalado. Dentre os artigos designados, 38 (68%) resultaram em avaliação em que a maioria das publicações listadas em 2015, 2016, 2017 e 2021 foram arbitradas nos mesmos anos. Enquanto a análise dos outros 18 (32%) sucedeu entre os meses finais e iniciais de cada fase temporal, sobre isso, “o fato de o trabalho ser voluntário tem implicações, pois, ao não ser remunerado, não se estabelece um contrato de trabalho nem um prazo inflexível para entrega do “produto” (a avaliação)” (BREI, 2017, não paginado).

Oito artigos foram aprovados por unanimidade na primeira rodada de avaliação, entre períodos que oscilaram de sete à 45 dias ou um mês e quinze dias, reforçando, a assertiva de que a OPR potencializa a redução dos percursos entre a submissão e a publicação, visto que os pareceres foram enviados em prazos menores. Há alternâncias na extensão de recursos humanos responsáveis pela avaliação, isto porque, a política editorial determina a recomendação de até cinco pesquisadores experientes/especialistas nos assuntos dissertados, para que sejam apreciados pelo conselho consultivo. Entretanto, as razões que originaram os resultados do processo seletivo não estão divulgadas, tornando-se desconhecidos os porquês de cada publicação dispor de pareceres em quantidades diferentes.

5.2 Tipologias documentais, classes e tendências temáticas da produção científica

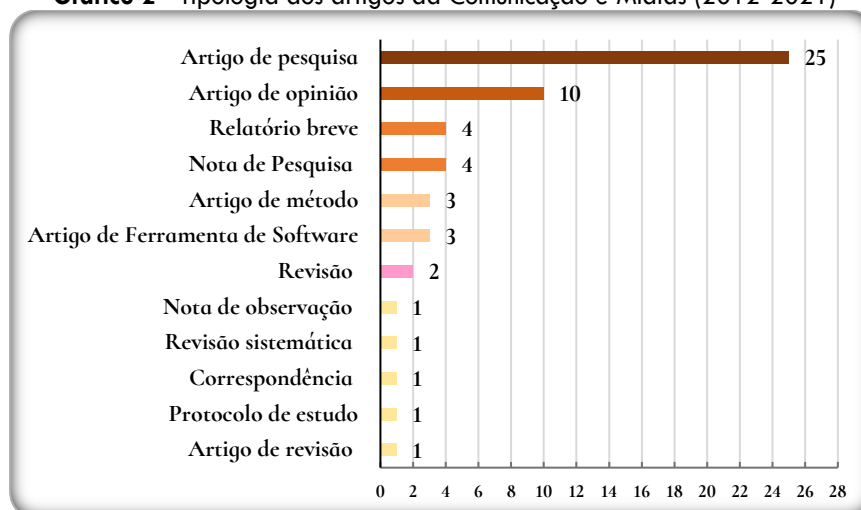
A produção do conhecimento se manifesta de várias formas e formatos, atendendo requisitos como conteúdo, especificidade e os objetivos da obra que o autor deseja reproduzir. É objetivo macro da *F1000Research* flexibilizar as possibilidades de publicação, visto que constantemente divulga descobertas elaboradas por pesquisadores associados a comunidades

acadêmicas multidisciplinares. Haja vista que o atendimento de demandas informacionais a partir de sua diversidade de assuntos e documentos elevam sua performance, colocando-o em posição de prestígio frente às demais editorias de pesquisa.

O perfil dos manuscritos se distribui nas seguintes tipologias: manuscritos de pesquisa (25 = 45%) e de opinião (10 = 18%) as classes de maior expressividade. Na sequência, os relatórios breves e as notas de pesquisa manifestam-se, particularmente, quatro (7%) vezes. Em proporções semelhantes, os artigos de método e os de ferramenta de software enumeram três (5%) ocorrências, ao passo que a análise pontua duas (4%) repercussões. Com percentual aquém (um = 2%) estão as notas de observação, a revisão sistemática, as correspondências, os protocolos de estudo e os artigos de revisão bibliográfica.

O Gráfico 2 enuncia o perfil documental das publicações, relacionando o total de tipologias dos artigos que constituem o *corpus* em comparação aos que não foram selecionados. Válido pontuar que após o período de coleta, houve acréscimo de 27 trabalhos ao domínio da Comunicação e Mídias, atingindo a marca de 158 documentos. Constata-se que a proeminência das categorias: artigo de pesquisa, artigo de opinião, relatório breve, artigo de método, artigo de ferramenta de software, correspondências, análises, protocolos de estudo e artigos de revisão é pertinente às duas realidades, corroboradas pelo aporte de submissões de produtos científicos que se assentam sob estas configurações.

Gráfico 2 - Tipologia dos artigos da Comunicação e Mídias (2012-2021)



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O empreendimento de esforços dos autores vinculados a este nicho na produção de pesquisas sob os formatos de maior relevo faz jus ao posicionamento de Pavan e Stumpf (2009), para os quais, configuram-se como gêneros especulativos frequentemente produzidos e consumidos

por cientistas associados ao ramo da Comunicação e esferas vizinhas. Neste sentido, esta sentença se aplica à contento à formação do arranjo amostral. Na mesma proporção que os investigadores desenvolvem conteúdos moldados às referidas espécies, a avaliação é a condição adjunta que reforça tais valores, pois apenas os 56 finalizaram oficialmente o rito que concerne posição científica e lhes permite ser utilizadas para fins de menção, réplica e reprodutibilidade.

A literatura não menciona indícios que respaldam empírica e teoricamente a representação dos demais formatos. Por esta razão, supõe-se que as urgências, perfis e metas de cada disciplina conduzem significativamente a assiduidade e/ou escassez de padrões múltiplos de comunicação manuscrita. À vista disso, Suzana Mueller (2007) descreve que a literatura inerente a cada dimensão do conhecimento envolve diferentes meios de produção, variando de acordo com o suporte, função, audiência e formato.

Periódicos multidisciplinares recebem quantitativos exorbitantes de submissões a cada ano e, como estratégia de organização e encontrabilidade, lançam mão da categorização hierárquica do conteúdo das coleções por intermédio dos desdobramentos das áreas de cobertura que professam. Até dezembro de 2022 a *F1000Research* reuniu 5.940 artigos, agrupando-os em classes detalhadas, que por sua vez mantêm relação de subordinação com os subcampos intrínsecos às Ciências Naturais, Engenharia e Tecnologia, Ciências Médicas e da Saúde, Ciências Agrárias e Veterinárias, Humanidades, Artes e Ciências Sociais.

Neste último contexto situa-se a Comunicação e Mídias que externa a finalidade de analisar o protagonismo dos veículos de disseminação/difusão em massa e entre acadêmicos, enquanto potencializadores de práticas sociais. Focalizam o desempenho e validação da informação científica e cotidiana por interferência de métodos estatísticos e de conteúdo e o comportamento dos atores sociais que as produzem, estimam e consomem.

Durante a coleta, um fato desperta atenção. Verificou-se a inserção simultânea de 16 artigos em mais de um núcleo temático, recuperados de modo duplicado em razão de abordarem assuntos comuns e/ou ostentarem rol de descritores que representam mais de uma categoria, são elas: seis relacionados à Comunicação e à CC; outros seis partilhados pela Biblioteconomia e CC; três sincronicamente associados à Comunicação Científica e de modo único às Relações Internacionais, à Comunicação e à Comunicação em Saúde; por último, um artigo presente na categoria Comunicação e Comunicação em Saúde.

A fim de padronizar o número de produções por grupos temáticos, recorreu-se, a priori, à leitura parcial e, por vezes integral, do manuscrito, a fim de identificar sua finalidade. Em seguida, efetuou-se a classificação dos documentos baseada nas ordenanças da Classificação Decimal

Universal (CDU) que enumera diretrizes, assegura o arranjo sistemático de documentos a partir da iminência com que conteúdos são tratados, combinados ou pela influência que perpetram.

Recomenda-se, inicialmente, que o trabalho seja rotulado segundo a finalidade ou em acordo com a intenção do autor ao escrevê-lo (BRASIL, 2007). Após a análise, 10 trabalhos foram designados à CC em virtude de examinarem o progresso, proposituras, condutas e sistemática dos métodos de transmissão de pesquisas desenvolvidas por cientistas e que atendam ao apelo informacional da população acadêmica, prezando pelo processo de construção da informação proveniente das universidades, recorrendo às iniciativas que predisponham ampla disponibilização e métodos que abalizem seu rendimento sob diferentes pontos de vista.

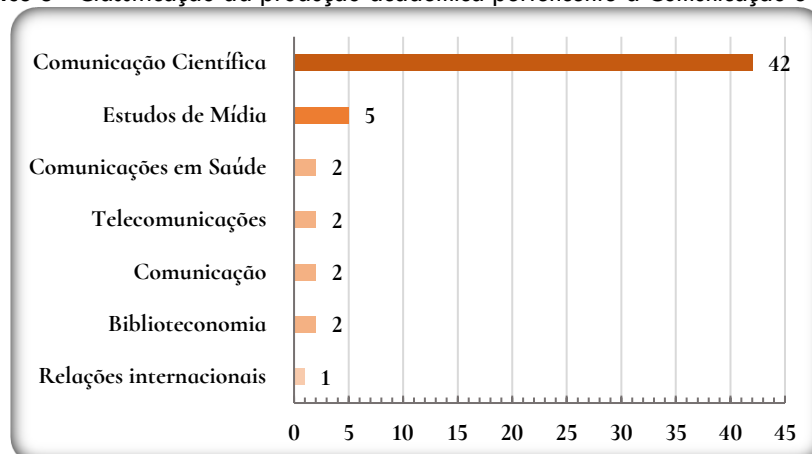
No que tange aos fins, duas pesquisas se classificam como Estudos de Mídia, porquanto foram desenvolvidos com intuito de esclarecer as intervenções/responsabilidades que os meios de veiculação convencionais e informatizados refletem na realidade dos indivíduos e no estabelecimento de conexões como consequência da absorção, produção e compartilhamento de informações afins. Em conclusão, outros dois se alinharam aos propósitos da Biblioteconomia, por avaliarem o uso de metadados aplicados aos sistemas de publicação eletrônica, bem como o desenvolvimento de *software* para elaboração de citações e referências de recursos não convencionais, propostos para instituições que publicam revistas e *proceedings* de congressos.

A CDU recomenda que quando um assunto se coloca como causa ou executor de outro, deve-se categorizar pelo que dele se deriva. O *paper* desenvolvido por Andrea Cortegiani *et al.* (2020) avaliou as principais características e métricas de citação das revistas de fluxo editorial interrompido, cadastradas na SCOPUS com vistas a determinar a amplificação de veículos predatórios dentre os descontinuados. Esta produção atende aos requisitos da CC - ramificação da Comunicação que se apresenta como área macro, posto que os periódicos se configuram como principal viés de projeção da ciência e as atividades, praxis e resultados que, a partir deles se manifestam, são introduzidas ao esquema heurístico da área. Em proporções congêneres, o artigo de Duncan e Cheng (2021) encontra-se arquivado sob as séries Comunicação e Comunicação em Saúde, as quais despontam flagrante relação de causa e efeito perante o ponto de vista temático. Neste sentido, representou-se o conteúdo do pela categoria específica, considerando que o texto retrata o processo comunicativo entre médicos e pacientes, mediado pelas consultas em formato remoto no auge da pandemia do COVID-19.

A Comunicação e Mídias fragmenta-se em onze séries temáticas, cujo rol de artigos encontram-se arranjadas em apenas sete, a saber: CC (42 = 73%); Estudos de Mídias (cinco =

9%); Comunicação em Saúde, Telecomunicações, Comunicação e Biblioteconomia detém dois trabalhos (4%) cada; e as Relações Internacionais (um = 2%), observado no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Classificação da produção acadêmica pertencente à Comunicação e Mídias



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os valores e porcentagens imputados à CC se expandem além da amostragem de documentos desta análise, visto que se configura como prática empreendida em domínios múltiplos da ciência e, enquanto classe temática, redundando maior número de artigos produzidos e analisados por indivíduos que gozam de formação multidisciplinar. Em compensação, observa-se que as demais subdivisões, com exceção da Comunicação, apresentam o escopo de publicações flagrantemente restrito, visto que aglutinam documentos que façam alusão aos temas por elas preconizados, podendo ser desenvolvidos/avaliados por intelectuais de outras esferas, mas que oferecem relevantes contribuições. Ademais, a Cultura Popular, Comunicação Política, Ecologia da Mídia e o Jornalismo compõem a viga mestra do âmbito temático da pesquisa, contudo durante o recolhimento dos dados não contemplaram documentos que se ajustassem aos requisitos de composição do corpus.

As categorias que definem o arcabouço conceitual da Comunicação e Mídias resultam do agrupamento de assuntos explícitos nos artigos que hospedam. As evidências temáticas das pesquisas se revelam por meio das palavras-chaves, atribuídas pelo(s) autor(es) e indicadas sequencialmente para fins de descrição, divulgação e recuperação da informação científica. Permite-se, por meio delas, em especial, avaliar as tendências temáticas de maior amplitude em analogia à dimensão do campo da pesquisa e suas ramificações. Por este motivo, agrupou-se numa “cloud tags” as terminologias consignadas pelos autores, tomando a frequência de indicações como ponto de partida. Acentua-se que a política editorial da *F1000Research* impõe a nomeação de até oito termos para cada tipologia investigativa, não havendo acesso e sugestão de

documentos, respectivamente - possuem sentidos semelhantes frente ao desígnio macro da CC. Em concordância a esta assertiva Day (1998) compara tal equivalência baseada na queda de uma árvore que ao cair no meio de uma floresta, não se pode confirmar que sua queda emite algum som, à exceção que haja alguém para testemunhar, do contrário, ocorrem apenas ondas de pressão. Para que haja som é imprescindível a presença de um intermediador que capte e propague este sinal, em outras palavras, se um trabalho científico não for disseminado e lido será apenas uma árvore despencando silenciosamente (DAY, 1998). Os originais ressaltam a relevância e o impacto que os canais formais e informais de repercussão da ciência exercem na atual sociedade em rede, focalizando os periódicos científicos, os repositórios institucionais e temáticos como os de maior amplitude a título de acessibilidade e confiabilidade.

À vista destas considerações, a nomenclatura **Revisão por Pares** - nove ocorrências - corresponde a uma das etapas que antecede à publicação. Interliga-se à CC em razão de se valer como “um instrumento de controle de qualidade [do conteúdo da pesquisa]. Além disso, esse mecanismo também contribui para o desenvolvimento da competência científica de pesquisadores de diferentes níveis de prestígio e áreas de conhecimento” (DROESCHER; SILVA, 2014, p. 5).

Dentre as nove pesquisas, cinco propuseram analisar o trâmite da peer review em diferentes frentes editoriais, sendo os periódicos da área de saúde o campo empírico de três. As agências de fomento foram selecionadas, a priori, com intuito de avaliar os subsídios da revisão nos resultados dos processos seletivos de concessão de bolsas de estudo de consórcios multinacionais de pesquisa em Ciências Naturais e da Vida. Noutro momento, os autores afirmam que os sistemas de financiamento governamental, cujos recursos são distribuídos segundo os resultados da revisão entre pares, incentivam os acadêmicos a violar princípios indispensáveis à conduta do pesquisador como: responsabilidade, honestidade, imparcialidade e justiça. Após a finalização do estudo, considerou-se que o recurso de análise resulta em altos custos e a colocação dela decorrente carece de legitimidade.

As demais pesquisas que versam sobre o assunto, incluem, em igual proporção, os descritores **Ciência Aberta**, **Acesso Aberto** e **Avaliação por Pares Aberta**, movimentos que demarcam a adaptação e inovação do fazer científico consoante a inserção de tecnologias (HURD, 2000; ALBAGLI, 2019). Apesar de a Ciência Aberta se desdobrar em diferentes iniciativas que primam pelo fortalecimento da justiça social, pela transparência e **controle de qualidade** no *modus operandi* da CC, sua atribuição, na qualidade de cabeçalho de assunto, reflete que a academia e seus atores presenciam a revolução de padrões, comportamentos e técnicas arraigadas, reforçando dois de seus fundamentos como assuntos relacionados nos artigos.

Ainda na seara da OS, embora o lexema **Avaliação de Pesquisa** possua envergadura semântica idêntica ao da **Revisão por pares**, logo fora associado à utilidade das Métricas/ Estudos Métricos em três produções. Sileira *et al.* (2021) asseveram que a avaliação não corresponde somente ao escrutínio dos pares, mas introduz o potencial das métricas aplicadas à dinâmica e evolução da ciência, tais como **Bibliometria (análises bibliométricas)** - por recursos dos estudos de **Citação** e do **Fator de Impacto** - Altimetria, Webometria, Patentometria. A lógica da ligação semiológica entre as locuções é explicada por Fecher e Friesike (2014), para quem as métricas alternativas e de impacto mensuram o comportamento da produção acadêmica disponível na *web*, fato que se deve ao advento de documento nato digitais e indicadores antes não considerados em avaliações métricas convencionais, tais como curtidas, citação em mídias sociais, marcação em favoritos, discussão, atribuição de conceitos ou ranqueamento online.

O vocábulo **Política da Revista** aponta duas pesquisas em que os teóricos tomaram para si a responsabilidade de explorar a percepção dos gestores de periódicos sobre os aspectos que viabilizam melhorias ao fazer editorial. Na primeira, investiga-se as condições basilares que favorecem a adesão de diretrizes que notificam o compromisso e a metodologia direcionada para os autores sobre o procedimento de submissão dos dados de pesquisa para que possam ser analiticamente compreendidos e reproduzidos por seus confrades. A partir da segunda, sugere-se a criação de programa de treinamento, visando a melhoria do processo editorial.

5.3 Formação acadêmica dos sujeitos da pesquisa

O perfilamento dos integrantes se esquematiza pelo mapeamento dos indicadores: atribuições desempenhadas no interior da estrutura relacional, formação acadêmica, filiação institucional, profissão e gênero, constantes nos currículos, páginas do *LinkedIn*, *Publons*, *ORCID*, dos currículos disponibilizados nas páginas dos departamentos que atuam. A macro estrutura da revisão paritária no contexto da Comunicação e Mídias constitui-se de 200 atores vinculados a 168 instituições, com formação que se desdobra em 35 cursos de graduação, 54 em nível de mestrado e 57 de doutorado, excetuam-se áreas não identificadas e a não obtenção dos respectivos graus. Para análise do perfil dos sujeitos da pesquisa, salienta-se que 136 (70%) são avaliadores, 61 (28%) se apresentam como autores e três (2%) assumem tais posições em momentos distintos.

Na pesquisa considera-se apenas os autores correspondentes – denominados autores ponte ou mediadores nesta pesquisa – responsáveis por intermediar o contato entre os editores e seus pares durante a avaliação do manuscrito. No contexto das revistas que se alinham aos fins da

OPR, sobretudo, as que aquiescem as modalidades de revisão assinada e tornada pública, os correspondentes cumprem tais responsabilidades durante o fluxo editorial, mas como alternativa de torná-lo assimétrico, conferem-lhes, exclusivamente, a possibilidade de questionar, discordar e dialogar com os *referees*, anexando-os junto aos pareceres no final do artigo para fins de consulta e realização de pesquisas.

A formação acadêmica dos sujeitos se concentra em áreas multidisciplinares, com foco nas Ciências Exatas e da Terra, da Saúde, Biológicas, Humanas, Linguísticas, Sociais Aplicadas e Engenharias, segundo as categorizações de domínios científicos e tecnológicos da *Fields of Science and Technology* (FOS). A partir da análise curricular, verifica-se que as aptidões intelectuais dos sujeitos se reportam ao arcabouço teórico das áreas a que se derivam, sobretudo, das temáticas abordadas nos trabalhos que lhes permitem angariar o título de doutor/mestre, adequando-se às premissas da *F1000Research* para se apresentar como autoridades no assunto abordado nos manuscritos, para fins de produção ou avaliação.

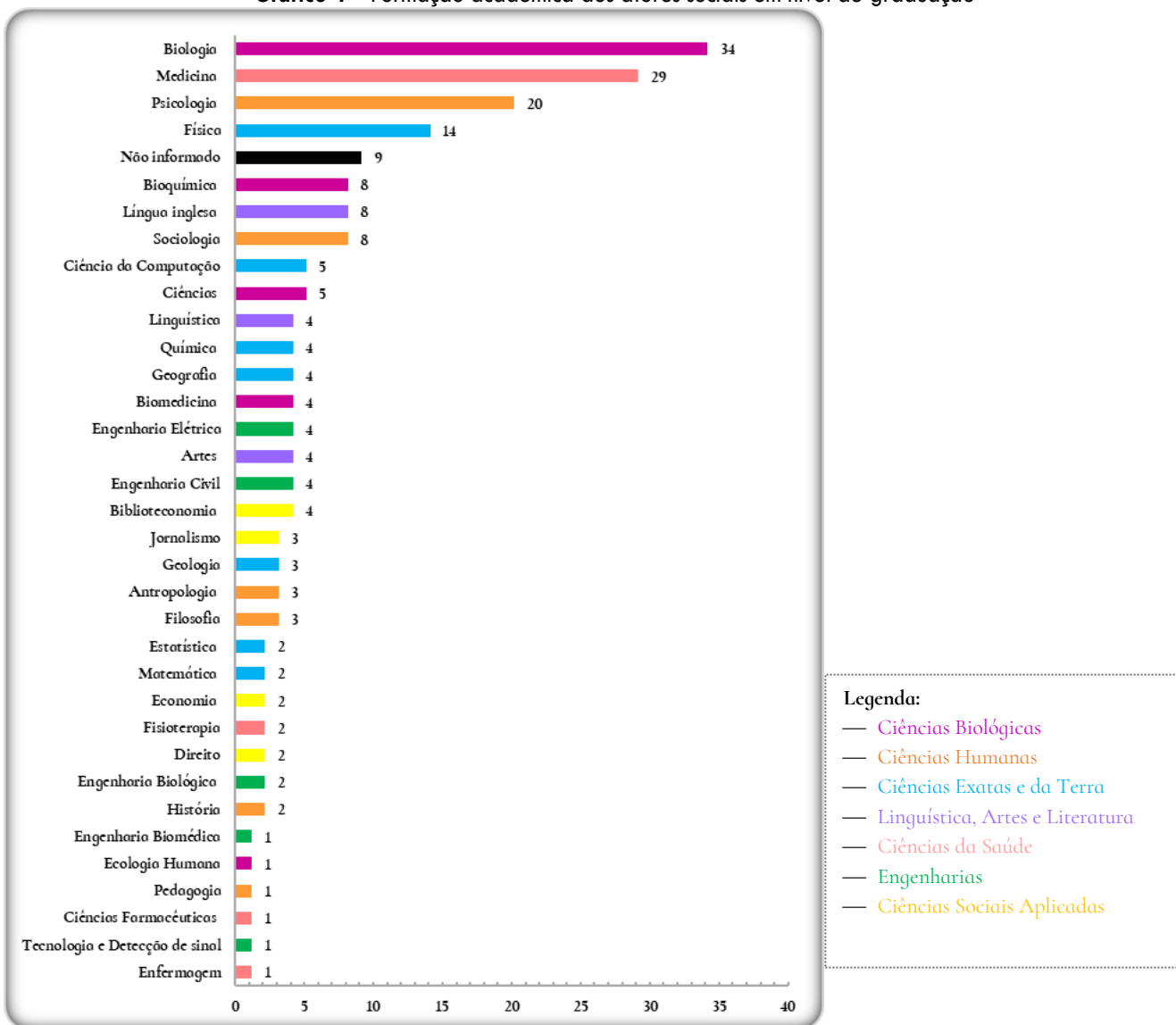
Enfatiza-se que temas relacionados à CC, a exemplo da Ciência Aberta, Acesso Aberto, Dados Abertos, Avaliação por Pares - blind e/ou open - Estudos Métricos, Análise de Redes Sociais, Produção Científica etc., apresentam-se intercaladamente como interesses investigativos no rol de qualificações da população estudada. Sobre isto, Garvey (1979) defende que as vertentes da comunicação se tornam o cerne de discussões entre as ciências e seus recursos humanos, abrangendo desde as discussões informais até a interlocução formal mediada pelos *reviews*, periódicos e livros. De modo congênere, Mueller (1994) argumenta que a CC, na posição de objeto de reflexão e estudo, não se destina a fronteiras acadêmicas, mas a todos os pesquisadores, estejam eles em formação ou disponham de carreira consolidada.

Demonstra-se que 25% dos sujeitos que compõem o trâmite avaliativo são diplomados em áreas associadas às Ciências da Vida, a saber: 34 em Biologia; oito em Bioquímica; cinco em Ciências; quatro em Biomedicina e apenas um em Ecologia Humana. As Humanidades - Psicologia (20); Sociologia (oito); Antropologia (três); Filosofia (três); História (dois) e Pedagogia (um) - correspondem à formação superior de 18% dos participantes. Os componentes acadêmicos das Ciências Exatas e da Terra - Física, Ciência da Computação, Química, Geografia, Geologia, Estatística e Matemática - reúnem 34 (17%) indivíduos. Na sequência, a Medicina, Fisioterapia, Farmácia e Enfermagem são segmentos que, sincronicamente, instituíram 33 (16%) profissionais.

Modalidades relacionadas à Linguística, Artes e Literatura (16 = 8%), Engenharias (12 = 6%) e Ciências Sociais Aplicadas (11 = 5%) reúnem menor quantitativo de egressos. À medida que nove (4%) disponibilizam dados curriculares na internet sem especificar o curso que se

qualificaram, como demonstrado no Gráfico 4. O panorama descrito soma 204 especialidades, porque quatro acadêmicos - LENDREN, D.; HURWITZ, B.; SUBER, P. e GLEADOW, R. - declaram ser graduados em mais de uma área.

Gráfico 4 – Formação acadêmica dos atores sociais em nível de graduação



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

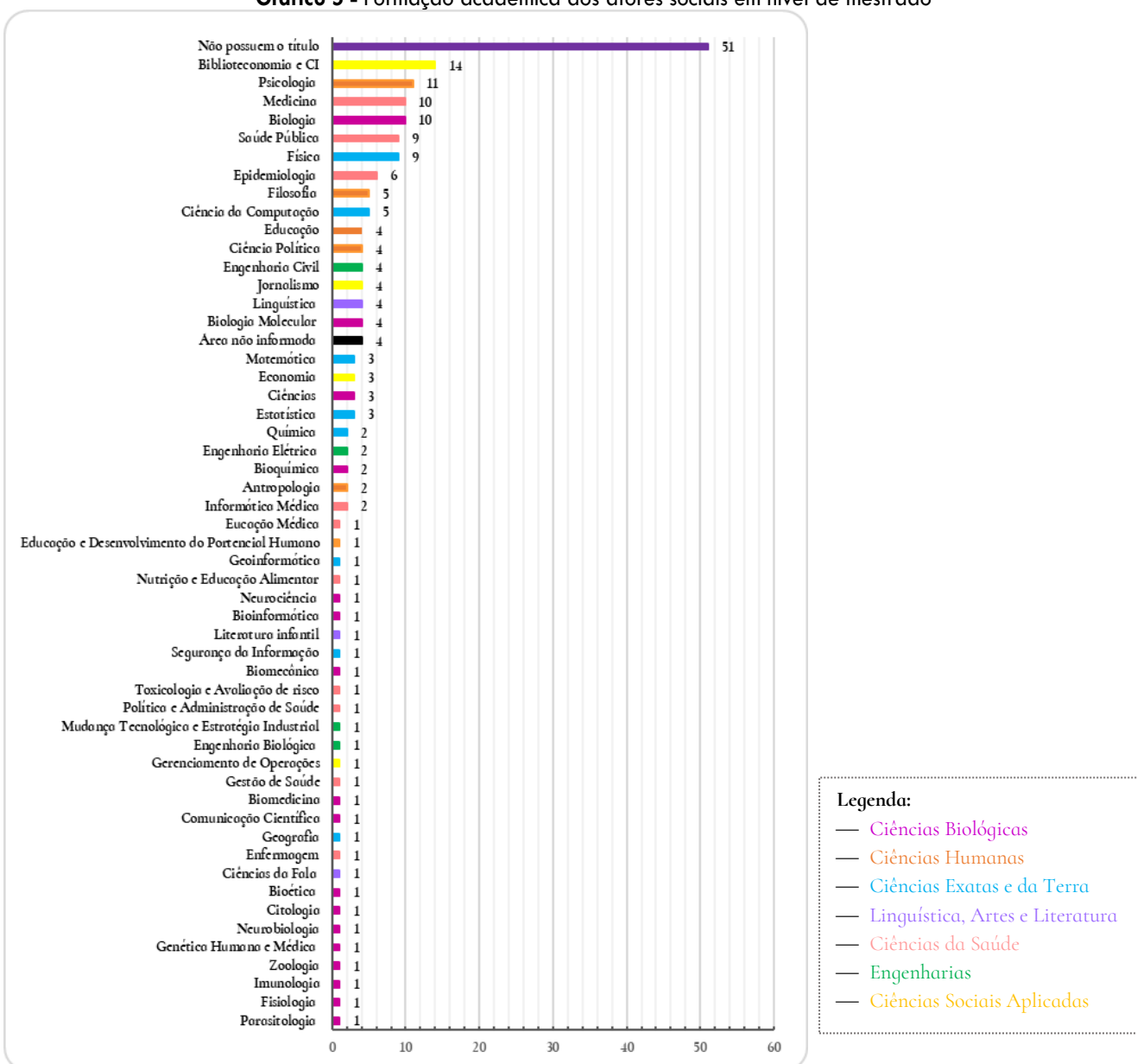
Em nível de mestrado 51 (25%) dos componentes da pesquisa adentraram no doutorado após a graduação. Críticas a este modelo de ingresso são tecidas por Verhine (2008), segundo o qual o mestrado e o doutorado são partes integrantes de um mesmo programa formativo, configurando-se o primeiro como degrau para que se obtenha o segundo. Em análise comparativa sobre das influências do modelo de pós-graduação norte-americano ao sistema estabelecido nas

instituições de ensino e pesquisa do Brasil, Verhine (2008) explica que o regulamento das instituições estrangeiras chancela a candidatura de bacharéis/licenciados em programas de doutoramento, pois o grau de mestre não consta como pré-requisito que impossibilite tais admissões. Sobre isso, Bourdieu e Wacquant (2017) argumentam que o cumprimento das etapas da pós-graduação possibilita aquisição do *habitus* científico, alçada sobre teorias, epistemologias e enfoques metodológicos utilizados na produção do conhecimento, bem assim as questões éticas e políticas que contornam o desenvolvimento e análise da pesquisa.

A somatória de concluintes correlatos às áreas de Saúde (33 = 16%) se assemelha aos números da graduação, distinguindo-se pela escassez de titulados em Fisioterapia, Farmácia e acréscimo de oito protocolos investigativos - Saúde Pública (nove); Epidemiologia (seis); Informática Médica (dois); Educação Médica (um); Nutrição e Educação Alimentar (um); Toxicologia e Avaliação de Risco (um); política e Administração em Saúde (um); Gestão em Saúde (um) - junto à Medicina e Enfermagem.

As modalidades interligadas à Biologia, que antes lideravam o percentual de graduados, decaem para 32 (15%), ocupando a segunda colocação. Em situação similar, os itens curriculares inerentes às Ciências Humanas e Exatas perfizeram a formação de 27 (13%) e 25 (12%) ex-alunos. O cômputo de pós-graduados em Biblioteconomia (14), Jornalismo (quatro), Economia (três) e Gerenciamento de Operações (um) confirmam o crescimento gradativo (22 = 11%) das Ciências Sociais Aplicadas em comparação aos resultados da educação superior primária. Agrupando menor índice de afiliações, remanescem os cursos vinculados às Engenharias (oito = 4%) e à Linguística, Literatura, Artes (seis = 3%), seguidos das quatro (2%) áreas não identificadas. Frente aos números apresentados, testifica-se que a quantidade de pessoas se contrapõe ao total de áreas de cobertura dos cursos de mestrado, atentando para oito pesquisadores que possuem formação adicional em nível paralelo, em esferas interdisciplinares.

Gráfico 5 - Formação acadêmica dos atores sociais em nível de mestrado



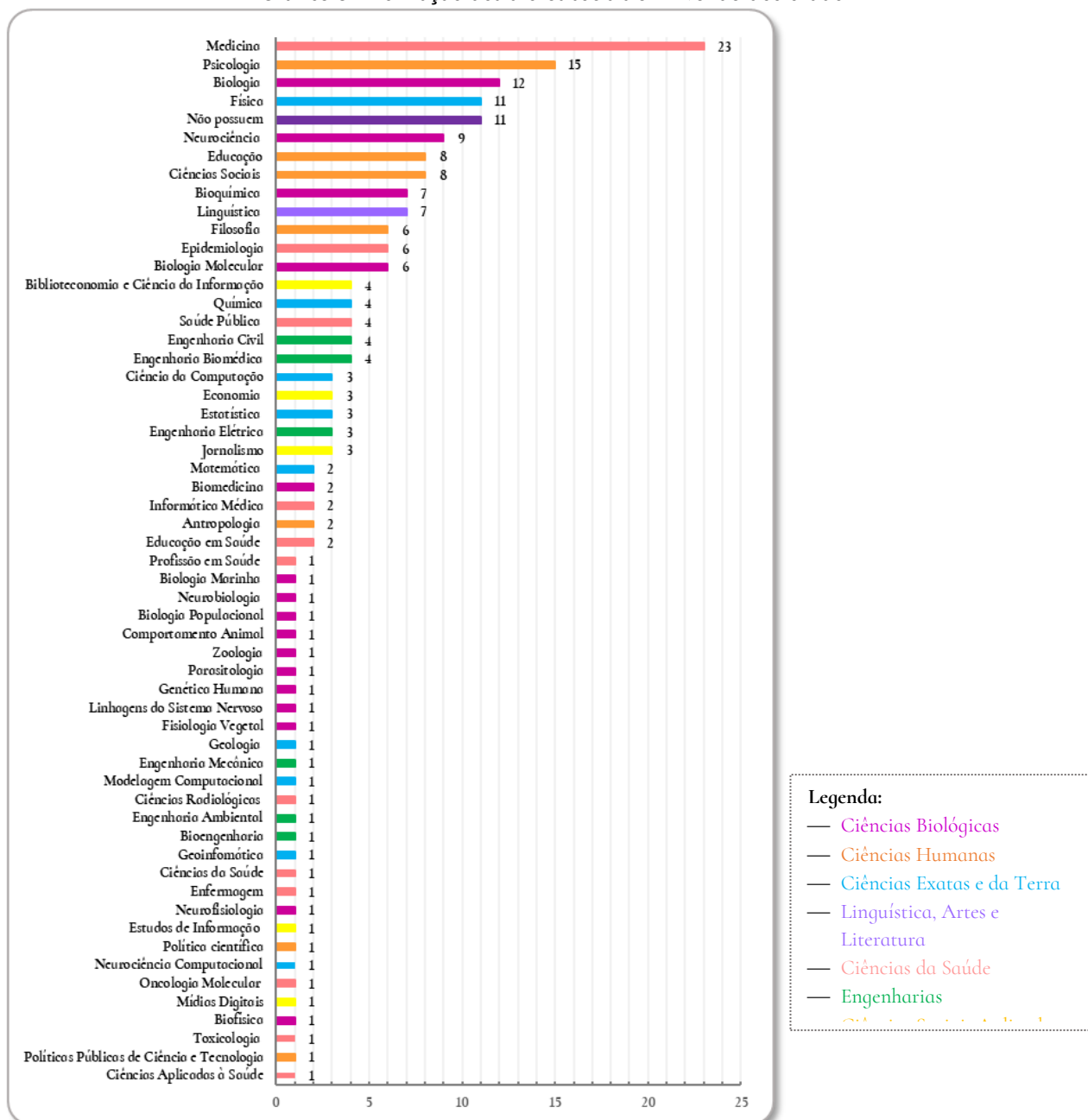
Nota: Quatro atores possuem formação adicional, logo o quantitativo de áreas não soma 100%,

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

No tocante ao doutorado, anuncia-se diversidade de áreas de formação com maior predominância nas Ciências Biológicas, redundando 48 (24%) ocorrências. O domínio da Saúde, que outrora mantinha quocientes de graduados e mestres em proporções retílineas, alavanca para 44 (22%) a porção de doutores. As Humanidades permanecem entre os campos de maior performance, representando 20% (41) dos doutoramentos desta pesquisa, consignada pela Psicologia (15); Educação e Ciência Sociais que separadamente arrolam a titulação de oito

intelectuais; Filosofia (seis); Antropologia (dois) e por fim, Política Científica e Políticas Públicas de C&T foram selecionadas enquanto área de estudo por um egresso, cada.

Gráfico 6 – Formação dos atores sociais em nível de doutorado



Nota: Quatro atores possuem formação adicional, logo o quantitativo de áreas não soma 100%,

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

As Ciências Exatas e da Terra simbolizam 13 % (26) dos doutores, especializados em nichos acadêmico-científicos interdisciplinares situados no eixo desta macroárea, são eles: Física (11); Química (quatro), Ciências da Computação (três); Estatística (três); Matemática (dois), enquanto a

Geologia, Geoinformática, Neurociência Computacional e Modelagem Computacional constam como subáreas que despontam ocorrência única. As Engenharias (14 = 7%), Ciências Sociais Aplicadas (1 = 6%), Linguística, Artes e Literatura (sete = 3%) – denotam valores proporcionalmente inferiores *versus* os resultados externados pelos demais segmentos da Ciência. O doutorado foi o limiar acadêmico que se destacou pela remanescência de 192 áreas de cobertura dos programas pós-graduação, visto que dos 200 integrantes da pesquisa, três possuem um título a mais e outros 11 (5%) constituem-se como não doutores.

Os dados posicionam as Ciências Biológicas, da Saúde, Humanidades, Sociais Aplicadas e Exatas e da Terra como áreas de teor genérico que ostentam maiores índices de diplomação. Neste sentido, verificou-se que os atores intermediários e analistas compartilham de formação acadêmica análoga e por vezes em áreas distintas em nível de graduação, mestrado e doutorado. Observa-se que as áreas acadêmicas crescem a cada nível de formação, especialmente, em nível de mestrado e doutoramento, aspecto que se justifica por 106 (53%) realizarem suas pesquisas de conclusão de curso da pós-graduação em domínios científicos que mantêm relação de interdisciplinaridade à da formação original e 80 (89%) manterem diplomação linear nas três categorias, contra 13 (6%) cujo campo de titulação do bacharelado e mestrado não puderam ser analisados por completo em virtude de os atores não especificarem a área de cobertura nos currículos e uma pesquisadora (2%) que não possui pós-graduação, mas depreende-se que tenha comprovado habilidades para atuar como avaliadora, visto que neste estes casos se trata de prerrogativa que a possibilitou cooperar com seus pares. Neste intento, este cenário se alinha à concepção de que a revisão por pares, seja ela aberta ou fechada, parte da iniciativa de que os personagens pertençam esferas acadêmica similares ou que mantenham, no mínimo, relações de interdisciplinaridade, ou dominem teorias expressas no produto que desenvolvem e revisam (SILVA, 2018).

Supõe-se que o partidarismo dos atores pela avaliação aberta influencia veementemente nos resultados concernentes às Ciências Biológicas, Médicas e da Saúde, Exatas e Naturais considerando que se caracterizam como campos que introduziram a OPR no *modus operandi* de seus sistemas de comunicação editorial desde 1990, perpetuando-a como modelo oficial/interino de análise do conhecimento científico até os dias atuais.

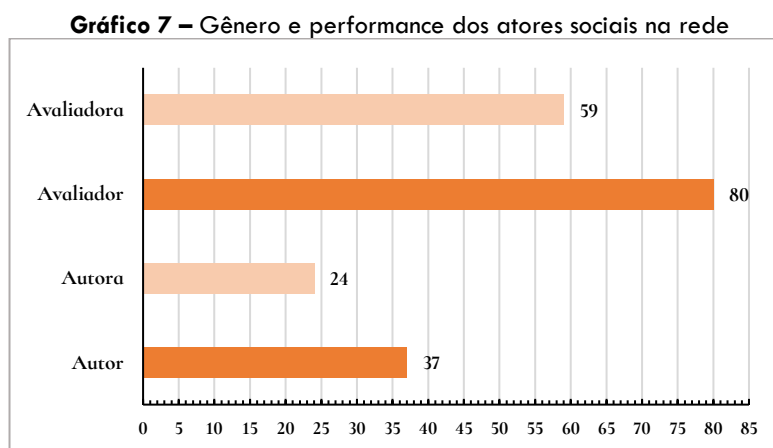
A incidência de pesquisadores que possuem formação pelas subáreas interligadas às Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas indicam que a aderência da OPR tem se estendido para além de seu ponto de partida, porquanto em pesquisa realizada por Ross-Hellauer, Deppe e Schmidt (2017), a qual visava avaliar experiências de pessoas que atuam simultaneamente como

autores, avaliadores e editores, demonstrou que as referidas áreas, incluindo as Engenharias, Linguística, Artes e Literatura ostentavam penetração em menor quantidade pelos depoentes.

5.4 Gênero e atribuições exercidas pelos atores sociais

A realização deste estudo vincula-se ao cenário da avaliação aberta, cujas dinâmicas sugerem e alavancam alternâncias ao fazer editorial na atual conjuntura da CC. Logo, a população aqui estudada se fragmenta entre as autorias e arbitragens, frentes clássicas de atuação que se perenizam diante do panorama que ora se manifesta. A combinação dos indicadores gênero, atributos exercidos no cerne da rede e as funções laborais que cotidianamente desempenham para se possa detalhar o perfil da população desta pesquisa.

Em relação ao perfil dos sujeitos, detecta-se flagrante contraste no percentual distribuído entre a categorias gênero e performance (Gráfico 7), em consequência de 40% (80) dos sujeitos contribuírem como avaliadores e 30% (59) empreendem esforços na condição de avaliadoras. Em complemento à porcentagem integral, 19% (37) correspondem aos submetentes do sexo masculino contra 11% (24) das autorias de cariz feminino, incluído dois homens e uma mulher que performam ambas funções.



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Baseado na descrição dos dados, infere-se que indivíduos do sexo masculino lideram o posto nas duas posições exercidas no interior da rede social dialógica, enquanto as taxas inferiores fazem referência ao gênero oposto. As porcentagens autorais se aproximam das conclusões de Schmidt et al. (2018), para quem, a crescente participação de mulheres no constructo de produções acadêmicas situadas em áreas multidisciplinares nos últimos 60 anos não

surtiu efeito para que se equiparassem ao nível de produtividade dos homens, tendo em vista que desde sempre a ciência foi fortemente representada por personagens deste mesmo gênero.

O sexo é fator fluente e determinante para que se possa analisar os resultados de pesquisas acadêmicas, essencialmente, quando se trata dos atributos dos atores cuja produção se insere em diferentes áreas do conhecimento científico. Contudo, a partir da análise documental realizada nos artigos, especialmente na seção contribuições e responsabilidades, descobriu-se que este fator não exerceu influência sobre o resultado de seleção dos 61 mediadores. De acordo com Albarracín, Castro e Chaparro (2020) ainda não há critérios unânimes que formalizem quem deve ou não se configurar como mediador do fluxo de CC. Deste modo, por intermédio das diretrizes editoriais da COPE, a *F1000Research* determina que a indicação dos correspondentes ocorra por meio de consenso entre os autores.

A indicação dos autores pontes se motiva pelo posicionamento na linha de contribuintes, pela performance empreendida durante a produção dos trabalhos e pela influência do *status* acadêmico. Inicialmente, ressalta-se a publicação de 10 artigos que foram individualmente desenvolvidos por atores distribuídos entre as Ciências Sociais Aplicadas e Humanas. Na concepção de Meadows (1999), a autoria única tende a se consolidar nestas áreas em virtude de os pesquisadores, principalmente os experientes, optarem por escrever textos de modo particular, bem assim considera-se que as políticas editoriais das revistas acadêmicas dos referidos domínios limitam o número dos pesquisadores que deverão assiná-los.

25 intermediários figuraram a primeira colocação da listagem autoral justificado pelo acúmulo de funções sucedidas durante as fases de produção do trabalho em comparação aos demais autores. Sobre estes resultados, de acordo com Meadows (1999) o primeiro autor se responsabiliza pelo desenvolvimento da maior parte do trabalho. Neste sentido, faz-se necessário que os intermediadores participem de todas as etapas de estruturação da pesquisa, porquanto obterão respaldo suficiente para que possam sanar eventuais questionamentos do conselho consultivo, bem como participar do fórum discursivo com os avaliadores. Em recente pesquisa, Silva e Vanz (2022) atestam que normalmente o primeiro autor é o mais relevante, mas esta diretriz não é válida para os domínios onde os atributos nominais tendem a ser sumarizados alfabeticamente. Contudo, isto não se aplica aos artigos da *F1000Research*, porquanto essa normativa não consta em seu regimento.

Quatro duplas de pesquisadores – de gêneros intercalados – que possuem a mesma titulação, desempenharam atividades em maior e igual patamar relacionadas à conceitualização, redação da metodologia, coleta e curadoria dos dados, análise e escrita da versão original,

atuam respectivamente enquanto comunicadores no processo avaliativo de quatro publicações. Infere-se que estas decisões se ancoram na premissa de que alguns dos moderadores assumiram cargos e/ou exerceram atividades paralelas em mais de uma instituição, e a inserção de mais um elo se configura como uma alternativa extra de os revisores manterem a comunicação, caso um dos intermediários não disponha de tempo hábil para atender e tais demandas.

Esta interpretação se expande para a realidade dos quatro remetentes do artigo “*Science Fiesta: Combining student-led community outreach with local culture*”, dos quais dois são homens que ocupam mais de uma obrigação no departamento que estão filiados, ao passo que outras duas estão comprometidas somente com as atividades relacionadas à docência. No que tange aos predicativos, os atores dispõem de igual titulação, cumpriram todo protocolo de construção do paper, mas se responsabilizaram pelas que estão pontuadas no *checklist* de avaliação da plataforma, a saber: redação, organização do evento que oportunizou a coleta e análise dos dados.

Matson, Sundberg e Laget (2010) ao analisar a associação entre os autores correspondentes e seu posicionamento na listagem de contribuintes, verificaram que o último posto também é ocupado pelos autores que despontam proeminência. No estudo proposto por, Silva e Vanz (2022) os interventores que assinaram a última colocação do artigo, foram os responsáveis pelo delineamento, implementação, coleta, análise e redação. Os resultados apresentaram seis autores – de gêneros alternados - que se enquadram nestes moldes, diferindo-se apenas pela consecução de atribuições extras como gestão de pessoas, de tempo e burocráticas relacionadas à investigação. Na visão de Matson, Sundberg e Laget (2010) o último autor, quando correspondente, pode ser definido como supervisor ou o que detém maior titulação. Neste sentido, ressalta-se que oito sujeitos se enquadram na primeira premissa, à medida que outros dois se apresentam como pesquisadores eméritos em razão de cooperarem manterem carreira consolidada e contribuírem para efetivação do progresso científico e tecnológico do campo que atuam por intermédio de suas pesquisas.

Em contrapartida, o resultado referente à indicação dos *referees* perpassa o cumprimento dos requisitos da política de submissão de materiais, a concordância dos autores para a comissão editorial oficializar as respectivas convocações. Dentre as recomendações, sobressaem-se:

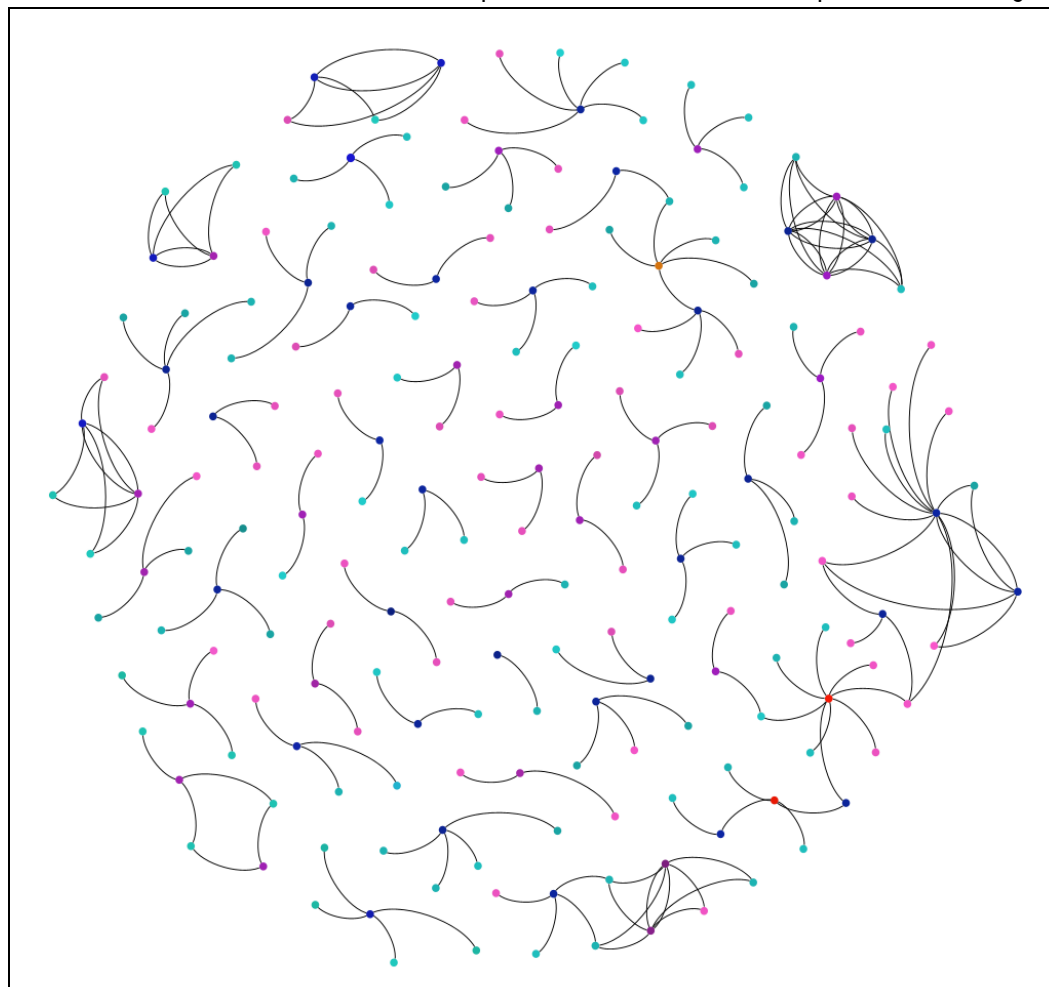
- a) Publicação de pelo menos três artigos como autor principal sobre a temática em questão;
- b) Nas áreas do conhecimento em que a expertise do analista não é mensurada pelos indicadores de produção acadêmica, deve-se comprovar sua experiência de outra forma;

- c) Não figurar como coautor com qualquer um dos autores nos três últimos anos à publicação da primeira versão de qualquer manuscrito na *F1000Research*;
- d) Apresentar vínculo institucional diferente dos autores;
- e) Não apresentar vínculo colaborativo próximo aos autores (*F1000RESEARCH*, 2022, tradução nossa).

Assim sendo, compreende-se que a diferença entre o número de homens e mulheres se assenta, inicialmente, nos resultados dos pré-requisitos da *F1000Research*, somados à concepção dos submetentes a respeito dos interesses investigativos de seus confrades. Descarta-se a teoria da proeminência do gênero em determinado campo do conhecimento em virtude de a participação se respaldar no *know-how* relacionado ao assunto ou aspectos complementares da pesquisa. Apoiando-se nesta afirmativa, reforça-se que a habilitação dos especialistas em teorias pertinentes às diplomações realizados em campos interdisciplinares possibilitou o ampliado do escopo de competências investigativas quer seja na produção ou análise de produções científicas sobre temáticas que vão além do domínio de formação inicial.

Os relacionamentos entre autores e avaliadores ocorrem em dinâmicas específicas em se tratando de gênero. Das sete autorias masculinas individuais, em três artigos acontecem interações de cunho híbrido, à medida que nos outros quatro ocorrem somente entre sujeitos do mesmo sexo, assemelhando-se às conjecturas de Meadows (1999) de que há maior possibilidade entre homens e mulheres que atuam como revisores se inclinarem ao convite de seus semelhantes. Perspectiva contrária ocorre em três artigos produzidos de modo independente por mulheres que indicaram somente especialistas do sexo oposto para arbitrar.

Na contramão das autorias independentes, a anteposição dos revisores segue moldes antes enunciados, excetuando-se pela deliberação do nome dos candidatos que ocorre em comum acordo entre a equipe de coautores, formado por indivíduos de gêneros idênticos e/ou interpolados. Chama-se atenção para as conexões representadas pelos correspondentes que se apresentam de em maior e menor número e se conectam com avaliadores de gêneros variados durante a mediação dialógica com os avaliadores (Grafo 1), reforçando que a diversidade dos laços se configura exclusivamente pelas afinidades temáticas, excluindo a hipótese de que foram constituídos com base em vieses de gênero, revelando que as conclusões de Buckley *et al.* (2014) não se adaptam a esta pesquisa.

Grafo 1 – Relacionamentos ente autores correspondentes e avaliadores sob o ponto de vista do gênero

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Legenda: Autoras; Autores; Avaliadores; Avaliadoras; Autora/Avaliadora; Autores/Avaliadores

Por intermédio da pesquisa documental realizada nas fontes de informação curricular dos sujeitos, percebe-se que as funções por eles empreendidas se voltam, predominantemente, para o universo acadêmico, estendendo-se em menores proporções para além dos limites das universidades. A Tabela 1 lista 17 profissões desempenhadas pelos sujeitos, destacando-se as três primeiras pelo predomínio entre ambos. O conceito de Professor(a)/Pesquisador(a) utilizado nesta pesquisa respalda os indivíduos que se dedicam exclusivamente à docência, orientando a formação de investigadores em nível de mestrado/doutorado, tal como à publicação de pesquisas.

Neste sentido, os números fazem menção às asserções de Meadows (1999), o qual enfatiza que além de os acadêmicos dedicarem parte do seu tempo à CC – quer seja como editores, avaliadores, autores, mantém vínculo empregatício, geralmente, em instituições de ensino superior, por meio do qual exercem atividades de ensino e à pesquisa. Este excerto diz respeito os dados

condizentes à categoria de pesquisadores que, nesta investigação, encontram-se filiados aos centros universitários, nos quais se encarregam, exclusivamente, tanto pela coordenação de laboratórios e pesquisas, como pela supervisão dos grupos e investigadores que as perfazem.

A participação de bibliotecários universitários alastra em gênero e posição com maior predominância entre avaliadoras e autoras, presumindo-se que o panorama internacional de formação e atuação dos profissionais de área se equipara ao do Brasil em que a “Ciência da Informação como a Biblioteconomia permanece com altas proporções de mulheres, independente da vinculação que se estabelece originalmente entre ambas” (OLINTO, 2006). Associado ao *métier* do profissional da informação, ressalta-se que um dos autores, diplomado em Biologia oferece aos bibliotecários, orientações relacionadas à prática de CC e realização de pesquisas nesta área de cobertura. A contribuição deste profissional se debruça sobre temáticas interligadas à área e oferecem possibilidades múltiplas de atuação, a exemplo dos estudos de normalização, citação, bem assim subtópicos alusivos à CC sob a ótica da OS, tais como a OPR, bibliometria e aceso aberto.

Inácio e Amante (2021) entendem que a Ciência Aberta e a Biblioteconomia apresentam propósitos em comum, sendo a partilha de conhecimento o primordial devido ao movimento de ofertar às Bibliotecas de ensino superior e aos seus servidores, um conjunto de oportunidades para o desenvolvimento e apoio a serviços, gestão e organização interna. A imersão no ambiente acadêmico faz com que estes atores tenham acesso a novidades científicas em termos de publicações. Assim sendo, deve-se considerar que o aporte intelectual obtido por intermédio das atividades e praxis desenvolvidas no seio da pós-graduação reforçará o conteúdo dos diálogos entre os investigadores no ato da avaliação por pares.

Tabela 1 – Profissões desempenhadas pelos sujeitos da pesquisa

Profissões	Avaliadores	Avaliadoras	Autores	Autoras
Professor(a)/Pesquisador(a)	57	31	24	7
Pesquisador(a)	16	11	11	13
Bibliotecário(a)	2	6	1	2
Editor(a)	2	1	--	--
Consultor(a) Autônomo(a) de Pesquisa	1	1	--	--
Consultor Estatístico	1	--	--	--
Diretor(a) Executivo(a) de Periódico	1	1	--	--
Chefe do Serviço de Informação em Biologia	--	--	1	--
Pesquisador(a)/Palestrante(a)	--	1	--	--
Professora	--	3	--	--

Engenheira de Software Aberto	--	1	--	--
Líder de Excelência dos Revisores de Periódico	--	1	--	--
Presidente de Organização não Governamental (ONG)	--	1	--	--
Gerenciadora de Dados	--	1	--	--
Diretora de Iniciativas Estratégicas de Periódico	--	--	--	1
Médica/ Professora	--	--	--	1
Total	80	59	37	24

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Profissões paralelas ao contexto acadêmico são incidentes entre autores e avaliadores, tendo em vista que a plataforma preza para que a avaliação por pares se concentre na expertise, autoridade temática, produtividade e imparcialidade, facultando oportunidade para que pesquisadores externos às instituições de ensino superior obtenham experiências de avaliar trabalhos de seus pares segundo os moldes da OPR.

A editoração e a diretoria executiva são ocupações comuns aos *referees* desta pesquisa e se configuram como atividades de gestão editorial que compartilham de atribuições que incluem: tomada de decisões, estabelecimento e aprovação de diretrizes, seleção e aprovação de recursos humanos, administração de fluxo e operações infocomunicacionais. Ressaltando que foram convocados para analisar artigos que discutem aspectos da realidade ocupacional dos editores de periódicos e, tão importante quanto sobre nuances da avaliação por pares no âmbito de revistas internacionais, indicando flagrante preparo que os permitem atuar quer seja na condição de gestores, autores e/ou avaliadores.

As avaliadoras agrupam maior número de funções – professora, pesquisador/palestrante, engenharia de software aberto, líder de excelência dos revisores de periódicos, presidente de ONG, gerenciadora de dados – em comparação às demais classes de atores. Os dados asseveram que a diversidade de ocupações repercute crescente investidora do público feminino em posições de destaque no mercado de trabalho, ainda fortemente ocupado pelos homens, partindo do ponto de vista de que desde sempre lhes foi remetido o exercício do magistério, segundo Garcia e Targino (2017).

O avaliador que possui conhecimentos sobre estatística desponta de forte probabilidade de revisar pesquisas métricas inseridas em áreas e especificidades diferentes das quais professa. A *F1000Research* alerta aos submetentes que se por ventura a pesquisa incluir dados quantitativos que exijam análise técnica sob esta perspectiva, deve-se indicar entre os *referees*, o nome de

pesquisadores que disponham de tais aptidões comprovadas para que o fluxo de avaliação não seja comprometido por intervenções de barreiras intelectuais.

Por fim, em menor cômputo, as autoras também atuam em posição de destaque na CC e Saúde. A gestão de iniciativas estratégicas nos periódicos se enquadra no nível tático de uma empresa, em que o profissional se responsabiliza por avaliar cotidianamente o cenário de publicação, identificando os pontos fortes e fracos da organização e a partir deles estabelecer meios para que se possa alcançar potenciais objetivos de impacto, prospecção de avaliadores e estratégias que visam potencializar o impacto da revista. Enquanto a mulher que trabalha oficialmente como médica e, de modo complementar, encontra na docência formas de socializar saberes angariados na pós-graduação em Educação Médica. Amparado nas conclusões de pesquisas médicas, Jana (2019) explica que para os profissionais formados em medicina, a docência se torna função secundária. A autora, complementa afirmando que em tese, esses professores são excelentes profissionais em seu ramo de atuação em consequência da contratação de educadores em cursos de medicina, a título de graduação e pós, centraliza-se em seu histórico e na qualidade de seu desempenho.

5.5 Redes sociais dialógicas no contexto da Comunicação e Mídias

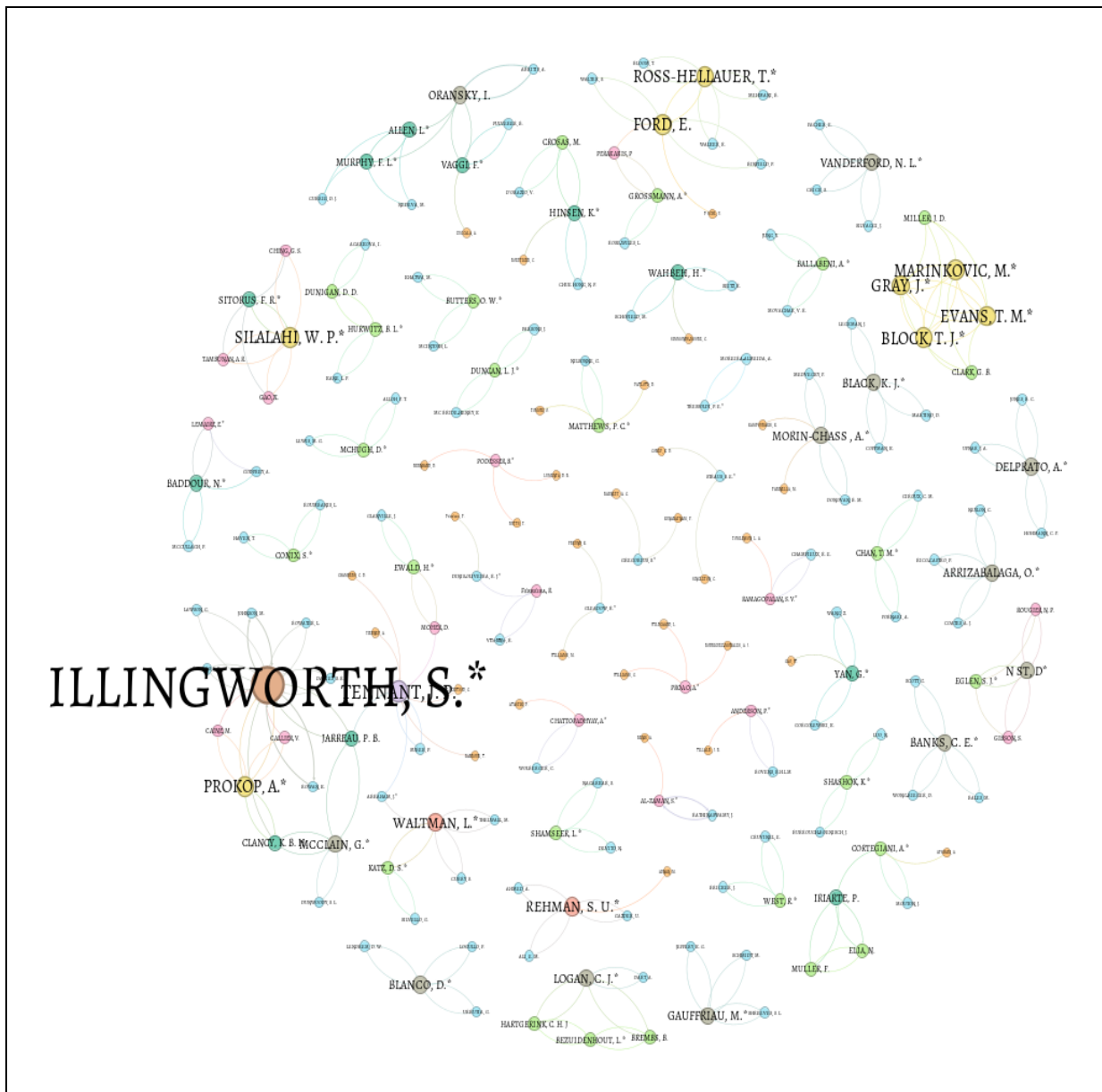
Nesta seção, caracterizam-se as redes de cooperação provenientes do fluxo dialógico da avaliação aberta circunstanciados pelos autores correspondentes e avaliadores durante o período de análise dos artigos hospedados nas categorias temáticas do subcampo Comunicação e Mídias. As redes sociais dialógicas neste âmbito temático se caracterizam como bipartidas pois “agrupa dois conjuntos distintos de atores, cada um deles com atributos e incumbências particulares” (LARA; LIMA, 2009, p. 627), isto significa por pesquisadores que se interligam pelo partidarismo da avaliação aberta, seus desdobramentos e afinidades temáticas de pesquisa que lhes permitem atuar em posições intercaladas em diferentes momentos, quer seja como membro do conselho consultivo, quer seja como autor representante, *referee* ou usuário/leitor. Como antes proferido, apenas os autores intermediários e os avaliadores dos textos por eles produzidos foram considerados, porquanto exercem equanimemente papéis de emissores e receptores no ciclo dialógico que constitui o processo de avaliação aberta dos artigos remetidos à *F1000Research* e por este motivo apenas a participação destes atores encontra-se registrada junto à publicação para fins de consulta, satisfazendo às demandas desta pesquisa.

A confluência de elos exposta no Grafo 2 representa o trâmite de avaliação dos artigos que constituem o repertório amostral. A macro estrutura é formada pelo ordenamento de 56 subredes, as quais representam os arranjos pessoais que sinalizam atividades de produção e escrutínio das publicações que reúnem 200 nós, dos quais 61 simbolizam os autores intermediários e 139, interligado por 299 ligações. Partindo do pressuposto de que o diálogo se caracteriza como molde de comunicação que propicia a socialização de inteligência múltiplas, utilizou-se a lógica da direcionalidade dos laços para assinalar a semântica das associações. As ligações bidirecionais representam a ocorrência de discussões entre árbitro e avaliador, enquanto o correlacionamento unidirecional indica que os árbitros realizaram a entrega dos pareceres, mas não obtiveram retorno por parte dos correspondentes.

As subconexões assumem moldes diferentes, variando conforme a quantidade de avaliadores e correspondentes que as integram, cuja ordenação equivale à 22 tríades, 19 tétrades, 10 pêntades, quatro héxades e uma díade. No que concerne à formatação das redes da *peer review*, Stumpf (2008) destaca que a tradição se pauta na nomeação de dois revisores que atenderão às demandas do trabalho que lhes forem designados e, em caso haja discordância entre os pareceres, um terceiro deve ser convocado, respaldando a não ocorrência de nós soltos no interior da rede. Todavia, o conselho editorial *F1000Research* determina que sejam selecionados até cinco revisores para cada texto, ampliando possibilidades de enriquecimento do conteúdo do manuscrito a partir da socialização de inteligências múltiplas junto a pesquisadores que detém visão similar ou discordante acerca das nuances da pesquisa em questão e caso haja disparidade de decisões, o número de pareceristas permanece nas demais rodadas, exigindo que as recomendações sejam incorporadas.

Outro detalhe que certamente justifica a formação de redes sociais de carizes variados se dá pelo não detalhamento do número de atores correspondentes por obra, redundando na participação de autores correspondentes – cujo rótulo no delineamento da representação gráfica contém um asterisco – de forma igualitária e/ou desproporcional em comparação ao de avaliadores.

Grafo 2 – Rede de avaliação da Comunicação e Mídias



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Ainda sobre a arquitetura dos arranjos comunicacionais, apesar de as políticas editoriais dos periódicos, induzirem a participação de no mínimo três juízes, cabe destacar que de acordo com o protocolo da *F1000Research* a conceção do *status* revisado resulta do retorno de no mínimo dois relatórios que registrem aprovação dos examinadores. No entanto, o artigo cuja análise redundava na única relação díade, formada pelo autor TRESSOLDI, P. E. e pelo árbitro MOREIRA-ALMEIDA, A., verifica se oito médiuns autodeclarados podem recuperar informações sobre entes falecidos sem consulta prévia aos seus familiares por intermédio de métodos quanti/qualitativos em

que os entrevistadores e os depoentes terão acesso apenas ao nome do solicitante e da suposta entidade/guia. A caracterização da rede comprova que a avaliação partiu exclusivamente de um referee que emitiu parecer favorável com reservas, visto que se assenta sob o viés do ineditismo, restringindo-se como relevante temática e objeto de estudo Ciências Cognitivas. Neste sentido, depreende-se que o conselho editorial optou por aprova-la, levando em consideração que os pesquisadores indicados tenham se absterido de avalia-la por revelassem contrários ao modelo de análise empreendido pela plataforma, indisponibilidade de tempo para colaborar com seus pares, apatia pela temática ou não apresentado justificativa.

Do total de arranjos, percebeu-se que 50 (89%) possuem um correspondente e seis (11%) variam entre dois e quatro, cujas conexões são mútuas e mediadas pela colaboratividade entre os investigadores durante a produção do conhecimento científico em que tais elos são estabelecidos a partir do momento em que partilham interesses, discutem e acatam novas ideias (LAZEGA; HIGGINS, 2014), são eles: 1) SILALAH, W.* e SITORUS, F.*; 2) NÜST, D.* e EGLEN, S. J.*; 3) MURPHY, F. L.* e ALLEN, L.*; 4) PROKOP, A.* e ILLINGWORTH, S.*; 5) LEMMAIRE, E.* e BADDOUR, N.*; 6) BLOCK, T. J.*, MARINKOVIC, M.*, GRAY, J.* e EVANS, T. M.*

Para as redes que retêm mais de um correspondente, as comunicações derivadas dos árbitros são remetidas de modo igualitário, ofertando-lhes respectivamente o direito de réplica. Contudo, observa-se que em dois subconjuntos os autores não argumentaram as considerações dos revisores acerca da submissão, configurando-se como relação unilateral, a saber: 1) MURPHY, F. L.* e ALLEN, L.*, CURRIE, D. J., NEDEVA, M., ORANSKY, I. e ABRITIS, A.; 2) BLOCK, T. J.*, MARINKOVIC, M.*, GRAY, J.* e EVANS, T. M.*, CLARCK, G. B. e MILLER, J. D. Nas demais, apenas o primeiro autor reagiu ao conteúdo elaborado pelos pareceristas, enquanto os demais optaram não se envolver, como pode ser observado a seguir: 1) SILALAH, W.*, SITORUS, F.*, GAO, X., TAMBUNAM, A. R. e CHING, G. S.; 2) NÜST, D.*, EGLEN, S. J.*, ROUGIER, N. P. e GIBSON, S.; 3) PROKOP, A.*, ILLINGWORTH, S.*, CALLIER, V., CAINE, M.; CLANCY, K. B. H.; 4) LEMMAIRE, E.*, BADDOUR, N.*, MCGULLAGH, P. e GODFREY, A.

Verifica-se existência de micro redes comunicativas, precisamente, cinco díades e uma tríade, inseridas respectivamente em seis subgrafos, constituídas por: 1) DUNIGAN, D. D. e AGARKOVA, I.; 2) ORANSKY, I., ABRITIS, A. que atuaram por duas vezes seguidas; 3) FERREIRA, R. e VITORINO, R.; 4) CROSAS, M. e D'ORAZIO, V.; 5) IRIARTE, P., MULLER, F. e ELIA, N. Isto porque quando os pesquisadores são indicados para compor o corpo de avaliadores, mas os perfis acadêmicos não atendem às diretrizes de eleição arbitrária da plataforma, mas possuem conhecimento sobre o assunto tratado no documento são encorajados a correvisar sob a tutela de

pesquisador(es) experiente(s). Convém pontuar que os vínculos consignados por estes atores se originam de por interferência de fatores externos ao processo editorial, porquanto compartilham de mesmo vínculo institucional e interligam-se, de modo semelhante, por meio da escrita colaborativa de textos acadêmicos.

Vickers (2019) detalha que para pesquisadores não experientes ou em início de carreira, o ato de revisar pela primeira vez se configura como experiência por vezes intimidadora, importando cumpri-la de forma responsável. O autor ainda frisa que a correvisão é um dos benefícios possibilitados pela OPR, uma vez que o revisor e seu interino podem reivindicar crédito pelo trabalho realizado quando do fornecimento de relatórios de revisão por pares.

Para obras com evidências de correvisão, as associações são retratadas por ligações recíprocas, pois os pareceres são elaborados e assinados de modo coletivo, sendo o avaliador titular o responsável pelo conteúdo das arguições e por defendê-las junto aos correspondentes, à medida que seu supervisionado assume como adjunto. Reforça-se que o estatuto da *F1000Research* se baseia na filosofia da OS e da justiça social, facultando voz e voto aos atores envolvidos nas etapas de comunicação da ciência, no entanto, dentre as obras constantes no corpus documental avaliada nesta análise, não há registro de diálogo entre os correvisores e os submetentes intermediários, razão pela qual as linhas de contato sucedem estritamente aos veteranos.

Verifica-se que a rede apresenta baixa densidade considerando o número de atores e o potencial de interconexões que poderiam ser desenvolvidas no contexto da Comunicação e Mídias. Utilizando métodos semelhantes, Telmo (2019) analisou as redes sociais de derivadas da cooperação em bancas de doutorado do PPGCI da UFPB entre 2015 e 2018, constituídas por 64 atores que assumem a posição de orientadores, coorientadores, membros examinadores externos e internos, na condição de titulares e suplentes. A pesquisadora constatou ocorrência de forte densidade na rede que arrola dois *clusters*, cujo o que apresenta mais interligações incorpora relações entre os 52 atores que participaram das defesas dos trabalhos concernentes à linha de pesquisa Memória, Organização, Acesso e Uso da Informação, enquanto o de menor intensidade corresponde às interações dos 12 atores que possuem especialização em temáticas relacionadas ao eixo Ética, Gestão e Políticas de Informação.

A espessidão das conexões entre os membros das bancas examinadoras das teses do PPGCI pode ser explicada sob pontos de vistas que se complementam. Observa-se que os relacionamentos ocorrem entre membros internos e externos à instituição, ambos pertencentes à mesma comunidade acadêmica, CI, selecionados a partir de critérios de especialização e correlação temática, assim como na revisão por pares editorial, seja enquanto orientadores ou

analistas. Logo, amplia-se a viabilidade de pesquisadores, credenciados no mesmo programa ou externos a ele, serem convidados para arbitrar em bancas presididas ou não por orientadores com quem mantém relações de cunho informal. Deve-se observar também que a dialogicidade entre os pares bancas viabiliza o diálogo entre os atores envolvidos ao longo do rito de arguição, ao contrário da *peer review* intermediada pela *F1000Research*.

O resultado da densidade se explica pela Plataforma dispor de diretrizes que impedem a intensificação de relacionamentos comunicativos entre pessoas do convívio profissional dos autores, bem assim se apresenta como iniciativa de publicação global, cujos aportes de conhecimento são produzidos e avaliados por pessoas inseridas em comunidades científicas e/ou instituições acadêmicas posicionadas em países de diferentes culturas investigativas, diminuindo a incidência de conexões entre estes nós e a constância com que tais vínculos tenderiam se desdobrar.

A representação gráfica demonstra pequenos focos de densidade na rede total, representadas pelas ligações entre: MILLER, J. D., CLARCK, G. B., MARINKOVIC, M.*, EVANS, T. M.*, GRAY, J.* e BLOCK, T. J.*; TAMBUNAM, A. R., GAO, X., CHING, G. S., SITORUS, F*, e SILALAHI, W. em virtude da ocorrência de laços recíprocos e unidirecionais intercaladamente distribuídos entre a maioria dos membros de cada conexão, que por via de consequência, potencializa o fluxo de disseminação da informação entre os cooperantes ao invés de direcioná-lo para pontos específicos.

Nas laterais e no centro da rede total a composição de 39 subgrupos isoladamente interligados por laços não intensos, significando que participaram do processo avaliativo ou estiveram em contato com os membros da rede apenas uma vez. Identificou-se na estrutura na rede a existência de laços fortes, sinalizadas por ligações mais espessas, nas relações estabelecidas entre: ORANSKY, I. e ABRITIS, A., além das que respetivamente foram empreendidas por AL-ZAMAN e RATHINASWAMY, J., ROWAN, K. e JOHNSON junto a ILLINGWORTH, S., M. A consistência das ligações em redes sociais de colaboração, a exemplo da dialogicidade do processo de revisão por pares é elucidada por Lara e Lima (2009) que a compreendem como vinculações constantes ou repetitivas entre nós de uma rede social que se consolidam com base em critérios de afinidade, confiança, experiência ou convivência. Sendo assim, menciona-se a parceria entre ORANSKY, I. e ABRITIS, A. que se firma por via da correvisão de dois artigos. Enquanto RATHINASWAMY, J., ROWAN, K. e JOHNSON, na condição de avaliadores, se relacionaram em mais de uma rodada de avaliação com AL-ZAMAN e ILLINGWORTH, S., M. no processo avaliativo do artigo em que figuraram como correspondentes.

Observa-se que os autores correspondentes são os que recebem maior fluxo de mensagens, pois a proporção de autores é relativamente inferior quando cotejada ao índice de avaliadores por subrede. Leva-se também em consideração que em cumprimento ao rito editorial regido pela *blind* ou *open review*, são eles os responsáveis por representar os demais autores da publicação, receber as considerações acerca do trabalho e contra argumentá-las.

A partir da modelagem das conexões, visualiza-se o comportamento central dos nodos, ILLINGWORTH, S., SILALAH, W. P., TENNANT, J., PROKOP, A., MARINKOVIC, M.*, EVANS, T. M.*, GRAY, J.* e BLOCK, T. J.*, FORD, E., ROSS-HELLAUER, T. no processo avaliativo, atuando como avaliadores, autores e vice versa, colaborando e recebendo *feedbacks* de seus pares. Este resultado se aproxima das considerações de Lazega e Higgins, (2014), para quem, a centralidade é medida pelo número de laços (diretos e indiretos) que determinam o tamanho da rede de um determinado autor, por meio da qual pode-se afirmar que quando mais um sujeito é central mais ativo é no sistema. Neste sentido, pode-se delegar a ILLINGWORTH, S., ORANSKY, I., MOHER, D., JARREAU, P. B., PROKOP, A., CLANCY, K. B. H., MCCLAIN, C., TENNANT, J., PROKOP, A., FORD, E. papéis de mediatários na revisão aberta porque atuam como eixos de ligação entre si e outros nós. Isto se justifica pelo fato de os atores exercerem atribuições mais de uma vez quer seja como avaliador e/ou autor, ou intercala-lás em momentos distintos,

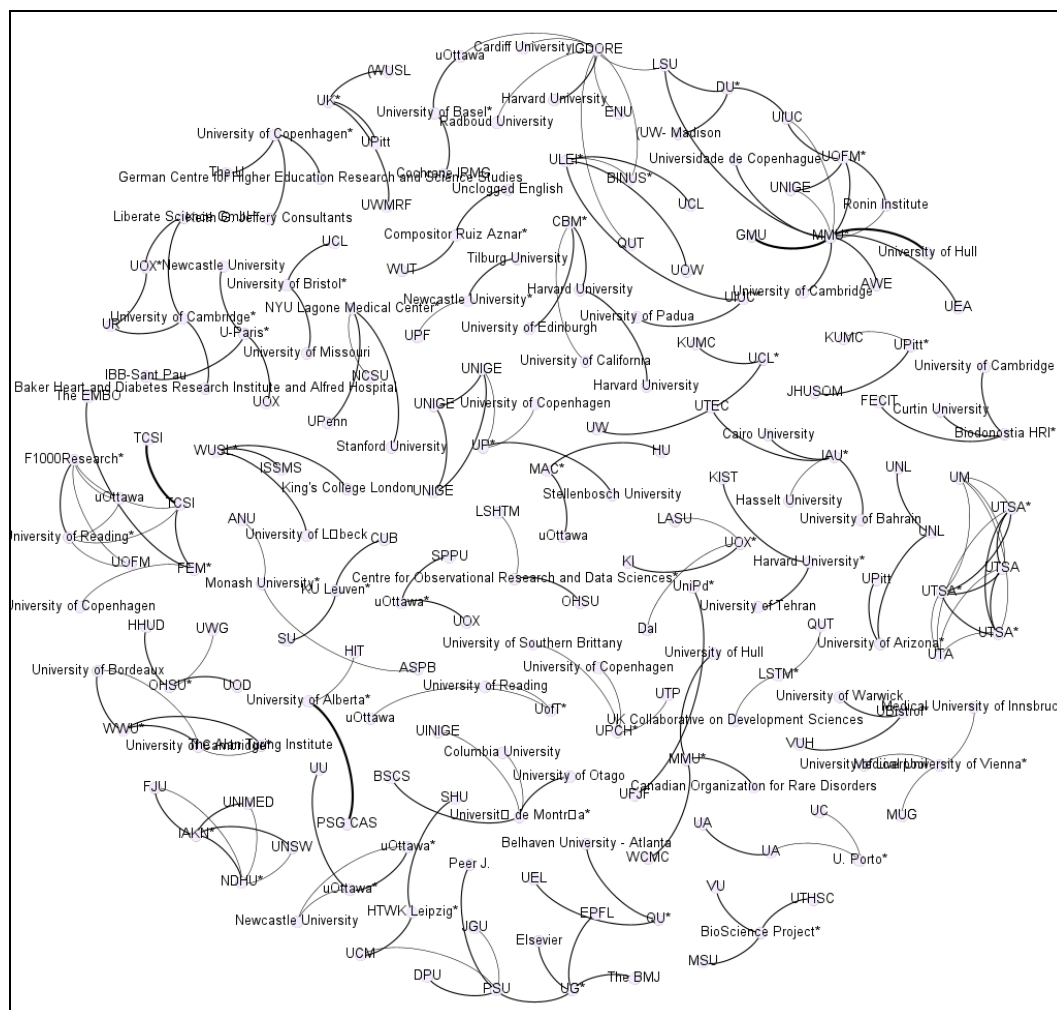
O Grafo 3 expõe a composição do arranjo social por vínculos institucionais dos autores e avaliadores cujas assinaturas constam nos artigos listados na categoria Comunicação e Mídias da *F1000Research*. Neste estudo, a ARS institucionais se ancora nos conceitos de relacionamentos intra e interinstitucionais formulados por Silva (2015). De acordo com a autora, o primeiro se refere às conexões efetivadas pelos membros de um mesmo núcleo organizacional, enquanto na última focaliza os elos entre pessoas filiadas a entidades distintas

A macroestrutura se organiza pela constituição ligações entre 154 instituições e seus membros, sendo a da *University of Ottawa* (uOttawa) a que contém maior número (sete) filiados. A *University of Geneva* (UNIGE) e *University of Copenhagen* seguem na retaguarda, em igual quantidade, com cinco representantes. Somando quatro atores, destacam-se a *University of Cambridge*, *University of Oxford* (UOX), *Harvard University* e a *University of Texas at San Antonio* (UTSA). Por seu turno, a *network* da *Newcastle University*, na mesma proporção que a *University of Pittsburg* (UPitt) inclui três vínculos.

Outras 14 instituições, a saber: *University of Bristol* (UBristol), *University College London* (UCL), *University of Reading*, *University of Illinois at Urbana - Champaign* (UIUC), *Oregon Health & Science University* (OHSU), *University of Kansas Medical Center* (KUMC), *Queensland University of*

Technology (QUT), University of Nebraska – Lincoln (UNL), The Center for Scientific Integrity (TCSI), Manchester Metropolitan University (MMU), University of Hull, Universidade de Aveiro (UA), University of Liverpool, e a Washington University in St. Louis (WUSL) abrangem respectivamente dois associados, contra as demais agremiações são representadas por um ator, que se relacionaram apenas uma vez com os membros constituintes de seus respectivos arranjos.

Grafo 3 – Rede de vínculos institucionais



Nota: Os títulos das instituições apresentados por extenso não possuem abreviaturas ou siglas.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

No que respeita à natureza dos vínculos, constata-se que 84% (48) da socialização de saberes entre os partidários da avaliação aberta ocorreu por meio de elos interinstitucionais. Este excesso se deve ao cumprimento do requisito de seleção dos *referees* de artigos da Plataforma, por meio do qual exige que os revisores sejam de diferentes instituições, evitando que conflitos,

relacionamentos pessoais e endógenos comprometam a idoneidade do fluxo avaliativo e, conseqüentemente, a decisão final do procedimento.

As relações interinstitucionais ocorreram nas ligações que envolvem a *Katholieke Universiteit Leuven* (KU Leuven), *Stockholm University*, *Charité Universitätsmedizin Berlin* (CUB), *McMaster University* (MAC), *Hofstra University* (HU), *uOttawa*, *Institute Agama Kristen Negeri* (IAKN), *National Dong Hwa University* (NDHU), *University of New South Wales* (UNSW), *Universitas Negeri Medan* (Unimed), *Fu Jen Catholic University* (FFJU), *University of Warwick*, *Victoria University of Wellington* (VUH), *University of Basel*, *Cochrane Information Retrieval Methods Group* (COCHRANE IRMG), *Quinnipiac University* (QU), *University of East London* (UEL), *Belhaven University – Atlanta*, *University of Münster* (WWU), *University of Cambridge*, *The Alan Turing Institute*, *University of Bordeaux*, *Leipzig University of Applied Sciences* (HTWK Leipzig), *Complutense University of Madrid* (UCM), *Seton Hall University* (SHU), *University of Alberta*, *PSG College of Arts and Science* (PSG CAS), *Holon Institute of Technology* (HIT), *Padova University* (UniPd), *Universidade Federal de Juíz de Fora* (UFJF), *UOX*, *Universität Regensburg* (UR), *Savitribai Phule Pune University* (SPPU), *University of Missouri* (MU), *UCL*, *UIUC*, *Leiden University* (ULEI), *University of Padua*, *Imam Abdulrahman Bin Faisal University* (IAU), *Cairo University*, *University of Bahrain*, *University of Engineering and Technology* (UTEC), *Hasselt University*, *Biodonostia HIRI*, *Curtin University*, *Fundación Española para la Ciencia y la Tecnología* (FECIT), *OHSU*, *University of Derby* (UoD), *Heinrich Heine University Düsseldorf* (HHUD), *University of West Georgia* (UWG), *Bina Nusantara University* (BINUS), *IGDORE*, *U-Paris*, *Newcastle University*, *Sant Pau Biomedical Research Institute* (IBB-Sant Paul), *KUMC*, *University Of Washington* (UW), *Universitat Pompeu Fabra* (UPF), *Tilburg University*, *C./ Compositor Ruiz Aznar*, *Unclogged English*, *Wuhan University of Science and Technology* (WUT), *Liverpool School of Tropical Medicine* (LSTM), *UK Collaborative on Development Sciences*, *QUT*, *University of Göttingen* (UG), *Swiss Federal Institute of Technology in Lausanne* (EPFL), *The BMJ*, *Elsevier*, *PSU*, *Baker Heart and Diabetes Research Institute and Alfred Hospital* (BHDRIAH), *Liberate Science GmbH*, *Bioscience Project*, *Morgan State University* (MSU), *University of Tennessee Health* (UTHSC), *Vanderbilt University* (VU), *Karolinska Institute* (KI), *Dalhousie University* (DAL), *University of Lagos* (LASU), *UOFM*, *MMU*, *Ronin Institute*, *UNIGE*, *Radboud University*, *Harvard University*, *Louisiana State University* (LSU), *Edinburgh Napier University* (ENU), *Cardiff University*, *German Centre for Higher Education Research and Science Studies* (GCHERSS), *Keith G. Jerrey Consultants*, *University of Miami* (The U.), *University of Hull*, *George Mason University* (GMU), *University of East Anglia* (UEA), *UPitt*, *Johns Hopkins University School of Medicine* (JHUSOM), *Medical University of Vienna*, *Liverpool*, *Medical University of Graz* (MUG), *Medical University of Innsbruck*, *Canadian Organization for Rare Disorders*, *Weill Cornell Medical College*

(WCMC), *Universidad Peruana Cayetano Heredia* (UPCH), *Universidad Tecnológica de Pereira* (UTP), *University of Southem Brittany*, *Monash University*, *American Society of Plant Biologists* (ASPB), *Australian National University* (ANU), *University of the West of England* (AWE), *University of Pennsylvania* (Uppen), *University of North Carolina* (NCSU), *Stanford University*, *University of Tehran*, *Korea Institute of Science and Technology Information* (KIST), *University of Kentucky* (UK), *UWM Research Foundation* (UWMRF), *WUSL*, *PSU*, *Peer J.*, *DePaul University* (DPU), *Icahn School of Medicine at Mount Sinai* (ISSM), *King's College London*, *Duke University*, *UW-Madison*, *University of Ulster* (UU). Enquanto os intrainstitucionais ocorrem por relações entre a UNIGE, UNL, TCSI, UA, *Harvard University*, UTSA e uOttawa, sendo as cinco primeiros por ligações de correvisão e as duas últimas por coautorias.

Complementando o percentual, observou-se que 16% (oito) são redes mistas, as quais incorporam concomitantemente relações intra e interinstitucionais, segundo Silva (2015). Dentre elas, seis conexões se caracterizam como tal pois, no seu interior há presença de correvisores que são supervisionados por analistas experientes e que atuam na mesma instituição, enquanto as interligações entre os autores correspondentes e demais *referees* figuram como interinstitucionais em razão de cumprirem protocolos laborais em diferentes órgãos.

Este tipo de relação é formada pelos atores e as instituições das quais são membros, a exemplo de: **1)** CORTEGIANI, A. (*University of Palermo – UP*), IRIARTE, P., MULLER, F., ELIA, N. (UNIGE) e AFSHARI, A. (*University of Copenhagen*); **2)** HURWITZ, B. L. (*University of Arizona*), DUNIGAN, D. e AGARKOVA, I. (UNL) e KANE, L. P. (UPitt); **3)** MURPHY, F. L. (*University of Reading*), ALLEN, L. (*F1000Research*), CURRIE, D, J. (UOttawa), NEDEVA, M. (UOFM), ORANSKY, I. e ABRITIS, A. (TCSI); **4)** VAGGI, F. (*Fondazione Edmund Mach – FEM*), ZUCCALA, A. (*University of Copenhagen*), PULVERER, B. (*The EMBO Journal*), ORANSKY, I. e ABRITIS, A. (TCSI); **5)** DINIZ-OLIVEIRA, R. J. (Universidade do Porto – UPorto), PEREIRA, F. (Universidade de Coimbra – UC), FERREIRA, R. e VITORINO, R. (UA); **6)** HINSEN, K. (*Centre de Biophysique Moléculaire - CBM*), CHUE-HONG, N. P. (*University of Edinburgh*), BOETTIGER, C. (*University of California*), CROSAS, M. e D’ORAZIO, V. (*Harvard University*).

Semelhantemente, a hibridez de outras duas redes advém das relações de coautoria, cujos sujeitos que se apresentam como correspondentes e compartilham da filiação institucional, ao contrário dos avaliadores, a saber: **1)** LEMAIRE, E. e BADDSOUR, N. (UOttawa), MCCULLAGH, P. (UU) e GODFREY, A. (*Newcastle University*); **2)** BLOCK, T. J., MARINKOVIC, M., GRAY, J., EVANS, T. M. (UTSA), CLARCK, G. B. (*University of Texas at Austin – UTA*) e MILLER, J. D. (*University of Michigan - UM*).

Sobre as vinculações organizacionais, Iglič *et al.* (2017) afirma que as duas tipologias de arranjo possuem finalidades distintas. Para os autores, pesquisadores recorrem a colegas de instituições externas para que possam obter aportes adicionais sejam financeiros ou cognitivos. O segundo critério adequa-se ao contexto desta pesquisa, porquanto são os autores que recorrem à expertise dos árbitros fixados em organizações estrangeiras que mantém relação com o ensino e a pesquisa para que os aspectos do texto se ajustem às exigências da revista Retomando aos autores, asseveram que os laços interinstitucionais estão relacionados à divisão de trabalho, a exemplo das coautorias e correvisões.

A partir da representação gráfica, observa-se que a MMU e UOttawa como as universidades que se conectaram com outros órgãos de ensino e pesquisa. A MMU teve 11 ligações interinstitucionais com a UOFM, UEA, AWE, LSU e *University of Cambridge*, *Ronin Institute*, UNIGE, UIUC, *GMU University of Copenhagen* e *A University of Hull*. Ostentando quantitativo semelhante, a uOttawa se conectou à UU, SSPU, UOX, IGDORE, *F1000Research*, MAC, UOFT, consignando vínculo intrainstitucional com um de seus membros. Ressalta-se que a *University of Cambridge*, UOX, *University of Copenhagen*, *Harvard University* e UPitt também obtiveram respectivamente, oito, sete e seis relações interinstitucionais com outras instituições.

Os vínculos interinstitucionais desta pesquisa se configuram como internacionais. Isto posto, Subramanyam (1983) e Grácio (2018) avaliam a sistemática da colaboração científica entre pesquisadores vinculados a instituições de diferentes países (colaboração interinstitucional internacional) e a cooperação acadêmica entre pesquisadores de diferentes associações constantes na mesma nação.

Das 56 subredes sociais de colaboração provenientes da revisão por pares, 35 (63%) são adjetivadas de compostas, visto que se constituem, sincronicamente, de sujeitos cujos vínculos organizacionais variam em termos de abrangência geográfica. Na proporção que 14 (25%) se estabelecem por vínculos internacionais e apenas sete (13%) por elos entre pesquisadores de nacionalidade análoga. O presente resultado é reflexo das diligências explícitas na política de seleção arbitrária da *F1000Research*, mediante a qual encoraja incisivamente que os autores sugiram nomes de revisores que possuam vínculo externo à instituição e ao país, para que se obtenha perspectiva internacional sobre os artigos e seu respectivos procedimento de revisão (*F1000RESEARCH*, 2022).

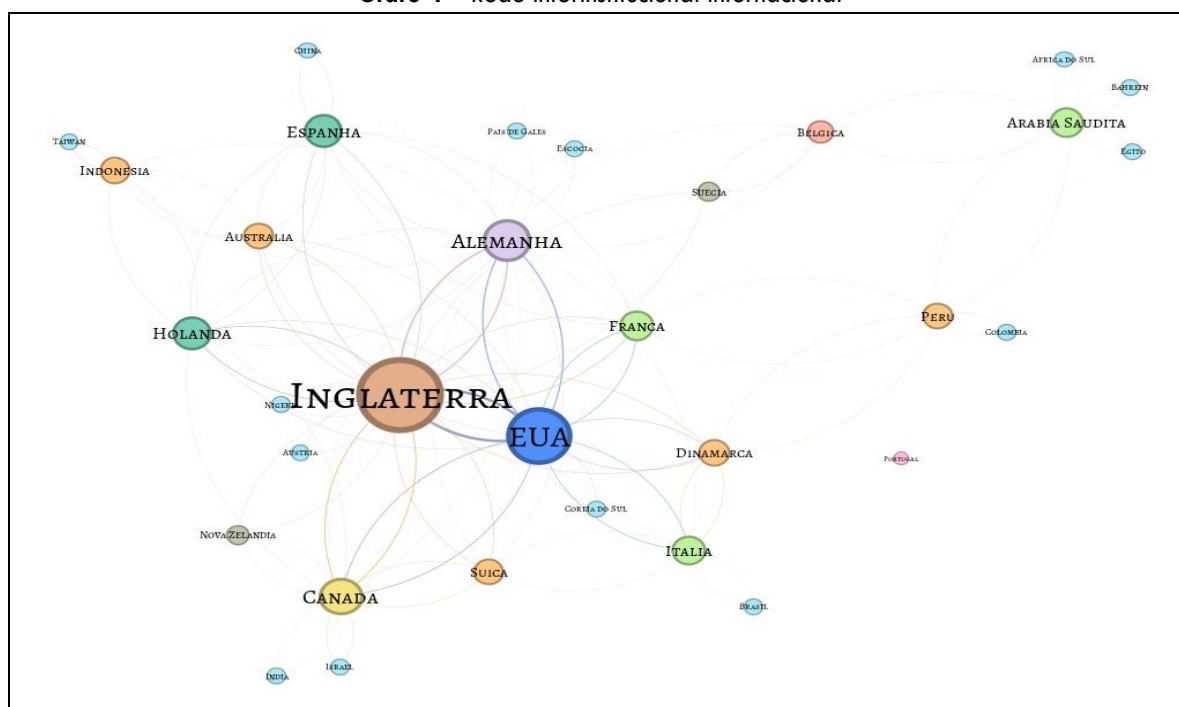
As estruturas relacionais internacionais são formadas por entidades jurídicas distribuídas a seguir pela quantidade: EUA (44), Inglaterra (28), Alemanha (12), Austrália (seis), Canadá (seis), Espanha (seis), Holanda (cinco), Itália (quatro), França (quatro), Suíça (três), Áustria (três), Indonésia

(três), Portugal (três), Índia (duas), Nova Zelândia (duas), Taiwan (duas), Perú (duas), Bélgica (duas), Suécia (duas), Brasil (uma), Israel (uma), Dinamarca (uma), Colômbia (uma), Arábia Saudita (uma), Egito (uma), Bahrein (uma), Escócia (uma), País de Gales (uma), Coreia do Sul (uma), África do Sul (uma), China (uma), e Nigéria (uma).

As relações interinstitucionais entre organizações do mesmo país encontram-se sistematizadas pela incidência e nação, e são: EUA: *Duke University*, *LSU*, *UIUC*, *University of Wisconsin-Madison* (*UW-Madison*), *UK*, *UWM Research Foundation*, *WUSL*, *UPitt*, *KUMC*, *JHUSOM*, *UTSA*, *UTA*, *UM*, *BioScience Project*, *MSU*, *UTHSC*, *VU*, *University of Arizona*, *KIST*, *PSU*, *Peer J.*, *DPU*, *JGU*, *ISSM* e a *UNL*. Inglaterra: *UBristol*, *UOX*, *UR*, *UCL*, *LSTM*, *UKCDS*, *LSHTM*, *F1000Research*, *UOFM*, *MMU*, *UEA*, *University of Reading*, *University of Hull*, *University of Cambridge*, *The Alan Turing Institute*, *University of Warwick*. Áustria: *MUG*, *Medical University of Vienna* e *Medical University of Innsbruck*. Canadá: *uOttawa*, *MAC* e *UOFT*. Taiwan: *NDHU* e *FJU*. Indonésia: *IAKN* e *Unimed*. Austrália: *ANU* e *Monash University*. Espanha: *FECIT* e *Biodonostia HIRI*. Por fim, apenas uma rede aglutina ligações entre os seguintes órgãos de ensino e pesquisa posicionados em terras portuguesas: *UPorto*, *UC* e *UA*.

O Grafo 4 mostra os vínculos interinstitucionais de cunho internacional entre as instituições dos 32 países que se interligam a outros por intermédio do *peer review* da *F1000Research*. Pode-se observar que as nações constantes na rede pertencem, majoritariamente, ao continente europeu e americano que segundo os dados do *DOAJ* são de áreas geográficas que abarcam maior quantitativo de países cujos periódicos adotam esta modalidade, a exemplo dos EUA e países que contornam o Reino Unido.

Grafo 4 – Rede interinstitucional internacional



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A rede de colaboração por pares contém os vínculos interinstitucionais entre os países que sediam as instituições externas incorporadas neste estudo. O centro da rede é ocupado pela Inglaterra, país contemplado com maior centralidade que estabelece 35 conexões com 13 países europeus e africano. Ressalta-se que três de suas instituições possuem quatro vínculos com outras três americanas, totalizando 13 vínculos, marcado ligações densas, assinaladas por linhas espessas. Três das instituições britânicas, arranjam-se três vezes, de modos similares e consecutivas, às instituições da Alemanha e França. Por seu turno, Suíça, Holanda, Espanha, Austrália aglutinam dois elos à outras quatro de origem inglesa. Por fim, Nova Zelândia, Suécia, Nigéria e Áustria possuem elos dialógicos com um sujeito e uma organização da Inglaterra.

EUA, Alemanha e Canadá são países que se destacam com maior centralidade por ocorrência de confluências entre si e com países que se posicionam como satélites, a exemplo da Holanda, Espanha, França, Dinamarca, Suíça, Austrália, Indonésia, Peru, Nova Zelândia, Suécia e Suíça que despontam vínculos em menor quantidade.

OS EUA assumem a segunda colocação no ranking de países centrais, porquanto apesar de apresentar maior aporte de instituições, a maioria dos vínculos ocorrem no formato intrainstitucional e no mesmo país, somando internacionalmente 27 participações. Dentre estas, 13 são associações com instituições da Inglaterra, das quais, em momentos distintos, quatro instituições americanas se juntam a duas inglesas, uma por vinculação tripla e duas por junção única. Seis correlações se dão

junto às organizações alemãs, outras duas com o Canadá e Itália. Apenas uma com junto às instituições da Austrália, Espanha e Holanda.

A Alemanha desponta em terceiro lugar como país em que as instituições se relacionaram em nível internacional. Cinco de suas instituições se uniram à sete dos EUA com quem mantém elo forte, sendo duas com vínculo duplo. Quatro estão conectadas à cinco da Inglaterra, uma por ligação dupla. Outras sete se aglutinam em quantidade semelhante à Suíça, Itália, França, Bélgica, País de Gales e Escócia, enquanto uma instituição se agrega a outras duas estabelecidas na Holanda e Indonésia.

Ressalta-se que sete institutos do Canadá arrolam 16 participações distribuídas entre as agremiações de oito países, com maior ênfase na Europa. Sete vínculos se direcionam em igual quantidade às instituições da Inglaterra. Entidades jurídicas da Índia e EUA estão associadas a duas da Inglaterra e, apenas uma ligação perpassa às unidades de pesquisa da Nova Zelândia, Alemanha, Suíça, Israel e Holanda.

Unidades da Holanda e Espanha estão fixadas a de outros sete países, redundando em igual quantidade de participações. Os demais nós da rede, destacado de verde, laranja, salmão e cinza estabelecem vínculos com cinco, quatro, três e duas instituições dos países com quem se unem. Na periferia da rede encontra-se o Brasil, País de Gales, Escócia, África do Sul, Colômbia, Egito, Bahrein, Taiwan, Nigéria, Áustria, Índia, Israel, Coreia do Sul e China, países cujas instituições possuem apenas participação e conexão única. À margem direita inferior da rede, situa-se Portugal cujas instituições interagiram em âmbito nacional, razão pela qual encontra-se isolado. Neste caso, quando um nó não se vincula com os demais da rede torna-se “nó solto” (ALEJANDRO; NORMAN, 2005, p. 35).

Observou-se que a maioria dos vínculos internacionais ocorreram entre pesquisadores filiados a instituições de países de primeiro mundo, com excessão das redes compostas por Peru, Colômbia, Arábia Saudita, África do Sul e Bahrein, configurados como países em desenvolvimento. Subramanyam (1983) assevera que cientistas de países cujo sistema científico são menores e de expressividade limitada buscam se interrelacionar com pesquisadores e instituições de prestígio internacional. Neste estudo ocorre que os pesquisadores de países em desenvolvimento, filiados a entidades acadêmicas de menor projeção foram convocados para avaliar o manuscrito de seus confrades, a exemplo dos que estão no e Brasil, Índia, Nigéria, Argentina e China, sinalizando que a participação dos colaboradores de países cujas instituições de ensino e pesquisa são menos proeminentes resulta da busca por especialização e expertises complementares não disponíveis no contexto que atuam (HAUSTEIN *et al.*, 2011; IGLIČ *et al.*, 2017).

5.6 Análise dos diálogos no âmbito da Comunicação e Mídias

A presente seção se pauta na análise do conteúdo das comunicações/sugestões dos árbitros e das réplicas que os autores reenviam, o que torna o procedimento dinâmico, construtivo e pedagógico. Dentre as dimensões que compõe o cabedal da avaliação aberta, a interação aberta potencializa a troca de mensagens antes, durante e após a publicação do artigo, primando pela transparência do fluxo editorial e bem estar de seus partícipes, oferecendo direito de resposta aos avaliados, por considerar que a ciência se constrói de forma colaborativa, transparente e célere frente às práticas de abertura que ora se consignam.

Como antes enunciado, a plataforma *F1000Research* utiliza o sistema *revise and submit* cujo artigo “deve ser remodelado a partir dos ajustes solicitados pelos revisores a cada rodada/*rounds*. Em cada uma delas, pode haver aprovação ou rejeição definitiva do artigo” (BREI *et al.*, 2017, não paginado). Durante a coleta dos dados, observou-se que os diálogos ocorreram apenas na primeira rodada de avaliação, excetuando-se os manuscritos que possuem mais de três avaliadores, que por vezes, o retorno do primeiro parecer sucedeu em etapas posteriores, alguns seguidos de votos de desculpas pelo *upload* tardio do relatório.

Sobre os métodos de avaliação, em concordância com Meadows (1999), os autores mencionados relatam que a maioria dos periódicos oferecem instruções sobre o que devem observar ao examinarem manuscritos de artigos. Ressaltam que algumas fazem referência ao estilo editorial e à apresentação, diversificando-se conforme as dinâmicas que regem o fluxo da revista e o tipo de publicação. No entanto, no contexto da OS, constata-se pela literatura que cada periódico, em especial os que adotam OPR, ditam regimes que fazem menção ao perfil das áreas que professam, contemplando indicadores que consideram relevantes e imprescindíveis de serem avaliados. Por outro lado, além das observações estipuladas pelo escopo avaliativo da revista, a OPR concede ao árbitro a permissão de tecer comentários extras ao perfil e desempenho dos autores em relação ao desenvolvimento da obra, tornando o processo ainda mais enriquecedor em termos de aprendizado.

Na *F1000Research*, a avaliação segue pontos específicos baseados nos seguintes critérios: elementos pré-textuais, delineamento dos itens introdutórios, revisão de literatura, análise e discussão dos dados, estruturação do desenho da pesquisa e para artigos que utilizem dados primários e/ou secundários, requiere-se a disponibilização ou menção de marcadores persistentes para fins acesso, seguido da análise e réplica em caso de pesquisas futuras. Os pontos a melhorar são sinalizados e enviados para os submetentes observem e reflitam a viabilidade de inserção ao

corpo do texto em caso de sugestões elementares. Por seu turno, durante o processo avaliativo os examinadores ficam à disposição para que eventuais dúvidas e divergências sejam esclarecidas.

Vale ressaltar que dos 200 atores, somente 138 se comunicaram, resultando em 559 diálogos. Com base nos critérios de avaliação e na leitura destes relatórios, realizou-se a tradução e em seguida agrupou-se os diálogos em seis macro categorias, subdividindo-as em temas/subcategorias referentes às indicações e réplicas a saber: ajustes dos itens pré-textuais, delineamento dos elementos introdutórios, revisão de literatura, metodologia, considerações finais e dados de pesquisa. Em razão do alto índice de respostas, optou-se por apresentar alguns dos excertos que retratam a dimensão dialógica da OPR, seguido da identificação dos interlocutores.

5.6.1 Ajuste dos itens pré-textuais

Os elementos pré-textuais no artigo científico antecedem a parte textual, formalizando a apresentação de seus aspectos físicos e de conteúdo em conformidade aos requisitos estabelecidos pelo periódico. A estrutura do artigo científico sumariza o título, resumo na língua vernácula e estrangeira, palavras-chave, legenda bibliográfica e dados de identificação do autor. A *F1000Research* segue padrões semelhantes para todos os artigos, diferindo-se apenas por não adotar o resumo em outro idioma, tendo em vista que por ser referência em termos de publicação e CC internacional, adota o inglês como dialeto oficial de suas publicações.

Em se tratando do processo avaliativo, acerca do título e resumo foram sinalizadas 25 e 21 observações para que a identificação da obra ocorra de forma clara e/ou acordo com o assunto a que se referem. O título constitui-se elemento introdutório elaborado para fins de identificação do tema abordado no cerne da pesquisa. Metodólogos do Campo das Ciências Sociais, a exemplo de Gil (2021) e Severino (2007) em uma só voz reiteram que este item deve corresponder, de maneira adequada, ao conteúdo da publicação e para que essas qualidades se manifestem, faz-se necessário que o autor tenha elevado conhecimento a respeito do que escreve e investiga. Concepção similar é compartilhada na íntegra por CLANCY, K. B. H., SEITZ, R., WALTMAN, L e outros 16 avaliadores sinalizam a imprescindibilidade da reestruturação do referido item.

Avaliadora: Os autores devem considerar um título que descreva a mensagem do artigo (CLANCY, K. B. H.).

Autor: Obrigado por seus comentários. Tomamos seus pontos em relação ao título e, como tal, o modificamos de acordo (PROKOP, A.*).

Avaliador: O título do estudo em sua forma atual sugere um amplo conceito de crença que compreende crenças naturais e potencialmente paranormais. Como os autores tratam

noético como sinônimo de paranormal e como as crenças paranormais são o conteúdo do artigo, noético é enganoso para o título deste artigo e deve ser substituído por, por exemplo, paranormal (SEITZ, R.).

Autora: Mudamos o título do artigo para “Medir experiências e crenças extraordinárias: um estudo de validação e confiabilidade”. (WAHBEH, H.*).

Avaliador: O título da contribuição (“A importância da citação de software”) sugere que a contribuição se concentra em defender a importância da citação de software. No entanto, conforme explicado no resumo, o foco na verdade é fornecer “orientação amplamente aplicável sobre citação de software”. Minha sugestão, portanto, é revisar o título. Um título alternativo, por exemplo, poderia ser “Como citar software?”. (WALTMAN, L.).

Autor: Concordamos com este comentário e alteramos o título em resposta. (KATZ, D. S.*).

Concepções divergentes a respeito da constituição do título para publicações científicas beiram a subjetividade. Apesar da literatura recomendar que se deve evitar o uso de título em tom de indagação (RICHARDSON, 2012), sucede que um dos avaliadores sugeriu a apresentação do título em formato de indagação em virtude de considerar que a finalidade da publicação seria remetida a conteúdo para o usuário. A concordância do autor se fundamenta nas lacunas existentes na política de elaboração dos artigos da plataforma, cujo ditame não sumariza tais restrições, como pode ser observado abaixo:

Avaliador: O título da contribuição (“A importância da citação de software”) sugere que a contribuição se concentra em defender a importância da citação de software. No entanto, conforme explicado no resumo, o foco na verdade é fornecer “orientação amplamente aplicável sobre citação de software”. Minha sugestão, portanto, é revisar o título. Um título alternativo, por exemplo, poderia ser “Como citar software?”. (WALTMAN, L.).

Autor: Concordamos com este comentário e alteramos o título em resposta. (KATZ, D. S.*).

Avaliadora: O título, em vez de fazer a pergunta, pode apenas mostrar o seu ponto de vista. Assim, por exemplo, o primeiro poderia ser “O alcance da ciência não é um “pesadelo da mídia social”. (CLANCY, K. B. H.).

Autor: Abordamos em nossa revisão do artigo. (MCCLAIN, C.*).

Por outro lado, a avaliadora CLANCY, K. B. H. se mostra contrária à configuração que os autores propuseram no ato da submissão. Sobre isso, Vieira (2008) discute que se deve veicular a informação de modo preciso, sem ambiguidades, a fim de evitar interpretações variadas ou confusões por parte do público, em virtude dos títulos que expressam mensagens desorganizadas ou de sentido dobre serem facilmente descartados pelo leitor. Esta afirmativa se externa ao uso de terminologias técnicas em títulos de artigos científicos, porquanto embora os pesquisadores tomem conhecimento do sistema nocional que impera no domínio que atuam, “a linguagem muito técnica e

hermética, por sua vez, restringe a comunicação aos membros que compartilham de sua utilização. É importante mencionar que se deve evitar termos científicos, bem como nomes de cidades nos títulos” (GARCIA; GATTAZ; GATTAZ, 2019, p. 4). Caso contrário, os autores recomendam que os autores analisem a terminologia de trabalhos que abordem o mesmo tema, ensejando verificar os descritores de maior evidência, como pode ser observado:

Avaliador: Seria apropriado não intitular o estudo de estudo randomizado ou usar esse termo no resumo. Em vez disso, recomendo que os autores usem o mesmo termo empregado na seção de métodos do desenho do estudo: "Estudo Exploratório". Os próprios autores chamam assim. Agora eles só precisam deixar claro na frente (BRIKER, J.).

Autor: Antes de enviar a primeira versão, consideramos muito se deveríamos chamá-lo de RCT e, no final, decidimos fazê-lo porque era assim. Verificamos as definições autorizadas (por exemplo, o Instituto Nacional de Excelência em Saúde e Cuidados do Reino Unido) e elas não especificam o pré-registro na definição (WEST, R.*).

Avaliador: O título do estudo em sua forma atual sugere um amplo conceito de crença que compreende crenças naturais e potencialmente paranormais. Como os autores abordam noético como sinônimo de paranormal e como as crenças paranormais são o conteúdo do artigo, noético é enganoso para o título deste artigo e deve ser substituído por um termo acessível (SEITZ, R.).

Autora: Mudamos o título do artigo para “Medir experiências e crenças extraordinárias: um estudo de validação e confiabilidade”. (WAHBEH, H.*).

Válido ressaltar que no âmbito da CC que por ora se assenta sob os moldes da OS, tais contestações são relevantes pois o título da investigação e o resumo assumem caráter representativo, cuja informação pode ser utilizada para fins de busca e acesso para realização de estudos métricos. Por este motivo, a elaboração cuidadosa do título e do resumo são fundamentais para que os textos finalmente alcancem possíveis leitores (GARCIA; GATTAZ; GATTAZ, 2019).

Para Pereira (2011), após o título, o resumo é o item pré-textual da publicação científica que recebe maior número de acessos. Na visão de Lancaster (2004), trata-se de uma representação textual sucinta, porém exata, do conteúdo do documento. Mais adiante, o autor detalha que é um texto breve e coerente que se destina a informar o usuário sobre a finalidade do documento (LANCASTER, 2004). Há dois tipos de resumo descritos na literatura científica, o indicativo e o informativo. O primeiro levanta aspectos centrais do texto, enquanto o segundo sintetiza a concepção central do manuscrito por meio de elementos pré-definidos, sendo veementemente utilizado como fonte de informação na CC, por meio do qual pesquisadores tomam conhecimento das finalidades e dos resultados das publicações acadêmicas. Quanto à estrutura, os resumos informativos abrangem objetivos, metodologia, resultados e conclusões. A *F1000Research*

segue os mesmos moldes, descrevendo-os em até 300 palavras, excetuando-se o uso de siglas e citações.

Quanto às avaliações listadas a seguir, observou-se que os revisores focalizaram a reescritura dos resumos, tendo em vista que a descrição da primeira versão não se adequou ao padrão de qualidade da *F1000Research*. A redação do resumo de um artigo de publicação segue protocolos previstos em norma e se trata de etapa crítica da comunicação da ciência, mas frequentemente os autores dedicam pouca atenção ou tempo de sua rotina de produção a esse elemento (SOUZA; DRIESSNACK; FLORIA-SANTOS, 2006).

Avaliador: O Resumo pode ser melhorado. Os participantes não foram claros. No início, dois alunos foram recrutados como embaixadores - isso é enganoso e confuso. Deve dizer diretamente que havia dois participantes no estudo (por que o termo 'embaixadores' foi usado - conforme repetido posteriormente na seção Métodos) e isso deve ser expandido (CHING, G. S.).

Autor: Revisamos a descrição dos participantes (SILALAH, W.*).

Avaliador: O resumo deve ser completamente claro, escrito em linguagem simples e compreensível para aqueles fora do campo de pesquisa e, espera-se, para o público em geral (JOHNSON, D.).

Autor: Procurei especificamente não aconselhar sobre a diagramação do resumo, pois conforme mencionado no texto acima isso é algo específico da revista. No entanto, espero que o acréscimo acima, bem como as informações adicionais em relação ao objetivo principal do resumo científico, busque destacar melhor o trabalho anterior que foi feito em relação ao papel do resumo (ILLINGWORTH, S.*).

Avaliador: Há uma pequena alteração que acho que aumentaria a legibilidade no resumo do artigo. Na primeira leitura, fiquei confuso sobre a natureza da conferência, presumi que a conferência de pôsteres no Twitter era um complemento de uma reunião física, e não um evento autônomo. Pode ajudar os leitores a evitar esse erro se os autores reescrevessem isso mais claramente? (SCOTT, G.).

Autor: O árbitro faz um ponto válido sobre a ambiguidade em torno deste evento como uma conferência autônoma. O resumo foi alterado para refletir a natureza da conferência para tornar isso menos confuso (BANKS, S.*).

As palavras dos avaliadores fazem referência às concepções de Severino (2007), o qual pontua que os pesquisadores devem tomar cautela ao redigirem o texto dos resumos, de modo que a escrita deve se apresentar informações pré-definidas de forma clara se quem haja necessidade de lê-lo por completo. Periódicos de prestígio internacional que se assentam sob os moldes da OS focalizam a relevância deste instrumento de representação, bem como sua formatação pois serve como remissiva para que os usuarios tenham acesso à publicação científica, redundando elevando quantitativo de demandas e citações.

5.6.2 Delineamento dos elementos introdutórios

A pesquisa é produto da CC, cuja confecção perpassa o cumprimento dos ciclos de um planejamento estratégico que conduz à consecução de sua finalidade macro e específicas junto à ciência e a comunidade para quem se destina. A literatura apresenta formas e métodos diversos para realizá-la, contudo, partem do princípio de que sua propositura é regida pelo delineamento da problemática, comumente representada de modo afirmativo ou representada por uma indagação, razão pela qual é denominada de questão problema, questão norteadora, pergunta de pesquisa etc. O problema de pesquisa, na visão de Birochi (2017) se refere a um questionamento peculiar relacionado à temática abordada no estudo com vistas a delimitá-lo, possibilitando que o pesquisador empreenda esforços para solucioná-lo.

Dada relevância, aspectos relacionados à problemática do estudo configuram-se como indicadores flagrantemente analisados e pontuados pelos examinadores quando da revisão de um trabalho acadêmico, porquanto sua delimitação norteará a definição dos demais elementos investigativos que proporcionarão meios para que, por intermédio da publicação, o autor obtenha respostas empíricas e/ou teóricas que respondam a inquietação do pesquisador. Este tema agrupa 10 comentários, havendo pareceres concordantes e discordantes entre os árbitros que participaram da avaliação.

O excerto se refere à questão norteadora da primeira versão do artigo que visa analisar a experiências dos estudantes de intercâmbio na Tailândia, cujos autores não mencionam o referido item no corpo textual da introdução, impossibilitando os árbitros de verificar se os resultados alcançados por interferência da pesquisa apresentaram soluções concretas para a área da Comunicação. Nota-se que discurso dos árbitros é unânime ao solicitarem a formulação e inserção do problema de pesquisa e sobre este aspecto, retoma-se a Meadows (1999), para quem, de modo geral, a concordância é menor entre os avaliadores quando se trata de artigos que definitivamente não estão à altura do padrão exigido pelo periódico. Contudo, esta afirmativa se aplica ao artigo em questão visto que apesar de receber comentários positivos a respeito de sua configuração, sugeriu-se que informações complementares fossem inseridas e ajustadas para que pudesse atender o padrão da *F1000Research*.

Avaliador: O manuscrito precisa de questões de pesquisa (ou uma questão de pesquisa) que sejam claramente motivadas na seção Introdução (GAO, X.).

Avaliadora: Recomenda-se que as questões de pesquisa apareçam no último parágrafo da seção Introdução (TAMBUNAM, A. R.).

Autor: Revisamos a questão da pesquisa e a descrição dos critérios dos participantes. Anteriormente, não escrevemos esses dois pontos (SILALAH, W.*).

A formulação do problema se configura como tônica observada no ato da análise paritária, tendo em vista que se constitui como ponto de partida da investigação. Por meio dela se avalia a viabilidade de realização da pesquisa. Para Richardson (2012) o problema de pesquisa deve ser acessível e se inserir em um campo científico, ser bem definido e destinar-se a uma única solução, com sugestões de métodos e ações para corresponder-lo e solucioná-lo. Pode-se observar abaixo exemplos que ilustram comentários acerca da formulação da questão norteadora da pesquisa. Para os avaliadores, seria necessário que os sujeitos focassem na articulação deste elemento, visto que ambos necessitam ser reformulados para que os resultados forneçam respostas precisas.

Avaliadora: O problema a ser resolvido não estava claramente articulado, nem a "solução" proposta estava clara para mim. Achei o artigo um péssimo exemplo de comunicação científica (CALLIER, V.).

Autor: A brevidade deste comentário torna difícil responder e se envolver de maneira detalhada. No entanto, entendemos que havia aspectos do artigo de opinião que eram vagos e abordamos isso minuciosamente, conforme explicado acima. Esperamos que a nova versão do artigo agora descreva claramente o problema e as possíveis soluções. Se não for esse o caso, gostaríamos de pedir ao revisor que seja um pouco mais construtivo em suas críticas, para que possamos melhorar ainda mais o manuscrito (PROKOP, A.*).

Avaliador: Eu recomendaria aos autores que se concentrassem articulação das questões de pesquisa e adicionassem operacionalizações para fornecer uma indicação mais clara do que seus resultados indicam. Não tive respostas para suas três perguntas de pesquisa: (HARTGERINK, C. H. J.).

Autora: Conforme destacado acima, sentimos que o revisor talvez tenha se confundido com os objetivos do artigo. Apresentamos este artigo como uma nova perspectiva sobre DOSTs que leva em consideração suas interligações geográficas, online e financeiras. Nosso objetivo é destacar as áreas dentro do cenário da Ciência Aberta que requerem mais escrutínio e pesquisa, em vez de oferecer uma análise definitiva das armadilhas do ecossistema DOST altamente complexo e diversificado. (BEZUIDENHOUT, L.*).

Para Gressler (2004), a questão norteadora deve esclarecer a relação entre as variáveis da pesquisa, ser elaborada de forma clara, objetiva e resumida, relacionando-se com os demais itens investigativos e passível de comprovação empírica. Nota-se que apesar do primeiro revisor propor melhorias à introdução do trabalho, sua conduta junto ao correspondente contraria a real dinâmica do processo de avaliação por pares. Observa-se que a abertura da avaliação permite identificar o mau comportamento de autores, avaliadores e editores, outorgando direito de resposta aos comentários desta natureza. A avaliação aberta permite que se localize a identidade

e a atuação de sujeitos facciosos que se inclinam a rejeitar ou aceitar resultados de pesquisa por razões que poderiam ser resolvidas de modo pacífico ao invés comentários repressivos, fundamentados em requisitos não convencionais.

No segundo parecer, o autor considera que a interpretação do árbitro extrapolou a dinâmica da pesquisa. Todavia, a partir da análise do manuscrito, percebeu-se que as considerações do avaliador são válidas, visto que a versão inicial apresenta mais de uma indagação que fornecem respostas múltiplas e amplas em relação ao que a pesquisa se propôs investigar. Todavia, ao autor é concedido o direito de se pronunciar caso discorde da decisão. Em razão de sua relevância, o problema de pesquisa, segundo a política editorial da *F1000Research*, trata-se de item que respalda o desenvolvimento do trabalho científico, logo a indexação do manuscrito com *status* revisado depende da incorporação desta sugestão. Outro ponto a destacar é que a revisão aberta, além de se basear em críticas instrutivas que visam invalidar as fragilidades da pesquisa e, sobretudo, levantar pontos fortes do estudo, acentuando seu viés pedagógico que viabiliza aprendizagem do fazer científico e o delineamento de suas etapas, como pode ser analisado na fala dos atores:

Avaliadora: A questão de pesquisa é importante e oportuna à medida que os conceitos de comunicação científica e troca de conhecimento se fundem e a agenda de impacto ganha importância no Reino Unido e em outros lugares (LAWSON, L.).

Autor: Obrigado por seus comentários úteis, que levamos em consideração e que foram usados para melhorar a qualidade geral do artigo. (ILLINGWORTH, S.*).

Após a delimitação do problema, determinam-se os objetivos, que se configuram como alvo ou norte que conduzirá o pesquisador durante o empreendimento do estudo. Baseando-se em sua configuração, delimitam-se o tipo de pesquisa, métodos investigativos de coleta e análise dos dados. Face ao exposto, a tônica central dos diálogos a respeito da finalidade da pesquisa se baseia na em sua delimitação redundando em 34 diálogos, conforme exposto:

Avaliadora: Isso indica tecnicamente o que você está fazendo e não é um objetivo de estudo claro. Um objetivo de estudo claro e conciso ajudará na leitura e compreensão da ciência (por exemplo, o objetivo de construir o pipeline de software é melhorar os recursos de pesquisa em estudos de coorte por meio do aumento de metadados) (MCINTOSH, L.).

Autor: Reestruturei substancialmente a introdução nos moldes sugeridos aqui e nos comentários dos outros árbitros. Parte do conteúdo foi movida para uma seção de plano de fundo separada e a descrição dos dados do caso de uso foi movida para a seção de caso de uso posteriormente. (BUTTERS, O. W.*).

Avaliador: Ainda que as opiniões sobre um determinado tema (neste caso a divulgação científica) sejam muito amplas e levem em consideração vários aspectos do assunto, considero que o manuscrito carece de um foco claro, o que, por sua vez, torna o fluxo do texto muito difícil de seguir (CAINE, M.).

Autor: Admitimos que a tese central pode não ter sido suficientemente clara. Agora reorientamos e editamos o artigo e esperamos tornar o objetivo principal muito mais claro, ou seja, que há um problema (falta de comunicação científica de longo prazo e objetiva), por que esse problema existe e algumas soluções sugeridas sobre como podemos lidar melhor com esse problema (PROKOP, I.*).

Avaliador: O objetivo do estudo poderia ser colocado de forma mais clara (MOREIRA-ALMEIDA, A.).

Autor: Obrigado por seus comentários úteis (TRESSOLDI, P.*).

Em se tratando do objetivo da pesquisa, Araújo, Dieb e Costa (2017) consideram que sua formulação e delimitação se configura como calcanhar de Aquiles para pesquisadores experientes e iniciantes. No entanto, apesar de a supremacia dos artigos constantes no repertório deste estudo serem produzidos por indivíduos que assumem papéis de avaliadores, autores e editores, baseado na análise dos relatórios, percebe-se que investigadores de prestígio internacional estão sujeitos a equívocos no que respeita à formulação das finalidades heurística e por este motivo a revisão por pares oferece respaldo para que o produto científico atenda aos critérios da revista que a tornará pública à comunidade que a consumirá. Esta subcategoria congrega 26 diálogos, dos quais alguns foram selecionados e discutidos na íntegra.

Por esta razão, a literatura salienta sobre a importância de que os objetivos sejam claramente estabelecidos a fim de que as fases posteriores se processem de maneira interdependente, procedimentos e estágios posteriores não sejam comprometidos (GIL, 2021; RICHARDSON, 2012). Os autores reiteram que é preciso refletir sobre a intenção da pesquisa e sintetizar o que se pretende alcançar para que as finalidades estejam conciliadas com os demais elementos introdutórios, a exemplo da justificativa.

É a partir deste item introdutório que o pesquisador defende o porquê do empreendimento do trabalho e seu diferencial dentre outros que possuem abordagem temática ou metodológica semelhante. Apesar de ser um elemento obrigatório, inserido e contextualizado no corpo introdutório, a maioria dos artigos da plataforma não apresentarem de maneira explícita as razões que os conduziram a angariar esforços para realização dos estudos. Neste sentido, apenas três avaliadores sugeriram que fossem assinaladas na parte inicial do texto, conforme apresentado abaixo:

Avaliadora: Busco uma justificativa de por que o estudo foi implementado entre os alunos das escolas escolhidas pode ser útil e convincente para os leitores (ALLOH, F. T.).

Autor: Obrigado por esclarecer por que escolhemos adolescentes neste estudo. Escrevemos na introdução o seguinte para chamar a atenção dos leitores para a pesquisa sobre o uso problemático de telefones celulares que envolveu a população em geral e porque os adolescentes em particular representam uma faixa etária vulnerável (MCGHUGH, D.*).

Avaliadora: Estou procurando especificamente uma justificativa interessante para o estudo. Este artigo descreve um pipeline de software de código aberto (pipeline PUMA - PUblications Metadata Augmentation) que pega uma lista de publicações e a complementa com metadados de uma seleção de provedores de metadados terceirizados. Este conjunto de metadados aumentados tem dois casos de uso distintos: 1) análise bibliométrica e 2) fornecer uma ferramenta de pesquisa e exploração baseada na web (MCINTOSH, L).

Autor: atualizei o texto para fazer uma breve discussão sobre alguns dos dados derivados (BUTTERS, O. W.*)

Avaliador: Procuro uma breve justificativa forte para testar um tratamento mais suave para mapear os limites do efeito de interpolação genética (DONOVAN, B. M.).

Autor: Obrigado por sua leitura cuidadosa deste artigo (MORIN-CHASSÉ, A.*).

Na concepção de Prodanov e Freitas (2013) a justificativa, como o próprio nome indica, trata-se do convencimento de que o trabalho de pesquisa possui potencial para ser efetivado e lido. Os autores recomendam que se deve ter cautela na elaboração deste texto que exala a importância do tema para que não tente responder ou concluir antecipadamente o que vai ser pesquisado. As falas dos árbitros e de seus correspondentes correspondem a avaliação de três artigos de áreas distintas, cujos temas encontram-se em proeminência. Deduz-se que em virtude do excesso de pesquisas realizadas e das que tendem a se desdobrar futuramente, optou-se que inserissem este item.

5.6.3 Revisão de literatura

A revisão de literatura, referencial teórico ou referencial bibliográfico se refere à discussão de estudos que abordam temas específicos. Sua finalidade consiste na apresentação do panorama atualizado acerca do objeto de estudo. No contexto da *F1000Research* é denominada de corpo principal, e a depender da estrutura da publicação, situa-se junto à introdução devendo-se aliar o diálogo teórico junto ao posicionamento do autor ao apresentar aspectos relevantes, discorridos de forma coesa e coerente. Sua estrutura contempla o uso de citações a fim de embasar e elevar o nível das discussões do texto por meio da citação de trabalhos realizados por autores que pesquisam sobre assuntos semelhantes e que abordem aspectos relacionadas ao cerne da pesquisa.

Diante do processo avaliativo, críticas à revisão de literatura reiteram a relevância que este item representa ao trabalho acadêmico, em virtude de se configurar como “um dos momentos centrais da pesquisa, pois possibilita construir os alicerces que irão sustentar as seguintes etapas da investigação” (BIROCHI, 2017, p. 68) e, por este motivo, torna-se um dos elementos de análise da revisão paritária, desdobrando-se em: expansão do referencial teórico com 13 solicitações e réplicas, uso de conceitos/definições reúnem 31, 76 são os números de comentários e respostas sobre reformulação/reescrita de partes do texto. As correções ortográficas congregam 72 comunicações entre pares e o uso do referencial teórico junto à análise e discussão dos dados, 35 recomendações.

Durante o processo avaliativo, diversas características da teoria abordada no artigo são analisadas e quando necessário, melhorias são sugeridas. Quando os avaliadores recomendam que se expanda a revisão de literatura, significa que os autores absteram-se ou não incluíram características e/ou detalhes que enriqueceriam as discussões e incursões relacionadas ao conteúdo da pesquisa. Para casos como este, cabe ao examinador determinar os pontos a serem inseridos, havendo possibilidades de indicação de bibliografias obrigatórias e eletivas que poderão suprir lacunas ou apenas comentar a necessidade de se ampliar a seção, atribuindo aos autores a responsabilidade de incluir ao texto o que lhes for conveniente. De modo geral, as recomendações referentes à adição de pontos a discutir na literatura são detalhados pelos interlocutores, os quais são incorporados posteriormente à segunda versão do manuscrito. Sumariza-se abaixo alguns dos diálogos ocorridos sobre este tema.

Avaliador: A revisão da literatura deve ser ampliada. Existem também alguns estudos feitos com lentes qualitativas que os autores não puderam revisar. Por exemplo: Um estudo de caso sobre a adaptabilidade social dos estudantes internacionais em Taiwan: Um estudo qualitativo de Lewis (20121). Embora não seja tão novo, os autores ainda podem revisá-lo (CHING, G. S.).

Autor: O escritor expandiu a revisão da literatura na seção de introdução/background (SILALAH, W.*).

Avaliadora/Correvisor: Este leitor sente falta da citação de algumas tecnologias e práticas existentes que deveriam ser discutidas na literatura (CROSAS, M.; D'ORAZIO, V.).

Autor: É um esforço muito bem organizado para apresentar os aspectos importantes da pesquisa e eu gostaria de parabenizá-lo por sua dedicação em revisá-lo (HINSEN, K.*).

Avaliadora: "O melhor preditor de alcance pelos cientistas parece estar ligado às suas percepções de alcance" - por que isso não é explicado e nem discutido na literatura? (JARREAU, P. B.).

Autor: De fato, o revisor fornece muitas sugestões úteis para o manuscrito (MCCLAIN, C.*).

Retomando a Birochi (2017), o autor defende que a fundamentação teórica objetiva construir um marco teórico e também conceitual. O conceito se refere à abstração ou simbologia que expressa o significado a respeito de algo. Neste sentido, em se tratando do âmbito acadêmico faz menção ao tema da pesquisa e suas ramificações. Cintra *et al.* (2002) faz um alerta sobre a ausência de definições. Segundo a autora, compromete questões relativas ao significado e assimilação de expressões contidas no documento. O distanciamento dos conceitos na escrita acadêmica evoca lacunas que dificultam a compreensão das origens e finalidades da temática do manuscrito e das abordagens satélites que a ela se interligam. Partindo desta visão, 25 diálogos reforçam a necessidade da apresentação de determinadas acepções ao texto, dentre os quais alguns são apresentados abaixo:

Avaliadora: Faltam definições dos conceitos de Acesso Aberto e Ciência Aberta, bem como citações adequadas sobre ambos os conceitos. Ciência Aberta significa muito mais do que Acesso Aberto. Uma breve definição adequada de ambos os conceitos é necessária para que o leitor não os confunda (RICO-CASTRO, P.).

Autora: Os autores concordam plenamente com essa percepção. (ARRIBAZALAGA, O.*).

Avaliadora: Para usuários iniciantes – seria útil definir o que você quer dizer com “bibliométrico”, como é usado com bastante frequência no artigo (KHATWA, M.).

Autor: Adicionada uma definição de bibliometria (BUTTERS, O. W.*).

Avaliadora: Deve fornecer uma definição de mídia social seria benéfico; por exemplo, por que o ORCID é considerado mídia social neste caso? Por algumas definições, pode não ser (GIROUX, C.).

Autora: Obrigado pela sugestão. Isso foi feito. Colocamos nossa definição entre parênteses agora – “mídia social (amplamente descrita como aplicativos habilitados para a Internet que permitem aos usuários compartilhar/criar conteúdo e participar de redes compartilhadas)” (CHANT, T.*).

Ressalta-se que cada campo do conhecimento possui definições que lhes são intrínsecas e utilizá-las no desenvolvimento do artigo fortalecerá o prestígio dos autores da área e o impacto das obras para quem se destinam. O discurso proveniente da interação aberta entre os sujeitos focaliza a importância de utilizar definições propostas por teóricos inseridos no campo de abrangência dos submetentes da pesquisa. Tais recomendações se apoiam na assertiva de que cada domínio é composto por sistemas de noções que expressam significados para termos/descriptores que lhe são próprios. De acordo com Cintra *et al.* (2002), a ausência de noções específicas devidamente sistematizada, inviabiliza o empreendimento de dar forma a um conjunto de palavras, na medida que esbarra em dificuldades advindas da falta de compreensão ou

contradição do relacionamento entre termos. Das 20 sugestões, são listados alguns dos diálogos compreendidos pelos atores durante a avaliação dos artigos.

Avaliadora: Os autores apontam que se concentram em “crenças paranormais”. Além disso, os autores sugerem que a crença pertence ao anormal ou paranormal e fornecem uma boa pesquisa sobre estudos semelhantes. Mas ainda não está claro o que são crenças anormais em comparação com crenças delirantes, conforme investigado na Psicologia (WAHBEH, H.).

Autor: Pechey e Halligan comentam em seu resumo que “Delírios são definidos como falsas crenças diferentes daquelas que quase todo mundo acredita”. Seu estudo mostra que muitas dessas crenças são comumente aceitas pela população em geral e, portanto, não devem ser consideradas delírios. Na verdade, o item “A alma ou espírito sobrevive à morte” corresponde ao item 2 do NEBS e “Algumas pessoas se comunicam com os mortos” corresponde ao item 6 do NEBS e ambos os itens foram comumente endossados (64% e 55%, respectivamente).) no estudo de Pechey e Halligan. Também nunca usamos a palavra “anormal” no jornal. Não estamos dizendo que as crenças paranormais são anormais em qualquer parte do manuscrito. Como sustenta o artigo de Pechey e Halligan, algumas dessas crenças são “normais” no sentido de que muitos na população acreditam nelas (SEITZ, R.).

Avaliadora: O que, exatamente, é o grupo participante alvo? Todo mundo trabalhando em IES do Reino Unido? Um certo subconjunto dessa população, aqueles que se interessam pela divulgação científica? As próprias IES, como instituições (ou seja, como organizações com marcas específicas)? Gostaria de encorajá-lo a olhar além de encontrar as definições 'corretas', buscar as comumente usadas em seu contexto para os termos específicos (DAVIES, S. R.).

Avaliadora: Alternativamente, uma comparação das definições encontradas na literatura da área e as definições fornecidas pelos entrevistados forneceria resultados mais interessantes e permitiria alguns *insights* importantes sobre como os conceitos estão se difundindo (LAWSON, C.).

Autor: Obrigado por suas sugestões, especialmente seus comentários sobre como as definições da nomenclatura podem mudar dependendo da área. (ILLINGWORTH, S.).

Apenas dois árbitros oriundos de áreas distintas da que o autor se insere entraram em consenso sobre este aspecto. Por assim dizer, apesar do escopo a *F1000Research* fomentar a formação de redes sociais entre sujeitos que ostentam diferentes formações e modos diversificados de se fazer ciência, reconhece-se que cada manuscrito imprime a identidade do pesquisador e, conseqüentemente, do campo que participa. Observou-se que o detalhamento das informações constantes nos pareceres dos árbitros permite que o conteúdo teórico da publicação supra tais fragilidades e o retorno remetido possibilita que as dúvidas sejam sanadas.

Na visão de Sousa e Cavalcanti (2014), o exercício científico traz consigo a obrigação de escrever e publicar como parte do processo avaliativo. Embora cada domínio acadêmico disponha de concepções, percepções, costumes e práxis investigativas que lhes caracterizam dentre as demais, a pesquisa deve ser comunicada numa linguagem adequada ao seu gênero (PRODANOV;

FREITAS, 2013). Sobre os meios de apresentação da linguagem científica, Bem (2003) compreende que as informações veiculadas por intermédios dos registros do conhecimento, a exemplo dos artigos de periódicos, livros, relatórios de pesquisa, teses e dissertações devem ser escritas de forma precisa, dispensando o uso de expressões, trechos ou orações de sentido vago/obscuro que redundam em inferências equivocadas. São ordenados abaixo alguns dos comentários em que os árbitros propõem a reescrita de trechos do artigo.

Avaliador: Por favor, considere reescrever esta frase final. Tente algo como: “Até lá, vamos continuar lidando com o dilema de acessar “o que está disponível” ao invés de “o que precisamos” (WANG, Z.).

Autor: Muito obrigado por seus comentários (YAN, G.*).

Avaliador: A frase "Os autores não aplicaram nenhum filtro relacionado a idiomas e período de tempo para obter uma visão abrangente da pesquisa de RTI" precisa ser revisada, pois já existe frase semelhante mencionada anteriormente (ALI, E. N.).

Autor: Obrigado por sua avaliação e sugestões. Em nossa revisão recém-enviada, consideramos seu ponto (REHMAN, S. U.*).

Avaliadora: Dependendo do cenário de estudo disponível' - isso parece bastante vago para mim - ajudaria o leitor se os autores pudessem ser mais explícitos sobre o que querem dizer (GLANVILLE, J.).

Autora: Excluímos 'Dependendo do cenário de estudo disponível' para ser mais preciso (EWALD, H.*).

Associado às barreiras semânticas, surgem os erros ortográficos que segundo Bem (2003), torna-se fator determinante para seleção de artigos em periódicos científicos. Por via de consequência, a leitura e análise da escrita científica permite que se mapeie inconsistências na escrita, tais como pleonasmos, contradições, uso equivocado da concordância verbal, nominal, regência e etc., bem assim avaliar o impacto que repercutem na semântica do texto. As diretrizes de submissão das revistas atribuem aos autores o dever de ler e revisar o conteúdo de seu trabalho segundo as regras e acordos ortográficos vigentes. Para Sousa e Cavalcanti (2014) os editores realizam uma triagem dos artigos com intuito de verificar a viabilidade de publicação do documento. Reiteram que nesta etapa além da estrutura do artigo, inclui-se o padrão de qualidade da escrita, caso não esteja em conformidade aos critérios de submissão, pode ser rejeitado na primeira fase do estágio editorial. São listados, a seguir, algumas falas correspondentes à temática em questão:

Avaliadora: P.3, coluna 2, linha 51. Corrija para “mas talvez seja hora de mudar...”. Por favor, corrija o uso do singular para o plural (WONG-RIEGER).

Autor: Notamos isso na seção, faremos assim que os demais pareceres chegarem (BANKS, S.*).

Avaliadora: Há erros que precisam ser corrigidos. Na frase seguinte, falta uma palavra, há outra escrita de modo errado e apenas um número de citação (COFFEY, B.).

Autora: Obrigado! Corrigirei após o retorno de outras revisões (RICHARDS, C. A.*).

O detalhamento dos árbitros ao submeterem as críticas concernentes ao referencial teórico enfatiza os pontos a melhorar, demonstrando interesse e dedicação para trabalhar em equipe, contribuindo em benefício da produção científica de seus pares, assim como no desenvolvimento da ciência em áreas interdisciplinares. Sousa e Cavalcanti (2014) em concordância com Bem (2003), reforça que os avaliadores são colaboradores no processo de produção e verificação da ciência, cujas indicações não devem ser interpretadas como problemas pessoais.

O uso do referencial teórico junto à análise e discussão dos dados encontra-se mencionado nos diálogos dos atores, assim como na política da revista, a qual pleiteia o desenvolvimento de comentários sobre os dados dos estudos, correlacionando-os à teoria previamente avaliada por pares, salientando pontos fortes e fracos observados por meio da pesquisa. Para Richardson (2012) a comparação dos dados com a literatura estimula os pesquisadores a elaborarem discussões criativas e inovadoras ao contrário de apenas descrever os dados da pesquisa. Os diálogos abaixo representam a fala dos árbitros acerca do não cumprimento desta diretriz:

Avaliadora: Também é necessário adicionar estudos anteriores que suportem cada achado na seção discussão (TAMBUNAM, A. R.).

Autor: Adicionamos estudos anteriores que apóiam nossos achados, você poderia sugerir algum? (SILALAH, W. P.*).

Avaliadora: Houve apenas seis referências citadas para todo o manuscrito. Existem muitos artigos na literatura que discutem programas de natureza semelhante a este. Caberia aos autores incluir mais pesquisas de fundo para apoiar suas reivindicações (UFNAR, D.).

Autora: Fornecemos referências adicionais conforme solicitado. Caso o revisor tenha conhecimento de outras referências relevantes, iremos incluí-las no artigo (DEPLPRATO, A.*).

Avaliadora: Há uma quantidade crescente de pesquisas que investigam práticas de pesquisa questionáveis, uma revisão sistemática recente pode fornecer alguns pontos aos quais os autores podem se conectar: Xie, Y., Wang, K. e Kong, Y. (2021). (HAVEN, T.).

Autor: Obrigado! Como achamos que isso também pode ser interessante para os leitores, adicionamos estas e outras referências no primeiro parágrafo do artigo (CONIX, S.*).

Os diálogos retratam o quão específicos são os árbitros em suas colocações e a iniciativa dos autores em expor seu posicionamento na íntegra, fortalecendo o contrato social em benefício

da qualificação da produção científica. Quando conveniente, os avaliadores sugerem referências que consideram relevantes para discussão de aspectos gerais ou operacionais tratados na análise e discussão dos resultados da pesquisa, estejam constantes ou não na bibliografia do artigo. A OPR se revela como via de mão dupla na formação do artigo científico, à medida que o autor também pode recomendar referências que possam interessá-los.

A análise é um procedimento intelectual que visa sistematizar a tradução de dados com a finalidade responder a indagação que conjuga a propositura da pesquisa. Por esta razão, Gil (2021) entende que a execução da análise se dá pela interpretação das inferências observadas em concordância com a metodologia, com relações e cotejamentos realizados a partir do referencial teórico, complementados pelo posicionamento assertivo/facultativo do pesquisador.

5.6.4 Metodologia

A metodologia da pesquisa corresponde à descrição dos meios e instrumentos utilizados para resolução do problema e objetivos da pesquisa. No contexto da revisão por pares, aspectos relacionados ao método do estudo são alvo de discussões, porquanto sua estrutura serve como modelo de reprodução de pesquisas futuras ancoradas sob o ponto de vista da abordagem, tema, instrumentos e estratégias de análise. A partir da análise dos relatórios, verificou-se que a categoria obteve 117 diálogos subdivididos nas seguintes temáticas: detalhamento da coleta dos dados listando 50 réplicas e tréplicas, descrição dos critérios de seleção da amostra com 25, exposição do método utilizado 22 e ostentando quantitativo inferior, especificação representatividade da amostra congrega 20 excertos.

A coleta é o processo que visa angariar e sistematizar dados científicos com vistas a atender demandas específicas da pesquisa. Por esta razão os dados podem ser de natureza primária, quando coletados no campo empírico ou secundários, quando obtidos por meio de fontes secundárias, a exemplo de conjuntos de dados autoarquivados em repositórios digitais. Apesar de a *F1000Research* endossar o uso de dados secundários em artigos de pesquisa e demais modalidades, destaca-se que os dados das pesquisas constantes no *corpus* deste estudo são de cariz primário e os avaliadores ressaltaram unanimemente que os atores detalhem as etapas que possibilitaram obtê-los. São apresentados na íntegra parte dos discursos oriundos do processo dialógico da OPR inseridos nesta subclasse.

Avaliadora: As informações fornecidas sobre os métodos de estudo foram limitadas. Por exemplo, como os entrevistados da pesquisa foram identificados? Como a pesquisa foi distribuída? Embora esta informação seja fornecida na “Lista de verificação para relatar

resultados de pesquisas na Internet” para este estudo no Figshare, informações adicionais relacionadas aos métodos de estudo devem estar no artigo (PARSONS, J.).

Autora: Concordo. Agora expandimos as seções de *design* de pesquisa, coleta de dados e análise de dados nos métodos para abordar suas considerações. (DUNCAN, L.*).

Avaliadora: Na seção métodos, deve ser dada uma explicação detalhada de como foi realizada a abordagem dos participantes durante a coleta dos dados. (TAMBUNAM, A. R.).

Autor: Expandiremos as seções de *design* de pesquisa, coleta de dados e análise de dados nos métodos para abordar suas considerações (SILALAHI, W.*).

Avaliador: O(s) pesquisador(es) usaram a análise do período de tempo, mas não mencionaram que como realizaram a abordagem (RATHINASWAMY, J.).

Autor: Um esclarecimento sobre a fase de coleta de dados foi adicionado à metodologia (AL-ZAMAN, S.*).

Avaliadora: A metodologia para coleta e análise de dados não é bem descrita. Sugiro que descreva como a realizou (NAGARKAR, S.).

Autor: Obrigado por seus comentários atenciosos (SAMSHER, L.*).

Avaliador: Mais detalhes sobre o processo de coleta de dados seriam úteis. O fornecimento dos dados finalizados é muito útil, mas detalhes de como os dados foram coletados é exatamente necessário (porque isso faz diferença na análise) (NEYLON, A.).

Autora: Concordamos com isso e detalhamos nesse sentido a descrição dos métodos e ferramentas na V2 do artigo. (ARRIBAZALAGA, O.*).

O posicionamento dos revisores se assemelha ao de Prodanov e Freitas (2013), para quem, o leitor deve ser informado sobre como o pesquisador pretende ou como logrou os dados, não devendo deixar de correlacioná-los e justificar sua adequação aos objetivos da investigação. Quando necessário, a plataforma de pesquisa exige que os autores descrevam detalhadamente o passo a passo do protocolo de coleta dos dados da pesquisa, incluindo informações sobre a formatação, construção e tradução de instrumentos de pesquisa, quer seja para abordagem de estudos que se estendam à interpelação de seres humanos, seguido de informações como data de realização de pré-teste, teste de confiabilidade (teste e reteste), alterações e implementações. Para os dados provenientes de pesquisa documental, a exemplo de pesquisas métricas, revisões integrativas e sistemáticas, diferem-se pela exigência de menção do marcador persistente que remeta ao ambiente em que o conjunto de dados estejam hospedado.

Ressalta-se que em relação ao detalhamento da abordagem o índice discursivo foi relativamente inferior, quando comparado ao diálogo das demais categorias e subclasses, isto ocorre em razão de se configurar como crítica não eletiva, prescrita na política editorial, não havendo possibilidade contra-argumentar a decisão dos árbitros. Todavia, reconhece-se que o mútuo *feedback* produz intervenções positivas à metodologia da pesquisa para que atenda aos

padrões de qualidade da revista. A este respeito, Ford (2013) compreende que a comunicação entre os atores deve ser estimulada, não para que sejam influenciados, mas para que a partir das fragilidades da pesquisa possam refletir e encontrar meios para aperfeiçoá-la.

Ainda sobre a coleta dos dados, um dos sujeitos da pesquisa sugeriu a inserção de uma questão subjetiva ao questionário de pesquisa com vistas a obtenção de características adicionais acerca dos comportamentos dos respondentes, embora a quantidade de indagações objetivas listadas no questionário tenha atendido ao objetivo do estudo. Para Cunha, Amaral e Dantas (2018) a mescla de itens interpelativos pressupõe equilíbrio à coleta, tornando-a leve e menos monótona. Apesar de a coleta dos dados ter sido realizada anteriormente, a plataforma possibilita que dados complementares sejam inseridos em versões posteriores à primeira submissão.

Avaliador: Além do “conjunto de dez perguntas”, seria útil ter uma pergunta aberta sobre outras características e informações que o médium mar obteve sobre o falecido. Isso seria útil, uma vez que tem sido frequentemente relatado por médiuns e pesquisadores que não podemos prever que tipo de informação o médium será capaz de produzir em uma audiência (MOREIRA-ALMEIDA, A.).

Autor: Não havia pensado nesta possibilidade. É melhor responder depois de receber uma segunda revisão, pelo menos, antes de enviar uma nova versão do artigo (TRESSOLDI, P.*).

Avaliadora: Eu gostaria de ouvir mais em sua seção de metodologia sobre a busca e seleção de literatura de ciências sociais e humanas, pois acho que pode haver algumas lacunas em seu conjunto de dados com base nessa abordagem. Você fornece seus termos de pesquisa para o Web of Science, mas não para os outros bancos de dados e mecanismos de pesquisa. Incluir isso fortaleceria sua seção de metodologia. Para mim, o tratamento das ciências sociais e humanas neste estudo é um de seus pontos fracos. Descreva as limitações do seu método de pesquisa. A seção de métodos deve ser reforçada para melhor compreensão das abordagens das ciências sociais e humanas, bem como das limitações, para que o artigo seja mais sólido cientificamente.” (FORD, E.).

Autor: Ampliei a seção de metodologia para especificar melhor os termos de pesquisa e os bancos de dados usados e incluí uma declaração sobre as limitações da estratégia de pesquisa (ROSS-HELLAUER, T.*).

A coleta dos dados resulta de um planejamento estratégico, a partir do qual se define o tipo da pesquisa, definição dos critérios de seleção do universo ou amostragem, instrumentos e estratégias de tabulação, tradução e interpretação dos dados. Associada a este procedimento, destaca-se a delimitação da amostra, que corresponde ao recorte da população ou universo selecionado a partir da finalidade com que se pretende alcançar com os resultados do estudo. Classificada por conveniência, cotas e intencionalidade, a composição de seu arcabouço deve replicar características e comportamentos da população que representa.

A delimitação do repertório amostral constitui pauta das discussões no contexto da Comunicação e Mídias, porquanto apresentam dúvidas sobre sua validade frente aos resultados de

pesquisa. Gil (2021) pontua que o texto deve especificar os requisitos de seleção dos representantes a fim de justificar a viabilidade e confiabilidade com que as etapas de gestão dos dados foram conduzidas para que supram as necessidades da pesquisa. Observa-se que os comentários concernentes ao assunto se assemelham em razão da plataforma sugerir que os atores designem avaliadores que se responsabilizem pela avaliação total da obra ou especialistas que avaliem partes específicas, assim como ocorre com os estatísticos, linguistas, tradutores etc.

Avaliador: Além disso, não está claro se todos os dez dos dez principais periódicos foram representados ou se um ou mais periódicos dominam a taxa de resposta e quais foram os critérios de seleção. Além disso, não está completamente claro quantos participantes vieram da *MiRoR Network* ou de periódicos que publicaram anteriormente estudos sobre as Diretrizes de Relato (LENDREM, W.).

Autor: Agora adicionamos essas informações ao primeiro parágrafo da seção (BLANCO, D.*).

Avaliadora: Com relação à metodologia de amostragem, os autores escrevem: "Todos os artigos de pesquisa observacional publicados no BMJ entre 1º de janeiro de 2015 e 31 de agosto de 2017 foram investigados. Essas datas foram escolhidas porque fornecem um tamanho de amostra razoável para análise e dados recentes posteriores a alguns dos os artigos sobre compartilhamento de dados de ensaios clínicos." A meu ver, esta afirmação é insuficiente. Os autores devem fornecer informações mais detalhadas e quantitativas sobre a força e seleção da amostra (TOMLINSON, L. A..).

Autor: Atualizamos os métodos para incluir um cálculo de precisão (RAMAPAGOLAN, S. V.*).

Avaliador: Não está claro quem são os 899 participantes. Se isso se aplica ao público desse estudo, por que esse número é mencionado aqui? Por favor, esclareça. Da mesma forma, não está claro como os subgrupos desses participantes foram selecionados (SEITZ, R.).

Autora: Obrigado, vemos como isso pode ser confuso. Estávamos listando o número de participantes no estudo referenciado. Nós removemos isso do manuscrito porque o número de participantes neste estudo referenciado não é importante aqui. Os leitores podem ver o documento referenciado se quiserem ver mais detalhes sobre o número de participantes em cada grupo. (WAHBEH, H.*).

A crítica dos avaliadores se dá pela fragilidade de se trabalhar com amostragens. Marconi e Lakatos (2015) explicam que o problema da amostra é, portanto, escolher uma parte, de tal forma que ela seja mais representativa possível e, a partir dos resultados obtidos, relacionados a essa parte, poder inferir, os resultados da população como se fosse utilizada. Partindo desta afirmativa, os avaliadores emitiram comentários a este respeito. Citando caso análogo, os examinadores das publicações produzidas por BLANCO, D., GRAUFRIAU, I., MOHER, D., e outros onze autores, fazem coro ao considerar que o total de retornos dos questionários não supre as necessidades da pesquisa, mesmo apresentando critérios que justifiquem sua constituição. Em linha

similar de pensamento, FACHER, D. tece comentários semelhantes aos dos revisores, visto que a pesquisa que avaliou apresenta potencial de expansão, sendo honrado com o cumprimento de suas considerações no artigo, como pode ser analisado nos diálogos a seguir.

Avaliador: No entanto, o estudo inclui uma amostra limitada de participantes (24 editores pertencentes a 20 revistas médicas), o que limita o escopo das conclusões. Embora o estudo, de acordo com seus objetivos declarados, não pretenda oferecer uma visão representativa dos editores de todas as revistas médicas, o número limitado de participantes bem como sua representatividade (as fontes nas quais foram identificados e selecionados permitem pensar que é uma amostra altamente selecionada de editores com experiência anterior e uma motivação potencial no assunto), não é mencionado na discussão (URRUTIA, G.).

Avaliadora: Minha preocupação mais importante é sobre o tamanho da amostra. 24% parece ser uma taxa de resposta muito baixa. Os autores acreditam que 24 é o suficiente? Essa limitação deve ser discutida (LOGULLO, P.*).

Autor: Discutimos esses pontos na seção Discussão (BLANGO, D.*).

Avaliadora: A amostra é uma amostra de conveniência baseada em apenas um ano e um campo de assunto (ciências da saúde), com uma cultura de publicação predominantemente baseada em periódicos e em inglês. Acho que pode ser insuficiente para que possa obter conclusões precisas (SCHMIDT, G.).

Autora: O estudo de caso é limitado em unidade organizacional, disciplina de pesquisa, período de tempo; no entanto, os resultados são úteis e podem - com vantagem - ser comparados com estudos semelhantes em outras disciplinas/unidades organizacionais e períodos de tempo." (GAUFFRIAUX, I.*).

Avaliadora: Para a pesquisa, os autores têm um tamanho de amostra estimado que desejam? Da mesma forma, os autores têm uma taxa de resposta estimada que desejam? (EWALD, H.).

Autor: Esta resposta diz respeito ao recrutamento de especialistas para o estudo Delphi, não à pesquisa. Pretendemos recrutar pelo menos 15 participantes usando nossa abordagem gradual para o recrutamento, a abordagem baseada na pessoa (contatando autores de artigos pertinentes identificados durante a pesquisa bibliográfica, bem como especialistas das redes profissionais dos autores) e a abordagem baseada na organização (contatando organizações nacionais e internacionais e colaborações de revisão sistemática). (MOHER, D.*).

Avaliador: Gostaria de incentivá-los a continuar seu trabalho, expandir o tamanho da amostra, examinar um conjunto um pouco mais amplo de razões pelas quais os problemas existem e trabalhar com seus entrevistados para melhorar a situação (FACHER, D.).

Autor: Portanto, mantivemos a intenção geral e o design do estudo, além de adicionar os entrevistados adicionais. Acreditamos que esse design nos permitirá trazer algum fechamento adicional para o que a expansão deste trabalho atual mudaria a intenção (descrita acima) e o design de nosso estudo (VANDEFORD, I.*).

É válido mencionar que a abrangência da amostragem é fator polêmico e passível de interpretações múltiplas, razão pela qual supõe-se que os árbitros são cautelosos ao presumirem que o valor de cada repertório poderia ser reavaliado. Isto posto, a literatura apresenta inconstâncias no que se refere à determinação do percentual que defina sua representatividade,

ao contrário dos demais, BRICKER, J. afirma que a amostra do estudo sobre o uso de aplicativos telefônicos possui baixa retenção quando da análise das variáveis relacionadas ao perfil dos interlocutores. Em seguida, o autor respeitosamente discorda do conteúdo do parecer apresentando argumentos que defendem as discussões empreendidas no texto, recusando a sugestão do avaliador. Sobre este aspecto, ressalta-se que a maioria dos artigos publicados sofre modificações de pequeno a grande vulto, apesar de determinados periódicos aceitarem artigos sem a necessidade de que todas as alterações sejam feitas (MEADOWS, 1999).

Avaliador: A generalização é exagerada por duas razões. A baixa taxa de retenção torna a amostra altamente tendenciosa para as pessoas mais motivadas que têm maior probabilidade de relatar que desistiram. Comparar as características iniciais de todos os inscritos versus apenas aqueles que concluíram o item da pesquisa de resultados seria muito importante e instrutivo sobre o viés. A segunda razão pela qual é exagerada é que a amostra é limitada àqueles que já escolheram um aplicativo e este aplicativo específico para ajudá-los a parar de fumar. A idade da amostra (29) é jovem para um estudo de tabagismo *mhealth*, que normalmente tem cerca de 40 anos. (BRICKER, J.).

Autor: Observamos agora na discussão que a generalização dos resultados é limitada pela baixa taxa de acompanhamento e pelos fumantes. No entanto, deve-se notar que, na análise de intenção de tratar, a amostra não foi limitada aos acompanhados e a razão de chances foi ligeiramente maior do que para a amostra apenas de acompanhamento e o ajuste para variáveis basais que são preditivas de cessação bem-sucedida também fizeram não influenciar o achado. (WEST, R.*).

Assim como na coleta dos dados, as diretrizes de submissão norteiam reforçam que os autores detalhem o tipo de metodologia utilizada na pesquisa. Ao analisarem a metodologia dos artigos que lhe foram atribuídos, os avaliadores julgaram necessário que os autores descrevessem as particularidades dos métodos utilizados na pesquisa,

A pesquisa de DUNCAN, L. contempla abordagem de dois tipos de público-alvo, cujo autor os intitulou de A e B, recorrendo a mesma estratégia de codificação para nominar os respondentes advindos de cada. Vê-se que imediatamente um dos revisores sugeriu que a informação fosse especificada na referida seção. Atenta-se que este vínculo resultou no surgimento de *insights* para o autor que foram incorporados à seção. Sobre isto, Ross-Hellauer (2017) ao investigar o relacionamento entre árbitros e autores, assevera que as redes sociais fomentam a composição de novas ideias e quicá a formação de parcerias entre os sujeitos que comungam de interesses similares, como sucede na avaliação por pares. Semelhantemente, os diálogos empreendidos pelos atores subsequentes se aplicam a este mesmo contexto tendo em vista que diante da crítica construtiva, propuseram e introduziram ideias à nova versão da pesquisa.

Avaliadora: Referir-se aos entrevistados por letras do alfabeto foi um tanto confuso, dada a informação limitada. Se não está claro para este leitor, ficará difícil para um que

esteja iniciando a carreira se as letras do alfabeto se referem aos entrevistados da pesquisa A ou B. Essa informação deve ser descrita de forma específica, pois indica um potencial viés nos entrevistados da pesquisa (PARSONS, J.).

Autor: Muito obrigado por destacar possíveis confusões em nossa tabela. Incluímos agora uma explicação na tabela e no texto de que as letras vinculadas a cada exemplo são identificadores fornecidos apenas para permitir referência a eles no texto. Nosso objetivo não era sugerir nenhuma hierarquia em nosso sistema de 'codificação', então o alfabeto foi usado em vez de números (DUNCAN, L.*).

No excerto abaixo, o árbitro recomenda o uso de termos acessíveis a fim de minimizar barreiras intelectuais em potencial. Apesar de a política da plataforma recomendar que os autores primem pelo uso de linguagem objetiva, utiliza terminologia desconhecida pela comunidade para designar a tipologia do estudo em questão, ainda assim pediu-se que o método fosse conceituado na seção. Em artigo que visa propor estratégias de avaliação para periódicos que adotam OPR, Ross-Hellauer e Görogh (2020) reiteram que os periódicos internacionais ao disponibilizarem *layouts*, constantes nas diretrizes de submissão, exigem que o itinerário da pesquisa seja conceituado e especificado junto à seção.

Avaliadora: Não está claro o que você quer dizer com 'Pesquisa de caso', os leitores podem não compreender o uso da terminologia, é necessário conceituá-la (KHATWA, M.).

Autora: O termo vem da estrutura do artigo da ferramenta de software da F1000 e serve apenas para mostrar um exemplo do pipeline em execução. Achei útil utilizar o diagrama e a definição de cada etapa em relação ao processo realizado (BUTTERS, O. W.*).

Avaliadora: Mesmo assim precisa ser mencionado na metodologia, pois é o método que você utiliza na pesquisa (KHATWA, M.).

A afirmação dos autores se aplica ao método de análise dos dados em que a política da *F1000Research* exige que as etapas e o método de análise dos dados sejam descritos na seção para, assim como incluir breve discussão sobre concepções feitas para controlar vieses de fontes indesejadas, quando necessário. Nos diálogos sumarizados abaixo, observa-se que os pareceristas não detalham o processo de efetivação da análise dos dados e, por meio de reações afirmativas os autores reconhecem e comprometem-se a incluir tais observações.

Avaliadora: Você não mencionou como analisará informações qualitativas. Como fará isso? (LOGULLO, P.).

Autora: Agora fornecemos mais informações sobre como fizemos a análise qualitativa com a ferramenta NVivo (seção “Análise de dados”) (BLANCO, P.*).

Avaliador: Na parte que descreve a análise dos dados não está imediatamente claro para mim por que a classificação da *Web of Science* é mencionada. Eu diria que o que deve ser apresentado é a implementação detalhada de exatamente como as categorias são atribuídas neste artigo (consulte o relatório de replicação abaixo para obter um

exemplo disso). Se as categorias fornecidas pelo Unpaywall forem usadas diretamente, isso deve ser explicado (NEYLON, A.).

Autor: Usamos a classificação WoS, pois é baseada na do Unpaywall. Mas você está certo, é mais fácil seguir apenas mencionando as categorias fornecidas pelo Unpaywall. A V2 do artigo segue-se a esta última (ARRIBAZALAGA, O.*).

Avaliadora: Os métodos de análise não são detalhados. Seguem todas as "regras" da pesquisa qualitativa? (GIROUX, C.).

Autor: Obrigado Dr. Fornari por sua revisão de apoio deste trabalho, faremos as devidas correções. (CHANT, T.*).

Note-se que os referees são pontuais em suas críticas, privando-se do fornecimento de detalhes sobre o que poderia ser atualizado na metodologia da versão posterior do artigo. De acordo com Ross-Hellauer e Görogh (2020), embora a OPR instigue os árbitros a elaborar pareceres detalhados sobre as nuances da publicação que lhe foi designada, sucede que por vezes tendem a ser objetivos em suas críticas, por entenderem que os autores são pesquisadores que dispõem de competências necessárias para discorrer e/ou realizar os reparos necessários à publicação.

5.6.5 Considerações Finais

As considerações finais sintetizam a retomada de aspectos teóricos e empíricos abordados no estudo, bem assim apresentando o desfecho da pesquisa pelos resultados alcançados. Autores do campo da metodologia científica concordam que esta seção se interliga aos demais elementos investigativos, a exemplo da problemática, finalidades, metodologia e análise dos dados. Em sua estrutura, diversos pontos podem ser abordados a fim de que o pesquisador finalize sua participação argumentando como e/ou por que e por onde sua pesquisa alcançou sua missão. Neste sentido, 85 diálogos refletem a construção coletiva das melhorias aplicadas ao desfecho do trabalho.

Para Prodanov e Freitas (2013), faz-se necessário que nesta fase o autor retome às concepções que o guiaram, foram parcialmente sumarizadas na introdução e as encerre de modo lógico e consistente e coerente. Convém ressaltar que 39 comentários foram agrupados sob este tema, porquanto reforçam a necessidade de que retornar aos itens iniciais da pesquisa para formalizar a obtenção de seu objetivo e resposta para a problemática que se propôs resolver.

Avaliador: A conclusão é muito fraca. Eu esperaria ver informações iniciais mais refletidas nesta seção (JOHNSON, M.).

Autor: Eu respeitosamente discordo deste comentário. Acho que foi feita uma discussão detalhada que analisa os dados quantitativos e qualitativos e aborda os objetivos estabelecidos na introdução. (ILLINGWORTH, S.*).

Avaliadora: Seria útil para os autores mencionar as informações apresentadas inicialmente na introdução (CHAMPIEUX, R E.).

Autor: Agradecemos ao revisor por seus comentários, concordamos com o ponto dos revisores e atualizamos a seção (RAMAPAGOLAN, S. V.*).

Avaliadora: No momento, a conclusão não deixa claro de que lado da questão os autores defendem, não mencionando informações da introdução (CLANCY, K. B. H.).

Autor: Nosso objetivo com o artigo não é emitir uma opinião, mas sim levantar questões específicas e revisar as evidências empíricas que abordam essas questões (MCCLAIN, C.*).

De modo geral, observa-se flagrante construtividade na estrutura dos comentários. A literatura assevera que esta motivação se pauta na publicidade dos pareceres expondo o compromisso ético e moral dos árbitros e autores para com a ciência e os pares (ROWLAND; MOYLAN, 2016; SCHMIDT *et al.*, 2018). Os autores em concordância com Pöschl (2012) afirmam que a OPR estimula os atores a se dedicarem melhor na elaboração dos comentários, tendo em vista que a abertura das identidades e a disponibilização dos pareceres permite que se discirna a conduta e o proceder dos atores.

A partir das considerações finais o autor revelará suas expertises por intermédio do conhecimento externalizado ao longo do percurso heurístico em relação à temática, à metodologia e ao impacto que os resultados oferecem à sociedade científica. Neste sentido, apesar de posicionada ao final do trabalho, a presente seção é o ponto de partida para novos desdobramentos investigativos. A este respeito, deve-se levar em conta que há a possibilidade de não encontrar respostas concretas para a problemática da pesquisa, visto a partir deste feito um novo questionamento poderá surgir na conclusão, mostrando que há múltiplas facetas que conduzirão a realização de um novo estudo (GIL, 2021; PRODANOV; FREITAS, 2013). Neste caso 36 árbitros reforçaram a necessidade de menção pesquisas futuras nas considerações finais. Eis alguns dos pronunciamentos que fortalecem esta narrativa.

Avaliador: Embora o estudo seja limitado à revisão de publicações e modelos de publicação relativamente novos em um campo definido, ele também pode ser revisado para sugerir futuras oportunidades de pesquisa, por exemplo, o grau em que os princípios OPR são empregados em periódicos mais estabelecidos. (WALTER, S.).

Autora: Estou achando difícil envolver meus pensamentos e ideias em torno do OPR nas humanidades, já que a publicação de humanidades também está mudando com novas formas de expressar conhecimento, também conhecidas como humanidades digitais. Desta

forma é mais fácil (para mim) começar a observar e avaliar OPR em publicações STEM (FORD, E.*).

Avaliadora: Como a cultura em organizações/instituições específicas afeta esse engajamento, ou as decisões dos cientistas sobre se "vale a pena"? E como os cientistas sociais podem descobrir essas nuances de comportamento em relação ao uso das mídias sociais pelos cientistas para divulgação? Acho que seria valioso se os autores abordassem essas questões e abordassem como pesquisas futuras devem se concentrar em nuances versus descrições excessivamente amplas do uso de mídias sociais pelos cientistas para divulgação (JARREAU, P. B.).

Autor: De fato, para poder fazer justiça a este tópico, seria necessário um artigo adicional com várias páginas de texto. Atualmente, isso está além do escopo do manuscrito. Além disso, o escopo deste manuscrito foi examinar especificamente as evidências empíricas, e não a teoria, que aborda essas questões (MCCLAIN, C.*).

Avaliador: Os autores mencionaram descobertas importantes na discussão relacionadas às tendências de pesquisa e suas possíveis direções futuras (como acidentes de pedestres). Esses pontos devem ser mencionados na conclusão. Detalhes sobre o número de publicações, autores, etc. podem ser omitidos ou reduzidos nas conclusões (GAZDER, U.).

Autor: Concordo e as constatações estão reiteradas nas conclusões (linhas 454-464) (REHMAN, S. U.*).

Meadows (1999), em “a comunicação Científica”, salienta que o avaliador pode realizar recomendações básicas sobre o artigo, embora os periódicos solicitem gradações mais detalhadas. Isto se deve à necessidade de os autores do artigo realizarem correções mínimas. A pesquisa de AL-ZAMAN, S., DUNCAN, L. e MORIN-CHASSÉ, A. Na concepção dos árbitros, os pontos positivos e negativos deveriam ser apontados nas considerações finais. Observa-se que a troca de informações demonstra frutífera relação entre os sujeitos, reforçando que os itens sumarizados evidenciam as demandas do manuscrito. Neste sentido, Gomes (2014) pontua que a dimensão dialógica da mediação da informação, neste caso aplicada à avaliação aberta, permite a socialização de competências entre os participantes reforça obtenção de *insights*, propiciando discussões construtivas que primam pelo crescimento e reconhecimento do produto científico por meio de diferentes objeções.

Avaliador: As conclusões devem ser mais focadas nas implicações mais importantes, o que está faltando. A conclusão não dá aspectos positivos e negativos do Facebook no COVID-19. (RATHINASWAMY, J.).

Autor: Obrigado por apontar a aparente limitação na interpretação dos resultados. No entanto, um vislumbre da implicação intelectual dos resultados já foi incluído no final da conclusão (por favor, veja de “Além dessas limitações, este estudo tem pontos fortes em algumas áreas...” a “Finalmente, esta pesquisa tratou de um conjunto de dados maior do que os estudos anteriores sobre a vacina COVID-19...”), poderíamos especificar ainda mais. Além disso, a última frase informaria aos leitores que este é um estudo exploratório, e tais estudos podem ter limitações de diferentes aspectos (por exemplo, chegar a algumas conclusões certas e concretas), mas podem orientar estudos futuros nesta área. A

partir dessa perspectiva, a incapacidade de prever significados práticos e políticos muito concisos pode ser difícil para este estudo (AL-ZAMAN, S.*).

Avaliadora: O único outro comentário que tenho é que você não inclui nenhum ponto forte ou implicações. Esta pesquisa é realmente interessante e provavelmente tem implicações no mundo real para garantir que mensagens claras sejam fornecidas aos pacientes sobre quando e como é apropriado entrar em contato com a clínica e a disponibilidade de consultas durante uma situação como a COVID-19. Seria útil para os leitores entender como os resultados desta pesquisa podem melhorar a experiência do paciente (PARSON, J.).

Autora: Destacamos agora a importância de considerar a comunicação de práticas alteradas, incluindo a verificação de acesso e compreensão dessa comunicação, para que a mudança seja implementada com sucesso e com o máximo benefício para pacientes e profissionais de saúde (DUNCAN, L.*).

Avaliador: Embora o artigo faça afirmações sobre a comunicação científica em geral e sobre o efeito do artigo da mídia nas atitudes públicas e na compreensão pública da ciência, a literatura que é realmente revisada é muito específica, mas faltam a inserção de pontos positivos (MEDVECHY, F.).

Autor: Minha contribuição é estreita em foco, e este também é o caso de muitas pesquisas no campo da divulgação científica. Sua crítica argumenta que "o artigo faz afirmações sobre a comunicação científica em geral e sobre o efeito do artigo da mídia nas atitudes públicas e na compreensão pública da ciência". Tenho sido muito cauteloso para não fazer afirmações gerais sobre a comunicação científica. Apenas menção direta é abstrata, para apresentar meu trabalho como pertencente a este campo (MORIN-CHASSÉ, A.*).

Retomando a Meadows (1999), o autor assevera que não chega a ser surpreendente que pesquisadores experientes – o que os avaliadores e autores são – divulgam ou consideram visões distintas de seus confrades na avaliação sobre o que deve ser ressaltado na publicação. A ocorrência destes fenômenos se dá pela percepção que os atores possuem sobre o objeto de estudo, sobre os resultados que dele advém associado ao nível de especialização que possui acerca do tema discutido na publicação, considerando que a política editorial da *F1000Research* exige que pesquisadores e especialistas em diversas áreas temáticas do conhecimento participem do processo avaliativo para que analisem determinados aspectos dos textos, como linguística, estatística e metodologia. Sobre este aspecto, menciona-se os trechos das conversas em relação ao processo avaliativo desta seção.

Avaliadora: Esses resultados sugerem que, em um campo ainda emergente, os participantes desta pesquisa provavelmente serão a influência motriz por trás da definição de comunicação científica em nível institucional." Como assim? Por favor, faça esta declaração, e como/por que esta conclusão foi alcançada, mais clara (JAREAU, P. B.).

Autor: Isso ficou mais claro no texto. e que entre eles os autores têm várias centenas de seguidores no Twitter que se identificam como comunicadores de ciência baseados no Reino Unido, é decepcionante que mais pessoas não tenham podido participar da pesquisa, mas acreditamos que o número de respostas ainda é suficiente para os propósitos deste estudo (ILLINGHWORTH, S.*).

Avaliadora: Você não foi capaz de identificar o papel ou a situação de seus entrevistados, apenas se eles participaram de atividades de divulgação científica no passado (DAVIES, S. R.).

Autor: Isso incluirá, conforme observado nas conclusões, a investigação de como diferentes partes interessadas definem diferentes aspectos da comunicação científica e como e por que isso muda dependendo do cargo e entre os institutos (ILLINGHWORTH, S.*).

Avaliadora: A amostra final também inclui funcionários de universidades e de empresas, mas não está claro como eles são distribuídos, a situação e se as respostas diferem entre os dois. Isso é importante porque algumas de suas conclusões parecem pressupor um ambiente institucional homogêneo, ou seja, um ambiente de trabalho acadêmico (LAWSON, C.).

Autor: Em relação à estrutura de amostragem e ao tamanho da amostra, concordamos que isso não foi discutido com profundidade suficiente, mas conforme discutido na resposta aos comentários anteriores, isso foi corrigido e discutido no corpo principal do documento (ILLINGHWORTH, S.*).

Pode-se citar como exemplo o parecer do segundo e do terceiro avaliador que se assemelham em termos de contribuição quando questionados sobre a obtenção dos resultados e o detalhamento das funções por eles desempenhadas no contexto que atuam, enquanto o primeiro solicita que o conceito de comunicação científica institucional seja aprofundado. Apesar de os pareceres serem discutidos abertamente, o segundo avaliador decidiu não aprovar o trabalho. Note-se que no processo formal de avaliação, haveria necessidade de convidar um quarto parecerista em função de decidir se a obra estaria passível ou não de publicação. Contudo, a dimensão dialógica da OPR reforça que as objeções sejam (re)formuladas coletivamente sob supervisão dos árbitros e da comunidade acadêmica, razão pela qual a *F1000Research* não utiliza métodos semelhantes à *blind review*.

Avaliador: As conclusões do autor, embora corretas, são fracas. O rápido crescimento de referências à Open Peer Review na literatura sugere que o interesse em OPR está crescendo rapidamente. Seria útil apontar isso. Também seria útil apontar que 110/122 referências em sua pesquisa falam sobre “Open Identities” e 72 falam sobre “Open Reports”. Isso me sugere que o sentido central da Open Peer Review reside precisamente no uso de identificações abertas e relatórios abertos e que outros aspectos são mais periféricos. Se este fosse meu artigo (o que não é), eu tornaria mais explícita essa distinção centro/periferia. O autor observa corretamente que ainda há muita pouca evidência sobre a eficácia ou não de diferentes formas de Revisão Aberta por Pares. Essa é outra questão que seria bom trazer nas conclusões (WALKER, R.).

Autor: Concordo que a conclusão foi fraca e aceito as sugestões de melhoria. Escrevi uma conclusão extensa que acredito abordar todos esses pontos. Gostaria de agradecer pessoalmente ao revisor pelo tempo e cuidado em realizar esta revisão, que ajudou a fortalecer o artigo, especialmente no que diz respeito às sugestões para fortalecer a conclusão (ROSS-HELLAUER, T.*).

Avaliadora: Não acredito que o autor apresente uma definição unificada de revisão por pares aberta, por todas as razões discutidas acima, mas ele apresenta a maioria das

características que juntas se enquadram no termo abrangente.” Por esta razão, achei a conclusão fraca (BLOOM, T.).

Autor: Eu removi o termo "unificado", pois isso é sem dúvida controverso (ROSS-HELLAUER, T.*).

Avaliadora: Portanto, o artigo merece uma conclusão mais forte, incluindo talvez uma diretriz sugerida para esclarecer que tipo de “revisão aberta por pares” antes de qualquer avaliação/discussão usando as sete classificações dos autores”. O autor certamente pode fortalecer a conclusão destacando a falta de evidências nas alegações de eficiência sobre algumas das 7 características mencionadas no artigo (MEHMANI, B.).

Autor: Incluí este ponto na conclusão expandida (ROSS-HELLAUER, T.*).

Como antes asseverado, os árbitros podem, sobretudo, concordar parcial ou integralmente quando da elaboração de seus pareceres, os quais podem seguir linhas congêneres de raciocínio, citando caso análogo os pareceres do artigo escrito por ROSS-HELLAUER, T. Deve-se ressaltar que os pareceres são redigidos e enviados em períodos distintos, segundo a disponibilidade dos árbitros, exercendo forte influência no tempo da publicação e na conjugação das correções ao arcabouço dos manuscritos. Neste sentido, pode-se afirmar que a avaliação enviada com antecedência serve como fonte de informação para que os demais avaliadores possam refletir, embasar suas críticas acerca das fragilidades e/ou promover discursões entre pares ou com leitores entorno do conteúdo da pesquisa.

Uma crítica se volta para constatações feitas sobre o objeto de estudo nas considerações finais. BENZUIDENHOUT, T. em parceria com HAVEMANN, J., sinalizam que a falta de acesso à internet constitui flagrante impasse à proliferação e uso de ferramentas digitais de OS, denominadas de DOSTs, porquanto delas são originadas e se desdobram. Para o avaliador, o argumento é irrelevante ao justificar que apesar da existência de barreiras técnicas na CC, os autores devem mencionar que as ações dos *designers* destas ferramentas devem traçar estratégias para lidar e/ou minimizar barreiras de carizes variados. A preocupação do avaliador se baseia nas argumentações de Fuentes (2018), de que no contexto da OS as barreiras de acesso à informação científica devem ser minimizadas e/ou extintas. Observa-se que após a constatação, realizou-se a reformulação dos argumentos e sua incorporação à nova versão do *paper*.

Avaliador: Um argumento contraditório e igualmente fácil de descartar é quando os autores apontam que a conectividade com a Internet ainda é um problema em muitos países. Pelo menos para este leitor, esta passagem parece que os designers de DOST deveriam ter isso em mente ao projetar seus DOSTs. No entanto, a internet é o que permitiu que a ciência aberta fosse inventada. Sem internet, sem ciência aberta. Eu consideraria tal crítica mal direcionada (BREMBS, B.).

Autora: Com certeza. Podemos então afirmar que embora alguns estudiosos argumentem que o acesso à internet permitiu que a ciência aberta fosse inventada, adotamos uma visão mais matizada. Tanto a abertura quanto o acesso à internet não são posições “binárias” nas quais os usuários estão abertos/fechados ou online/offline. Ter conexões de internet ruins pode permitir alguma participação na ciência aberta, mas restringe severamente a quantidade de atividade - ou os tipos de DOSTs - disponíveis para o indivíduo que trabalha nessas configurações. A abertura, como o acesso à internet, é um continuum (BEZUIDENHOUT, T.*).

Aspectos como esse são mencionados por Marconi e Lakatos (2015) asseveram que na conclusão, as sistematizações das ideias não podem contrapor as argumentações antes enunciadas, caso ocorra, o autor deve contornar o discurso buscando explanar de forma racional e convincente não sobrepondo ou citando explicações aleatórias. Reiteram que a argumentação deve ocorrer de forma sistemática, apresentando percepções observadas, bem como os resultados obtidos.

Avaliadora: Eu sinto que vários outros ângulos também poderiam ter sido explorados neste artigo para contrastar ou acompanhar o trabalho no artigo de 2013 sobre o Reino Unido. Após o primeiro estudo, foram feitas alterações com base nas conclusões? (VANDEFORD, N. L.).

Autora: Quais pontos poderiam ser explorados? (SILVAGGI, J.*).

Assiste-se a ocorrência de um parecer que apresenta lacunas no discurso do avaliador ao apontar a necessidade de alterações e acréscimos ao texto sem sinalizá-las, impossibilitando que sejam assimiladas pelos autores e introduzidas com precisão. Por assim dizer, infere-se que tal ocorrência é suscetível nos processos norteados pelos moldes tradicionais e abertos, pois o *deficit* é proveniente de ações humanas e não operacionais (GARCIA; TARGINO, 2017).

5.6.6 Dados abertos de pesquisa

A abertura da ciência é realidade no contexto da CC e a operacionalização de seus pilares avança cotidianamente, contextualizando novas iniciativas para disponibilização de resultados investigativos para fins de consulta e reprodução. Dentre os pilares mais proeminentes, constantes nas políticas editoriais das editoras, periódicos e plataformas digitais de publicação aberta destacam-se o acesso aberto, a avaliação por pares, quer seja *blind* e/ou quer seja *open*, e não menos importante os dados abertos.

A ideia de abertura da ciência tem como um de seus princípios a disponibilidade e acessibilidade do conhecimento para que cientistas e aspirantes possam, usá-lo, reusá-lo, distribuí-

lo sem que haja barreiras de ordem tecnológica, legal, operacional, econômica e/ou informacional (SAYÃO; SALES, 2015).

A publicação dos dados de pesquisa tem se tornado flagrante tendência, porquanto a literatura ressalta que este exercício lista vantagens às Ciências, ao pesquisador e à publicação do manuscrito, tornando as práticas de pesquisa mais transparentes, reproduzíveis, confiáveis e céleres, uma vez que os dados coletados podem ser replicados e mencionados por outros pesquisadores (NASSI-CALÒ, 2015a).

A *F1000Research* endossa os princípios Fair, impondo que os conjuntos de dados utilizados na análise sejam autoarquivados em repositórios de dados, tais como: *ArXiv*, *Bioestudos*, *Código Oceano*, *Dríade*, *Dataverse*, *Figshare*, *Zenodo* entre outros de livre escolha do pesquisador, desde que seja incluída no corpo do texto citação que referencie a submissão do arquivo nos respectivos ambientes, constituindo-se quesito observado no *checklist* de avaliação por pares, o qual obteve 37 diálogos, sendo 20 sobre compartilhamento/disponibilização dos dados e, na sequência, o formato do conjunto de dados que arrola 17 discussões.

Os trechos listados a seguir se referem à viabilização dos dados de pesquisa ainda que seu constructo esteja em fase preliminar, reforçando sua relevância metodológica e prática para a comunidade que a demanda e para a consecução dos preceitos da OS. Observa-se que o árbitro solicitou o autoarquivamento do documento com a finalidade de elevar o *status* da pesquisa. Por via de consequência, frisa-se que esta iniciativa contorna vantagens múltiplas às publicações por meio da citação e reprodutibilidade dos resultados no contexto atual, assim como a publicação de versões futuras, indicando aprofundamento da pesquisa ou de outras que por meio dela se ramificaram.

Avaliadora: Embora este seja um relato muito preliminar e descritivo de uma experiência de treinamento de pesquisa de verão, sua novidade merece publicação mesmo neste estágio inicial. O documento fornece detalhes suficientes para gerar ideias para que outros tentem replicar o modelo, embora uma descrição mais detalhada do currículo e uma análise de acompanhamento com um conjunto de dados maior devam ser incentivados (HOHMAN, C. F.).

Autora: Isso melhorou a resolução para visualização online (DELPRATO, A.*).

Avaliadora/Correvisor: Esse recurso pode ser encontrado em repositórios de dados públicos, como o software de repositório *Dataverse* (dataverse.org). Existem projetos de software que se concentram em outras ferramentas de preservação automatizadas semelhantes para reformatar arquivos de dados em formatos de preservação e fornecer metadados de preservação adicionais. Um exemplo é o *Archivematica*. Além disso, há esforços contínuos em reprodutibilidade que oferecem suporte ao código de hospedagem e fornecem funcionalidade executável para execução na nuvem. (CROSAS, M.; D'ORAZIO, V.).

Autor: Essas ferramentas são importantes para os repositórios de dados se quiserem tornar seus dados acessíveis e reutilizáveis no futuro, quando o software original estiver obsoleto. Concordo plenamente com o ponto de vista dos revisores sobre a reutilização de dados e como melhorá-la, mas não vejo muita adoção dessas técnicas em meu ambiente científico. Os cientistas preferem a simplicidade de apenas publicar os arquivos que possuem em seu site ou em um repositório digital sem perguntas. É encorajador ver que outros domínios conseguiram estabelecer hábitos melhores (HINSEN, K.*).

Nota-se que apesar de a *F1000Research* reconhecer a relevância do ciclo de vida dos dados provenientes de pesquisas, considera-se que apenas a descrição detalhada do processo de gestão desses itens na metodologia do estudo não se alinha aos requisitos da política de gestão de dados da plataforma. Deste modo, exige-se que os resultados do estudo, assim como o insumo utilizado na análise estejam à disposição da comunidade científica e dos órgãos de fomento. Sobre esta afirmativa, em artigo intitulado “a teoria da citação de dados: uma revisão da produção científica na América Latina”, Oliveira *et al.* (2022) sinalizam que os dados se apresentam como fonte secundária de conhecimento científico e o seu reuso por entidades físicas e jurídicas possibilitam a realização de análises e discussões sob diferentes perspectivas a partir de pesquisas que disponham de objetivos, abordagens e temas congêneres.

Avaliadora: Finalmente, os autores escrevem “Uma revisão das declarações de compartilhamento de dados desses estudos revelou que 149 (63%) estudos tinham uma declaração implicando que os dados subjacentes ao estudo não poderiam ser compartilhados”. Porém a metodologia não indica se os dados “poderiam” ser compartilhados (CHAMPIEUX, R E.).

Autor: Obrigado por reservar um tempo para ler o documento, acrescentamos a informação no texto (RAMAPAGOLAN, S. V.*).

Avaliadora: Melhorar os recursos de pesquisa em estudos baseados em manuscritos de pesquisa é desafiador e importante. Os autores construíram um pipeline para melhorar a captura de metadados, abordando assim esse desafio. Os *links* para os dados e o *software* funcionam (MCINTOSH, L.).

Autor: Obrigado por reservar um tempo para avaliar o nosso artigo (BUTTERS, O. W.*)

Se a revista segue os preceitos da OS, importa que os submetentes os cumpram. Neste sentido, cabe ao autor realizar a sistematização e documentação dos dados para que se tornem públicos aos pares. Convém ressaltar que cada repositório dispõe de diretrizes de autoarquivamento, listadas através do plano geral de dados (PGD). Monteiro e Sant’anna (2017) afirmam que os repositórios de dados listam instruções e normativas nos PGDs, variando segundo as características do conjunto de dados neles depositados e a particularidade das áreas que são provenientes. Em complemento, Couto Corrêa (2016) assevera que os planos de gestão auxiliam pesquisadores que coletam, manipulam conjuntos de dados científicos, fornecendo diretrizes para

que todas as fases do ciclo de vida sejam realizadas, com destaque na indicação dos tipos de formatos, fator que influencia as etapas de redistribuição e reutilização. De modo geral, as sugestões dos árbitros se assemelham às concepções de Monteiro e Sant’anna (2017), para quem, a formatação incompatível impossibilita a integração dos dados ao ambiente virtual, tornando-os inacessíveis e irreprodutíveis no futuro.

Em se tratando de Matthews (2017), autor do artigo “equidade da publicação científica”, que retrata o uso de dados de pesquisa em sua primeira versão, dispôs o conjunto de dados em formato protegido com acesso para visualização via marcador não persistente, ao invés de cumprir o protocolo formal de tratamento, armazenamento e viabilização dos dados que tem por objetivo tornar os processos de produção e comunicação acessíveis e colaborativos. No que respeita ao formato do arquivo Silveira *et al.* (2021) asseveram que para atingir número maior de abertura dos dados científicos é necessário que os produtores os facilitem por intermédio de produtos em formato aberto, citando caso análogo o uso de planilhas/tabelas sob os moldes CSV ao invés do modelo convencional do Excel, especificando as licenças que tornem claras as permissões de acesso e citação.

Avaliador: Os dados da pesquisa estão disponíveis em duas apresentações de slides vinculadas. Eu recomendo que os dados sejam disponibilizados como um quadro de dados em um formato de arquivo não proprietário. Isso facilitará a reutilização e a exploração adicional do conjunto de dados. A melhor prática é usar um repositório que forneça acesso aos dados em um formato com registro de data e hora, imutável e permanente, com um identificador persistente e uma licença aberta. A documentação, incluindo metadados que descrevem como a pesquisa foi realizada, pode ser fornecida com os dados ou neste artigo (NILSONNE, G.).

Autor: Carreguei os metadados no Arquivo de Pesquisa da Universidade de Oxford; este registro pode ser acessado através do seguinte link: <https://doi.org/10.5287/bodleian:J5aekGAMy> (MATTHEWS, P. C.*).

A conversa entre os mediadores e seus interlocutores seguem moldes semelhantes referente à documentação e tratamento do conjunto de dados, diferindo-se pela sugestão de elementos complementares que enriqueceram o arcabouço da pesquisa e elucidarão aspectos da análise sejam explorados e reproduzido posteriormente. Nota-se que o compartilhamento de informações entre os sujeitos contribuiu para que a publicação atendesse ao protocolo da *F1000Research*, que por via de consequência se alinha cada vez mais aos propósitos da OS.

Para Almeida Júnior (2015) o conhecimento se constrói individualmente, mas sempre e necessariamente em relação aos outros e consigo mesmo. Reafirmando as palavras do autor, Maia e Farias (2022) compreendem que a formatação social do conhecimento, mediado pela produção científica são pautados em práticas coletivas ressignificadas pela dialogicidade. Por esta razão, os

árbitros adquirem expertises para que contribuam criticamente em procedimentos analíticos futuros, assim como para os autores assegura aperfeiçoamento do texto para que se adquirira *status* de cientificidade mediante tal intervenção. É evidente que a formação de redes sociais por meio da socialização de conhecimento evoca mútuo aprendizado entre os interlocutores na avaliação aberta. Partindo deste pressuposto, a avaliação por pares mediada pela interação aberta proporciona discussões profícuas, assegurando que o revisor obtenha respostas para questionamentos relacionados ao processo avaliativo. Embora disponha de competência intelectual para analisar aspectos específicos e globais do artigo, a comunicação em rede redundante em conhecimentos para ambos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Melhor é o fim das coisas do que o princípio delas (Eclesiastes – 7: 8 a).

No presente estudo, buscou-se analisar a rede social viabilizada pelo processo de revisão por pares dos artigos publicados entre 2012 e 2015 pela *F1000Research*. Para consecução da pesquisa adotou-se o conceito de redes sociais dialógicas, isto é, arranjos interpessoais constituídos pela interação aberta entre árbitros e autores durante a avaliação da produção acadêmica, mediada por periódicos que professam os ditames da OS.

No período selecionado, apenas 56 trabalhos receberam *status* aprovado. Caracterizam-se predominantemente como artigos de pesquisa, de opinião e relatórios breves. As publicações encontram-se distribuídas em sete subclasses, sendo a CC, abertura da ciência, avaliação por pares e, estudos métricos são desdobramentos temáticos de maior recorrência.

Identificou-se que dos 200 atores 139 são avaliadores e 69 autores correspondentes, com formação acadêmica retilínea e/ou interdisciplinar em nível de graduação, mestrado e doutorado com ênfase nos componentes curriculares situados nas Ciências Sociais Aplicadas, Exatas e da Terra, da Saúde, biológicas e Humanas. Atuam predominantemente no contexto acadêmico enquanto professores/pesquisadores, docentes, pesquisadores ou bibliotecários. O crescente nível de formações acadêmicas e a posição que desempenham em seus *métiers* revelaram flagrante expertise e desenvoltura durante a participação do processo avaliativo.

Verificou-se que dinâmica da rede social é regida pela política editorial da plataforma, correlacionada a fatores que impactam e determinam a formação dos elos a partir das interligações entre atores situados em instituições, países e domínios idênticos ou que mantenham relação de interdisciplinaridade. Composta por 200 atores/nós que atuaram como autores correspondentes e avaliadores, dos quais apenas 138 mantiveram-se conectados por relações recíprocas. A rede total se fragmenta em 56 microestruturas, dentre as quais 39 são compostas por sujeitos que se conectam entre si, enquanto 17 conectam-se em maior e menor quantidade às demais.

Os resultados demonstraram que a baixa densidade da rede foi motivada pelas diretrizes da política editorial que impede a formação de elos entre sujeitos que possuam relação de proximidade, impossibilitando que os vínculos entre os pesquisadores se estreitem. Deste modo, tais determinações justificam o baixo índice de coesão social, que se limitou as relações díades empreendidas entre ORANSKY, I. e ABRITIS, A., RATHINASWAMY, J. e AL-ZAMAN, L. e ROWAN, K., JOHSON, S. e ILLINGHWORTH, S. Para que as relações se intensifiquem é necessário que os

mesmos atores interajam o máximo possível, quer seja durante as rodadas de avaliação ou participando constantemente de processos distintos. No contexto desta pesquisa, o fortalecimento de laços redundou benefícios para a produção científica, pois o elevado quantitativo de interações redundou em sugestões para aperfeiçoá-la. A centralidade foi determinada pelo índice de participações e conexões, rendendo a ILLINGWORTH, S., SILALAH, W. P., TENNANT, J., PROKOP, A., MARINKOVIC, M.*, EVANS, T. M.*, GRAY, J.* e BLOCK, T. J.*, FORD, E., ROSS-HELLAUER, T., o status de atores centrais.

Respaldados pela política editorial, a maioria dos atores estabeleceram conexões híbridas e interinstitucionais de cariz e internacional, entre instituições localizadas hegemonicamente nos países da América do Norte e Europa, com ênfase nos Estados Unidos e Inglaterra.

O uso da ARS associada à AC possibilitou compreender os mecanismos que regem a constituição das redes dialógicas mediadas pela arbitragem da *F1000Research*, bem como entender as motivações e os resultados que delas provém. Por esta razão, os resultados da pesquisa possibilitam concluir que a dialogia e seus desdobramentos aliados à avaliação paritária no contexto editorial tornam o processo dinâmico, porquanto árbitros e correspondentes assumem posição de colaboradores, favorecendo a discussão de aspectos que podem ser incorporados ou excluídos do manuscrito. Reforça-se que por intermédio da rede de diálogos, na maioria dos casos, os atores refletem e se posicionam construtivamente sobre as sugestões e com vistas a reparar fragilidades existentes no arcabouço temático e físico da publicação, adequando-as ao escopo da revista. Observou-se que a interatividade respaldada pela OPR oportuniza aprendizagem coletiva e a socialização de saberes na CC ao possibilitar que as produções acadêmicas sejam analisadas por leitores, a fim de que obtenham perspectivas externas abstendo-se da noção tricotômica advindo da *blind review*.

Assim sendo, compreende-se que esta pesquisa contribuiu para o desenvolvimento do aporte teórico correspondente ao subcampo da CC na CI, assim como para compreensão da sistemática que rege a sistemática da formação de redes sociais na avaliação aberta, bem como a descrição da sistemática deste recurso de qualidade frente ao crescimento das discussões que se delineiam na área. Como limitação da pesquisa, destaca-se a ausência do mecanismo de importação de dados na plataforma *F1000Research* para modelagem de sociogramas em *softwares* de análise de redes. Aponta-se de modo similar, o excesso de não correspondências por parte dos autores.

Por fim, sugere-se que este estudo seja realizado em outros veículos que adotam a OPR, citando caso análogo a Revista de Administração Contemporânea, cuja mediação editorial se

assenta sob os moldes da interação e dos relatórios abertos. Esta iniciativa visa analisar a dinâmica da formação de redes dialógicas no contexto da Administração brasileira a partir do relacionamento entre autores e examinadores.

Ainda como recomendação de pesquisas futuras, propõe-se analisar as redes temáticas no domínio da OPR a partir de seus pilares e dos pesquisadores que os abordam, bem como verificar as influências acadêmicas do ILLINGWORTH, S. – ator que desempenhou maior número de vínculos enquanto correspondente – analisando as evidências a partir das citações e referências dos artigos de periódicos nos últimos cinco anos. É possível também estudar as tendências temáticas e as influências acadêmicas das produções acadêmicas sobre OPR, oriundas de grupos de pesquisas, cadastrados no diretório do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

REFERÊNCIAS

- ABADAL, E.; ANGLADA, L. Políticas de ciência abierta em Europa. In: BORGES, M. M.; CASADO, E. S. (org.). **Sob a lente da ciência aberta: olhares de Espanha, Portugal e Brasil**. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2021. p. 45-66.
- ACIOLI, S. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, Londrina, v. 12, número especial, 2007.
- ALBAGLI, S. Ciência aberta como instrumento de democratização do saber. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15 n. 3, p. 659-664, set./dez. 2017.
- ALBAGLI, S. Ciência aberta: movimento de movimentos. In: SHINTAKU, M.; SALES, L. (org.). **Ciência aberta para editores científicos**. São Paulo: ABEC Brasil, 2019. p.15-19.
- ALBAGLI, S.; CLINIO, A.; RAYCHTOCK, S. Ciência aberta: correntes interpretativas e tipos de ação. **LIINC em Revista**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 434-450, nov. 2014.
- ALBARRACÍN, M. L. G.; CASTRO, C. M.; CHAPARRO, P. E. Importancia, definición y conflictos de la autoría en publicaciones científicas. **Revista Bioética**, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 10-16, mar. 2020.
- ALEJANDRO, V. A. O.; NORMAN, A. G. **Manual introdutório à análise de redes sociais**. Jun. 2005.
- ALLEN, C.; MEHLER, D. A. Open science challenges, benefits and tips in early career and beyond. **Plos Biology**, [S. l.], v. 17, n. 12, May. 2019.
- ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. In: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015.p. 1-13.
- ÁLVARES, L. M. A. R. **Telecentros de informação e negócios como veículo de educação corporativa nas microempresas e empresas de pequeno porte**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- AMARAL, C. E. M.; BOSI, M. L. M. O desafio da análise de redes de saúde no campo da saúde coletiva. **Saúde e Sociedade**. São Paulo, v. 26, n. 2, p.424-434, 2017.
- AMSEN, E. What is open peer review?. **F1000Research Blog**, Rockville, may, 2014.
- ANDRADE, D. M. C.; DAVID, H. C. M. S. Análise de redes sociais: uma proposta metodológica para a pesquisa em saúde e na enfermagem. **Revista de Enfermagem da Universidade Estadual do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 6, p. 852-855, nov./dez. 2015.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (ANGRAD). **Veja como retirar informações ocultas de seu artigo**. abr. 2020. Disponível em: <http://angrad.org.br/veja-como-retirar-informacoes-ocultas-de-seu-artigo/>. Acesso em: 30 abr. 2022.

APOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para produção do conhecimento científico**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ARAÚJO, C. A. A. **O que é Ciência da Informação**. Belo Horizonte: KMA, 2018.

ARAÚJO, J.; DIEB, M. COSTA, S. O QNP e as dificuldades de construção do objeto de pesquisa: uma experiência de aprendizagem mediada sobre o gênero projeto de pesquisa. **Delta**, v. 33, n. 3, p. 730-758, 2017.

ARMSTRONG, J. S. Peer review for journals: evidence on quality control, fairness and innovation. **Science and Engineering Ethics**, [S. l.], v. 3, p. 63-84, Mar. 1998.

ASSANTE, M. et al. Enacting open science by D4Science. **Future Generation Computer Systems**, London, v. 101, p. 555-563, May. 2019.

BALANCIERI, R. **Análise de redes de pesquisa em uma plataforma de gestão em ciência e tecnologia: uma aplicação à plataforma lattes**. 2004. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

BARBOUR, V. et al. Amending published articles: time to rethink retractions and corrections. **F1000Research**, London, v. 6, p. 1-16, July. 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARNES, J. A. Class and committees in a Norwegian Island parish. **Human Relation**, [S. l.], v. 7, p. 39, 1954.

BEM, D. J. Writing the empirical journal article. In: Darley, J. M. P. (Eds.). **The compleat academic**. 2. ed. Washington, American Psychological Association, 2003.

BENELLI, S. J.; FERRI, G. G.; FERREIRA JÚNIOR, N. Problematizando a noção de rede, suas origens e algumas de suas aplicações atuais. **Revista de Psicologia da Universidade Estadual de São Paulo**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 54-73, 2015.

BEZ, G. S.; FARACO, R. A.; ANGELONI, M. T. Aplicação da técnica de análise de redes sociais em uma instituição de ensino superior. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 26., 2010, Vitória. **Anais [...]**. Vitória: ANPAD, 2010. p. 1-16.

BIOMED CENTRAL. Peer review process. 2022. Disponível em: <https://www.biomedcentral.com/getpublished/peer-review-process>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BIROCHI, R. **Metodologia de estudos em Administração**. Florianópolis: CAD, 2017.

BOLDT, A. Extending arXiv.org to achieve open peer review and publishing. **Journal of Scholarly Publishing**, Toronto, v. 42, n. 2, p. 238-242, jan. 2011.

BONITO, J. **Sociometria**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências da Educação) - Universidade de Évora, Évora, 2018.

BORNMANN, L. *et al.* In public peer review of submitted manuscripts, how do reviewer comments differ from written by interested members of the scientific community. **Springer**, New York, v. 93, n. 3, p. 915-929, dec. 2012.

BOTOMÉ, S. P. Avaliação entre pares na ciência e na academia: aspectos clandestinos de um julgamento nem sempre científico, acadêmico ou de avaliação. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 335-355, 2011.

BOTT, E. **Family and social networks**. New York: The Free Press, 1957.

BOYACK, K. W.; CHEN, M. C.; CHACKO, G. Characterization of the peer review network at the center for scientific review, national institutes of health. **Plos One**, San Francisco, v. 9, n. 8, p. 1-13, Aug. 2013.

BRASIL. **Classificação Decimal Universal**. 2. ed. Brasília: IBICT, 2007.

BRAVO, G. *et al.* Hidden connections: Network effects on editorial decisions in four computer science journals. **Journal of Informetrics**, [S. l.], v. 12, p. 101-112, 2018.

BREI, V. A. *et al.* Um guia de avaliação de artigos para área do marketing. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1551/155152470008/html/>. Acesso em: 21 dez. 2022.

BUCKLEY, C. A. *et al.* Proresolving Lipid Mediators and Mechanisms in the Resolution. **Immunity**, v. 40, n. 3, p. 315-317, Mar. 2014.

BUTTS, C. T. Exact bounds for degree centralization. **Social Networks**, [S. l.], v. 28, n. 4, p. 283-296, 2006.

BUTTS, C. T. Social network analysis: A methodological introduction. **Asian Journal of Social Psychology**. [S. l.], v. 11, p. 13-41, 2008.

CAIADO, F. R. **Comunicação e redes algoritmos em grafos**. nov. 2021. 1 Slide. Disponível em: <https://silo.tips/download/bc-0506-comunicacao-e-redes-algoritmos-em-grafos>. Acesso em: 01 jul. 2022.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 6, n. 2, p. 179-191, jul./dez. 2013.

CAMARATA, S. **The dark side of social media activism in science**. Nov. 2019. Disponível em: <https://www.psychologytoday.com/us/blog/the-intuitive-parent/201907/the-dark-side-social-media-activism-in-science>. Acesso e: 01 ago. 2021.

CAMPANHARO, A.; RAMOS, F. M. Utilização da teoria de redes complexas para a análise de séries temporais. In: WORKSHOP DOS CURSOS DE MESTRADO E DOUTORADO EM COMPUTAÇÃO APLICADA, 10., 2010, São José dos Campos. **Anais [...]**. São José dos Campos: INPE, 2010.

CÂNDIDO, G. A.; ABREU, A. F. Os Conceitos de Rede e as Relações Interorganizacionais: um estudo exploratório. In: ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 24., 2000, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: ANPAD, 2000.

CAPRA, F.; LUISI, P. L. **A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix, 2014

CARIBÉ, R. C. V. Comunicação científica: reflexões sobre o conceito. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 3, p. 89-104, set./dez. 2015.

CARVALHO, J. S. A natureza das redes e comunidades virtuais de aprendizagem. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 12, n. 13, p. 77-100, jul. 2009.

CARVALHO, K. Redes sociais: presença humana e comunicação informal. In: POBLACION, D. A.; MUGNAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. C. (org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica**. São Paulo: Angellara, 2009. p. 169-204.

CASELLA, M. Social peer-review e scienze umane, ovvero "della qualità nella Repubblica della scienza". **Archivistica e Scienza Dell'Informazione**, Macerata, v. 1, n. 1, p. 111-132, giugno, 2010.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CHEN, W. Social network analysis supporting collaborative knowledge building. In: INTERNATIONAL WORKSHOP ON SOCIAL INFORMATICS, 9., 2009, Washington. **Anais [...]**. Washington: Massachusetts Avenue, 2009. p. 46-51.

CINTRA, A. M. M. et al. **Para entender as linguagens documentárias**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

CLEMENTI, J. A. et al. Mídias sociais e redes sociais: conceitos e características. In: SEMINÁRIO UNIVERSIDADES CORPORATIVAS E ESCOLAS DE GOVERNO, 1., 2017, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: SUCEG, 2017. p. 455-467.

CLINIO, A. Ciência Aberta na América Latina: duas perspectivas em disputa. **Transinformação**, Campinas, v. 31, p. 1-12, 2019.

CLOBRIDGE, A. Open peer review: the next wave of open knowledge. **Online Searcher**, [S. l.], v. 40, n. 4, p. 52-60, 2016.

COMISIÓN EUROPEA. **Recomendación relativa al acceso a la información científica y a su preservación**. 2017. Disponível em: <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/>. Acesso em: 04 maio. 2021.

COMISIÓN EUROPEA. **Open science policy platform recommendations**. 2018. Disponível em: https://ec.europa.eu/research/openscience/pdf/integrated_advice_opsppl_recommendations.pdf. Acesso em: 05 maio. 2021.

COMMITTEE ON PUBLICATION ETHICS. **Cope ethical guidelines for peer reviewers**. Mar. 2013. Não paginado. Disponível em: <https://publicationethics.org/files/Peer%20review%20guidelines.pdf>. Acesso em: 15 maio. 2022.

CORTEGIANI, A. *et al.* A systematic review on the efficacy and safety of chloroquine for the treatment of COVID-19. **National Library of Medicine**, v. 57, p. 279-283, 2020.

COSTA, A. F. **Análise das redes sociais nas ações de acompanhamento da tuberculose**. 2016. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016.

COSTA, M. **Políticas promotoras de ciência aberta**. 2019. Disponível em: https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/20191113_2EncontroCAPESdeCienciaAberta_MichelleCosta.pdf. Acesso em: 08 jun. 2021.

COUTO CORRÊA, F. **Gestión de datos de investigación**. Barcelona: Editorial UOC, 2016.

CRANE, D. The gatekeepers of science: some factors affecting the selection of articles for scientific journal. **The American Sociologist**, New York, v. 2, n. 4, p. 195-201, 1967.

CRESWELL, J. W.; LOPES, M. F.; SILVA, D. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman Artmed, 2010.

CROSS, R.; PRUSAK, L.; PARKER, A. **Where work happens: the care and feeding of informal networks in organizations**. Mar. 2002. Disponível em: http://coin.wne.uw.edu.pl/~lhardt/iko_wwh.pdf. Acesso em: 17 jun. 2022.

CUNHA, M. B.; AMARAL, S. A.; DANTAS, E. B. **Manual de estudo de usuários da informação**. São Paulo: Atlas, 2015.

DAY, R. How to write and publish scientific. **Publisher**, v. 93, n. 3, 1998.

De COURSEY, T. Perspective: the pros and cons of open peer review. **Nature International Weekly Journal of Science**, London, June, 2006.

DENSON, S. Open peer-review as multimodal scholarship. **Cinema Journal**, Texas, v. 56, n. 4, p. 141-143, Summer 2017.

DIAS, L. C. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. (org.). **Redes, sociedades e territórios**. 3. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2021.

DONADELLI, J. **Teoria dos grafos: uma breve introdução com algoritmos**. 2010. Disponível em: <http://aleph0.info/cursos/tg/2011-q3/grafos-jair-donadelli.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

DONATO, H. Peer review: the heart of scientific journals. **Gaz Medical**, [S. l.], v. 4, n. 1, Sept. 2017.

DONDIO, P. *et al.* The “invisible hand” of peer review: The implications of author-referee networks on peer review in a scholarly journal. **Journal of Informetrics**, [S. l.], v. 13, p. 708-716, 2019.

DROESCHER, F.; SILVA, E. O pesquisador e a produção científica. **Perspectivas em Ciência da informação**, Belo Horizonte, v.19, n.1, p.10-189, jan./mar. 2014

DUNCAN, L.; CHENG, K. Public perception of NHS general practice during the first six months of the COVID-19 pandemic in England. **F1000Research**, England, v. 10, p. 275-280, 2021.

EHRlich, K.; CARBONI, I. **Inside social network analysis**. 2005. Disponível em: <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.372.1960&rep=rep1&type=pdf>. Acesso em: 01 ago. 2022.

EINHORN, H. J. Responsibility of journal editors and referees. **American Psychologist**, [S. l.], v. 26, n. 6, p. 600-601, 1971.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). **O que é Ciência aberta**. n. 13, 2019. Disponível em: <https://www.embrapa.br/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/seb-anterior/seb-em-acao-janeiro>. Acesso em: 02 ago. 2021.

ESLOVÊNIA. **National strategy of open access to scientific publications and research data in Slovenia 2015-2020**. 2015. Disponível em: http://www.mizs.gov.si/fileadmin/mizs.gov.si/pageuploads/Znanost/doc/Zakonodaja/Strategije/National_strategy_for_open_access.pdf. Acesso em: 05 maio. 2021.

FARINA, M. C. Análise de redes sociais. In: GOULART, E. E. (org.). **Mídias sociais: uma contribuição de análise**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2014.

FARINA, M. C. et al. Uma investigação da centralidade e da densidade de uma rede de empresas que atuam na realização de festas e de casamentos. **Revista Alcance Eletrônica**, [S. l.], v. 20, n. 2, p. 170-185, abr./jun. 2013.

FECHER, B.; FRIESIKE, S. Open science: one term, five schools of thought. **German Data Forum**, [S. l.], v. 218, p. 1-11, May. 2013.

FECHER, B.; FRIESIKE, S. Open science: one term, five schools of thought. In: BARTLING, S.; FRIESIKE, S. (org.). **Opening Science: the evolving guide on how the internet is changing research, collaboration and scholarly publishing**. London: Springer Open, 2014. p. 17-48.

FELMLEE, D.; MCMILLAN, C.; WHITAKER, R. Dyads, triads, and tetrads: a multivariate simulation approach to uncovering network motifs in social graphs. **Applied Network Science**, [S. l.], v. 6, n. 63, p. 1-26, 2021.

FERREIRA, A. L.; BRASIL, T. L.; ACIOLY-RÈGNIER, N. M. O sociograma e os processos grupais: uma experiência no campo grupal. **Comunicações**, Piracicaba, v. 25, n. 2, p. 137-166, maio/ago. 2018.

FERREIRA, G. C. Redes sociais de informação: uma história e um estudo de caso. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.16, n.3, p.208-231, jul./set. 2011.

FINLÂNDIA. **National plan open science**. 2017. Disponível em: https://www.openscience.nl/binaries/content/assets/subsites-evenementen/open-science/national_plan_open_science_the_netherlands_february_2017_en_.pdf. Acesso em: 05 maio. 2021.

FITZPATRICK, K. **Planned obsolescence: publishing, technology, and the future of the academy**. New York: Kindle Edition, 2012.

FORD, E. Defining and characterizing open peer review: a review of literature. **Journal of Scholarly Publishing**, Toronto, v. 44, n. 4, p. 311-326, july, 2013.

FORD, E. Open peer review for STEM Journals: na observational overview. **F1000Research: Open for Science**, Rockville, v. 4, n. 5, p. 1-15, aug. 2015.

FOSTER. **Open science training handbook**. Feb. 2015. Disponível em: <https://www.fosteropenscience.eu/content/open-science-training-handbook>. Acesso em: 10 jun. 2021.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. Estudos de redes sociais. In: FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. (org.). **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 115-138.

FRANÇA. **Pour une république numérique**. 2016. Disponível em: <https://www.legifrance.gouv.fr/eli/loi/2016/10/7/ECFI1524250L/jo/texte>. Acesso em: 06 maio. 2021.

FRANÇA, A. L. D. **Violência e crimes políticos: estudo centrado na teoria fundamentada e análise de redes sociais**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

FRANÇA, A. L. D.; PINHO NETO, J. A. S.; DIAS, G. A. A ciência da informação e o pensamento de Bruno Latour: implicações para a análise de redes sociais. **Informação e Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 25, n. 1, p. 137-144, jan./abr. 2015.

FREEMAN, C. L. **The development of social network analysis: a study in the sociology of science**. Vancouver, Empirical Press, 2004.

FREIRE, G. H. A.; FREIRE, I. M. **Introdução à ciência da informação**. 2. ed. João Pessoa: EdUEPB, 2015.

FREITAS, M. C.; PEREIRA, H. B. B. Contribuição da análise de redes sociais para o estudo sobre os fluxos de informações e conhecimento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2005.

FRIESIKE, S. *et al.* Opening science: towards na agenda for open science in academia and industry. **The Journal of Technology Transfer**, [S. l.], v. 40, p. 581-601, Nov. 2015.

FRONTIERS. **Peer review: key features os frontiers collaborative peer review**. 2022. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/about/peer-review>. Acesso em: 01 set. 2022.

FU, Darwin; HUGHEY, Jacob. Releasing a preprint is associated with more attention and citations for the peer-reviewed article. **E-Life**, United Kingdom, v. 6, n. 8, p. 1-12, Dec. 2019.

FUENTE, G. B. **What is Open Science? Introduction**. Disponível em: <https://www.fosteropenscience.eu/content/what-open-science-introduction>. Acesso em: 19 jun. 2022

FUNARO, V. M. B. O. *et al.* Redes colaborativas entre autores de revistas científicas em odontologia e medicina. In: POBLACIÓN, D. A.; MUGNAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. C. (org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica**. São Paulo: Angellara, 2009. p. 347-378.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Ciência aberta na Fiocruz**. 2018. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/ciencia-aberta>. Acesso em: 10 ago. 2021.

F1000RESEARCH. **For reviewers**. 2022. Disponível em: <https://F1000Research.com/for-referees/guidelines>. Acesso em: 15 maio. 2022.

GALLAGHER, R. V. *et al.* Open science principles for accelerating trait-based science across the Tree of life. **Nature Ecology & Evolution**, London, v. 4, p. 294-303, Feb. 2020.

GARBADO, A. D. **Análise de redes sociais: uma visão computacional**. São Paulo: Novatec, 2015.

GARCIA, J. C. R. Incursões sobre avaliação aberta. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 8, n. 3, p. 81-94, set./dez. 2021.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. G. Open peer review sob a ótica dos editores das revistas brasileiras de Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: UNESP, 2017.

GARCIA, J. C. R.; TARGINO, M. G. O futuro da open peer review na ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: UEL, 2018.

GARCIA, L. G. **Elaboração e implementação piloto de um portal para o apoio à cooperação científica e tecnológica e sua aplicação à área de tratamento de superfícies metálicas**. 2005. Tese (Doutorado em Ciência e Engenharia de Materiais) – Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2005.

GARTON, L.; HAYTHORNTHWAITE, C.; WELLMAN, B. Studying online social networks. **Journal of Computer-Mediated Communication**, [S. l.], v. 3, n. 1, Jun. 1997.

GARVEY, W. D. Communication and information process within scientific disciplines, empirical findings for psychology. In: GARVEY, W. D. **Communication: the essence of science, facilitating information among librarians, scientists, engineers and students**. Oxford: Pergamon, 1979.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014.

GOMES, R. A análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 79-108.

GONDIM, L. M. P.; LIMA, J. C. **A pesquisa como artesanato intelectual: considerações sobre método e bom senso**. São Carlos: EdUFSCar, 2010.

GOUVEIA, R. **Leis de Kirchhoff**. 2022. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/leis-de-kirchhoff/>. Acesso em: 01 ago. 2022.

GRABINSKI, C. Redes de pesquisa no cenário da internacionalização. In: MOROSINI, M. (org.). **Guia para internacionalização universitária**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2019. p. 103-114.

GRÁCIO, M. C. C. Colaboração científica: indicadores relacionais de coautoria. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**. V. 12, n. 2, p.24-32, 2018.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, [S. l.], v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973.

GRANOVETTER, M. S. The strength of weak ties: a theory revisited. In: MARSDEN, P. V.; LIN, N. (org.). **Social structure and network analysis**. London: Sage, 1982. p. 1360-1380.

GRESSLER, L. A. **Introdução à pesquisa: projetos e relatórios**: Loyola, São Paulo, 2004.

GRGIC, H. Otvorenost u znanosti i visokom obrazovanju. **Skolska Knjiga**, Zagreb, p. 80-92, 2018.

GUIMARÃES, O. G. **Teoria dos grafos**. Disponível em: <http://www2.dc.ufscar.br/~jose/courses/tg/btg.pdf>. Acesso em: 13 ago. 2022.

GUIRADO, J.; OLIVEIRA, M.; TAVARES, R. Análise cientométrica sobre a produção científica em Meditação nos periódicos da Medicina. **Informação em Pauta**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 99-121, jan./jun. 2020.

HAHNEL, M. Global funders who require data archiving as a condition of grants. **Figshare**, [S. l.], v. 1, 2015.

HANG, C.; SIA, K. C.; CHAN, C. H. **Advanced peer clustering and firework query model in the peer-to-peer network**. 2003. Disponível em: <https://openreview.net/forum?id=rJWzFG-ubS>. Acesso em: 21 ago. 2022.

HATALA, J. P. Social network analysis in human resource development: a new methodology. **Human Resource Development Review**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 45-71, mar. 2006.

HAUSTEIN, S. *et al.* Reasons for and development in international scientific collaboration: does an Asia–Pacific research area exist from a bibliometric point of view? **Scientometrics**, v.86, n.3, p.727-746. 2011.

HEISE, C.; PEARCE, J. M. From open access to open science: the path from scientific reality to open scientific communication. **Sage Open**, [S. l.], p. 1-14, June. 2020.

HEY, T. *et al.* (eds.). “**The fourth paradigm: data-intensive scientific discovery**”, Washington: Microsoft Research, 2009.

HIGGINS, S. S.; RIBEIRO, A. C. A. **Análise de redes em Ciências Sociais**. Brasília: ENAP, 2018.

HURD, J. M. The transformation of scientific communication: a model for 2020. **Journal of the American Society for Information Science**, [S. l.], v. 51, n. 14, p. 1279-1283, 2000.

IGLIČ, H. *et al.* With whom do researchers collaborate and why? **Scientometrics**, v.112, n.1, p. 1-22, 2017.

INÁCIO, A.; AMANTE, M. J. Ciência aberta e novas (velhas) formas de fazer e comunicar ciência: ética, integridade e investigação responsável. **Páginas A&B**, Lisboa, v. 3, p. 83-86, 2021.

INOMATA, D. O. Ciência aberta e serviços em repositórios digitais: reflexões conceituais e perspectivas para formação de redes colaborativas e no ecossistema de conhecimento. In: BARBALHO, C. R. S.; INOMATA, D. O.; GALVES, J. M. (org.). **A ciência aberta e seus impactos na Região Norte do Brasil**. Manaus: EDUA, 2019. p. 73-95.

JACOMY, M. *et al.* ForceAtlas2, a continuous graph layout algorithm for handy network visualization designed for the Gephi software. **Plos One**, San Francisco, v. 9, n. 6, p. 1-12, June. 2014.

JAMALI, M.; ABOLHASSANI, H. Different Aspects of Social Network Analysis. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON WEB INTELLIGENCE, 1., 2006, Hong Kong. **Anais [...]**. Hong Kong: WIC, 2006. p. 66-72.

JANA, S. A history and development of peer-review process. **Annals of Library and Information Studies**, [S. l.], v. 66, p. 152-162, Dec. 2019.

JENAL, S. *et al.* O processo de revisão por pares: uma revisão integrativa de literatura. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 25, n. 5, p. 802-808, 2012.

JOB, I.; MATTOS, A. M.; TRINDADE, A. Processo de revisão pelos pares: por que são rejeitados os manuscritos submetidos a um periódico científico. **Movimento**, [S. l.], v. 15, n. 3, p. 35-55, jul./set. 2009.

KELLY, J.; SADEGHIEH, T.; ADELI, K. Peer review in scientific publications: benefits, critiques, & a survival guide. **The Journal of the International Federation of Clinical Chemistry and Laboratory Medicine**, Rockville, v. 25, n. 3, p. 227-243, oct. 2014.

KOERBER, A. is its fake news or is its open science? science communication in the COVID-19 pandemic. **Sage Open**, [S. l.], v. 35, n. 1, p. 22-27, 2021.

KRIPPENDORFF, K. **Content analysis: an Introduction to its methodology**. Londres: Sage, 2004.

LAAKSO, M. et al. The development of open access journal publishing from 1993 to 2009. **Plos One**, San Francisco, v. 6, n. 6, p. 1-10, June. 2011.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2004.

LARA, M. L. G.; LIMA, V. M. A. Termos e conceitos sobre redes sociais. In: POBLACIÓN, D. A.; MUGNAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. C. (org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica**. São Paulo: Angellara, 2009. p. 605-639

LAZEGA, E.; HIGGINS, S. S. **Redes sociais e estruturas relacionais**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2014.

LEE, C. Open peer review by a selected-papers network. **Frontiers in Computational Neuroscience**, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 1-15, 2012.

LEE, C. et al. Bias in peer review. **Journal of The Association for Information Science and Technology**, [S. l.], v. 64, p. 2-17. 2013.

LEEK, J. T.; TAUB, M. A.; PINEDA, F, J. Cooperation between Referees and Authors Increases Peer Review Accuracy. **Plos One**, San Francisco, v. 6, n. 11, p. 1-11, Nov. 2011.

LEITE, A. C. F. **Olhares sobre a avaliação por pares: institucionalização e limites da avaliação por pares no CNPq (1975 – 2016)**. 2018. Tese (Doutorado em Educação em Ciências) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LEMIEUX, V.; OUMET, M. **Análise estrutural das redes sociais**. Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

LEVIN, N.; LEONELLI, S.; WECKOWSKA, D. How do scientists define openness? exploring the relationship between open science policies and research practice. **Sage Open**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 128-141, 2016.

LIEVROUW, L. A. social media and the production of knowledge: a return to little science? **Social Epistemology**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 219-237, July. 2010.

LIRA, S. L. **Modelo de comunidade de práticas com foco na gestão do conhecimento no ambiente contábil público de Universidades Federais brasileiras**. 2019. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

LLOYD, M. E. Gender factors in reviewer recommendations for manuscript publication. **Journal Of Applied Behavior Analysis**, [S. l.], v. 23, n. 4, p. 539-543, 1990.

LOURENÇO, R. S. **Análise de redes sociais na produção criativa: uma aplicação aos compositores da bossa nova.** 2012. Dissertação (Mestrado em Economia) – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2012.

MAHARG, P.; DUNCAN, N. 'Black box, pandora's box or virtual toolbox? an experiment in a journal's transparent peer review on the web. **International Review o/Law, Computers & Technology**, v. 21, n. 2, p. 109-128, 2007.

MAIA, F. C.; FARIAS, M. G. G. Contribuição das dimensões dialógica e ética da mediação da informação para a revisão por pares aberta. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, 2022.

MALTA, G. H. S. **Grafos no ensino médio: uma inserção possível.** 2008. Dissertação (Mestrado em Matemática) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico.** 9. ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MARTELETO, R. M. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, R. M. Informação, rede e redes sociais – fundamentos e transversalidades. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1 2, número especial, 2007.

MARTELETO, R. M.; TOMAÉL, M. I. A metodologia de análise de redes sociais (ARS). In: VALENTIM, M. L. P. (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação.** São Paulo: Polis, 2005.

MARTINS, D. L. **Análise de redes sociais de colaboração científica no ambiente de uma de uma federação de bibliotecas digitais.** 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MARTINS, G. A.; THEÓPHILO, C. R. **Metodologia da investigação científica para Ciências Sociais Aplicadas.** 3. ed. São Paulo: Atlas, 2016.

MARTINS, H. C. A importância da ciência aberta na pesquisa em administração, *Revista de Administração Contemporânea*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-8, jan./fev. 2019.

MARTINS, V.; MACAMBIRA, C. Análise de redes sociais informais. **Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional**, v. 25 n.25, p. 3-21, jan/dez. 2021

MATHEUS, R. F.; SILVA, A. B. O. Fundamentação básica para análise de redes sociais: conceitos metodologias e modelagem matemática. In: POBLACIÓN, D. A.; MUGNAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. C. (org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica.** São Paulo: Angellara, 2009. p. 239-287.

MATURANA, H. R. & VARELA, F. J. **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Pala Athenas, 2001.

MATSON, P.; SUNDBERG, C.; LAGET, P. Is correspondence reflected in the author position? A bibliometric study of the relation between corresponding author and byline position. **Scientometrics**, v. 4, p. 99-105, Apr. 2010.

MATTHEWS, P. C. Fairness in scientific publishing. **F1000Research**, London, v. 5, p. 1-16, June. 2017.

MCGIFFERT, M. Is justice blind? An inquiry into peer review. **Scholarly Publishing**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 43-48, 1988.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 1999.

MEIRA, R. L. et al. Redes sociais. In: PIMENTEL, Marianno; FUKS, Hugo (org.). **Sistemas colaborativos**. Rio de Janeiro: Campus, 2011. p. 53-64.

MENDES, R. M.; MISKULIN, R. G. S. Análise de conteúdo como uma metodologia. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 47 n. 165 p. 1044-1066 jul./set. 2017.

METZKER NETTO, C. **Redes e relações sociais no setor de calçados da feira de artes, artesanato e produtores de variedades da avenida Afonso Pena**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MINAYO, M. C. S. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 27. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 9-30.

MITCHELL, C. J. Social network. **Annual review of Anthropology**, Palo Alto, v.3, p.279-299, jan. 1974.

MONTEIRO, E. C.; SANT'ANNA, R. C. Plano de gerenciamento de dados em repositórios universitários. 2017. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/147/14762417015/html/>. Acesso em: 22 ago. 2022.

MORENO, J. L. **Who shall survive?** a new approach to the problem of human relations. Washington: Nervous and Mental Disease Publishing Co., 1934.

MOTA, G. O. **Teoria dos grafos**. São Paulo: UFABC, 2019.

MUELLER, S. P. M. O impacto das tecnologias de informação na geração do artigo científico: tópicos para estudo. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 23, n. 3, dez. 1994.

MUELLER, S. P. M. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 2, p. 27-38, maio/ago. 2006.

MULLIGAN, A.; HALL, L.; RAPHAEL, E. Peer review in a changing world: an international study measuring the attitudes of researchers. **Journal Of The American Society For Information Science And Technology**, [S. l.], v. 64, n. 1, p. 132-161, 2013.

MUSSO, P. Filosofia da rede. In: PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010

NASSI-CALÒ, L. Artigo analisa a saturação dos revisores por pares. **Blog Scielo em Perspectiva**, São Paulo, jan. 2015a.

NASSI-CALÒ, L. Avaliação por pares: ruim com ela, pior sem ela. **Blog Scielo em Perspectiva**, São Paulo, abr. 2015b.

NASSI-CALÒ, L. Potenciais vantagens e desvantagens na publicação de pareceres. **Blog Scielo em Perspectiva**, São Paulo, abr. 2019.

NEYLON, C. The local and global: puncturing the myth of the international journal. **Blog Scielo em Perspectiva**, São Paulo, abr. 2018.

NEWMAN, D. E.; LUFT, L. L. The peer review process: education versus control. **American Journal of Psychiatry**, [S. l.], v. 131, p. 1363-1366, 1974.

NICHOLSON, J.; ALPERIN, J. P. A brief survey on peer review in scholarly communication. **The Winnower**, New York, oct. 2016.

NOBARANY, S.; BOOTH, K. Use of politeness strategies in signed open peer review. **Journal of the Association for Information Science and Technology**, Raleigh, v. 66, n. 5, p. 1-45, may, 2015.

NOSEK, B. A. *et al.* Promoting an open research culture. **Science**, London, v. 642, n 6242, p. 1422-1425, June. 2015.

OBOOKATA, H. *et al.* Retracted article Stimulus-triggered fate conversion of somatic cells into pluripotency. **Nature**, [S. l.], v. 505, p. 641-647, Jan. 2014.

OLINTO, G. Equilíbrio de gênero em ciência y tecnologia y el sector público en Brasil. In: Congresso Ibero Americano de Ciência Tecnologia y Género, 6., 2006. Zaragoza. **Anais [...]**. Zaragoza: EDICIC, 2006.

OLIVEIRA, C. C. *et al.* A teoria da citação de dados: uma revisão da produção científica na América Latina. **TransInformação**, Campinas, 34, 2022.

OLIVEIRA, F. T. Revendo o debate quantidade-qualidade: tendências da pesquisa na Biblioteconomia e Ciência da Informação. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 1, p. 53-62, jan./abr. 2003.

OLIVEIRA, M.; GAMA, J. An overview of social network analysis. **John Willey and Sons**, New York, v. 2, p. 99-115, Mar./Apr. 2012.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Principles and guidelines for access to research data from public funding**. Paris: OEDC, 2007.

OSTROSKI, A.; MENONCINI, L. Teoria dos grafos e aplicações. In: ENCONTRO REGIONAL DE MATEMÁTICA APLICADA E COMPUTACIONAL, 13., 2009, Pato Branco. **Anais [...]**. Pato Branco: UTFPR, 2009. p. 1-6.

OTLET, P. **Traite de documentation**. Edições Mundaneum, Bruxelas, 1934.

OXFORD LANGUAGES. **Oxford portuguese dictionary**. Oxonia: Oxford University Press, 2020.

PACKER, A.; MENDONÇA, A. O periódico educação em revista avalia somente preprints no modelo “publicar, depois revisar”. **Scielo em Perspectiva**, São Paulo, jul. 2021.

PADILHA, M. I.; BARBOSA, D. A. Ciência aberta e preprint. **Revista da Associação Brasileira de Enfermeiros de Centro Cirúrgico, Recuperação Anestésica e Centro de Material de Esterilização**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 1-2, jan./mar. 2019.

PAPANAS, N.; MIKHAILIDIS, D. P. Alice through the looking-glass: can we improve peer review?. **The International Journal of Lower Extremity Wounds**, [S. l.], p. 1-4, Mar. 2022.

PARENTE, A. (org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010

PATRUS, R.; DANTAS, D. C.; SHIGAKI, H. B. Pesquisar é preciso. Publicar não é preciso: história e controvérsias sobre a avaliação por pares. **Avaliação**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 799-820, nov. 2016.

PAVAN, C.; STUMPF, I. R. C. Avaliação pelos pares nas revistas de Ciência da Informação: procedimentos e percepções dos atores. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 14, n. 28, p. 72-92, 2009.

PETERS, D. P.; CECI, S. J. Peer-review practices of psychological journals: the fate of published articles submitted again. **Behavioral and Brain Sciences**, London, v. 5, n. 2, p. 187–195, 1982.

PEZZI, R. P. Ciência aberta: hipertextos e hiperobjetos. In: ALBAGLI, S.; MACIEL, M. L.; ABDO, A. H. (org.). **Ciências abertas: questões abertas**. Brasília: IBICT; Rio de Janeiro: UNIRIO, 2015. p. 169-200.

PONTIKA, N. *et al.* Fostering open science to research using a taxonomy and an eLearning portal. **ACM Digital library**, Graz, Oct. 2015.

PÖSCHL, U. Multi-stage open peer review: scientific evaluation integrating the strengths of traditional peer review with the virtues of transparency and self-regulation. **Frontiers in Computational Neuroscience**, Rockville, v. 6, n. 33, p. 1-16, july, 2012.

PRESTES, E. **Introdução à teoria dos grafos**. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RANALLI, B. T. A Prehistory of peer review: religious blueprints from the hartlib circle. spontaneous generations: **a journal for the history and philosophy of science**, Ontário, v. 5, n. 1, p. 12-18, 2011.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

- RECUERO, R. **Introdução à análise de redes sociais online**. Salvador: EDUFBA, 2017.
- RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes sociais para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2020.
- RENNIE, D. Peer review: its Development and rationale. In: GOODLEE, F; JEFFERSON, T. (ed.). **Peer Review in Health Sciences**. London: BMJ, 1999. p. 1-13.
- RIBEIRO, A. C. **Sobre grafos de Cayley, permutações e circuitos reversíveis**. 2013. Tese (Doutorado em Engenharia de Sistemas de Computação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.
- RIOS, F. P.; LUCAS, E. R. O.; AMORIM, I. S. Manifesto do movimento de acesso aberto: análise de domínio. In: ENCONTRO IBEROAMERICANO EDICIC, 8., 2017, Coimbra. **Anais [...]**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. p. 227-234.
- RODRIGUES, G. C. F. S.; BRENNAND, E. G. **Ecossistemas de aprendizagem em sites de redes sociais**. João Pessoa: EdUFPB, 2021.
- ROMERO, C.; VENTURA, S. Data mining in education. **Wiley Interdisciplinary Reviews**, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 12-27, Jan./Feb. 2013.
- ROSS-HELLAUER, T. What is open peer review: a sistematic review. **F1000 Research: Open for Science**, Rockville, v. 6, n. 5888, p. 1-30, Oct. 2017.
- ROSS-HELLAUER, T.; DEPPE, A.; SCHMIDT, B. Survey on open peer review: attitudes and experience amongst editors, authors and reviewers. **Plos One**, San Francisco, p. 1-28, dec. 2017.
- ROSS-HELLAUER, T.; GÖRÖGH, E. Guidelines for open peer review implementation. **BMC**, Graz, v. 4, n. 4, p. 1-12, 2019.
- ROWLAND, R.; MOYLAN, E. We're open! Open peer review revisited. **BioMed Central**, London, july, 2016.
- ROWNEY, J.; ZENISEK, T. Manuscript characteristics influencing reviewers' decisions. **Canadian Psychology**, Toronto, v. 21, n. 1, p. 17-21, 1980.
- SAMPAIO, R. C.; LYCARIÃO, D. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: ENAP, 2021.
- SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. P. B. **Metodologia de pesquisa**. São Paulo: Penso, 2013.
- SANDEWALL, E. Publishing and reviewing in the electronic transactions on artificial intelligence. **The Electronic Transactions on Artificial Intelligence**, [S. l.], 1, p. 1-2, 1997.

SANTOS, N. R. **Análise e classificação de rumores em redes sociais**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Computação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SANTOS, P. Paul Otlet: um pioneiro da organização das redes mundiais de tratamento e difusão da informação registrada. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 36, n. 2, p. 54-63, maio/ago. 2007.

SAYÃO, L. F.; SALES, L. F. **Guia de gestão de dados científicos para bibliotecários de pesquisadores**. Rio de Janeiro: CNEN, 2015.

SCHMIDT, B. *et al.* Ten considerations for open peer review. **F1000Research**: Open for Science, Rockville, v. 7, n. 969, p. 1-11, oct. 2018.

SCHROEDER, R. e-Sciences as research technologies: reconfiguring disciplines, globalizing knowledge. **Social Science Information**, v. 47, n. 2, p. 131-157, jun. 2008.

SCOTT, J. **Social Network analysis**. Califórnia: Sage Publications, 2000

SERRAPILHEIRA. **Guia de boas práticas em ciência aberta e reprodutível**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://serrapilheira.org/wp-content/uploads/2019/11/serrapilheira-guia-ciencia-aberta-e-reprodutivel.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2021.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SHINTAKU, M.; SEABRA JÚNIOR, R. F. Abertura da ciência e os editores científicos. *In*: SHINTAKU, M.; SALES, L. (org.). **Ciência aberta para editores científicos**. São Paulo: ABEC Brasil, 2019. p. 29-33.

SHOTTON, D. The Five Stars of Online Journal Articles: a framework for article evaluation. **D-lib magazine**, [S. l.], v. 18, p. 1-2, 2012.

SILVA, A. B. O. *et al.* Análise de redes sociais como metodologia de apoio para a discussão da interdisciplinaridade na ciência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 35, n. 1, p. 72-93, jan./abr. 2006.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. T. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *In*: ENCONTRO DE ENSINO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE, 4., 2013, Brasília. **Anais [...]**. Brasília: ANPAD, 2013. p. 1-14.

SILVA, A. K. A. A dinâmica das redes sociais e as redes de coautoria. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 4, número especial, p. 27-47, out. 2014.

SILVA, A. K. A. **Redes de Co-autoria e Produção Científica em Ciência da Informação**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SILVA, A. P.; VANZ, S. A. Autoria, ordem de autoria e contribuição do autor: revisão de literatura. **Revista Digital de Biblioteconomia e Documentação**, Campinas, v. 20, nov. 2022.

- SILVA, A. O. *et al.* Colaboração entre programas de pós-graduação brasileiros em Ciência da Informação: modelagem baseada em grafos. **Informação e Informação**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 1 – 22, set./dez. 2012.
- SILVA, E.; VALENTIN, M. L. P. Avaliação da aplicação do método ‘análise de conteúdo’ em pesquisa sobre processos de gestão da informação e do conhecimento como subsídios para a geração de inovação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 24, n. 1, p. 326 – 355, jan./abr. 2019.
- SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SILVA, F. M. A.; RAMALHO, F. A.; GARCIA, J. C. R. Barreiras informacionais na ciência aberta. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., 2019, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2019.
- SILVA, K. L. N. **A visão dos editores do portal de periódicos da universidade federal da paraíba sobre a open peer review**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.
- SILVA, M. V. P.; MARTELETO, R. M. Redes de movimentos sociais na saúde e o papel do intelectual acadêmico: uma análise infocomunicacional da educação popular e saúde no Brasil. In: CONGRESSO LATINOAMERICANA DE INVESTIGADORES DE LA COMUNICACIÓN, 12., 2014. Lima. **Anais [...]**. Lima: ALAIC, 2014.
- SILVA, P. M. **Protagonismo humano-não-humano nas práticas pedagógicas**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- SILVA, T. E.; TOMAÉL, M. I. Repositórios institucionais e o modelo open. In: TOMAÉL, M. I. (org.). **Fontes de informação na internet**. Londrina: EDUEL, 2009. p. 123-149.
- SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44.
- SILVEIRA, L. *et al.* Ciência aberta na perspectiva de pesquisadores brasileiros: proposta de taxonomia. **Encontros Bibli**, Florianópolis, v. 26, p. 1-27, jun. 2021.
- SMITH, R. Peer review: a flawed process at the heart of science and journals. **Journal Of The Royal Society Of Medicine**. [S. l.], v. 99, p. 178-182, Apr. 2006.
- SOUSA, D.; CAVALCANTI, T. Erros comuns na escrita científica em língua portuguesa. In: KOLLET, S. (org.). **Produção científica**. Porto Alegre: Penso, 2014.
- SOUSA, P. T. C. Metodologia de análise de redes sociais. In: MUELLER, S. P. M. (org.). **Métodos para a pesquisa em Ciência da Informação**. Brasília: Thesaurus, 2007.
- SOUZA, A. C. S. *et al.* **Redes sociais: uma abordagem prática**. Salvador: EDUFBA, 2019.

SOUZA, E. C. L.; LUCAS, C. C.; TORRES, C. V. Práticas sociais, cultura e inovação: três conceitos associados. **Revista de Administração Faces Journal**, Belo Horizonte, v. 10 · n. 2 · p. 210-230 · abr./jun. 2011.

SOUZA, R. F. **Resolução de problemas via teoria dos grafos**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências Matemáticas e da Computação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SPINAK, E. O que é este tema os preprints?. **Scielo em Perspectiva**, São Paulo, nov. 2016.

SPINAK, E. Sobre as 122 definições de avaliação aberta por pares e mais. **Blog Scielo em Perspectiva**, São Paulo, fev. 2018.

STORCH, S. **As redes sociais já fazem parte de nosso jeito de pensar**. 2007. Disponível em: <http://www.intranetportal.com.br/e-gov/redessociais>. Acesso em: 17 jun. 2022.

STUMPF, I. Avaliação pelos pares nas revistas de comunicação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 1, p.18-32, jan./abr. 2008.

SUBRAMANYAM, K. Bilbiometric studies of re-search collaboration: a review. **Journal of Infor-mation Science**, v. 6, n. 1, p. 33-38, 1983.

SUMMER, T.; SHUM, S. B. Open peer review and argumentation: loosening the paper chains on journals. **Ariadne: Web Magazine for Information Professionals**, London, sept. 1996.

SURWILLO, W. Anonymous Reviewing and the Peer-Review Process. **American Psychologist**, New York, v. 41, n. 2, p. 218, 1986.

TARGINO, M. G.; GARCIA, J. C. R.; SILVA, K. L. N. Avaliadores da Ciência da Informação frente à open peer review. **Revista Interamericana de Bibliotecologia**, Medellín, v. 43, n. 1, p. 1-13, enero/abr. 2020.

TAUBES, Gary. publication by eletronic mail takes physics by storm. **Science**, Pennsylvania, v. 259, n. 5099, p. 1246-1248, Feb. 1993.

TELMO, F. A. **Análise de redes sociais de colaboração em bancas de defesa de doutorado na pós-graduação em Ciência da Informação**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019.

TENNANT, J.; ROSS-HALLAUER, T. The limitations to our understanding of peer review. **Research Integrity and Peer Review**, Rockville, v. 5, n. 6, p. 2-14. 2020.

THE ROYAL SOCIETY. **Science as an open enterprise**. London: The Royal Society, 2012.

TOMAÉL, M. I. Redes sociais, conhecimento e inovação localizada. **Informação & Informação**. Londrina, v. 12, número especial, 2007.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 1, p. 75-91, jan./jun. 2006.

TOMAÉL, M. I.; MARTELETO, R. M. Redes sociais de dois modos: aspectos conceituais. **Transinformação**, Campinas, v. 25, n. 3, p. 245-253, set./dez. 2013.

TRAVIS, G. D.; COLLINS, H. M. New light on old boys: cognitive and institutional particularism in the peer review system. **Science Technology and Humanities**, [S. l.], v. 16, p. 322-341, 1991.

TRIANA, D. R. R. **Prevenção e controle da doença de chagas em Honduras: análise de redes sociais de comunicação e colaboração**. 2014. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1987.

ÜÇER, S. *et al.* Social network Analysis-based classifier (SNAc): A case study on time course gene expression data. **Computer Methods and Programs in Biomedicine**, [S. l.], v. 150, p. 73-84, June. 2017.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). **Ciência aberta**. 2021. Disponível em: <https://prp.usp.br/wp-content/uploads/sites/649/2016/05/USP-Ci%C3%A7ncia-Aberta.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VALENTIN, M. L. P. Análise de conteúdo. In: VALENTIN, M. L. P. (org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. p. 119-134.

VAN, ROOYEN, *et al.* Effect of open peer review on quality of reviews and on reviewers' recommendations: a randomised trial. **The British Medical Journal**, London, v. 32, p. 23-28, Jan. 1999.

VAN ROOYEN, S. *et al.* Effect on open peer review of telling reviewers that their signed reviews might be posted on the web: randomised controlled trial. **The British Medical Journal**, London, v. 341, n. 5729, p. 1-6, nov. 2010.

VARELLA, F. F. Anonimato e transparência: qual o futuro da avaliação cega por pares. **Esboços**, Florianópolis, v. 27, n. 44, p. 5-9, jan./abr. 2020.

VAZ, G. J. A construção dos sociogramas e a teoria dos grafos. **Revista Brasileira de Psicodrama**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 67-78, 2008.

VEHRINE, R. Reflexões sobre o sistema de avaliação da Capes. **Educação Pública**, v. 18, n. 37, maio/ago. 2008.

VERMUNT, J. K.; DUIJN, M. A. J. Social network analysis. **Methodology: European Journal of Research Methods for the Behavioral and Social Sciences**. [S. l.], v. 2, n. 1, p. 1-2, 2006.

VICENTE-SAEZ, R.; MARTINEZ-FUENTES, C. Open Science now: A systematic literature review for an integrated definition. **Journal of Business Research**, [S. l.], p. 1-8, Dec. 2017.

VICKERS, C. **Os benefícios da co-avaliação**. *F1000Research* Blog. 2019. Disponível em: <https://blog.f1000.com/2019/10/11/its-better-together-the-benefits-of-co-reviewing/>. Acesso em: 22 dez. 2022.

WACQUANT, L. **Punir os pobres:**a nova gestão da miséria nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Revan, 2017.

WALKER, R.; SILVA, P. R. Emerging trends in peer review: a survey. **Frontiers in Computational Neuroscience**, Rockville, v. 9, n. 169, p. 1-18, May, 2015.

WALSH, E. *et al.* Open peer review: a randomised controlled trial. **British Journal of Psychiatry**, London, n. 176, p. 47-51, 2000.

WARE, M. Peer review: benefits, perceptions and alternatives. **The Publishing Research Consortium Summary Papers**, London, n. 4, p. 1-20. 2008.

WASSERMAN, S.; FAUST, K. **Social networks analysis:** methods and applications. Cambridge: University Press, 1994.

WERLANG, E. **Revisão por pares:** um estudo da gestão de avaliadores nas revistas científicas brasileiras. 2013. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, Florianópolis, 2013.

WITTER, G. P. Redes sociais e sistemas de informação na formação do pesquisador. *In:* POBLACION, D. A.; MUGNAINI, R.; RAMOS, L. M. S. V. C. (org.). **Redes sociais e colaborativas em informação científica**. São Paulo: Angellara, 2009. p.169-201.

WU, Q. W.; ZHOU, J. Z.; LIU, Q. Z. Counter-terrorism empirical research based on social network analysis method. *In:* CONFERENCE OF INTERNATIONAL CONFERENCE ON SOCIAL SCIENCE AND CONTEMPORARY HUMANITY DEVELOPMENT, 1., 2015, Wuhan. **Anais [...]**. Wuhan: SSCHD, 2015. p. 8-12.

ZACAN, C. As contribuições teóricas da análise de redes sociais aos estudos organizacionais. *In:* ENCONTRO DA Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração, 32., 2008, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPAD, 2008. p. 1-16.

ZANELLA, L. C. H. **Metodologia da pesquisa**. 2. ed. Florianópolis: UFSC, 2013.

ZUCKERMAN, H.; MERTON, R. K. Patterns of evaluation in science: institutionalisation, structure and functions of the referee system. **Minerva**, [S. l.], v. 9, p. 66-100, 1971.

APÊNDICE A – Formulário para coleta de indicadores dos manuscritos

[illegible]

APÊNDICE B – Formulário de coleta dos indicadores referentes ao perfil dos sujeitos

[illegible]

APÊNDICE C – Listagem de diálogos

[illegible]